

# AS NARRATIVAS

QUE COMPÕEM E PROJETAM A CIDADE



**O COTIDIANO, O TURÍSTICO E O  
VIRTUAL E OS REFLEXOS DO/NO  
PROCESSO DE PLANEJAMENTO E  
GESTÃO URBANOS DE TIRADENTES  
(MG)**

**KARINE DE ALMEIDA PAULA**

**KARINE DE ALMEIDA PAULA**

**AS NARRATIVAS QUE COMPÕEM E PROJETAM A CIDADE: O  
COTIDIANO, O TURÍSTICO E O VIRTUAL E OS REFLEXOS DO/NO PROCESSO  
DE PLANEJAMENTO E GESTÃO URBANOS DE TIRADENTES (MG)**

Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, para obtenção do título de *Doctor Scientiae*.

Orientadora: Teresa Cristina de Almeida Faria

Coorientadora: Carolina Margarido Moreira

**VIÇOSA - MINAS GERAIS  
2024**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

P324n  
2024 Paula, Karine de Almeida, 1985-  
As narrativas que compõem e projetam a cidade: o cotidiano, o turístico e o virtual e os reflexos do o processo de planejamento e gestão urbanos de Tiradentes (MG) / Karine de Almeida Paula. – Viçosa, MG, 2024.

1 tese eletrônica (248 f.): il. (algumas color.).

Inclui apêndice.

Orientador: Teresa Cristina de Almeida Faria.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Viçosa, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, 2024.

Referências bibliográficas: f. 228-243.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2024.455>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Planejamento urbano - Tiradentes (MG) - Aspectos sociais. 2. Turismo e planejamento urbano - Tiradentes (MG). I. Faria, Teresa Cristina de Almeida, 1957-. II. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

CDD 22. ed. 307.1216


**KARINE DE ALMEIDA PAULA**

**AS NARRATIVAS QUE COMPÕEM E PROJETAM A CIDADE: O  
COTIDIANO, O TURÍSTICO E O VIRTUAL E OS REFLEXOS DO/NO PROCESSO  
DE PLANEJAMENTO E GESTÃO URBANOS DE TIRADENTES (MG)**

Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, para obtenção do título de *Doctor Scientiae*.


APROVADA: 05 de março de 2024.

Assentimento:

Documento assinado digitalmente  
 **KARINE DE ALMEIDA PAULA**  
Data: 12/08/2024 11:33:47-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Karine de Almeida Paula**  
Autor

Documento assinado digitalmente  
 **TERESA CRISTINA DE ALMEIDA FARIA**  
Data: 07/08/2024 10:35:40-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Teresa Cristina de Almeida Faria**  
Orientadora

## **AGRADECIMENTOS**

Finalizo mais uma etapa da minha vida. Foram quatro anos desafiadores e agradeço a Deus por me permitir realizar os meus sonhos e agradeço a mim por nunca ter desistido e ter agarrado, com força e determinação, as oportunidades que a vida me apresentava.

Agradeço também ao meu esposo Wagner, por sempre me encorajar frente aos desafios, por ter sido um amparo durante as pesquisas e me auxiliado em diversos momentos durante a coleta de dados. Um parceiro de sonhos e de vida. Te amo!!!! A ideia inicial deste trabalho surgiu a partir das nossas conversas sobre Tiradentes e a necessidade latente que pulsava dentro de mim de percorrer uma nova trajetória em meio a um tema tão caro e novo. Aos pouquinhos ele, como um bom Analista de Sistemas, foi me ajudando a decifrar os novos conceitos e códigos do mundo da programação. Por isso, e por muito mais, sou eternamente grata.

Um agradecimento especial aos meus pais, o meu gosto pelos estudos e a determinação em construir uma trajetória acadêmica vem deles, sempre me motivando e me mostrando a importância do estudar, a maior herança que poderiam me dar. E também aos meus irmãos, pelas trocas, pela amizade e pelos bons momentos compartilhados.

Aos meus amigos que sempre torceram por mim, me motivaram a seguir e entenderam a minha ausência em momentos de descontração e encontros quando precisava focar na pesquisa e conciliar com as minhas outras atividades.

Agradeço ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFV – PPGAU. Obrigada pela oportunidade de trilhar um caminho repleto de descobertas e aprendizados e pela oportunidade em desenvolver uma pesquisa pela qual me redescobri. Sou imensamente grata pelas orientações tão preciosas da profa. Teresa Cristina. Seu acolhimento e atenção comigo foram essenciais para que eu pudesse desenvolver o trabalho e também me sentir segura dos passos que trilhava. Você foi luz no meu caminho!!! Agradeço à minha coorientadora, profa. Carolina, pelas palavras de incentivo, pelas trocas que tivemos durante as reuniões do grupo de pesquisa, que mesmo de modo virtual – dada às restrições impostas pela pandemia – trouxeram um ânimo maior em meio ao isolamento social que estávamos vivendo. Não poderia deixar de agradecer também aos membros da minha banca de projeto, de qualificação e de defesa da tese. Foram momentos decisivos da minha trajetória e

que bom que estive cercada de pessoas que abraçaram o meu tema e, de modo generoso, se dispuseram a contribuir.

Não poderia deixar de agradecer aos meus colegas de doutorado. Logo no início da nossa trajetória no PPGAU, em 2020, vivenciamos um dos momentos mais singulares da história, a pandemia causada pela Covid-19. Após somente uma semana de aulas presenciais tivemos que nos adaptar a uma nova forma de estudar e o nosso contato passou a ser mediado pelas telas dos computadores. Cada um, à sua maneira, lidou com a situação e buscou apoio nos demais para seguir. Os debates por meio das aulas do *Google Met*, os grupos de *Whatsapp* fizeram-nos sentir um pouco mais próximos e compartilhar os prazeres e as dificuldades em se fazer pesquisa.

Por fim, sou grata a todos àqueles que encontrei pelo caminho e que se dispuseram em contribuir para a pesquisa, em especial aos moradores de Tiradentes. Foram quatro anos de estudos, pesquisas, leituras e idas para a cidade. Todo esse processo só fez aumentar, ainda mais, o meu encantamento por este espaço. Digo isso não somente pelo olhar da turista, que também me considero, mas pelo universo que encontrei fora dos limites do centro histórico. O encontro com pessoas que nasceram na cidade e por aqueles que a adotaram como sua morada foi primoroso. Uma cidade cosmopolita. A todos que me receberam, à boa troca de energia eu só posso dizer muito obrigada!!!! Obrigada por me permitirem conhecer um outro lado da cidade, que extrapola os limites do centro histórico, e que, mesmo perante as dificuldades cotidianas, ainda resiste ao tempo e merece ser ecoada nesta tese.

Um trabalho da dimensão de um doutorado nunca é feito sozinho, por mais que em determinados momentos o pesquisador se depare com interstícios de solitude durante levantamentos, leituras, escrita, o que também faz parte do processo, ele é tecido por muitas mãos que ao surgirem pelo caminho fazem com que a caminhada se torne mais leve. A todas estas “mãos” que surgiram ao longo desses quatro anos, sejam aquelas citadas neste pequeno agradecimento ou àqueles que estão nas entrelinhas, o meu muito obrigada!!!!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

*“O correr da vida embrulha tudo,  
a vida é assim: esquenta e esfria,  
aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta.  
O que ela quer da gente é coragem”*

*(Guimarães Rosa)*

## RESUMO

PAULA, Karine de Almeida, D.Sc., Universidade Federal de Viçosa, março de 2024. **As narrativas que compõem e projetam a cidade: o cotidiano, o turístico e o virtual e os reflexos do/no processo de planejamento e gestão urbanos de Tiradentes (MG)**. Orientadora: Teresa Cristina de Almeida Faria. Coorientadora: Carolina Margarido Moreira

Esta pesquisa objetivou compreender o processo de uso e ocupação da cidade de Tiradentes a partir das narrativas projetadas pelo morador e pelo turista, verificando também a maneira pela qual estas narrativas refletem a atuação do gestor e planejador urbano no tocante a definição e implementação de políticas urbanas assim como na própria construção da paisagem. Para tanto, foi realizada uma pesquisa quantitativa e qualitativa de caráter exploratório e descritivo. Dessa maneira, os procedimentos metodológicos foram delineados levando em consideração o método de abordagem hipotético dedutivo, onde busca-se realizar uma análise acerca da hipótese apresentada, investigando se a mesma pode ser refutada ou validada. Os dados coletados, e que ajudam a responder à questão de pesquisa assim como testar a hipótese delineada, se caracterizam por dados secundários e primários. Em se tratando dos dados primários, os mesmos foram coletados por meio de entrevistas, visitas a campo e acesso a dados abertos de mídias sociais (*TripAdvisor*, *Youtube* e *Instagram*). Dado o volume de dados disponível nestas mídias e a sua característica não estruturada recorreu-se a uma técnica conhecida como *Web Scraping* (WS), referente a uma técnica de extração utilizada para coletar dados de sites e tarefas que envolvem mineração na *web*, por meio de *software* específico denominado *Python*. Já as entrevistas foram realizadas junto a associações de moradores e representantes do poder público municipal e federal. Os resultados da pesquisa apontam para uma disparidade no que tange à produção e consumo dos espaços em Tiradentes. A narrativa projetada pelos moradores revela um espaço desigual, onde as transformações efetivadas pelo advento das atividades turísticas impactaram o cotidiano daqueles que permaneceram na cidade. Notou-se também um certo “isolamento” cultural, social e de entretenimento por parte dos moradores, assim como um distanciamento do centro histórico ao longo dos anos. Uma narrativa que se difere daquela projetada pelos turistas e empreendedores turísticos nas mídias sociais, onde a cidade é narrada e apresentada sob o viés do lazer, entretenimento e consumo. De

fato, foi possível notar duas formas distintas de apropriação e consumo da/cidade, seja por aqueles que residem na mesma, e constroem sob ela o seu cotidiano, ou por aqueles que transitam de forma temporária pelo espaço. Ainda assim, o turismo se mostra uma importante atividade econômica na cidade, sendo responsável por um percentual representativo de empregabilidade, seja no setor formal ou informal. No entanto, é fato que as transformações efetivadas na cidade, por vezes, não consideram as demandas do morador local, apartando-o de determinados espaços e fragmentando a cidade. De forma temporal, a pesquisa pôde revelar um cenário de gestão e planejamento do espaço urbano de Tiradentes que por vezes se voltou aos aspectos do turismo em detrimento do atendimento das necessidades dos seus moradores, se reverberando em questões envolvendo o afastamento do morador do centro histórico, uma certa tensão entre o turismo e pessoas de “fora” juntamente com as práticas cotidianas dos moradores, uma sobrevalorização dos imóveis no centro histórico, tornando-o ainda mais seletivo e altamente especulativo, uma rápida expansão da malha urbana sob a égide dos condomínios fechados e bairros periféricos e a precariedade e ausência de espaços no que tange o lazer e a cultura.

Palavras-chave: Cidades turísticas; Políticas Públicas Urbanas; Narrativas Urbanas;

## ABSTRACT

PAULA, Karine de Almeida, D.Sc., Universidade Federal de Viçosa, March, 2024. **The stories that compose and project the city: the everyday, the tourist and the virtual, and the repercussions of the urban planning and management process on Tiradentes (MG)**. Adviser: Teresa Cristina de Almeida Faria. Co-advisers: Carolina Margarido Moreira.

This paper aimed to understand the process of land use and occupation of Tiradentes by examining the narratives projected by residents and tourists. It also aims to observe these narratives' influence on the definition and implementation of urban policies by urban planners and managers, and on the production of the landscape itself. To this end, quantitative-qualitative exploratory and descriptive research was carried out. Methodological procedures were chosen with the Hypothetico-deductive model in mind. This method seeks to falsify a hypothesis, that is, investigate whether it can be refuted or validated. The data in this study, which help to answer the research question and test the hypothesis, is divided into secondary and primary data. Primary data was collected through interviews, fieldwork and accessing social media platforms' open data (TripAdvisor, YouTube and Instagram). Considering the volume of data available on these media and their unstructured nature, we chose to employ a technique known as Web Scraping (WS), which involves collecting data from websites and web mining, using the Python programming language. The interviews were conducted with residents' associations and representatives of the municipal and federal government. The results point to a disparity in the production and usage of spaces in Tiradentes. The narrative communicated by the residents reveals an unequal space, where the transformations brought about by the advent of tourist activities have had an impact on the daily lives of those who have remained in the town. It has also been noted that residents have somewhat "isolated" themselves culturally, socially, and in terms of entertainment, as well as distanced themselves from the historic quarter over the years. This narrative differs from that projected by tourists and tourism entrepreneurs on social media, whereupon the city is described and presented from the perspective of leisure, entertainment and consumption. In fact, it was possible to notice two distinct forms of appropriation and consumption of/in the city, either by those who live there and build their everyday lives around it, or by those who temporarily pass through the space. Tourism is an important economic activity in the city, accounting for a significant

percentage of employment, whether in the formal or informal sector. However, it is a fact that the transformations carried out in the city sometimes fail to take into account the demands of local residents, cutting them off from certain spaces and fragmenting the city. Over time, this paper's research process was able to reveal a scenario of management and planning of Tiradentes' urban space that has sometimes focused on aspects of tourism at the expense of the needs of its residents, which reverberates in issues involving the distancing of residents from the historic quarter, a tension between tourism and "outsiders" against the everyday living of residents, an overvaluation of real estate in the historic quarter which turns the latter even more discriminatory and highly speculative, a rapid expansion of the urban sprawl under the aegis of gated communities and peripheral neighborhoods, and the inadequation and absence of spaces for leisure and culture.

Keywords: Tourist cities; Urban Public Policies; Urban narratives;

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Casario na Rua Getúlio Vargas (antiga Rua Direita).....	76
Figura 2. Conjunto arquitetônico e urbanístico na Rua Direita.....	77
Figura 3. Casario na Rua da Câmara, com a Serra de São José ao fundo.....	77
Figura 4. Casario na Rua da Câmara, com torres da Matriz de S. Antônio ao fundo.....	78
Figura 5. Casario na Rua da Câmara (Herculano Velloso), a partir do adro da Matriz de Santo Antônio.....	78
Figura 6. Perspectiva do conjunto da Rua do Sol.....	82
Figura 7. Casa do Teatro, situada na Rua Getúlio Vargas (Direita).....	83
Figura 8. Vista parcial do centro histórico ainda com os postes de iluminação e pós intervenção.....	84
Figura 9 - Chafariz de São José, datado de 1749, com a serra homônima que emoldura a cidade ao fundo.....	89
Figura 10 - Casario na Rua da Câmara, com torres da Matriz de Santo Antônio ao fundo.....	90
Figura 11 - Casario na Rua Direita, com a Serra de São José ao fundo.....	90
Figura 12 – Praça Largo das Forras.....	91
Figura 13. Divisão administrativa do município e numero populacional por distritos.....	99
Figura 14. Espacialização dos bairros mais próximos ao núcleo de tombamento no Distrito Sede.....	100
Figura 15. Mapa ilustrando o processo de espraiamento da malha urbana da cidade até 2005 bairros presentes em Tiradentes.....	101
Figura 16. Croqui esquemático de distribuição de hospedagens por bairros na malha urbana.....	111
Figuras 17, 18, 19 e 20. Vista parcial da Avenida Governador Israel Pinheiro, principal acesso para a cidade de Tiradentes.....	112
Figura 21. Vista parcial de acesso aos bairros Alto da Torre e Várzea de Baixo.	120
Figura 22. Vista parcial de acesso aos bairros Alto da Torre e Várzea de Baixo respectivamente.....	121
Figuras 23. Vista parcial do bairro Alto da Torre em uma das visitas a campo....	121
Figura 24. Vista parcial do bairro Várzea de Baixo em uma das visitas a campo	122
Figura 25. Vista parcial de ruas do centro histórico.....	123

Figura 26. Vista parcial dos bairros Cascalho e Canjica em uma das visitas a campo.....	124
Figura 27. Vista parcial da Capela do Canjica e adjacências.....	125
Figura 28. Vista parcial do bairro Cuiabá e da portaria do Condomínio Alto dos Cuiabás.....	125
Figura 29. Vista parcial do bairro Parque das Abelhas.....	127
Figuras 30. Vista parcial do bairro Santíssima Trindade em uma das visitas a campo.....	128
Figuras 31. Vista parcial do bairro Mococa em uma das visitas a campo.....	129
Figura 33. Vista aérea da Matriz de Santo Antônio, à direita rua que dá acesso ao Largo da Igreja da Santíssima Trindade.....	131
Figura 34. Inserção espacial das Igrejas Santo Antônio e Santíssima Trindade.	131
Figura 35. <i>Wordcloud</i> com as 50 palavras mais representativas do <i>corpus</i> dos vídeos do <i>Youtube</i> (2018 a 2023).....	159
Figura 36. Vista parcial do bairro Aguas Santas.....	160
Figura 37. <i>Wordcloud</i> com as 55 palavras mais representativas do <i>corpus</i> dos vídeos do <i>Youtube</i> (2018 a 2023).....	166
Figura 38. Análise de co-relação tendo o termo centro como referência. Fonte: Dados coletados do <i>Youtube</i> e organizados pela autora (2023). .....	169
Figura 39. <i>Wordcloud</i> com as 100 palavras mais representativas do <i>corpus</i> dos comentários do <i>TripAdvisor</i> .....	172
Figura 40. Grafo de correlação das palavras com maior frequência no <i>corpus</i> ...	173
Figura 41. <i>Wordcloud</i> com as 100 palavras mais representativas do <i>corpus</i> dos comentários do <i>Instagram</i> .....	176
Figura 42. Grafo de correlação das palavras com maior frequência no <i>corpus</i> ...	177
Figura 43. Análise de correlação tendo o termo rua Direita como referência.....	178
Figura 44. Grafo de correlação das palavras com maior frequência no <i>corpus</i> ...	181
Figuras 45, 46, 47 e 48. Rua da Câmara com vista para a Serra de São José, Rua da Câmara, rua direita em perspectiva e vista parcial da rua Direita.....	184
Figura 49. Representação do casario colonial, ruas de pedra na rua Direita e a Serra de São José ao fundo.....	185
Figura 50. Diagrama de sistematização dos problemas destacados pela Fundação João Pinheiro a partir das oficinas realizadas com os moradores.....	193
Figura 51. Representação esquemática de uma possível nova centralidade em Tiradentes identificada durante visita a campo.....	197

Figura 52. Vista parcial do setor pertencente ao perímetro de tombamento e que abrange uma rede de comércios e serviços.....	198
Figura 53. Espacialização dos condomínios fechados identificados em visita a campo.....	202
Figura 54. Espacialização das praças e espaços livres de convivência na malha urbana do distrito sede.....	207
Figura 55. Vista parcial da praça Amélia Campos de Melo em visita a campo....	208
Figura 56. Vista da Estação César de Pina após a reforma.....	220

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1. Sistematização das etapas da pesquisa.....	27
Quadro 2 - Sistematização das etapas metodológicas.....	35
Quadro 3 - População Residente e Taxa Média de Crescimento Geométrico Anual de Tiradentes e demais localidades, por Situação do Domicílio – 2000, 2010 e 2022.....	96
Quadro 4 – Distribuição dos bairros por setores e número de participantes.....	116
Quadro 6. Levantamento da legislação e instrumentos urbanísticos no planejamento e gestão urbana de Tiradentes – MG.....	189
Tabela 1. Residência dos visitantes de Tiradentes.....	107
Tabela 2. Local de residência dos visitantes.....	108
Tabela 3. Caracterização do setor de turismo por atividades.....	110

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Relação da população total de Tiradentes de 1970 a 2022.....	95
Gráfico 2. Pirâmide Etária da População de Tiradentes - MG – 1991.....	97
Gráfico 3. Pirâmide Etária da População de Tiradentes - MG – 2000.....	98
Gráfico 4. Pirâmide Etária da População de Tiradentes - MG – 2010.....	98
Gráficos 5 e 6. Número de empregados formais e de estabelecimentos formais voltados ao turismo respectivamente.....	103
Gráfico 7. Percentual da distribuição de empregados formais por faixa etária....	104
Gráfico 8. Percentual de empregos formais por setores.....	105

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>16</b>
1.1. Contextualização do objeto de pesquisa.....	19
1.2. Justificativa.....	23
1.3. Objetivos.....	24
1.4. Metodologia .....	25
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>36</b>
2.1. <i>PATRIMÔNIO, TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM E CENARIZAÇÃO</i> .....	36
2.1.1. A construção da ideia de patrimônio do Brasil.....	36
2.1.2. A apropriação do patrimônio histórico-cultural como elemento turístico, temático e de cenarização .....	43
2.1.3. A construção de políticas públicas como forma de alavancar a produção da paisagem turística nas cidades de Minas Gerais .....	51
2.2. <i>A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA DO EXTRAORDINÁRIO E A NARRATIVA DO COTIDIANO: O OLHAR DO TURISTA X O OLHAR DO MORADOR</i> .....	55
2.2.1. Narrativas urbanas: a cidade sendo contada e “recontada”.....	55
2.2.2. O papel do turista como um propagador de imagens e narrativas urbanas turísticas	60
2.2.3. Cotidiano, identidade e paisagem: a cidade vivida e narrada pelo morador.....	64
2.3. <i>A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA VIRTUAL: PRESSUPOSTOS ANCORADOS NA SOCIAL MEDIA MINING E DATA SCIENCE</i> .....	67
<b>3. A CIDADE DE TIRADENTES: HISTÓRIA, TRANSFORMAÇÕES, POLÍTICA URBANA E PATRIMONIAL</b> .....	<b>73</b>
3.1. Contextualização histórica e espacial de Tiradentes: sua aspiração ao título de cidade patrimonial e turística .....	74
3.2. As transformações socioespaciais advindas do turismo na cidade e a mercadorização do patrimônio histórico.....	86
3.3. Diagnóstico urbano espacial de Tiradentes a partir de dados secundários.....	94
3.4. O turismo na cidade: perfil, infraestrutura e características .....	102
<b>4. O AVESSE DA CIDADE: COTIDIANO, HISTÓRIAS E RELATOS</b> .....	<b>115</b>
4.1. Diário de Campo: registros e impressões da cidade e suas facetas.....	117
4.2. A religiosidade no espaço: apropriação e pertencimento.....	131
4.3. Lazer e cultura no espaço fragmentado .....	137
4.4. Uso e ocupação do espaço urbano: identidade, registro e cotidiano no avesso do espaço.....	142
4.5. O turismo e a cidade fragmentada.....	153
4.6. A cidade narrada nas mídias sociais: o cotidiano no avesso da cidade.....	158
<b>5. A CIDADE OBJETO DE CONSUMO: O ESPAÇO NARRADO, CONSTRUÍDO E COBIÇADO NAS MÍDIAS SOCIAIS</b> .....	<b>163</b>
5.1. O turismo e o turista: sua forma de expressão e projeção da cidade virtual.....	163
5.2. A cidade e seus atrativos: lazer e cultura no espaço virtual.....	166
5.3. O consumo da/na paisagem e sua projeção como espaço de desejo .....	181
<b>6. A QUEM A CIDADE SE DESTINA? DO ESPAÇO CENOGRÁFICO E VIRTUAL AO ESPAÇO DO COTIDIANO</b> .....	<b>187</b>
6.1. A cidade vista por dentro: do planejamento à gestão do uso e a ocupação do/no espaço.....	194
6.2. A cidade e seus interstícios de lazer, cultura e religiosidade .....	206
6.3. O turismo como indutor da produção do espaço e do desenvolvimento da cidade.....	211
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>226</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>229</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>244</b>

## 1. INTRODUÇÃO

As atividades turísticas têm se colocado como elementos decisivos no processo de reordenação dos espaços e construção da paisagem, implicando em políticas de planejamento e desenvolvimento com o intuito de conceder visibilidade aos espaços urbanos. Tais ações perpassam por diferentes e complexos processos de (re)criação de imagens e narrativas acerca da cidade (Morigi; Milani; Massoni, 2020).

A identidade dos lugares passa a ser constantemente redefinida, instituindo-se novas agendas para o planejamento do espaço urbano e novas formas de relacionamento de turistas com a cidade, assim como com os moradores locais. Na construção das narrativas que envolvem o espaço turístico, alguns elementos da cidade ganham visibilidade enquanto outros são esquecidos ou depreciados (Morigi; Milani; Massoni, 2020). Tais questões configuram a atividade turística como um objeto de estudo relevante na contemporaneidade, seja no processo de produção, consumo e/ou gestão do espaço urbano.

Neste contexto, o turismo pode ser visto como uma atividade indutora de narrativas, onde “[...] na percepção de parte significativa dos visitantes, opiniões construídas sobre o espaço urbano, na realidade, constituem espécies de reiteração de pontos turísticos ou percepções já difundidas sobre ‘a história da cidade’”, fazendo com que seja materializada uma rede de discursos pautada em opiniões fomentadoras de motivações e estímulos para se conhecer a cidade (Barreira, 2012, p. 107).

De forma contextual, o conceito de narrativa proposto aqui provém de uma representação textual, produto do gênero literário, onde “[...] o narrador constrói um enredo de espaço e tempo específicos, alternando entre linguagem verbal, visual e/ou gestual, por tradição em prosa podendo desaparecer ou não por trás de seus personagens.” (Freitas; Breda, 2019). Adicionalmente, mas agora na figura do narrador, Benjamim (1985, p. 130) adverte que o mesmo “[...] retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros [...] e incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.”. Sendo assim, “as narrativas podem descrever com muitos detalhes a realidade, porque a narrativa é carregada da

experiência individual e social do narrador anterior ao fenômeno.” (Freitas; Breda, 2019).

Retomando as discussões em torno da figura do turista como um narrador do espaço, é considerável destacar que o mesmo ao visitar uma cidade está mais focado, na maioria das vezes, naquilo que se apresenta “extraordinário” aos seus olhos, ou seja, quanto mais distante e diferente um determinado local turístico se apresentar em relação ao local de origem e cotidiano do turista, mais atraente se tornará aos seus olhos (Urry, 2001). Isso explica, em parte, a busca cada vez maior pela cenarização e tematização dos espaços turísticos (Fagerlande, 2015; Silva, 2004; Urry, 2001). Dessa maneira, os turistas não se colocam apenas como “[...] meros observadores deste espetáculo de interações, mas parte dele”. (Castrogiovanni, 2013, p. 383).

Por outro lado, mesmo sendo caracterizado como um espaço turístico, onde tal atividade pode ser responsável pelo giro da economia local, não se pode tomar o olhar do turista como um único caminho ou referência a ser seguido no que tange a construção e diversificação das atividades na cidade. É claro que não se pode desmerecer o olhar do turista, mas é importante destacar que pode haver uma segunda narrativa da cidade por meio do olhar do morador, sobretudo a partir de sua vivência e cotidiano local. Esta percepção pode dizer muito sobre a cidade tal como ela é vista, mediante os seus problemas e carências.

É claro que a narrativa acerca da cidade se dará em função dos espaços vivenciados e experienciados. Em se tratando de um espaço turístico, a dualidade espacial pode se revelar como algo intrínseco, fazendo com que se materialize uma linha imaginária entre o que poderia ser caracterizado como a cidade turística (a cidade visível para os turistas) e a cidade real (a cidade vivida pelos moradores e parcialmente invisível aos turistas) (Gomes, 2011).

A cidade turística alocada em um lado da linha apresentaria altares, lugares de destaque, uma história oficial, valores tradicionais, personagens heroicos, elementos arquitetônicos expressivos e significativos, se colocando como a cidade autêntica, dotada de valor turístico e mercantilizada. Este contexto acaba por esconder versões alternativas acerca da história e cultura da cidade. Em um outro lado da linha, “[...] são relegadas as ausências da cidade turística – os elementos invisibilizados, afastados para a posição de interditos ou de esquecimentos”. (Gomes, 2011, p. 144).

A dualidade materializada nos espaços turísticos permite pensar o turismo como uma atividade abissal, traduzida em “linhas radicais que dividem a realidade social e dois universos distintos: o universo ‘deste lado da linha’ e o universo ‘do outro lado da linha’”. (Santos, 2009, p. 23). Dessa maneira, tem-se de um lado da linha uma porção do espaço destinada, em sua maioria, a atividades turísticas e enaltecida pelos meios midiáticos, caracterizada como a cidade turística, e de outro, a porção do espaço destinada a moradia e vivência da população local, em sua maioria, e que não é vangloriada pela mídia, caracterizada pela cidade real. Nesta cidade intitulada como real pela tese, vivem grande parcela dos moradores, como mencionado, e que se deslocam ao centro histórico para trabalharem.

Diante da percepção e construção de duas narrativas diferentes a partir do olhar de dois grupos distintos que consomem e usufruem os espaços da cidade, e em se tratando da contemporaneidade, um dos meios mais interessantes de difusão de imagens e experiências perceptivas acerca dos espaços se apresentam no formato de dados textuais e imagéticos disponíveis nas mídias sociais<sup>1</sup>, fazendo com que seja possível presenciar a construção do que seria denominado por Ferrari (2015) como a construção de uma narrativa digital, movente e plural. A autora defende que as mídias sociais têm contribuído para a construção coletiva de narrativas em diversas temáticas e como isso tem conquistado espaço principalmente com a difusão da tecnologia e do acesso à internet. A autora acrescenta ainda, que a mídia social se coloca como uma grande revolução na web e tem como característica um ambiente interativo entre usuários, se colocando até mesmo como uma forma de linguagem.

Dessa maneira, a narrativa virtual, no que concerne a narrativa de uma localidade turística por exemplo, pode estar ancorada a partir de dois pesos diferentes, mediante a perspectiva do olhar daquele que busca a vivência de um contexto

---

<sup>1</sup> O conceito de mídias sociais adotado na pesquisa diz respeito às plataformas que permitem interação, comentários e compartilhamento de informações, tais como *Blogs, Facebook, Instagram, Twitter, TripAdvisor, Booking, Youtube* e outras. Dessa maneira, a ênfase das mídias se dá em decorrência da disponibilização do conteúdo para um número ilimitado de pessoas, diferente das redes sociais, onde se têm o compartilhamento de conteúdo, mas a ênfase se dá a partir da interconexão das pessoas. Dito isso, é possível considerar que “[...] toda rede social digital é uma mídia social, mas nem toda mídia social é uma rede social, pois nem todas as suas categorias propiciam essa interligação de usuários.” (CLEMENTI *et al.*, 2017).

No Brasil, o uso de mídias sociais tem crescido de forma exponencial nos últimos anos, sobretudo nos anos 2020, 2021 e 2022 – com a pandemia de Covid-19 o consumo de informações pelos meios mais variados de formatos dentro das mídias sociais acelerou este processo. Dentre estas mídias é possível mencionar o *Youtube*, com 138 milhões de usuários, o *Instagram*, com 122 milhões usuários, o *Facebook* com 116 milhões, o *Tik Tok*, com 16,5 milhões e o *Twitter*, com 19 milhões.

extraordinário e daquele no qual a sua vivência está marcada pelo ordinário/habitual. A forma como tais discursos produzidos nas mídias sociais são interpretados e apreendidos pelo gestor público e planejador urbano, pode revelar a qual público a cidade direciona investimentos e privilegia no tocante à produção, consumo e construção urbana.

Neste sentido, qual seria o papel das mídias sociais nesse processo de construção e difusão de narrativas urbanas? Os dados contidos nas mídias, sejam eles imagéticos ou textuais, pode se apresentar como um banco de dados valioso para o gestor e planejador urbano, pois ali são registradas impressões acerca da cidade, demandas a serem atendidas e as formas de apropriação e uso do espaço. A imagem e a percepção traduzida por meio das narrativas se tornam importantes dados de entrada para a formulação de políticas públicas.

À vista disso, a tese se propôs a estudar a construção das narrativas ancoradas em dois sujeitos distintos que se utilizam e se apropriam da cidade, sendo eles o turista e o morador e sua correspondência aos espaços vivenciados e experienciados, aqui denominados por cidade turística e cidade real respectivamente. Do mesmo modo, foi proposto também analisar o peso destas duas narrativas na definição e implementação de políticas de desenvolvimento urbano.

### **1.1. Contextualização do objeto de pesquisa**

A cidade de Tiradentes, fundada no século XVIII, se caracteriza como um espaço remanescente do período colonial brasileiro, possuindo cerca de 7981 habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2019) e estando situada na Estrada Real, mais precisamente no Circuito Caminho dos Inconfidentes. A Estrada Real, construída em meados do século XVII, se caracteriza como a maior rota turística do país, se estendendo por mais de 1630 quilômetros e cruzando os estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo (Figura 1).

Figura 1. Localização esquemática da cidade de Tiradentes



Fonte: Google Maps (2024).

A cidade exibe um dos acervos arquitetônicos mais relevantes de Minas Gerais, formado por construções setecentistas religiosas, civis e oficiais. O patrimônio tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1938 abrange, além das edificações coloniais, os mais distintos vestígios da forma de ocupação da cidade, revelando formas de subdivisão dos lotes, formação de quadras, áreas mais densas e outras de menor ocupação, bem como as áreas verdes próximas ao sítio urbano tradicional (IPHAN, 2020).

Tiradentes se apresenta como uma cidade onde o turismo é amplamente difundido e incentivado<sup>2</sup>, sendo considerado como fonte de renda para uma parcela significativa da população. Mas em níveis socioespaciais é possível notar disparidades, pressupondo-se a possibilidade de materialização de duas realidades espaciais e territoriais muito distintas, onde de um lado ter-se-ia a cidade turística, caracterizada pelo centro histórico, onde as atividades voltadas ao turismo, em sua

<sup>2</sup> Em se tratando do fluxo de turistas na cidade, registra-se uma proporção de cerca de vinte e nove turistas para um morador, representando em torno de 232.000 mil turistas anualmente. Esse fluxo anual de turistas decorre por motivos diversos, dentre eles a alta gastronomia, eventos culturais – numa média de um evento por mês – a arquitetura local e pesquisas/estudos.

maioria, se concentram, conformando ali, junto ao casario colonial tombado, uma espécie de cenário com a finalidade de atrair o turista; e de outro, a cidade fora dos limites do seu centro histórico, denominada neste projeto como a cidade real.

Ao se percorrer a cidade real, ou seja, aquela fora do perímetro do centro histórico, nota-se a presença de espacialidades comuns e cotidianas ao universo dos moradores da cidade, revelando um contexto social, arquitetônico, econômico que por vezes também caracteriza a cidade de Tiradentes. No entanto, pressupõem-se ser um universo não revelado ao e pelo turismo, por não apresentar, de imediato, elementos de vislumbre e extraordinários aos olhos do turista. Tal espaço revelaria o cotidiano da cidade, a precariedade ou inexistência de infraestrutura, muito diferente dos limites do centro histórico e que por vezes é projetado na e pelas mídias como a totalidade da cidade. Dessa maneira, parte-se do pressuposto de que as mídias estariam alimentando e reforçando uma imagem e uma narrativa que não corresponde à totalidade da cidade de Tiradentes.

As indagações continuam ao se observar os comentários de alguns turistas, principalmente em mídias sociais, classificando a cidade como: “cidade linda”, “respira cultura e arte”, “riqueza arquitetônica” “boa gastronomia”, mas tais atributos se estendem e são sentidos também pelos moradores? Para os turistas esses atributos se resumem a toda a cidade ou apenas ao centro histórico? Os turistas têm a percepção da cidade real? Outras questões, como as mídias sociais podem influenciar a produção do espaço e a construção das simbologias em torno da cidade?

Mas existe um outro lado dessa cidade, que não está construído na mídia especializada em turismo<sup>3</sup>, que é ocupada e vivenciada pela população local e que foge do perímetro do centro histórico, que é a cidade do morador comum, que não tem acesso ao comércio sofisticado, que não vive nos casarios coloniais, que mora numa habitação mais simples e que não possui um valor histórico. A percepção e a narrativa do morador também são importantes, pois elas irão representar a percepção da cidade concreta, vivenciada, o seu cotidiano real. A experiência do morador é diferente, baseada no cotidiano, e do turista é na vivência dele naquele momento, naquele espaço de tempo que está circunscrito.

---

<sup>3</sup> Entende-se por mídias especializadas em turismo as mídias sociais já definidas anteriormente e as revistas de turismo (impresas ou *online*).

Neste âmbito, esta tese pretendeu-se discutir a seguinte questão problema: Em que medida a narrativa projetada pelos turistas nas mídias sociais se difere da narrativa do morador e como tais narrativas refletem a atuação do gestor e planejador urbano, de forma temporal, em Tiradentes – MG. Como recorte temporal à análise da atuação do gestor público foi proposto como ponto de partida a década de 1970<sup>4</sup>, data em que a cidade começa a presenciar mudanças substanciais em função do advento das atividades turísticas. Já no tocante à coleta dos dados das mídias sociais a coleta se deu a partir do ano de 2013, se justificando dada a popularização das mídias sociais neste período no Brasil, assim como a ampliação do acesso à internet móvel e *smartphones*.

A pesquisa parte da hipótese de que a narrativa projetada nas mídias sociais pelos turistas e promotores do turismo não reflete, na sua totalidade, a real vivência e experiência do cotidiano na cidade, sobretudo pelos moradores, e que esta narrativa, construída nas mídias, estaria influenciando a construção de políticas de desenvolvimento urbano de modo a reforçar a construção e valorização da cidade turística em detrimento ao espaço da cidade real.

E, para tanto, a tese estrutura-se em sete capítulos, sendo eles a Introdução, onde é apresentado o tema, sua delimitação, justificativa, objetivos e metodologia utilizada. Na sequência, o capítulo de Revisão Bibliográfica, onde se discute os principais conceitos norteadores da tese, e um capítulo, intitulado por “O avesso da cidade: cotidiano, histórias e relatos”, onde são discutidas as narrativas envolvendo o cotidiano dos moradores de Tiradentes. Os relatos ajudam-nos a entender, um pouco melhor, a forma como os moradores vivem e interagem com a cidade.

Há também, o capítulo intitulado “a cidade como objeto de consumo: o espaço narrado, construído e cobiçado nas mídias sociais” onde são analisadas as narrativas dos turistas, levando-nos a compreender o comportamento dos mesmos na cidade e a forma como a projetam nas mídias. Já o capítulo “A quem a cidade se destina? Do espaço cenográfico e virtual ao espaço do cotidiano” traz uma análise da produção, gestão e planejamento do espaço de Tiradentes, tomando como referências as

---

<sup>4</sup> Conforme será apresentado adiante, principalmente no capítulo quatro, a década de 1970 se apresenta como um marco no que se refere ao início das atividades turísticas em Tiradentes. É a partir deste momento que a cidade começa a receber pessoas interessadas em transformar o espaço num destino turístico e começam os investimentos. A recuperação do casário no centro histórico também tem início neste período, mais precisamente a partir da década de 1980 com os trabalhos da Sociedade Amigos de Tiradentes (SAT).

narrativas apresentadas anteriormente, do morador e do turista, aprofundando em questões envolvendo a própria lógica de uso e ocupação. E, por fim, as considerações finais.

## **1.2. Justificativa**

De forma contextual, o trabalho se justifica dada as novas possibilidades colocadas ao planejamento e gestão urbana e turística diante dos estudos ligados à *Data Science* e a *Social Media Mining*, principalmente às técnicas de mineração de dados textuais (*text mining*). Os estudos e o desenvolvimento dessas técnicas estão ancorados nos conceitos de mineração de mídia social, representando um campo de extração, análise e reconhecimento de padrões (Zafarani et al, 2014).

Alguns autores já vêm se debruçando em estudos recentes envolvendo a produção de dados nas mídias sociais e o uso dos mesmos em pesquisas, tais como os trabalhos de Thomaz et al. (2016), que propuseram um estudo de metodologia de mineração de conteúdos de mídias sociais (*Twitter*), com o intuito de auxiliar a gestão de destinos turísticos. Os trabalhos de Severo (2019) nas ciências sociais, cujo objetivo é inserir dados abertos (*web*) em pesquisas que envolvam a construção do patrimônio cultural na *web*, assim como, representações digitais de espaço e lugar mediante dados do Twitter.

Têm-se também os trabalhos de Galí e Donaire (2015), Galí e Aulet (2019), e Donaire e Galí (2011) que têm como foco o estudo da percepção da cidade turística por meio de fotografias digitais. De modo semelhante, os trabalhos de Puebla (2018) e Puebla, Palomares e Olmedo (2016) que buscam analisar questões envolvendo o turismo e padrões de uso da cidade pelos turistas. Em escala espacial, há o trabalho de Chua et al. (2016) que procura correlacionar os dados das mídias sociais, como o Twitter, a questões espaciais, temporais e demográficas, e o trabalho de Kadar (2014), que busca analisar padrões de uso de espaços turísticos a partir de dados abertos, verificando a existência de diferenças comportamentais entre turistas e moradores locais.

Desta maneira, o ineditismo da tese se dá justamente em trabalhar os dados das mídias sociais como um banco de dados em potencial para o gestor e planejador urbano, apresentando-o, de forma metodológica, como uma ferramenta onde os dados são atualizados diariamente e sua quantidade expressiva, no formato de um

*Big Data*, permite a obtenção de padrões de reconhecimento com um nível de confiabilidade significativa.

Outro elemento importante é com relação ao estudo envolvendo a construção de uma cidade virtualizada, ou seja, a construção de um estereótipo, principalmente no tocante a cidade turística a partir de narrativas, e como tais estereótipos contribuem para a criação da imagem urbana divulgada como a totalidade de uma cidade e responsável por ditar e orientar a definição de políticas públicas. Estudar como a imagem de uma cidade tem se construído no ambiente virtual permite entender a quais setores e grupos a produção do espaço tem se destinado. E como esta imagem pode se colocar a serviço de uma espetacularização do espaço<sup>6</sup> e se inserir num rol de competitividade urbana.

### **1.3. Objetivos**

Esta tese teve como objetivo geral compreender o processo de uso e ocupação da cidade de Tiradentes a partir das narrativas projetadas pelo morador e pelo turista, verificando também a maneira pela qual estas narrativas refletem a atuação do gestor e planejador urbano no tocante a definição e implementação de políticas urbanas assim como na própria construção da paisagem.

No que tange aos objetivos específicos, pretendeu-se:

- Identificar e analisar as narrativas dos turistas e dos moradores projetadas nas mídias sociais;
- Identificar e analisar as narrativas dos representantes dos moradores e do poder público local;
- Pesquisar dados secundários relativos à cidade relacionando-os aos dados e informações obtidos juntos às mídias sociais para a elaboração de um diagnóstico urbano e espacial;

---

<sup>6</sup> O termo espetacularização esta sendo construído com base na leitura de Debord (2003).

- Analisar a política urbana local (legislações urbanísticas, decretos e o próprio plano diretor) e os planos turísticos nacionais estabelecendo possíveis relações;
- Classificar as informações obtidas junto às mídias e entrevistas de modo a criar uma taxonomia que permita categorizar as informações a partir de áreas específicas;

#### **1.4. Metodologia**

A pesquisa realizada é de natureza qualitativa e quantitativa, se caracterizando por aspectos exploratórios e descritivos. Por se tratar de uma pesquisa com o uso de dados qualitativos e quantitativos, a mesma se insere numa classificação de uma pesquisa de métodos mistos conforme pondera Creswell (2010).

No que tange ao aspecto exploratório, Gil (2002, p. 41) caracteriza tais pesquisas como aquelas cujo objetivo é “[...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses.”, possibilitando o aprimoramento de ideias ou a possível descoberta de intuições. Já o aspecto descritivo, “[...] têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis.” (Gil, 2002, 42).

Dessa maneira, os procedimentos metodológicos foram delineados levando em consideração o método de abordagem hipotético dedutivo, onde busca-se realizar uma análise acerca da hipótese apresentada, investigando se a mesma pode ser refutada ou validada. Basicamente, os procedimentos metodológicos estão organizados em quatro etapas distintas conforme Quadro 1.

Quadro 1. Sistematização das etapas da pesquisa

<b>Etapas</b>	<b>Procedimentos</b>	<b>Finalidades</b>
<b>Etapa 1 Diagnóstico</b>	Revisão Bibliográfica	Aprofundar a respeito do tema e conceitos
	Elaboração do diagnóstico preliminar (dados quantitativos e espaciais)	Propiciar uma leitura inicial da cidade e mais fidedigna dos espaços
<b>Etapa 2 Sistematização das narrativas</b>	Estudo do perfil das plataformas; Coleta e análise dos dados das mídias sociais	Obtenção das informações e construção das narrativas do morador e turista
	Entrevistas	Representantes de associações de bairros
<b>Etapa 3 Políticas de Planejamento e Gestão</b>	Levantamento e análise das políticas urbanas implementadas na cidade	Identificar as principais ações no tocante a gestão e planejamento urbanos no tocante aos projetos, legislação e normativas diversas
	Entrevistas a representantes do Poder Público e Associação de Moradores	Identificar as principais ações no tocante a gestão e planejamento urbanos
<b>Etapa 4 Cruzamento de informações e variáveis</b>	Sistematização e cruzamento de informações e dados	Relacionar o conjunto das percepções obtidas a partir das falas do turista e morador com o conjunto das ações que de fato estão sendo efetivadas na cidade.

Fonte: Elaboração própria (2023)

O primeiro passo da pesquisa foi a elaboração de uma revisão bibliográfica com o intuito de levantar as principais obras e discussões acerca do tema estudado, assim como o aprofundamento de conceitos e variáveis.

Em se tratando da coleta de dados, inicialmente, pretendeu-se levantar os dados secundários relativos à cidade. Estes dados se caracterizam por elementos que permitiram realizar um diagnóstico da cidade a partir de informações relativas a dados do perfil populacional, perfil econômico, atividades turísticas e outras informações que vieram a compor um acervo que permitiu uma leitura inicial da cidade.

Relativo a essa leitura inicial da cidade, pretendeu-se também realizar uma análise espacial da cidade por meio de mapas, verificando as delimitações do centro histórico e demais bairros da cidade, áreas de expansão, possíveis áreas de concentração de atividades turísticas que extrapolem as delimitações do centro histórico. Esta etapa foi importante também para analisar, até mesmo, a mobilidade das pessoas na cidade, ou seja, quais caminhos normalmente são percorridos pelo morador e pelo turista.

Findada esta primeira etapa, iniciou-se a coleta e análise dos dados presentes nas mídias sociais estudadas, no entanto antes da coleta, de fato, foi necessário o estudo mais detalhado destas plataformas, permitindo compreender e definir o perfil de cada uma delas, facilitando a compreensão do contexto do ambiente no qual as postagens foram realizadas. A princípio, foi considerado quatro fontes de dados: *Facebook, Instagram, Youtube e TripAdvisor*<sup>7</sup>, no entanto, no decorrer da pesquisa, algumas limitações referentes a coleta dos dados de forma automatizada foram impostas, tal como a restrição de acesso a alguns dados essenciais a pesquisa por parte do *Facebook e Instagram*. Tais plataformas alteraram a sua política de acesso a dados abertos, com constantes alterações em suas APIs (Application Programming Interface), restringindo a coleta de alguns dados por meio de *softwares* tais como os comentários.

Em vista deste impedimento, só foi possível coletar dados textuais das plataformas do *TripAdvisor e Youtube*. Já em relação ao *Instagram* foi possível coletar somente as *hashtags*<sup>8</sup> presentes nas postagens. Isso restringiu, e muito, a análise da narrativa projetada pelos moradores, pois tais plataformas, na maioria das vezes, se remetem a postagens/registros feitos por turistas e visitantes. Mas de forma a preencher, em partes, essa lacuna optou-se pela coleta manual de comentários realizados na página do *Instagram* da Prefeitura Municipal de Tiradentes, datados do período de 2019 a 2023. Os comentários coletados se remetiam a demandas no tocante a políticas públicas urbanas totalizando cerca de 150 comentários.

No que tange ao percentual de dados coletados por meio do *software*, seguem algumas informações:

- *TripAdvisor*: foram coletados os comentários contidos na aba Centro Histórico, datados de 2012 a 2023, totalizando cerca de 1.489 comentários;

---

<sup>7</sup> Na obra de Liu, Yuan, Zhang (2020) são debatidos os desafios que o pesquisador pode encontrar ao optar pelo uso de dados de mídias sociais, e que, em alguns casos, enviesar os resultados. Uma das medidas a serem tomadas a fim de minimizar os possíveis danos seria a combinação de várias fontes de dados, de modo a fornecer informações complementares de perspectivas diferentes, reduzindo os vieses de representatividade, se comparado a uma única fonte de dados.

<sup>8</sup> As *hashtags* tem por objetivo agrupar imagens a respeito de um dado assunto, onde o usuário pode adicionar uma espécie de *tag/etiqueta* à imagem mediante o símbolo #. Dessa maneira, a imagem, de forma automaticamente, passa a fazer parte de um grupo composto de todas as imagens que possuem esta mesma *tag*. Tal ação dá origem a um *hiperlink* que direciona o usuário para uma página com todas as outras publicações que compartilham do mesmo tema.

- *Instagram*: foram coletadas as hashtags das postagens. Para tanto, foram selecionados três grupos sendo eles #amotiradentes com 21.929 *hashtags*, #vempratiradentes com 173.914 *hashtags* e #visitetiradentes com 21.641 *hashtags*;
- *Youtube*: foram coletados vídeos datados de 2018 a 2023 totalizando cerca de 1.000 vídeos;

Ainda em referência aos dados coletados nas plataformas digitais, o primeiro ponto levado em consideração foi uma análise mais minuciosa acerca do perfil de postagens inseridas e compartilhadas nas plataformas digitais. Este passo foi importante para auxiliar no recorte e categorização dos dados, onde foi observado se o perfil da plataforma predominava a postagem de comentários efetivados por turistas ou moradores, permitindo compreender melhor o caráter dos dados, conforme detalhado a seguir.

Em seguida, as plataformas digitais foram categorizadas também a partir de uma classificação da participação, ou seja, se a participação se apresentava de forma reivindicatória ou não reivindicatória. Entende-se como uma participação reivindicatória aquela onde há uma intenção por parte do usuário da cidade ao postar o comentário, no sentido de que o seu comentário chegue até o poder público como forma de reivindicação de espaços melhores. Já a participação não reivindicatória, seria aquela onde o usuário, de forma despreziosa, publica um comentário avaliando a cidade e imprimindo ali a sua percepção, mas não com o intuito direto de impactar/influenciar a gestão pública, mas de compartilhar informações e recomendações.

Ainda nesta análise exploratória dos ambientes virtuais, teve-se como intuito identificar a presença de grupos de compartilhamento de informações específicas. Trata-se de grupos temáticos que utilizam as plataformas como um meio para divulgação de recomendações direcionadas a públicos específicos, mas que podem estar contribuindo para a produção de informações acerca da avaliação/percepção dos espaços na cidade de Tiradentes. Como exemplo, é possível mencionar possíveis grupos ligados aos festivais, aos eventos de corrida e *bike*, ao artesanato local e outros mais que a pesquisa identificou.

Num segundo momento, após o estudo mais minucioso acerca das plataformas e o entendimento do seu perfil, foi construído um *corpus* de análise,

formado a partir dos dados coletados diretamente das plataformas digitais e também das entrevistas. A construção desse *corpus* subsidiou a análise exploratória dos dados presentes nas mídias sociais. Para isso, a pesquisa teve como embasamento os pressupostos colocados pela Linguística de Corpus. Trata-se de uma área da Linguística que se destina a coleta e análise de bases composta por dados textuais produzidos por falantes reais, tomando como exemplo, os discursos, debates e postagens em mídias sociais, assim como, textos históricos e outras formas de produção, tal como as transcrições de entrevistas.

Na Linguística de Corpus, as bases de dados textuais se classificam como um *corpus* de análise e a partir da adoção de uma visão probabilística da linguagem, faz com que a frequência dos itens linguísticos identificados pelo pesquisador seja relevante, não ocorrendo por acaso (Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados - IBPAD, 2018).

De acordo com Kader e Richter (2013), a Linguística de Corpus tende a abarcar a Linguística Computacional (manuseio virtual de dados) e a Estatística. A frequência de palavras auxiliou no reconhecimento de padrões específicos acerca da percepção do usuário, seja ele morador ou turista, na definição de direcionamentos de *insights* e na elaboração de categorias para análise em campo.

A coleta de dados na plataforma foi considerada como uma pesquisa de campo em uma comunidade virtual contendo dados abertos. O volume de textos é significativo e sua característica não estruturada aumenta as dificuldades de um procedimento totalmente manual. Deste modo, os dados textuais contidos nos comentários foram coletados através da técnica conhecida como *Web Scraping* (WS), referente a uma técnica de extração utilizada para coletar dados de sites e tarefas que envolvem mineração na *web*. Para tanto, foi utilizado um *software* específico denominado *Python* e o uso de uma biblioteca específica denominada *Beautiful Soup*. Tal fase inicial se caracterizou pelo pré-processamento dos dados, abrangendo um conjunto de atividades que envolvem a preparação, organização e estruturação dos dados, sendo considerada uma etapa determinante para a qualidade final dos dados que foram posteriormente analisados.

É neste momento também que ocorre a substituição dos caracteres especiais do texto, a remoção de espaços em branco, a conversão do texto em minúsculas e também a remoção das palavras irrelevantes, denominadas como *stop words*. Foram

retirados artigos, preposições, advérbios de modo a deixar o arquivo mais limpo e identificar atributos mais importantes. Posteriormente ocorreu a construção do *dataframe* composto pela matriz de frequência das palavras. Esta frequência de determinadas categorias dentro o universo de palavras analisadas ocorre em função de sua repetição nos comentários extraídos.

Após a coleta dos dados, teve-se início a análise exploratória dos dados, que teve como objetivo “ [...] conhecer os dados antes de tentar analisá-los, para depois, usando técnicas explícitas ou implícitas, por exemplo, tirar conclusões. “ (Amaral, 2016, p. 64). E para tanto, o pesquisador tem à disposição técnicas quantitativas ou visuais. Dessa maneira, foram construídos histogramas que tem como objetivo a contagem da frequência de dados em determinados intervalos e as nuvens de palavras, que se caracteriza como uma forma gráfica muito utilizada em procedimentos de *text mining* (mineração de textos), exibindo os termos mais frequentes disponíveis nas mídias sociais. O gráfico é gerado a partir de uma lista de palavras baseadas em suas respectivas frequências e onde as palavras que apresentam maior frequência são desenhadas maiores.

Conforme destaca Amaral (2016, p. 70), as nuvens de palavras “[...] podem ser amplamente utilizadas em mineração de textos, exibindo termos mais frequentes em uma rede social ou utilizadas em análise de sentidos.” Nas nuvens de palavras estão contidas as palavras mais representativas, que apresentam maior frequência, e quanto maior for a ocorrência de uma determinada palavra no texto, maior será o seu tamanho na nuvem (*wordcloud*). Serão observadas as palavras de maior destaque na nuvem e uma tentativa de correlacionar tais expressões, afinal de contas, uma palavra ao se repetir por diversas vezes pode estar sugerindo um padrão acerca do objeto analisado.

Para a leitura e interpretação das informações contidas na nuvem de palavras, foram utilizadas as técnicas de análise de conteúdo, com o intuito de identificar a imagem perceptiva a partir das falas presentes na plataforma e *insights* iniciais. Para tanto, a plataforma do *Voyant Tools* se mostrou muito eficaz neste momento. A análise de conteúdo se apresenta como um dos métodos mais usuais para exploração de um conjunto de dados textuais, tratando-se de “um conjunto de técnicas destinadas a estudar textos, imagens ou outros ‘conteúdos’, de modo a extrair destes, sistematicamente, algum tipo de sentido” (Recuero, 2018, p. 13).

Segundo Recuero (2018), na análise de frequência é muito importante considerar somente classes de palavras que remetam algum tipo de significado relevante ao pesquisador. Dessa maneira, fica a critério do mesmo definir quais categorias deseja trabalhar - adjetivos, substantivos, verbos, ou o conjunto destes. Algumas classes podem ser desprezadas, tais como artigos, preposições, advérbios, por não acrescentarem muita informação na compreensão dos dados, e por aparecerem em grande quantidade, podem obscurecer outros termos que podem ser relevantes. Para tanto, tais termos, e outros mais considerados pouco relevantes à análise, foram incluídos numa lista denominada *stop words*, que se caracteriza por palavras ou caracteres que não serão contabilizados na contagem de frequência<sup>9</sup>.

Após a contagem da frequência passou-se para a classificação. Nesse momento, as palavras que mais se sobressaíram foram ser classificadas por sentido e elementos semânticos semelhantes. Os critérios de classificação foram definidos após alguns testes com as ferramentas, de modo a analisar a viabilidade de cada uma delas. Conforme aponta Recuero (2018), este processo de classificação se coloca como algo criterioso, tendo em vista que a união de diversas palavras em uma categoria poderá influenciar os resultados e a análise.

E por fim, a análise de coocorrência, que tem por objetivo classificar os dados que ocorrem juntos numa mesma unidade de análise. Esta etapa se insere no que Recuero, Bastos e Zago (2020) denominam de análise de rede social (ARS), se preocupando com um tipo especial de dado, ou seja, o dado relacional, fazendo com que o objetivo seja a compreensão das relações entre os elementos. Trata-se de uma abordagem ancorada em elementos provenientes da teoria de grafos<sup>10</sup> e sociometria<sup>11</sup>.

E como forma de complementar esse universo, recorreu-se as entrevistas a representantes de bairro. Foram identificadas cerca de 5 (cinco) associações, porém apenas 3 (três) concederam entrevistas. Durante os levantamentos, chegou-se a um número de cerca de 12 (doze) bairros na cidade e o ideal seria entrevistar, ao menos,

---

<sup>9</sup> Esta lista de *stop word* foi acessada na internet e foi complementada pela pesquisadora.

<sup>10</sup> A teoria dos grafos, ou simplesmente grafos, se remete a um ramo da matemática onde são estudadas as relações entre os objetos de um determinado conjunto.

<sup>11</sup> Trata-se de uma ferramenta analítica destinada ao estudo de interações entre grupos.

um representante de cada bairro. Dessa maneira, de forma a atender satisfatoriamente esta demanda, recorreu-se a identificação de moradores mais antigos de cada bairro dispostos a conceder uma entrevista. A partir disso, totalizou-se 6 (seis) entrevistados representando 6 (seis) bairros distintos, incluindo os representantes de bairro.

A partir dos dados coletados e das informações extraídas por meio das narrativas dos moradores e dos turistas nas mídias sociais, a pesquisa teve acesso, de forma gráfica e visual, a um conjunto de informações que representariam uma imagem e uma percepção da cidade projetada pelos sujeitos pesquisados. É claro que estas informações estão imbuídas de elementos cognitivos e signos, no entanto, por se tratar de uma quantidade expressiva de dados, principalmente não estruturados, foi possível obter padrões. Esta etapa foi essencial na pesquisa e norteou também a busca por informações na etapa 3.

Posteriormente, na terceira etapa, teve-se o levantamento e análise de documentos de planejamento, projetos, legislações específicas e o próprio plano diretor com o intuito de investigar quais ações têm sido efetivadas tanto no âmbito da cidade como um todo, quanto para o centro histórico e/ ou destinada a atividades turísticas. Todos estes documentos foram levantados por meio de consultas aos arquivos do poder público. Além disso, foram consultados documentos referentes às diretrizes de planejamento acerca do patrimônio histórico cultural da cidade, elemento importante na atividade turística. Para tanto, foram consultados os arquivos do IPHAN.

Ainda nesta etapa, para identificar as ações concretas do poder público, foram realizadas também entrevistas semiestruturadas<sup>12</sup> com determinados agentes na cidade, sendo um representante de cada um dos seguintes grupos: Poder Público Local<sup>13</sup>, IPHAN, Associação dos Moradores de Bairro. Foi elaborado um roteiro com perguntas que nortearam a entrevista. Neste momento, foi possível delinear falas e contextos distintos: projeto e obras públicas, patrimônio, turismo, moradores. E assim como na análise documental, as narrativas obtidas foram confrontadas com as ações realizadas na cidade.

---

<sup>12</sup> As entrevistas foram autorizadas junto à Plataforma Brasil, sendo o projeto devidamente aprovado na plataforma no dia 12 de abril de 2022.

<sup>13</sup> Foram entrevistados representantes da Secretaria de Turismo e Secretaria de Planejamento.

No entanto, somente as entrevistas não foram suficientes para compreender o cenário de gestão e planejamento colocado na cidade de forma temporal. Dessa maneira, a pesquisa avançou na identificação e leitura de documentos legislativos, tal como o Plano Diretor, a Lei de Uso e Ocupação do Solo, Código de Obras, Código de Posturas, Decretos e demais normativas. A leitura desse material permitiu identificar as políticas urbanas planejadas para o município e confrontá-las com o cenário urbano identificado, seja por meio das falas dos moradores e seus representantes quanto as observações coletadas e atestadas em campo pela pesquisadora. Foi essencial também a busca por informações em plataformas de notícias locais e também o acesso a exemplares antigos da década de 1990 do extinto jornal *Inconfidências* gentilmente cedidos por um dos entrevistados.

A pesquisa teve acesso também aos arquivos e atas de reuniões da Fundação João Pinheiro na época de elaboração do Plano Diretor, em 2015. Trata-se dos relatórios das oficinas de participação popular. O acesso às demandas e problemas relatados pelos moradores coletados pelos técnicos da Fundação foi essencial também para o entendimento dos problemas da cidade e do cotidiano e experiência do morador frente ao espaço urbano de Tiradentes. Estes dados foram cruzados com os dados levantados dos moradores, seja por meio das entrevistas ou da coleta no *Instagram* e auxiliaram na corroboração dos fatos.

De posse de todos os dados, chegou-se a última etapa que se caracterizou pelo cruzamento de dados e informações. Para testar a hipótese apresentada foi essencial que os dados coletados e sistematizados na etapa 2 fossem confrontados com os dados e informações obtidas na etapa 3, de modo a verificar a forma de condução das políticas urbanas em Tiradentes. Trata-se de relacionar o conjunto das percepções e narrativas obtidas a partir das falas do turista e morador e analisadas e ilustradas a partir de distintos gráficos com o conjunto das ações que de fato estão sendo efetivadas na cidade, identificadas por meio do levantamento documental e legislativo juntamente com as entrevistas.

Para facilitar a compreensão de todas as etapas metodológicas da pesquisa verificar Quadro 2.

**Quadro 2 - Sistematização das etapas metodológicas**

Método de abordagem	Etapas	Tipo de dados	Sub-etapa	Local da coleta	Instrumentos e meios de coleta	Técnica aplicada	Sistematização
MÉTODO HIPOTÉTICO - DEDUTIVO	Revisão bibliográfica	Qualitativo					
	Levantamento dos dados secundários	Quantitativo		Plataformas tais como IBGE, IPHAN, Ministério do Turismo, IPEA	Por meio de consultas on line	Análise estatística	Compilação e organização do material. Representação por meio de tabelas, gráficos.
	Levantamento de documentos e legislações	Qualitativo		Acervo Prefeitura e IPHAN	Por meio de consultas on line e presenciais	Análise Documental	Compilação e organização do material. Representação por meio de tabelas, gráficos.
	Estudo e categorização das plataformas	Qualitativo	Estudo do perfil da plataforma		Categorias - perfil dos sujeitos que mais interagem com o perfil	Análise de Conteúdo	Turista ou moradores
		Qualitativo	Classificação das plataformas		Categorias - A partir da participação	Análise de Conteúdo	Participativa Não participativa
		Qualitativo	Identificação de possíveis grupos		Categorias - grupos temáticos	Análise de Conteúdo	Grupos temáticos
	Coleta dos dados das mídias sociais (Análise exploratória de dados)	Quantitativo	Análise de frequência	Mídias Sociais	Softwares - Python	Análise Estatística textual	Nuvem de palavras, histogramas
		Quantitativo + qualitativo	Análise de frequência	Mídias sociais	Voyant Tools	Análise de Conteúdo e co-ocorrência	Grafos
		Quantitativo + qualitativo	Análise de frequência	Mídias sociais	Softwares - Python	Análise de Conteúdo e Estatística textual	Compilação e organização do material.
	Entrevistas	Qualitativo		Gestores e representantes da sociedade civil	Softwares de Transcrições	Análise de Conteúdo/Similitude/Estatística textual	Compilação e organização do material.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1. PATRIMÔNIO, TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM E CENARIZAÇÃO

#### 2.1.1 A construção da ideia de patrimônio no Brasil

O processo de preservação do patrimônio<sup>14</sup> histórico e, por conseguinte, a formulação de um conceito sobre o mesmo e sua representação por meio do construído, se fortalece a partir do ano de 1936, com a criação do SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional<sup>15</sup>, obtendo amparo por meio de força de lei com o Decreto – Lei n. 25, de 30 de novembro de 1937, que instituía como patrimônio

Art. 1º Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico (Brasil, 1937).

A política nacional de preservação do patrimônio histórico, no Brasil, foi formalizada durante o primeiro governo de Getúlio Vargas (década de 30), momento este em que o país tinha na administração pública um agente da modernização e o nacionalismo como uma base ideológica. Dessa maneira, a afirmação da identidade brasileira também se sustentou nos valores estéticos da

---

<sup>14</sup> Etimologicamente, o conceito de patrimônio deriva do latim *patrimonium*, cujo significado remete a herança familiar ou à noção de paternidade e pátria. No inglês o conceito deriva de *heritage*, ou seja, herança, legado.

<sup>15</sup> O SPHAN ao longo do tempo teve sua estrutura funcional e denominação alteradas, em decorrência de alterações administrativas efetivadas por meio de decretos governamentais, podendo ser resumido da seguinte forma:

1936 – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN  
 1946 – Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – DPHAN  
 1970 – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN  
 1979 – Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN  
 1985 – Criação do Ministério da Cultura ocorrendo a integração do SPHAN-Pró Memória  
 1990 – O SPHAN – Pró Memória passa a se denominar IBPC – Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural  
 1994 – Volta a ser denominado Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN

cidade monumento, logo, a cidade tida como patrimônio integrou-se ao processo de construção da brasilidade (Fridman; Araujo; Daibert, 2019).

O SPHAN, durante três décadas, se firmou como um órgão responsável pela formulação da política de conservação, se colocando a cargo do tombamento e restauração dos bens artísticos e arquitetônicos coloniais, idealizados como testemunhos alusivos às raízes brasileiras. Para Vaz e Camargo (2016, p. 22) “[...] o nascente órgão implantou uma política cultural de preservação calcada no ideário modernista com o intuito de forjar a identidade de um povo que, em larga medida, também estava sendo criada naquele momento”.

Toda a construção da noção de patrimônio cultural, uma categoria chave para a orientação das políticas públicas de preservação cultural, se mostra algo historicamente construída no Brasil tendo se transformando no decorrer do tempo (Chuva, 2012).

A direção executiva do SPHAN ficou a cargo de Rodrigo Melo Franco de Andrade até 1967, fase que, nos dizeres de Oliveira (2008) ficou conhecida como a “Fase Heroica” do órgão, dado a falta de recursos, estrutura e pessoal especializado e diante da quantidade de trabalho a ser realizado. As equipes atuantes no SPHAN, naquele momento, eram compostas por intelectuais modernistas originários do Movimento 22, sendo composta por Manuel Bandeira, Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Carlos Drummond de Andrade e outros.

Este período é classificado por Costa e Castro (2008) como a segunda fase<sup>16</sup> de (re)produção do patrimônio cultural no Brasil, sendo denominada de *fase simbólica do patrimônio*, marcada pela criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). A política de patrimônio proposta neste momento visa dar respostas aos anseios da construção de uma identidade nacional, da materialização do Brasil-nação. Dessa maneira, o estado passa a ter uma atuação expressiva frente a construção de uma imagem política e cultural de nação a partir do resgate aos elementos mais expressivos do patrimônio histórico cultural.

---

<sup>16</sup> Para Costa e Castro (2008), é possível identificar quatro fases distintas e consecutivas no tocante à produção e consagração do patrimônio cultural. A primeira delas seria a *fase de produção colonial do patrimônio*, que considera-se a própria gênese da construção de obras e espacialidades distintas por intermédio do colonizador ibérico partindo do litoral (século XVI) rumo ao interior do território (ao longo dos séculos XVII e XVIII).

É neste momento que são propostas novas políticas públicas instituições passaram a ser consultadas e por vezes as cidades começaram a serem vistas de outras formas e com finalidades distintas. As discussões entorno do planejamento urbano também são suscitadas, haja vista a necessidade de se repensar o *locus* onde o patrimônio estava inserido. Vários Congressos Internacionais, nacionais e locais<sup>17</sup> para realizados, mobilizando uma pauta de discussões (Oliveira, 2008).

Com o afastamento de Rodrigo Melo, em 1967, assume a direção do órgão Renato Soeiro, de 1967 a 1979. As diretrizes propostas nos 30 anos anteriores foram mantidas, mas uma nova política de tombamento foi proposta, considerando a preservação dos conjuntos e não somente construções individuais. Tal mudança ocorre devido ao rápido processo de urbanização ocorrido nos fins da década de 1950 perdurando até a década de 1960, somado ao desenvolvimento da malha viária e o rápido crescimento urbano (Oliveira, 2008).

Diante deste cenário, foi implementado o Programa Integrado de Reconstrução das Cidades Históricas, do Nordeste, datado de 1973. O programa dispunha de um montante de recursos significativo, fazendo com que em 1975 surgisse a proposta de expansão do projeto para os estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais (Oliveira, 2008).

O Programa Integrado de Cidades Históricas (PCH), implementado a partir de 1973, se caracterizou como o primeiro programa federal a investir recursos para a recuperação do patrimônio cultural urbano. O responsável por sua implementação foi o Ministério do Planejamento e tinha-se como objetivo o desenvolvimento econômico das cidades históricas, no entanto, o programa também dialogava com outros assuntos, tais como o desenvolvimento urbano e regional e o turismo cultural. Uma de suas características mais visíveis era a mudança na forma de abordar as cidades históricas, vista como produtora de

---

<sup>17</sup> Oliveira (2008) lista diversos eventos ocorridos, na escala nacional e internacional, tendo com pauta discussões acerca do patrimônio histórico. O primeiro deles é a Carta de Atenas (outubro de 1931) seguido pela Carta de Veneza (maio de 1964), Recomendação de Paris (novembro de 1964), Normas de Quito (dezembro de 1967), Convenção de Paris (novembro de 1972), Declaração de Amsterdã (outubro de 1975), Recomendação de Nairobi – UNESCO (novembro de 1976), Carta de Machu Picchu (dezembro de 1977), Carta de Florença – ICOMOS (maio de 1981), Declaração do México – ICOMOS (1985), Carta de Petrópolis – Centros Históricos (1987), II Encontro de Governadores (1971).

capital e onde o patrimônio cultural poderia gerar desenvolvimento econômico em decorrência do seu consumo para atividades turísticas (Correa, 2016).

De acordo com Paes (2015), o PCH concentrou investimentos em infraestrutura urbana, preservação do patrimônio arquitetônico e também na orientação de Planos Diretores e legislação urbana, associando o planejamento urbano e a preservação do patrimônio histórico ao uso turístico do espaço. Os circuitos turísticos passam a ser pauta nos investimentos e o aumento na capacitação técnica destinada à formação de profissionais na área de restauro e hotelaria desnudam novos caminhos de intervenções tomados pelo Governo Federal no âmbito do planejamento territorial dos centros históricos.

Ademais, o PCH introduziu também modificações em conceitos elementares mediante a proposta de reinserção de bens imóveis nas cidades como elementos dinâmicos, e não mais objetos estéticos puramente. Outro ponto foi o incentivo concedido às atividades culturais locais, entendidas como intrínsecas aos monumentos, dotando-os de identidade e permitindo com que a população local tivesse um envolvimento mais próximo diante das ações de preservação (Cagriota et al, 2010).

Este período é caracterizado por Costa e Castro (2008) como a terceira fase, ocorrendo entre as décadas de 1960 e 1990 e sendo denominada como a *fase de projeção inicial do patrimônio*. É neste momento que as cidades históricas passam a ser relacionadas a possíveis locais atrativos para o turismo, que sob o ponto de vista do planejamento urbano estratégico, se apresenta como um *locus* para o desenvolvimento local e regional. Os centros históricos de cidades coloniais de Minas Gerais passam a ser projetados nos cenários nacional e internacional, imbuídos da imagem de *locus* detentores de um acervo arquitetônico que revelam um passado de ostentação e riqueza, representadas, sobretudo, por meio das formas, volumes, pinturas, texturas.

A própria Unesco, a partir de 1965, dá início a um programa de desenvolvimento do turismo relativo ao patrimônio cultural e natural. Neste contexto, o IPHAN, ao pleitear e conseguir o apoio técnico do organismo internacional estabelece uma relação com o mesmo com o objetivo de receber especialistas para a elaboração de estudos e planos direcionados ao patrimônio

cultural brasileiro, visando inserir as cidades, as quais abrigavam elementos patrimoniais, num plano de turismo nacional de turismo cultural (Correa, 2016).

Algumas correspondências presentes no arquivo do IPHAN, no Rio de Janeiro, evidenciam uma constante troca de relatos entre o IPHAN e o Ministério das Relações Exteriores (MRE) a partir de 1964 e muitas delas revelavam um conhecimento, por parte de Renato Soeiro e Rodrigo Melo Franco de Andrade, das pautas de discussões mantidas nas conferências da Unesco. Tal contexto coincide também com a institucionalização da atividade turística no Brasil, ainda na década de 1960, alinhada a uma tendência mundial (Correa, 2016).

Do período da ditadura militar (1964 – 1985) em diante ocorreram alterações significativas na política patrimonial brasileira, sobretudo no encargo do órgão responsável (IPHAN) devido a novas perspectivas frente ao patrimônio – o reconhecimento dos centros históricos urbanos – e a presença de outros protagonistas diante da formulação de programas de conservação (Fridman; Araujo; Daibert, 2019).

Uma destas mudanças, em 1975, se dá em decorrência do surgimento do Centro Nacional de Referência Cultural – CNRC, responsável por redirecionar os rumos da política de patrimônio no Brasil. O CNRC tinha por finalidade a elaboração de um sistema referencial básico voltado à descrição e análise da dinâmica cultural brasileira, atuando em quatro frentes: artesanato, levantamentos socioculturais, história da ciência e tecnologia no Brasil e levantamentos de documentação sobre o Brasil. No entanto, em fins da década de 1970 o órgão tem suas atividades findadas, transferindo as suas responsabilidades, direitos e objetivos para a Fundação Pró Memória (Oliveira, 2008).

Ainda na década de 1970, ocorre a segunda mudança de Diretoria do IPHAN, em 1979, com a saída de Renato Soeiro e a nomeação de Aloísio Magalhães. O próprio dá início a uma discussão em prol da ampliação do conceito de bem cultural no IPHAN, contudo, tais trabalhos foram interrompidos com a morte de Magalhães em 1982.

A retomada destas discussões ocorre somente a partir de 1985, mediante o processo de redemocratização do país. É neste momento também que é criado o Ministério da Cultura – MINC, que por sua vez, incorporou o sistema do SPHAN-Pró Memória. Outro acontecimento é a elaboração da Carta Constitucional de 1988,

onde retoma os conceitos e propostas efetivados por Mario de Andrade acerca do patrimônio (Oliveira, 2008).

O texto Constitucional de 1988 traz uma conceituação de patrimônio, já ampliado, em seu artigo 216, evidenciando que

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I. As formas de expressão;
- II. Os modos de criar, fazer e viver;
- III. As criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV. As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V. Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico;

Dessa maneira, é possível observar uma ampliação da noção de patrimônio no Brasil ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial e também propor formas distintas de preservação além do tombamento. Os bens tombados de natureza material podem ser classificados como imóveis, sendo eles: cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou móveis, quais sendo: coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos (IPHAN, 2022).

Já os bens culturais de natureza imaterial se caracterizam pelas práticas e domínios de vida social, que por vezes se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer, celebrações, formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas (IPHAN, 2022).

No final da década de 1990 tem destaque a promulgação do Decreto n. 3551 de 04 de agosto de 2000, com o objetivo de regulamentar as propostas colocadas pela Carta Constitucional de 1988 e ampliar o papel desempenhado pelo IPHAN. O Decreto também passa a instituir o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e a criação do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (Oliveira, 2008).

Ainda no final da década de 1990 e início dos anos 2000, têm-se a implementação do Programa Monumenta<sup>18</sup>, efetivado por meio de um contrato de empréstimo do Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID ao Governo Brasileiro, ficando a cargo do Ministério da Cultura a instituição de um comitê de especialistas para a elaboração da Lista de Prioridades do Monumenta, contemplando 101 sítios e conjuntos urbanos sob proteção federal.

Coube aos municípios então, (re)estruturar-se de modo a concorrer no pleito dos recursos, sendo os critérios: possuir um sítio tombado em nível federal ou um conjunto incluído na lista de prioridades definidas pelo programa, assim como, a criação de um Fundo Municipal de Preservação e uma Unidade Executora de Projeto, estando vinculada a uma secretaria municipal. Para Castriota et al. (2010), o programa teve como característica a perspectiva de conservação integrada, visível em sua formulação oficial, propondo a integração entre preservação do patrimônio e planejamento urbano.

Já para a década de 2010, destaca-se o Programa de Aceleração do Crescimento para as Cidades Históricas - PAC<sup>19</sup>, implementado em 2013<sup>20</sup> tendo como objetivo a reestruturação e preservação dos sítios históricos urbanos.

O período iniciado na década de 90 marca a quarta fase, sendo denominada como a *fase de cenarização progressiva do patrimônio*, onde os núcleos urbanos com expressivo acervo histórico-cultural vem passando por processos mais rápidos de transformações socioespaciais, catalisados, muitas

---

<sup>18</sup> O Programa Monumenta atuou em 26 cidades, escolhidas tendo em vista a sua representatividade histórica e artística e também a urgência das obras de recuperação. As cidades contempladas foram: Alcântara (MA), Belém (PA), Cachoeira (BA), Congonhas (MG), Corumbá (MS), Diamantina (MG), Goiás (GO), Icó (CE), Laranjeiras (SE), Lençóis (BA), Manaus (AM), Mariana (MG), Natividade (TO), Oeiras (PI), Olinda (PE), Ouro Preto (MG), Pelotas (RS), Penedo (AL), Porto Alegre (RS), Recife (PE), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA), São Cristóvão (SE), São Francisco do Sul (SC), São Paulo (SP), Serro (MG) (Castriota et al., 2010, Diogo, 2009). Não foram identificadas ações financiadas pelo Programa na cidade de Tiradentes – MG.

<sup>19</sup> O PAC Cidades Históricas atuou na realização de obras em 44 cidades de 20 estados brasileiros, reconhecidas como Patrimônio Cultural Brasileiro e 11 como Patrimônio Cultural Mundial (IPHAN, 2018). No entanto, não consta na listagem recursos destinados à cidade de Tiradentes - MG, *locus* da pesquisa.

<sup>20</sup> Numa vertente contextual, o programa foi lançado em 2009, pelo então Presidente da República Luís Inácio Lula da Silva, mas só foi implementado, de fato, a partir de 2013. Lançado em Ouro Preto, o evento contou com a participação de diversos ministros, do presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, do governador do estado de Minas Gerais e também de numerosos prefeitos e autoridades.

vezes, pelo capital, intensificando o processo de banalização pela cenarização. É neste contexto que as transformações se acentuam, fazendo com que “o conhecer sobrepõe-se ao reconhecer; antigas e novas formas e conteúdos mesclam-se, (re)produzindo um patrimônio que perde o sentido tradicional, a identidade, o significado de memória, enfim, formas destituídas de um conteúdo previamente estabelecido e reconhecido.” (Costa; Castro, 2008, p. 29).

Para Luchiari (2005, p. 96), a preservação do patrimônio cultural se mostra algo pertencente a “[...] um processo seletivo de atribuição de valores às formas e às práticas culturais que engendram intervenções, decisões e escolhas balizadas por um projeto político que a estrutura social de cada tempo constrói”

### **2.1.2. A apropriação do patrimônio histórico-cultural como elemento turístico, temático e de cenarização**

As cidades tidas como históricas têm vivenciado um novo dinamismo, como bem observado, sobretudo a partir da década de 1960, em decorrência da ascensão do turismo cultural. No que concerne à relação entre o patrimônio histórico-cultural e o turismo, uma das paisagens mais apropriadas por tais atividades são caracterizadas pelos centros históricos, que no caso particular brasileiro, seriam os centros históricos de cidades coloniais. Muitos deles, bem preservados à época, adquirem importância e valorização, principalmente “[...] como cenários de valor cultural distintivo para o consumo turístico.” (Paes, 2012, p. 321).

Conforme contextualização apresentada anteriormente, se no início do século XX o processo de patrimonialização se colocou a serviço da (re)construção da identidade nacional sob o viés das ideologias políticas do Estado Nação, no final do século XX e início do XXI “[...] a turistificação do patrimônio cultural vem reforçar as políticas em sua rede de conexões com a economia global, que se apoderou da cultura como recurso econômico, como ideologia política e como normatização do território.” (Paes, 2015, p. 116).

O turismo, ao analisá-lo sob o ponto vista espacial, tem se colocado como uma atividade capaz de criar novos objetos nos lugares, bem como, se apropriando

de objetos preexistentes, conferindo à paisagem novas funções e significados. Sabe-se que a paisagem urbana se apresenta como um resultado proveniente do acúmulo de tempos. Logo, as paisagens encontradas nos centros históricos, por exemplo, carregam consigo elementos e signos resultantes de diferentes tempos e modos de viver, e alcançam, na atividade turística, uma forma de serem consumidos, a um só tempo e ritmo.

Em se tratando do patrimônio histórico cultural, estes e as atividades turísticas não possuem uma relação dada, já disposta a ser apropriada<sup>21</sup>. Pelo contrário, trata-se de um jogo de decisões, interesses, ações e simbolismos mantidos no espaço urbano, ou em partes dele, tornando-os revalorizados e ressignificados, objetivando a preservação e o uso de aspectos materiais e imateriais do espaço (Castro; Tavares, 2016). Isso faz com que a cidade saia de uma forma passiva de objeto e assuma uma forma ativa de sujeito, incorporando assim uma nova identidade (Vainer, 2000).

Para Correa (2016) a pressão da especulação imobiliária sobre os centros históricos não foi algo exclusivo do Brasil, pelo contrário, outros países também apresentaram tentativa de inserção do patrimônio na nova cidade capitalista. Em um dos encontros organizados pelo Departamento de Assuntos Culturais da Organização dos Estados Americanos (OEA) tal questão foi levantada e a solução encontrada foi uma tentativa de articulação dos interesses econômicos à preservação do patrimônio cultural.

A apropriação turística do centro histórico, muitas das vezes, advém de uma relação contemplativa com o patrimônio (Silva, 2004). Para Barreira (2012, p. 65), um ponto turístico pode ser caracterizado como a associação de elementos estéticos e rituais, e ao serem apontados como históricos, os pontos turísticos fazem com que a cidade se torne “[...] uma espécie de vitrine a céu aberto.”.

---

<sup>21</sup> No tocante as paisagens históricas, é importante mencionar fatores extras que contribuem para o desenvolvimento das atividades turísticas nestas localidades, tais como, o bom estado de conservação das obras e das construções existentes, a presença de uma rede de hotéis, pousadas, restaurantes e guias de turismo, e, por fim, a interligação à rede de transporte nacional (SILVA, 2004).

Esta apropriação tem ocorrido sob a égide de uma lógica de mercadoria e a sua “[...] refuncionalização<sup>22</sup> vem servindo agora à ideologia do consumo e não mais às práticas culturais representativas do sentimento de pertencimento das culturas e populações locais.” (Luchiari, 2005, p. 96). Em vista disso, o conceito de refuncionalização turística (Luchiari, 2012) se colocaria como um elo entre a construção de paisagens turísticas e a apropriação do patrimônio, seja ele material ou imaterial, como incremento ou objeto principal nesta construção.

Conforme pontua Paes (2015, p. 106), a refuncionalização proposta aos sítios históricos implementa-se no Brasil, de forma mais categórica, nos anos 1990, passando a colorir “[...] os antigos casarios coloniais, iluminou as edificações, expulsou a população local de moradores de baixo poder aquisitivo e levou para ali um novo modo de vida associado ao consumo cultural: festas, espetáculos, restaurantes, ateliês, bares, comércio turístico e turistas.”. Dessa maneira, a preservação de sítios históricos urbanos no Brasil se colocou como apoio para a materialização da refuncionalização turística (Paes, 2012) e, conseqüentemente, a promoção econômica de numerosas cidades (Paes, 2017).

O exemplo mencionado por Paes (2015) coloca-nos diante de um processo marcado pela gentrificação, que pela interpretação de Smith (2006) define-se como um processo de reabilitação urbana e renovação de bairros deteriorados ou de baixa renda, resultando na expulsão dos moradores de baixa renda e na substituição por uma classe média ou alta. O processo de gentrificação, ainda na visão do autor, é impulsionada pelo capital ao buscar a maximização dos lucros, e que, muitas vezes, é incentivado por políticas urbanas e investimentos que favorecem o redesenvolvimento e a valorização imobiliária.

Neste contexto, ao associar o patrimônio histórico e o turismo, é possível notar que as paisagens turísticas resultantes se apresentariam como cenários construídos de forma intencional no território. À vista disso, a paisagem se coloca como “[...] uma herança que pode ou não ser preservada, ela também pode ser deliberadamente construída para tornar-se simbólica.” (Luchiari, 2005, p. 96). Bezerra (2014) também corrobora com esta ideia alegando que ao se pensar a

---

<sup>22</sup> Paes (2012), numa concepção geográfica, aborda o conceito de refuncionalização de centros históricos, tomando-o como um processo que abarca diversos projetos de renovação urbana, tal como, a gentrificação, enobrecimento, reabilitação, requalificação, revitalização e outros.

cidade, mediante os projetos de intervenção e mecanismos de patrimonialização, presume-se que o lazer e o turismo são a chave em direção ao reordenamento do território, tal qual a sua mudança imagética.

Para Silva (2004) a produção da paisagem turística está ancorada em dois aspectos, sendo eles, os meios de comunicação, nos quais estariam responsáveis pela divulgação de imagens e descrições dos lugares, e pela construção dos cenários de lazer, mediante intervenções urbanísticas e a própria arquitetura. No âmbito das políticas e dos projetos urbanos contemporâneos, sobretudo na lógica do planejamento estratégico, manifesta-se uma intenção de expor, reforçar ou forjar uma imagem de cidade. Tal imagem corresponderia a uma cultura própria, a uma identidade de uma cidade, fazendo com que a promoção e a venda dessa imagem de cidade correspondam à venda da cidade como uma mercadoria (Jacques, 2008).

No âmbito de sua concretude, os lugares explorados pelo turismo têm se colocado, em sua maioria, em espaços vendidos como cenários, produzidos a partir de uma base paisagística já existente, e que se associa a aspectos culturais, históricos e geográficos, se fundamentando como uma matéria prima para a produção e consumo do espaço, de forma contínua (Silva, 2004). Até mesmo a forma como as cidades são apresentadas em guias turísticos revela uma lógica padronizada de classificação de lugares a partir de hierarquias e sentidos de unidade (Barreira, 2012).

No dizeres de Gomes (2008), tanto os postais quanto os roteiros para visitantes e os guias turísticos são elaborados com o intuito de mostrarem determinadas fotografias da cidade em detrimento de outras, assim como, contarem partes selecionadas da história do lugar e sugerirem certas experiências urbanas possíveis no universo de tantas outras.

É nesta conjuntura que se associam à construção da paisagem elementos cenográficos, que materializam temáticas distintas e se direcionam a um público alvo. De uma maneira geral, a cenarização das cidades turísticas perpassa por alguns elementos fundamentais para a compreensão do seu processo, estabelecendo objetivos tais como, se apresentar como uma antítese entre o local de trabalho e lazer, exaltar qualidades paisagísticas e ambientais, equivaler às

imagens veiculadas pelos meios de comunicação, possuir uma identidade perfeitamente reconhecível pelo turista (Silva, 2004).

Para Bezerra (2014, p.3), “os espaços cenários apresentam-se aos olhos dos decisores políticos como uma solução atrativa perante os diversos problemas que a cidade real manifesta no quotidiano.”. Até porque, em muitos casos, o cenário construído, de forma intencional, irá ser contrastante “[...] com as áreas de degradação ambiental, com os bairros pobres e com a arquitetura vernacular.” (Silva, 2004, p. 181). Dessa maneira, ao lado da cidade cenário constrói-se outra, resultado de ações coletivas, onde

o morador que pinta a sua casa de cor de rosa de gosto duvidoso para o padrão estético dominante; a senhora que pendura as roupas nas janelas; as floreiras não regadas e, portanto, com plantas mortas; os fios de luz, telefone, televisão por assinatura, que se estendem de postes precários até as fachadas das casas em curvas perigosas e desmanteladas; as grades e gradis de todo tipo, em geral pintados de preto, aumentando a sua agressividade (Gastal, 2006, p. 189).

Em seu trabalho, Dias (2021) analisa as intervenções realizadas pelo IPHAN na primeira metade do século XX em prol da restauração de antigos edifícios localizados no centro histórico de São João del Rei, visando um certo retorno ao estado original. Isso se deu em edificações com características ecléticas no núcleo setecentista. As modificações em edificações ecléticas pré-existentes tinham como intuito conceder às mesmas um aspecto “colonioso” com a retirada de platibandas e a substituição por beirais. Ao traçar um panorama destas intervenções em São João Del Rei, o autor destaca a criação de uma cidade cenário, no estilo patrimonial setecentista.

Costa e Castro (2008) discutem a produção de cenários em cidades patrimoniais e turísticas, tomando como referência a cidade de Tiradentes, mais especificamente a transformação do seu centro histórico, que nas palavras dos mesmos, culminou num espaço marcado pela cenarização. Seria por meio do turismo cultural que os bens patrimoniais se inserem no circuito global de competição entre as cidades, fazendo com que as imagens e mensagens produzidas pelos promotores turísticos crie um sistema de representações influenciando a experiência do turista na cidade.

Dessa maneira, é induzido o que deve ou não ser visto e contemplado, “[...] cujo olhar é previamente direcionado para a apreensão da dimensão imagética dos bens culturais, atendo-se às formas mais relevantes e não aos seus conteúdos significativos, representantes da grandiosidade, opulência e ostentação de uma época.” (Costa; Castro, 2008, p. 27). No interior desta lógica urbana sobressaem as edificações capazes de atrair novos usos e funções em detrimento das apropriações vernáculas, fazendo com que a estética seja a palavra de ordem (Bezerra, 2014).

A lógica colocada nos discursos contemporâneos sobre a cidade pauta-se em preservação do antigo e construção do novo, ocorrendo, em muitos casos, de forma simultânea na mesma cidade. Tal dicotomia é vista de um lado com propostas preservacionistas para os centros históricos – tornando-os refúgios para os turistas – e de outro com a construção de novos bairros nas áreas de expansão periféricas - tornando-se berço para a especulação imobiliária. Coincidência ou não, os atores dessas propostas se apresentam os mesmos, em muitas das vezes, e os processos de gentrificação, como um resultado das intervenções, revelam que “[...] as duas correntes antagônicas são faces de uma mesma moeda: a espetacularização<sup>23</sup> mercantil das cidades.” (Jacques, 2008, p. 33).

Em sua obra, Silva (2004) ao analisar as cidades de Campos do Jordão e Paraty levanta a discussão das antíteses colocadas aos espaços turísticos, revelando-se espaços contrários entre realidade e imaginário, festa e cotidiano, lugares de trabalho e lugares de lazer. No entanto, mesmo

quando o turista entra em contato com a realidade concreta, provavelmente não deixa de notar os bastidores da vida real; porém, os lugares que frequenta - o hotel, o restaurante, o centro comercial - apresentam um cenário ou mesmo uma fachada arquitetônica que o coloca a salvo da convivência com o lado menos glamouroso da cidade, como os bairros pobres da periferia e áreas degradadas. (Silva, 2004, p. 22).

E ainda prossegue, revelando que em muitos casos, bairros inteiros ou pedaços da cidade, por vezes, são construídos para os turistas, desviando a

---

<sup>23</sup> Nas palavras de Jacques (2008) a espetacularização do espaço urbano ocorre em decorrência da não apropriação efetiva desses espaços preservados pela população local, sobretudo em virtude do processo de gentrificação.

atenção e camuflando a porção da cidade dita comum, sem atrativos para o turista. Esses fatos fazem com que seja possível afirmar que “as paisagens turísticas são cenários intencionalmente construídos no território.” (Silva, 2004, p. 27).

Neste âmbito, a memória da cultura local – que num primeiro momento deveria ser preservada – acaba por dissolver-se em benefício à criação de cenários aos turistas, resultando, às vezes, conforme atesta Jaques (2008), em algo ainda mais grave, a expulsão do local de intervenção da própria população, emérita das tradições culturais, em decorrência do processo de gentrificação.

As questões elucidadas inserem a cidade num rol de discussão acerca do marketing e empreendedorismo urbano, alcançando, na atividade turística, materialização da cidade mercadoria, projetando-a num cenário de competitividade urbana. Vainer (2000), há muito tem se debruçado em discussões acerca da cidade mercadoria, que se coloca como algo a ser vendida em meio a um mercado profundamente competitivo, onde outras cidades também se colocam à venda.

Neste processo de transformação do espaço em mercadoria, conforme bem pontua Sanchez (2010, p.44) “[...] o espaço abstrato – o espaço do valor de troca – se impõe sobre o espaço concreto da vida cotidiana – o espaço do valor de uso.”

Esta conjuntura de competitividade urbana se revela, no âmbito dos espaços turísticos, pela competição entre cidades seja por turistas quanto empreendedores, nacionais ou estrangeiros (Vainer, 2000). As municipalidades diligenciam-se por vender a imagem da marca de sua cidade, em desfavor das necessidades da população local, privilegiando o visitante por intermédio “[...] de seu maior chafariz, o espetáculo.” (Jacques, 2008, p. 34).

Em sua obra, Sanchez (2010, p. 510) problematiza a questão da cidade-espetáculo ao analisar processos de renovação urbana efetivados e que buscam criar uma imagem à venda, transformando o “[...] espaço em cenário onde tudo é objeto de consumo estético e contemplativo.”. Fazendo com que o espetáculo se integre a uma parte central de estratégias de vendas.

Debord (2003, p. 16) desenvolveu uma teoria contemporânea que analisa a dependência da imagem como uma produção total da realidade, sobretudo na sociedade pós revolução industrial e às margens da globalização. Para ele, a relação social entre pessoas mediatizada pelas imagens conformaria o espetáculo,

que, de forma conceitual, se colocaria como “[...] a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, socialmente falando, como simples aparência.”. No entanto, “[...] a crítica que atinge a verdade do espetáculo descobre-o como a negação visível da vida; uma negação da vida que se tornou visível.”.

A questão levantada por Luchiari (2005) não é a transformação da natureza, dos espaços ou das práticas/artefatos culturais em meros espetáculos, haja vista que, a própria pós modernidade trouxe consigo valores e preferências pela simulação, pela cenarização e beleza estética das formas. O problema reside nas condições de exploração social nas quais são ancoradas para a materialização do espetáculo.

De forma a sistematizar e relacionar os processos discutidos até então, evidencia-se

A existência de uma relação inversamente proporcional entre espetáculo e participação, ou seja, quanto mais espetacular for o uso da cultura nos processos de revitalização urbana, menor será a participação da população nesses processos e vice versa. E quanto mais passivo (menos participativo) for o espetáculo, mais a cidade se torna um cenário, e o cidadão um mero figurante; e, no sentido inverso, quanto mais ativo for o espetáculo (que no limite deixa de ser um espetáculo no sentido debordiano), mais a cidade se torna um palco e, o cidadão (antes simples espectador), um ator protagonista (Jacques, 2008, p. 38).

Associado a todo este contexto abordado, têm-se também o processo de tematização de paisagens turísticas<sup>24</sup>, sendo uma delas a de cidade histórica<sup>25</sup>. Por intermédio da paisagem urbana é possível reconhecer temas que representam as cidades e localidades turísticas específicas, onde a figura do patrimônio histórico arquitetônico que se apresenta, em muitos casos, como “[...] conjuntos homogêneos que facilmente distinguem-se na paisagem e são reconhecidos como atração turística evidente.” (Silva, 2004, p. 39).

No contexto da tematização de paisagens turísticas, Fagerlande (2015) também dedicou seus estudos na análise de processos e conjecturas na

---

<sup>24</sup> Em sua obra, Silva (2004) trabalha com a tematização de paisagens turísticas, destacando sete tipos distintos, sendo eles: cidades com temática europeia, cidades históricas, praias urbanizadas, praias rústicas, cidades do interior, complexos turísticos e centros metropolitanos. Como critério para definição destas tipologias considerou-se, sítio físico, hábitos de lazer e o estilo arquitetônico.

<sup>25</sup> A terminologia cidades históricas foi utilizada por Silva (2004) a fim de definir uma categoria de análise que, no mercado turístico, estaria intimamente relacionada às cidades pequenas e pitorescas datadas do período colonial e imperial brasileiro, sendo a maioria delas concentrada no estado de Minas Gerais, tais como, Ouro Preto, Mariana, Tiradentes, São João Del Rei e outras.

construção de paisagens turísticas temáticas e sua relação com a história, costumes, tradição e arquitetura local. Em uma de suas falas o autor enfatiza que tanto a tematização quanto a cenarização ocorrem por meio da arquitetura e também pela realização de eventos, tornando-se motivos pelos quais o turista se sinta ainda mais atraído pelas paisagens. Os eventos fazem com que a paisagem se transforme diversas vezes ao ano e de formas distintas também ao longo dos anos, fazendo com que o turista se surpreenda a cada vez que retornar. Os eventos se colocariam como novas roupagens para uma mesma paisagem.

### **2.1.3. A construção de políticas públicas como forma de alavancar a produção da paisagem turística nas cidades de Minas Gerais**

De forma contextual, é importante sistematizar os eventos ocorridos para o fortalecimento das atividades turísticas, sobretudo, em cidades de pequeno porte demográfico<sup>26</sup>. Para tanto, é importante o levantamento e análise dos projetos e políticas efetivados ao longo dos anos.

A contextualização se inicia, sobretudo, a partir da década de 1990, quando ocorre a criação da Secretaria de Turismo do Estado de Minas Gerais – SETUR, tendo como finalidade auxiliar no desenvolvimento turístico do Estado e considerada a primeira secretaria a lidar tão somente com o turismo (Sette, 2017). Dada à constituição da SETUR, iniciou-se o processo de regionalização do turismo, tendo destaque a implementação dos Circuitos Turísticos nos anos 2000.

A década de 1990 também é marcada pela reestruturação da Embratur (Lei n.8181/1991) tornando-a uma autarquia e concedendo a atribuição de formular, coordenar e executar a política nacional de turismo, assim como, pela criação do Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT) em 1994; do Ministério

---

<sup>26</sup> Em particular neste trabalho, considera-se a classificação do IBGE (2000) que define uma cidade a partir do seu critério demográfico, e para tanto, considera-se uma cidade pequena àquela que possui até cem mil habitantes. Não é o foco deste capítulo a discussão conceitual a respeito da classificação e categorização das cidades (pequena, média, grande), sendo direcionado à discussão acerca da apropriação dos espaços por meio das atividades turísticas.

do Turismo, em 2003, chegando ao Programa de Regionalização do Turismo (PRT), em 2004 (Araújo; Taschner, 2012).

O Programa de Regionalização do Turismo se configurou como uma política de desenvolvimento da atividade turística de forma regionalizada, adotando o conceito de região turística como uma referência espacial, na qual estariam alocados os produtos turísticos (Brasil, 2007). O programa destacava também que

[...] a integração de municípios em uma região turística seria a melhor forma de incluir no processo de desenvolvimento os municípios que sempre ficaram à margem da implementação de políticas públicas. Por meio do desenvolvimento regional, esses municípios poderiam se beneficiar, de alguma forma, da atividade turística (Brasil, 2007, p. 19).

A estrutura de gestão da política estava sistematizada nas seguintes instancias:

- **Nacional** – Ministério do Turismo, apoiado pelo Conselho Nacional de Turismo;
- **Estadual** – Órgão Oficial de Turismo da Unidade da Federação, apoiado pelo Fórum Estadual de Turismo;
- **Regional** – Instância de Governança Regional apoiada pelo Órgão Oficial de Turismo da UF e pelo Fórum Estadual de Turismo;
- **Local** – Órgão Municipal de Turismo, apoiado pelo Colegiado Local;

No âmbito do Local, era de responsabilidade do município a mobilização do debate e indicação de novos locais atrativos para compor a região, assim como, participar da formulação de estratégias locais e planejar/executar ações locais e integradas às regionais (Brasil, 2007).

A pauta de discussão da regionalização do turismo no Brasil vai refletir em outras políticas de desenvolvimento da atividade no país, sobretudo, no estado de Minas Gerais, por meio da certificação de diversos Circuitos Turísticos. A criação de tal política foi impulsionada pelo Programa Nacional de Municipalização do Turismo – PNMT, que tinha como objetivo o fortalecimento do turismo como uma atividade marcada pela valorização da cultura e geração de renda, discutindo o papel dos poderes municipais neste processo (Araújo; Oliveira, 2018).

A regulamentação dos Circuitos Turísticos ocorre em 2003 por meio do Decreto Estadual 43.321/2003 que

Art. 1 – Considerar-se-á Circuito Turístico, o conjunto de municípios de uma mesma região, com afinidades culturais, sociais e econômicas que se unem para organizar e desenvolver a atividade turística regional de forma sustentável, através da integração contínua dos municípios, consolidando uma atividade regional.

O decreto complementa ainda que é de responsabilidade da Setur-MG definir, por intermédio de resolução, os critérios para o reconhecimento e expedição do Certificado de Reconhecimento aos Circuitos Turísticos<sup>27</sup>. A possibilidade de valorização do turismo local, por intermédio dos circuitos, era visto pela SETUR como uma oportunidade de desenvolvimento das comunidades, dinamizando o papel dos municípios e da sociedade civil.

Para Araújo e Oliveira (2018), os Circuitos Turísticos seriam o início da descentralização das políticas de turismo, assemelhando-se com o panorama visto na França, com a formatação de roteiros turísticos dos destinos regionais. Esta descentralização estava ancorada, no caso do Brasil, na Constituição Federal de 1988 ao instituir um novo marco político-institucional inserindo a descentralização como um de seus componentes.

No âmbito dos circuitos turísticos, a cada ano os municípios podem decidir pela sua permanência ou não, fazendo com que haja uma rotatividade de municípios no interior dos circuitos, contribuindo para a descontinuidade de ações e problemas no planejamento a médio e longo prazo. Uma das grandes dificuldades também encontradas pelos municípios era o fomento para subsidiar o circuito, fazendo com que alguns circuitos existissem de forma representativa apenas. Dado

---

<sup>27</sup> Na maioria das vezes os circuitos eram nomeados de acordo com os principais atrativos turísticos que possuíam em seu território, tal como o Circuito Turístico das Grutas, Circuito Turístico do Ouro, Circuito Turístico Serra do Cipó, Circuito Turístico Trilhas dos Inconfidentes (estando o município de Tiradentes incluído neste circuito) e outros. Para a criação do circuito era necessário a sua constituição por, no mínimo, cinco municípios, e a maioria deveria estar localizado no estado de Minas Gerais. A SETUR também recomendava que os circuitos tivessem uma extensão de até 100 quilômetros, com o intuito de facilitar a visita e deslocamento dos turistas aos municípios menores e viabilizando o seu retorno aos municípios maiores, no mesmo dia, para pernoite (Araújo; Oliveira, 2018).

este contexto, é lançado, em 2010 pelo Governo Federal, o ICMS Turístico<sup>28</sup> com o objetivo de auxiliar o desenvolvimento das atividades turísticas nos circuitos (Franklin; Stephan; Reis, 2021).

Por se tratar de políticas voltadas ao desenvolvimento do turismo no estado de Minas Gerais, não poderia deixar de mencionar a instituição da Estrada Real como um produto turístico. Santos e Pereira (2020) destacam o marketing vinculado ao roteiro Estrada Real, assim como a visibilidade conquistada pelos municípios mediante a inserção no roteiro regional, fazendo com que muitos deles passassem a ser projetados nacionalmente e internacionalmente.

A história da Estrada Real tem início em meados do século XVII a partir da oficialização, por parte da Coroa Portuguesa, dos caminhos para o transporte de ouro e diamantes de Minas Gerais com destino ao porto do Rio de Janeiro. Atualmente, a Estrada Real se apresenta como um dos maiores projetos turísticos do país, abrangendo 177 municípios e se estendendo por Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Ela também se configura como um eixo histórico-cultural, reunindo um acervo importante para o desenvolvimento do turismo religioso, histórico, gastronômico e ecoturismo (Scheffel, 2021).

O Programa Estrada Real<sup>29</sup> foi lançado em 2003 estando ancorado com o Plano Nacional de Turismo – elaborado em 2003 – e também com as políticas do Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil – lançado em 2004, ficando a cargo da Federação das Indústrias do Brasil – FIEMG a fundação do Instituto Estrada Real – IER. A Estrada Real abrange uma extensão de 1630 km<sup>2</sup> e para tanto o percurso conta com quatro caminhos (roteiros) diferentes, sendo eles: Caminho dos Diamantes, Caminho Velho, Caminho Novo e Caminho do Sabarabuçu.

Tanto o Programa Estrada Real quanto os Circuitos Turísticos trabalham com a ideia da criação de roteiros turísticos. O próprio Ministério do Turismo, com a promulgação de Regionalização Turística, propõe a roteirização turística, entendendo-a como

---

<sup>28</sup> Do total de ICMS arrecadado pelo governo mineiro, 25% são repassados ao município, dos quais 0,1% do valor são aplicados de forma exclusiva ao turismo.

<sup>29</sup> O Programa Estrada Real está amparado pela Lei Estadual de nº 13.173/99, que dispõe sobre o Programa de Incentivo ao Desenvolvimento do Potencial Turístico da Estrada Real.

[...] uma forma de organizar e integrar a oferta turística do País, gerando produtos rentáveis e comercialmente viáveis. A roteirização é voltada para a construção de parcerias e promove a integração, o comprometimento, o adensamento de negócios, o resgate e a preservação dos valores socioculturais e ambientais da região (Brasil, 2007, p. 26).

Deste modo, o roteiro turístico se colocaria como algo mais flexível, não estando atrelado a uma sequência fixa de visitação, possibilitando ao turista começar a visitação em qualquer um dos destinos. Um mesmo roteiro pode se estender por ou mais regiões, sendo eminentemente temático (Brasil, 2007).

## **2.2. A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA DO EXTRAORDINÁRIO E A NARRATIVA DO COTIDIANO: O OLHAR DO TURISTA X O OLHAR DO MORADOR**

### **2.2.1. Narrativas urbanas: a cidade sendo contada e “recontada”**

A palavra narrativa pode ser definida como uma ação, efeito ou simplesmente um processo de narrar, relatar, expor um fato ou um acontecimento, uma situação, seja ela real ou imaginária, por intermédio de palavras ou imagens. Derivada do verbo narrar, que nas palavras de Motta (2013, p. 71) se apresenta como um ato de “[...] relatar eventos de interesse humano enunciados em um suceder temporal encaminhado a um desfecho [...] narrar é, portanto, relatar processos de mudança, processos de alteração e de sucessão inter-relacionados.”.

Neste contexto, a narrativa se apresenta como algo a ordenar “[...] os acontecimentos em perspectiva, une pontos, ordena antecedentes e consequentes, relaciona coisas, cria o passado, o presente e o futuro, encaixa significados parciais em sucessões temporais, explicações e significações estáveis.” (Motta, 2013, p. 71).

Ao falar de narrativas é considerável destacar o caráter comunicativo que as mesmas apresentam, carregando em sua estrutura representações e significados variáveis de acordo com aqueles que as constroem. Logo, as falas presentes nas narrativas por hora se divergem e em outros momentos convergem-se a depender do local em que os narradores ocupam no espaço.

Neste contexto, é oportuno o uso do termo narrativa urbana, como uma forma de caracterizar um conjunto de relatos e formas de expressão por parte daqueles que habitam a cidade ou a consomem em tempos esporádicos e limitados. As cidades podem ser consideradas como espaços narráveis, tendo em vista a sua capacidade de ambientar as vivências humanas e constituindo memórias (Lordello, 2015). Neste âmbito, as cidades passam a ser apresentadas e projetadas por aqueles que as observam e a experienciam, alcançando por meio da *internet* projeções antes inimagináveis.

Para Massoni et al (2017), ao caminhar pela cidade, o observador cria uma experiência que incidirá na construção das concepções e ações sobre o lugar, fazendo com que a cidade seja apreendida por intermédio dos afetos e atribuição de valores concedidos aos elementos formadores da paisagem urbana. Assim, é possível vislumbrar o caráter de subjetividade que pode incidir sobre a narrativa construída, a depender do observador, suas experiências e percepções acerca do espaço.

Logo, as narrativas se colocariam como representações, uma vez que são “[...] construídas e divulgadas sempre influenciadas por intencionalidades, apresentando-se como versões dos fatos.” (Massoni et al., 2017, p. 147). As informações contidas nestes relatos revelam uma forma de se viver, usufruir e perceber a cidade, ativando elementos na construção de sua memória.

Lynch (1997) revela em sua obra que cada indivíduo possui múltiplas associações com determinadas parcelas de sua cidade, colaborando para a construção de uma imagem cercada por lembranças e significados. Logo, a narrativa construída e divulgada, em certa medida, estaria refletindo a percepção do sujeito acerca do espaço, erigida, muitas das vezes, pela imaginabilidade urbana<sup>30</sup>.

Segundo Cunha (2021, p. 19) “ao narrar a cena urbana e desenhar múltiplas possibilidades de informação, os sujeitos definem estratégias de circulação, de calendário, de horário, de vestuário, mas também de comunicação.”.

---

<sup>30</sup> Lynch (1997, p. 11) define o conceito de imaginabilidade como uma “[...] característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado [...]” sendo “[...] aquela forma, cor ou disposição que facilita a criação de imagens mentais claramente identificadas”.

Dessa maneira, a narrativa encontra um sujeito ativo, àquele responsável pela produção de um conteúdo que, “[...] na condição de metáforas tomadas de empréstimo do mundo literário, expressam discursos instituídos sobre a cidade, originados de diferentes fontes.” (Barreira, 2012, p. 38).

A narrativa passa a construir uma memória de um tempo vivido, assim como dos sentimentos no que se refere à relação com os espaços urbanos, somando-se às narrativas já existentes. Neste contexto, é salutar destacar que a narração perpassa a percepção do sujeito perante os espaços urbanos, individualizando-a, mas, ao mesmo tempo, torna pública as vivências materializadas no mesmo (CUNHA, 2021).

Estas narrativas e, por consequência, a construção de um imaginário relativo à cidade, se configuram mediante informações, descrições fornecidas, sobretudo pelos turistas ao compartilharem comentários textuais, opiniões e fotografias dos espaços visitados. Dessa maneira, tais narrativas colaborariam para a formação do imaginário acerca da cidade, que nas palavras de Gastal (2005, p. 13) seria marcado pelos “[...] sentimentos construídos em relação a locais e objetos [...]”. A autora chega a exemplificar que tais sentimentos, alimentados por vezes pelas redes de informações diversas, tendem a influenciar o olhar do observador para a criação de estereótipos, tais como "lugar romântico", “perigoso”, “bonito”, “sujo”.

A origem das narrativas está muito ligada à contação de histórias<sup>31</sup>, expressando os modos de compartilhamento das informações e o espírito da época, desde as narrativas orais, compartilhadas a pequenos ou grandes grupos, até a escrita e seu compartilhamento pela imprensa. No âmbito destas transformações está o advento das cibernarrativas (Leão, 2004), se caracterizando pela construção e difusão de narrativas no ciberespaço.

Em suas obras, Lévy (1996; 1999) levanta a discussão acerca do ciberespaço e o virtual e destaca as possibilidades apresentadas pela tecnologia em setores distintos e as mudanças de comportamento decorrentes, perante as

---

<sup>31</sup> Leão (2004) aborda a narrativa sob o ponto de vista da contação de histórias, se apresentando em diferentes vieses, tais como o teatro, o jornal, o folhetim, a história em quadrinhos, a fotonovela, o cinema, o rádio e a televisão.

facilidades no acesso e compartilhamento de informações desencadeadas pela tecnologia computacional.

O conceito de ciberespaço é definido pelo autor como “[...] o espaço de comunicação aberto pela interconexão dos computadores e das memórias dos computadores” (Lévy, 1999, p. 92). E destaca a possibilidade de codificação digital nestes espaços, afinal “[...] ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertexto, interativo, e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço” (Lévy, 1999, p. 92-93). Tais considerações levam a crer o ciberespaço como um espaço de troca de informações, de dados e interação possibilitados pelo computador.

Desse modo, a realidade virtual se caracterizaria como um ambiente digital gerido por um computador, viabilizando uma experiência interativa, similar a um ambiente real, “[...] considerando o real como uma experiência física e tridimensional.” (Paula; Faria, 2021, p. ). Tal discussão remete ao conceito de virtualidade, que nas palavras de Martino (2014, p. 12) “[...] existem de maneira independente de ambientes físicos, podendo se desenvolver livres, a princípio, de qualquer barreira desse tipo.”.

Lévy (1996) valida tal argumentação entendendo que o virtual é marcado pela desterritorialização, não havendo, necessariamente, um espaço geográfico para a sua realização. À vista disso, entende-se que

Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam, ‘não-presentes’, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário (Lévy, 1996, p. 21).

É neste contexto que se inserem as narrativas no espaço virtual, ou mais precisamente nas mídias sociais. Mesmo não havendo um ambiente físico no qual as narrativas possam se colocar, sua construção e compartilhamento se viabilizam no ciberespaço, afinal “os sistemas de realidade virtual transmitem mais que imagens: uma quase presença” (LÉVY, 1996, p. 21). O espaço, as paisagens passam a ser contemplados, e imaginados, por intermédio dos dados textuais e imagéticos dispostos na rede, favorecendo ao que Leão (2004) entende por cibernarrativas.

No âmbito desta discussão, Ferrari (2015) aborda a construção de narrativas construídas nas plataformas de mídias sociais e as vê como uma construção coletiva intermediada por plataformas interativas, fazendo com que o sujeito saísse de um estado passivo para tornar-se participativo e ativo na produção e compartilhamento de dados. Tal contexto leva a crer na construção de uma narrativa digital, movente e plural, conforme alega a autora.

Em se tratando dos espaços urbanos, a construção da narrativa se dá mediante um espaço habitado, percorrido, apropriado, mesmo que de forma temporária. As características que emergem descrevem uma cidade entendida sob um viés da subjetividade, mas que em conjunto, a depender do volume de informações, resulta num consenso, quase um padrão de interpretação e compartilhamento, ou seja, numa narrativa em congruência.

Dessa maneira, a depender das informações e características narradas nas mídias sociais, é possível a materialização, no campo da narrativa, de “cidades distintas” no interior de um mesmo perímetro urbano, fazendo com que seja estabelecido um consenso ou uma dicotomia entre a cidade vivida e a cidade narrada, sobretudo diante da ampliação das facilidades tecnológicas de comunicação. Sendo assim, a inter-relação entre cidade vivida e cidade narrada se apresenta como “[...] territórios vivenciados, territórios imaginados que se relacionam diretamente com os territórios narrados.” (Cunha, 2021, p. 23).

Cunha (2021, p. 25) aborda a possibilidade da existência de múltiplas cidades dentro de um mesmo território a partir da definição dos conceitos de cidade vivida, que por vezes também aparece de forma similar à cidade real e a cidade narrada. Sua discussão está ancorada na forma como as pessoas projetaram cenas urbanas no *Instagram* durante o isolamento social em decorrência da Covid 19. Em sua fala é evidenciado que, num primeiro momento, as imagens contidas na plataforma “[...] leva a pensar que a narração das cidades é também uma narração de si mesmo, do sujeito e de sua presença naquele lugar.”. Para a autora, os indivíduos narram a imagem que os cercam, o ambiente em si, mas projetam também ali suas memórias, suas expectativas, assim como o desejo em estarem nestes lugares.

Tal prerrogativa, mais uma vez, se esbarra nas convicções colocadas tanto por Lynch (1997) quanto por Tuan (1980) de que a percepção que o sujeito tem do

lugar varia em função de uma série de atributos, sobretudo particulares. Tais questões podem revelar o âmbito da cidade vivida. No entanto, ao serem projetadas, estas percepções, que aqui em particular são tomadas como narrativas, passam a compor a construção de um repertório acerca da cidade, que por vezes, podem contribuir para comprovar/alimentar ou refutar uma identidade construída, especialmente no campo virtual. Fazendo com que seja mantida a existência de uma cidade que só se apresenta na dimensão virtual, imaginada (Cunha, 2021), ancoradas na história particular daquele lugar ou reinventadas mediante a intervenção de atores ou processos específicos. Tais narrativas, aos poucos, vão sendo incorporadas tanto pelos poderes locais quanto pela população local e turistas.

Em se tratando de cidades turísticas, o fato dos turistas contribuírem para a construção de narrativas e o compartilhamento das mesmas, principalmente por meio das mídias sociais, podem contribuir para a construção de uma cidade que se manifesta apenas na dimensão virtual. Adiante será discutida a forma como o turista tende a se relacionar com o espaço, mas por ora, adianta-se que o mesmo tende a buscar por espaços “diferentes”, “inusitados”, que revelem algo extraordinário e esteja fora daquilo que é rotina, habitual (Urry, 2001).

Barreira (2012) discute muito a respeito da construção de narrativas acerca das cidades, sobretudo àquelas ligadas às práticas de turismo, e, em um dado momento, evidencia que por vezes a cidade é revelada ao turista por meio de um circuito de apresentação do espaço urbano. Este circuito tende a evidenciar pontos específicos da cidade, enaltecendo determinados lugares em detrimento de outros e limitando a experiência em locais tidos como mais importantes e consagrados.

Logo, é possível inferir que “[...] na percepção de parte significativa dos visitantes, opiniões construídas sobre o espaço urbano, na realidade, constituem espécies de reiteração de pontos turísticos ou percepções já difundidas sobre ‘a história da cidade’”, fazendo com que seja materializada uma rede de discursos pautada em opiniões fomentadoras de motivações e estímulos para se conhecer a cidade (Barreira, 2012, p. 107). Desse modo, a narrativa construída e projetada pode, ou não, revelar apenas uma faceta da cidade.

### 2.2.2. O papel do turista como um propagador de imagens e narrativas urbanas turísticas

A escolha de lugares turísticos a serem visitados e a forma como os turistas se relacionam com os mesmos é pauta na obra de Urry (2001) ao analisar as condicionantes por detrás do olhar do turista e o seu comportamento no espaço. O autor enfatiza a necessidade de se refletir sobre os elementos que levam a produção de um olhar turístico diferenciado, e neste processo destaca que o lugar a ser visitado deve possuir, no mínimo, elementos que o distingue daquilo que se apresenta de forma convencional na vida cotidiana. À vista disso, considera-se que o turismo resulte “[...] de uma divisão binária básica entre o ordinário/cotidiano e o extraordinário.” (Urry, 2001, p. 28).

O turista, nas palavras de Gastal (2005, p. 12, *grifo da autora*), faz “[...] referência àquelas pessoas que *saem das suas rotinas espaciais e temporais* por um período de tempo determinado”. Neste contexto, a autora considera que tanto o deslocamento de indivíduos para além das fronteiras municipais, estaduais ou nacionais quanto o deslocamento de um bairro para o outro nas grandes cidades, podem ser consideradas atividades turísticas. Dessa maneira, o comum entre ambos deslocamentos, para além das fronteiras nacionais ou além das fronteiras do bairro de residência, estaria no “[...] estranhamento, no prazer e uma certa ansiedade diante do desconhecido e do novo”.

Urry (2001) também corrobora com a ideia apresentada por Gastal (2005), e complementa que quanto mais distante e diferente um local turístico se apresentar em relação ao local de trabalho/cotidiano do turista mais atraente se tornará ao olhar dos mesmos. Dessa forma,

[...] os objetos potenciais do olhar do turista precisam ser diferentes de algum modo. Precisam situar-se fora daquilo que é ordinário. As pessoas precisam vivenciar prazeres particularmente distintos, que envolvam diferentes sentidos, ou que se situem em uma escala diferente daquela com que se deparam em sua vida cotidiana. (Urry, 2001, p. 28).

A busca pelo “diferente” e “inusitado” tem influenciado a produção dos espaços turísticos, fazendo com que fora das grandes cidades diversos lugares exaltem a diferença mediante a redescoberta de estilos vernaculares e próprios do

lugar, assim como buscando nas tradições, cultura e história uma forma de diferenciação (Urry, 2001; Fagerlande, 2015).

Ampliando um pouco mais a escala de análise quanto ao papel do turista, cabe destacar que além de usufruir dos espaços criados para ele, o turista também pode se colocar como um grande propagador de imagens, textos e ícones paisagísticos, sobretudo por meio da popularização das mídias sociais, sendo capaz de influenciar os rumos do mercado de viagens e turismo (MACHADO, 2016).

De acordo com Machado, Medeiros e Silva (2017), a popularização das mídias sociais tem efetivado uma superexposição dos destinos turísticos em decorrência do compartilhamento progressivo de experiências de viagens entre os usuários, seja por meio de fotografias, comentários e avaliações *on line*. A figura do *smartphone* com câmera fotográfica e sua disseminação alavancou um fenômeno social marcado pelo aumento de cliques digitais e *selfies*, contribuindo na difusão de imagens e representações, sejam elas sociais e/ou simbólicas.

Em se tratando da relação entre as plataformas interativas e os turistas, os mesmos ao compartilharem suas experiências e imagens da cidade visitada também estariam contribuindo para a construção da imagem turística. O turista, nas palavras de Donaire e Gali (2011), mantém um papel proeminente na consolidação de destinos turísticos, atuando como legítimos construtores de imagens turísticas. Dessa forma, os turistas estariam incluídos em duas categorias, sendo elas: as de consumidores e de produtores de imagens, conforme adverte Gândara (2008).

As mídias sociais teriam um papel mediador e convergente no que se refere à construção de representações turísticas, ou seja, o turista se colocaria como um indivíduo ativo no processo de projeção de uma cidade e seus elementos, ao atribuir conotações qualitativas repletas de símbolos e signos em torno de uma atração. A sua percepção contribui para a construção de representações e narrativas, fazendo com que seja materializado também um imaginário acerca do lugar. Afinal, “de nada adianta estar em um lugar, seja ele qual for, e não poder contar que esteve ali [...] existir na cidade é também contar sobre ela.” (Cunha, 2021, p. 20).

As imagens passam a ser construídas por intermédio das fotografias e comentários textuais postados nas redes. Sendo assim, é possível aferir que as

fotografias, tais quais os comentários textuais, refletem uma maneira de o turista enxergar a cidade – a imagem percebida-, bem como a sua representação do espaço – imagem emitida (Gali; Donaire, 2015). Tais elementos passam a desempenhar um papel importante na criação de imagens e narrativas acerca dos espaços, contribuindo na formação de estereótipos e alimentando o imaginário no que se refere ao lugar (Donaire, Gali, Royo, 2015).

A imagem projetada/emitida se colocaria como aquela produzida pelos mais diversos setores do turismo além dos próprios turistas, refletindo uma percepção e/ou experiência desejada aos turistas. Já a imagem percebida, se colocaria como um resultado de uma construção mental/imaginada formada pelo indivíduo, resultado de sua exposição à imagem projetada e/ou experiência nos lugares. Há de se ressaltar que a imagem percebida leva em consideração diversos atributos pessoais, sociais e culturais do indivíduo, pois como bem pondera Urry (1990), cada turista experimenta e percebe o espaço de forma muito particular.

Em sua obra, Tuan (1980) analisa a percepção do ambiente físico a partir dos sentidos (olfato, visão, audição e paladar). A partir destas análises ele ressalta diversas questões, tais como a caracterização do homem como um ser visual, fazendo com que a visão se coloque como um dos sentidos mais importantes para a progressão humana. A partir do olhar, o homem capta informações mais precisas e detalhadas acerca do ambiente, se comparado à audição, porém, o poder de sensibilização em decorrência do que é ouvido é maior do que por aquilo que se vê, em muitos casos.

No que tange a percepção dos espaços, Tuan (1980, p. 4) classifica-a como uma “[...] resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados”. À vista disso, fazendo uma análise mais circunscrita à figura do turista em sua avaliação do espaço turístico, fruto de sua percepção mais direta, ele, como visitante, apresenta uma avaliação essencialmente estética, se colocando como a visão de um estranho, julgando pela aparência mediante algum critério formalizado de beleza (Tuan, 1980).

Os espaços turísticos se apresentam sob o viés da objetividade e subjetividade, fazendo com que os lugares exerçam uma atração nos turistas devido à presença de diversos equipamentos infraestruturais, que proporcionem

uma boa experiência e estadia e/ou em função de condicionantes psíquicas, que envolvam questões intangíveis, que perpassam por sentimentos, sensações, memórias. Todas essas questões, em conjunto, contribuem para a constituição de imagens turísticas, resultado de processos perceptivos que se diferem de observador para observador.

Independente dos deslocamentos efetivados, a presença de imagens e imaginários se materializa no cotidiano dos turistas. A imagem acaba se formando à medida que os turistas, antes de se deslocarem para o novo lugar, já terão tido um contato prévio com o mesmo, visualmente falando, por meio de fotos em jornais e revistas, da TV, de páginas de internet e das mídias sociais. Já o imaginário se reafirma a partir dos sentimentos construídos em relação aos lugares, levando a caracterização de tais como “romântico”, “bonito”, “perigoso” (Gastal, 2005).

Machado (2016) também corrobora com esta ideia, ao inferir que as mídias sociais fazem com que a experiência do indivíduo na cidade seja antecipada, podendo visualizar imagens, atrativos, relatos de experiências. Dessa maneira, é como se o turista “criasse” uma imagem inicial da cidade e sua ida *in loco* irá confirmar ou refutar tal concepção. Mas, além disso, a imagem pré-concebida tende a influenciar a forma como o turista irá percorrer e se apropriar, mesmo que de forma temporária, daquele espaço, fazendo com que, por vezes, o seu olhar tenha um viés particular.

O desejo do turista por estar e conhecer um dado lugar é alimentado a partir das excentricidades daquele espaço. Isso pode, em certa maneira, explicar o porquê de os turistas buscarem por algo que seja diferente de seu cotidiano, fazendo com que o turismo resulte “[...] de uma divisão binária básica entre o ordinário/cotidiano e o extraordinário” (Urry, 2001, p. 28). Quanto mais distante e diferente um local turístico se apresentar em relação ao local de trabalho/cotidiano dos turistas, mais atraente se tornará ao olhar dos mesmos (Urry, 2001).

Isso explica, em certa medida, a reestruturação de diversos espaços turísticos, de modo a criar verdadeiros cenários, distantes da realidade da população local e de seus espaços mais periféricos. O espaço a receber os turistas não pode “decepcionar” àquele olhar já enviesado pelas imagens compartilhadas, viabilizando assim a busca por artifícios que façam com que a realidade se esconda por detrás dos caminhos e roteiros pré-estabelecidos.

### **2.2.3. Cotidiano, identidade e paisagem: a cidade vivida e narrada pelo morador**

Os estudos envolvendo cidades turísticas não podem se abster da observação e análise das atividades da população que habita as cidades, seja de forma permanente ou temporária. A ideia de que o turismo se apresenta como uma atividade que inclui não somente os turistas mas também os moradores da cidade - muitas vezes comercializando produtos ou prestando serviços - faz com que haja uma ampliação da atividade, revelando o poder de alcance de mais pessoas (Fagerlande, 2015).

A relação entre turistas e moradores e a forma estes usufruem, ou não, dos espaços turísticos em sua cidade chegando até mesmo ao impacto que tais atividades exercem no cotidiano dos moradores já foi pauta de alguns trabalhos. Um deles é o trabalho de Machado e Alves (2013) ao identificar as percepções dos moradores da cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, diante da conversão da sua cidade como produto turístico. Em seus resultados as autoras constataram haver, dentre a maioria dos moradores entrevistados, uma boa aceitação dos turistas na cidade, no entanto, ainda assim, foi possível notar um conflito sutil pela competição do espaço.

Já o trabalho de Carvalho e Simões (2011) buscou analisar os possíveis reflexos das políticas de preservação e da atividade turística no cotidiano dos moradores do bairro Praia Grande, em Maranhão. Ao remeterem ao contexto socioespacial, a refuncionalização do bairro Praia Grande, como um componente de atratividade turística, conduziu à formação de novas relações entre a comunidade e os bens patrimoniais, fazendo com que novas territorialidades fossem produzidas e interfiram, em maior ou menor grau, no cotidiano particular.

Com um objeto espacial destoante dos trabalhos anteriores, mas que complementa as análises, tem-se os resultados obtidos por Bispo (2011), que objetivou analisar as falas e os relatos dos moradores da comunidade Santa Marta

a respeito do programa Rio *Top Tour*<sup>32</sup>. Mediante os relatos, a autora vai descrevendo como o programa foi transformando o cotidiano dos moradores e revela falas convergentes e divergentes, a depender do local em que os moradores ocupam no espaço. Em algumas falas tem-se a percepção do estranhamento do morador perante a presença do turista, ao “invadir” diariamente a sua privacidade com câmeras fotográficas, filmagens. Mas de outro, tem-se aqueles que veem na atividade uma forma de angariar uma renda extra, seja por meio de passeios guiados, quanto à venda e comercialização de produtos.

Em suas pesquisas, Fagerlande (2015) estudou o processo de construção da imagem das cidades turísticas de Penedo, Gramado e Holambra, relacionando-o a atuação de agentes distintos, tais como empreendedores locais, governo e a comunidade. Foi constatado uma participação ativa e determinante da comunidade de Penedo nas atividades turísticas e na construção da imagem finlandesa. Um dos objetivos do autor foi justamente discutir como o turismo, como uma atividade transformadora, pode estabelecer uma relação com as sociedades locais e desencadear processos de reinvenção das cidades, de suas economias e culturas, de forma positiva.

De uma maneira geral, os estudos destacados ressaltam o uso e a ocupação da cidade, sobretudo turísticas, por dois sujeitos distintos, sejam eles o morador e o turista, e os mecanismos/alternativas que os moradores encontram para inserirem-se nesta atividade, sejam como consumidores quanto fornecedores de mão de obra e serviços. Em termos de uso e apropriação do espaço, nas palavras de Tuan (1980), ao interagirem com o espaço, o turista e o morador local focalizam aspectos distintos. De uma maneira geral, o turista se relaciona com o lugar por uma questão visual, e normalmente

[...] sua percepção frequentemente se reduz a usar seus olhos para compor quadros [...] a avaliação do meio ambiente pelo visitante é essencialmente estética. É a visão de um estranho. O estranho julga pela aparência, por algum critério formal de beleza. É preciso um esforço especial para provocar empatia em relação às vidas e valores dos habitantes (Tuan, 1980, p. 72).

---

<sup>32</sup> O Rio Top Tour se caracterizou por um convênio assinado em 2010 pelo Ministério do Turismo e a Secretaria de Estado do Turismo, Esporte e Lazer do Rio de Janeiro, tendo como objetivo promover atividades turísticas nas favelas. Uma das primeiras a ser contemplada pelo projeto foi a Comunidade Santa Marta.

É claro que o julgamento do turista não pode ser desconsiderado, se colocando, em muitos casos, válido por contribuir com uma perspectiva nova, sendo capaz de perceber os méritos e falhas de um dado espaço que já passam despercebidas pelos moradores locais. Já o nativo, expressão usada por Tuan (1980, p. 72), mas que pode ser associada à figura do morador local, apresenta uma atitude complexa resultante de sua “[...] imersão na totalidade de seu meio ambiente.”.

### **2.3. A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA VIRTUAL: PRESSUPOSTOS ANCORADOS NA SOCIAL MEDIA MINING E DATA SCIENCE**

Os estudos envolvendo a *social media mining* estão ancorados no campo da Ciência de Dados (*Data Science*) e de forma mais específica nos conceitos de *data mining*<sup>33</sup> e *text mining*, se colocando como uma forma de representação de métodos de extração, análise e reconhecimento de padrões de mídias sociais<sup>34</sup> (Zafarani; Abbasi; Liu, 2014). Tais técnicas consistem em um processo analítico destinado a explorar grandes volumes de dados, com o objetivo de identificar padrões consistentes e/ou relacionamentos sistemáticos entre variáveis.

O conceito de *data mining*, ou mineração de dados, surgiu como uma área de pesquisa e aplicação em meados da década de 1990, no entanto, as suas origens na matemática, computação e estatística são bem anteriores a este período. Sua visibilidade também aumentou nos últimos anos em decorrência da popularização do termo *Big Data*, onde a mineração de dados se apresenta como

---

<sup>33</sup> Trata-se de um processo no qual uma grande quantidade de dados é explorada à procura de padrões consistentes, sendo formada por um conjunto de ferramentas e técnicas mediadas por um algoritmo de aprendizagem ou classificação. O algoritmo é capaz de explorar um conjunto de dados, auxiliando na extração e identificação de padrões nos dados e conseqüentemente na descoberta de conhecimento. A coleta e análise dos dados ocorrem por meio da utilização de técnicas de inteligência artificial, aprendizado de máquina e estatística.

<sup>34</sup> As mídias sociais são caracterizadas como canais de relacionamento na internet, apresentando diferentes possibilidades de interação e compartilhamento de conteúdos.

elemento central, responsável pela parte analítica (*data analytics*), ou seja, pela preparação e análise de grandes volumes de dados (Castro; Ferrari, 2016). Neste contexto, Barbier e Liu (2011) classificam a mineração de dados como uma forma de identificação de padrões novos e acionáveis nos dados.

De forma contextual, os próprios profissionais que atuam na área receberam um novo nome, sendo denominados como analista de dados (*data analysts*) ou cientista de dados (*data scientists*). Tais profissionais têm sido muito requisitados, sobretudo num contexto onde o volume de dados cresce de forma exponencial, chegando-se a produzir, em curtos períodos de tempo, mais dados se comparado ao volume produzido em séculos de história, conforme apontam Castro e Ferrari (2016).

Para Davidowitz (2018), os dados coletados diretamente da web se caracterizariam pelo formato de textos – palavras – e imagéticos – fotos. Dessa maneira, deduz-se que as fotografias, imagens e textos se apresentariam como representações, atribuindo-se um olhar sobre o objeto.

No tocante à ciência de dados, torna-se necessário a compreensão da matéria prima essencial ao estudo, sendo: o dado, a informação e o conhecimento (Amaral, 2016). Dessa maneira, Amaral (2016, p. 3) adverte que “os dados são os fatos coletados e normalmente armazenados” já a informação “[...] é o dado analisado e com algum sentido” e por fim, “o conhecimento é a informação interpretada, entendida e aplicada para um fim.”.

Corroboram com esta ideia Castro e Ferrari (2016, p. 4) ao mencionarem que

Os dados são símbolos ou signos não estruturados, sem significado, como valores em uma tabela, e a informação está contida nas descrições, agregando significado e utilidade aos dados [...] por fim, o conhecimento é algo que permite uma tomada de decisão para a agregação de valor [...].

Os autores estabelecem a diferença entre dados, informação e conhecimento, onde o dado, por si só, não apresenta significado, é preciso utilizar ferramentas específicas (algoritmos) para se obter a informação necessária e por conseguinte, mediante interpretação, o conhecimento. O dado, ao ser considerado

como algo sem significado, se traduz no que se denominam como dados não estruturados.

Em sua obra, Amaral (2016, p. 33) caracteriza os dados não estruturados<sup>35</sup> como àqueles “[...] que não possuem qualquer tipo de estrutura definida [...] não possui sequer qualquer tipo de metadado, e mesmo quando possuem, estes metadados não são de muita ajuda para um processo de análise.”. Exemplos de dados não estruturados podem ser vistos por meio de documentos em geral, páginas de internet, postagens em redes sociais, e-mails, não se remetendo apenas a dados textuais, mas podendo ser composto por imagens, vídeos, arquivos de áudio.

O papel da mineração de dados então é extrair destes dados, que a partir de uma primeira leitura não apresentam co-relações ou padrões, informações e conhecimentos úteis e destinados a aplicações diversas. A premissa de um *data mining*, uma vez definido o problema assim como os dados e a ferramenta de análise, baseia-se na pesquisa e identificação de informações relacionais, padrões de análise, viabilizando a descoberta por meio do conhecimento (Caldas; Silva, 2016).

No campo das mídias sociais, os dados textuais, imagéticos e de áudio têm despertado o interesse de diferentes pesquisadores, sobretudo pela possibilidade de coleta automática de um grande volume de dados viabilizado por diferentes *softwares*. Os dados obtidos na *web* são considerados, muitas das vezes, como verdadeiros vestígios de atividades e narrativas disponíveis em tempo real. Para Barbier e Liu (2011) a aplicação de mineração de dados em mídias sociais pode resultar em perspectivas notáveis referentes ao comportamento humano e as opiniões que as pessoas possuem sobre um determinado assunto.

A mídia social, nos dizeres de Barbier e Liu (2011), tem permitido a produção massiva de dados interativos e de forma livre. Trazendo consigo, normalmente, informações espaciais (dados geolocalizados, tais como locais ou nomes de lugares), informações textuais e semânticas, tais como descrições de

---

<sup>35</sup> O oposto ao dado não estruturado seria o dado estruturado, classificado por Amaral (2016, p. 33) “[...] como que possuem uma estrutura rígida, normalmente organizados em linhas e colunas” se mostrando como exemplos dados pertencentes à planilhas eletrônicas e tabelas em banco de dados.

textos, seja ele avaliativo ou descritivo acerca de um lugar, sentimentos dos usuários e fotografias (Liu; Yuan; Zhang, 2020).

Os dados digitais, produzidos em massa mediante dispositivos e tecnologias presentes nas cidades e nos *smartphones*, que diariamente acompanham os indivíduos, podem ser apresentar como um potencial banco de dados a ser desvendado, abrindo possibilidades para novas formas de compreensão de dinâmicas urbanas, em tempo real ou não, do mesmo modo que um conhecimento, mais minucioso, de comportamentos individuais e coletivos.

O uso de dados virtuais em pesquisas, sobretudo pesquisas de ciências sociais aplicadas, tem se mostrado como algo inicial, todavia tem revelado novas e promissoras possibilidades. Os novos caminhos colocados a partir desta perspectiva se direcionam a responder determinadas questões tradicionais perante um novo ponto de vista, em virtude da maior resolução espacial e temporal dos dados, e também pelas possibilidades de reformulação de perguntas, até então respondidas por intermédio de fontes tradicionais (Puebla; Palomares; Olmedo, 2016).

Em se tratando do uso de dados de mídias sociais em estudos urbanos, é possível mencionar os estudos envolvendo a análise de sentimento, o reconhecimento de padrões de uso e ocupação do solo e avaliações/percepções acerca da paisagem urbana. Para Sim, Miller e Swarup (2020) as mídias sociais apresentam vantagens se comparada aos métodos de coleta de dados tradicionais<sup>36</sup>, tendo se tornado muito comum em vários campos de pesquisas nos últimos dez anos. No entanto, seu uso no planejamento urbano e estudos urbanos de uma maneira geral ainda se mostra pequena.

Os dados contidos nas mídias podem auxiliar planejadores urbanos a analisar a forma como as pessoas interagem com a paisagem e os lugares, tal como o trabalho de Sim, Miller e Swarup (2020), que tiveram como objetivo investigar a percepção e a forma como as pessoas interagem com dois populares parques elevados, o *High Line* em Nova York e o 606 em Chicago, por meio dos dados contidos no *Twitter*. Por intermédio da análise de sentimentos e análise de

---

<sup>36</sup> Entende-se como métodos tradicionais aqueles relacionados a: entrevistas, questionários, dados secundários de plataformas estatísticas.

frequência usando ao algoritmo Bag of Words<sup>37</sup>, os autores obtiveram dados que revelaram um padrão no uso e ocupação dos parques por parte dos usuários e uma classificação de sentimentos (bons, ruins ou neutros) em relação aos espaços.

Um trabalho semelhante também foi realizado por Chen et al (2017) ao utilizarem as técnicas de mineração de dados em mídias sociais para compreenderem os aspectos inerentes aos espaços de Andorra<sup>38</sup>, por meio dos comentários contidos na plataforma *TripAdvisor*. Os autores também defendem que, se comparado aos métodos tradicionais, os dados *on line* se apresentam como alternativa mais econômica, viabilizando o alcance de análises urbanas em pequenas escalas, médias e grandes escalas.

Os dados coletados pelos autores permitiram a identificação de padrões de uso, percepção e avaliação dos principais espaços turísticos do país, sendo utilizada a técnica de análise de sentimentos. O estudo proporcionou um mapeamento das informações levantadas de forma espacial, com a produção de mapas distintos, fornecendo insights baseados em dados que seriam difíceis de coletar por meio de metodologias tradicionais.

Ainda na escala dos estudos urbanos e a percepção/sentimento das pessoas acerca de um lugar, tem-se a obra Hollander et al (2016) que teve como objetivo identificar o sentimento das pessoas perante algumas áreas específicas da cidade, a partir dos dados contidos no *Twitter*, assim como projetos de gerenciamento em desastres e movimentações sísmicas também a partir de dados não estruturados.

Já o trabalho de Rykov (2016) propõe um estudo da cidade de São Petersburgo verificando qual o padrão de ocupação dos espaços na cidade e como isso estaria representado nas mídias sociais, mais especificamente no *Instagram*. A metodologia proposta relaciona padrões de reconhecimento semânticos com a localização dos usuários.

---

<sup>37</sup> Trata-se de uma técnica utilizada em processamento de linguagem natural visando à criação de ferramentas como detectores de *span* ou de sentimentos. Nesse modelo, um texto, tal como uma frase ou um documento, é representado de forma semelhante a uma bolsa de palavras, desconsiderando a gramática e até mesmo a ordem das palavras, mas mantendo a multiplicidade.

<sup>38</sup> Andorra é um pequeno país localizado entre a Espanha e França.

Somado a isto, têm-se os trabalhos de Severo (2019) nas ciências sociais, com o objetivo de utilizar dados abertos (web) em pesquisas que envolvam a construção do patrimônio cultural na web, bem como representações digitais de espaço e lugar por intermédio dos dados contidos no *Twitter*.

Numa escala mais voltada aos estudos de espaços urbanos turísticos, têm-se os trabalhos de Gali e Donaire (2015), Gali e Aulet (2019) e Donaire e Gali (2011), que tiveram como escopo o estudo da percepção da cidade turística por meio de fotografias digitais disponíveis nas mídias sociais. De forma semelhante, os trabalhos de Puebla (2018), Puebla, Palomares e Olmedo (2016) buscaram analisar questões pertinentes ao turismo e os padrões de uso e ocupação da cidade por parte dos turistas. E também as pesquisas de Encalada, Ferreira e Rocha (2017) que têm utilizado dados das mídias sociais para a análise do comportamento espacial dos turistas.

Já numa escala espacial, destaca-se o trabalho de Chua *et al* (2016), que procura correlacionar os dados das mídias sociais, tal como o *Twitter*, a questões espaciais, temporais e demográficas, e o trabalho de Kadar (2014) que objetiva analisar possíveis padrões de uso de espaços turísticos a partir de dados abertos, verificando a existência de diferenças comportamentais entre turistas e moradores locais.

Todos os trabalhos expostos anteriormente têm em comum a base de dados oriunda das mídias sociais, mas a depender da categoria de análise e dos desafios colocados à coleta de determinados dados, as plataformas tendem a diferenciar-se, passando pelo *Facebook*, *Twitter*, *TripAdvisor*. No entanto, todos eles buscam identificar padrões ocultos num primeiro momento, e que dificilmente seria possível identificar, principalmente em coletas manuais.

Além dos trabalhos envolvendo análise do comportamento e sentimentos, uso e ocupação do espaço e percepção urbana por intermédio das mídias sociais, outras abordagens mais veem surgindo no contexto do ciberespaço, sendo a participação popular em processos decisórios da cidade uma delas. As plataformas podem se colocar como canais de interação entre a gestão pública e o cidadão, incentivando a sua participação como sujeito ativo da cidade.

Neste contexto, Pimentel (2017) defende a ideia de uma gestão cibernética da cidade, envolta de dados disponíveis nas mídias sociais que poderiam auxiliar

a gestão na relação cidadão-prefeitura e também formas de comportamento e avaliação/percepção da cidade<sup>39</sup>. Sendo assim, considera a gestão cibernética da cidade a partir de três categorias: a reativa-passiva, a reativa e a proativa.

A primeira se caracteriza por uma gestão que reage a uma demanda espontânea do cidadão sem o intermédio de um canal digital para isso, diferente da segunda, onde, por meio de instrumentos institucionalizados de diálogo com a população, sobretudo incentivados pelas mídias sociais, as pessoas podem expressar o que pensam acerca de sua cidade, bairro, rua, enfim. E por fim, a terceira categoria, caracterizada pelo monitoramento e uso de sistemas inteligentes destinados a captação, seleção, categorização, análise e armazenamento das informações deixadas pelos cidadãos mediante dispositivos móveis digitais no espaço da cidade, na qual o autor denominou de rastros digitais.

À vista disso, como uma de suas conclusões na tese, Pimentel (2017) adverte que as informações obtidas por meio dos rastros digitais podem viabilizar uma profunda reinvenção política e social da cidade, posto que ao coletar sentimentos e expressões, praticamente em tempo real, é possível a construção de um banco de dados que corresponda a um legado de inteligência coletiva, seja para o planejamento quanto à gestão urbana.

Os rastros digitais se traduzem por meio de “curtidas, comentários, compartilhamentos, visualizações de vídeos, agendamento dos eventos mais próximos, mobilização política” fazendo como que o digital impacte “[...] na construção da vida social, com efeitos nos campos científicos interessados em seguir esses rastros e desvelar padrões sociais nele manifestos.” (GOMES, 2018, p. 221).

### **3. A CIDADE DE TIRADENTES: HISTÓRIA, TRANSFORMAÇÕES, POLÍTICA URBANA E PATRIMONIAL**

---

<sup>39</sup> Os dados nos quais são mencionados tanto pelo autor quanto pela pesquisa em andamento se remetem aos dados abertos. Considera-se como dados abertos àqueles que “[...] qualquer pessoa pode livremente acessá-los, utilizá-los, modificá-los e compartilhá-los para qualquer finalidade, estando sujeito a, no máximo, a exigências que visem preservar sua proveniência e sua abertura.” (BRASIL, 2022).

Este capítulo tem como propósito trazer um panorama histórico acerca da cidade, no entanto, pretende concentrar-se no processo histórico ocorrido pós escolha do sítio urbano de Tiradentes como um patrimônio cultural nacional, já no fim da década de 1930. O capítulo foca nos últimos 50 anos, período no qual a cidade vivenciou e continua a vivenciar, um intenso processo de transformações, seja em sua dinâmica urbana, econômica quanto social. Tal contextualização se mostra importante para o entendimento de como a atividade turística se realizou na cidade e as transformações decorrentes.

### **3.1. Contextualização histórica e espacial de Tiradentes: sua aspiração ao título de cidade patrimonial e turística**

A cidade de Tiradentes foi fundada no século XVIII em decorrência da descoberta, pelos paulistas, de jazidas auríferas nas encostas de uma serra, mais tarde batizada de São José. A cidade, principalmente o seu centro histórico, se caracteriza como um espaço remanescente do período colonial brasileiro, possuindo cerca de 7980 habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2019) e estando situada na Estrada Real, mais precisamente no Circuito Caminho dos Inconfidentes. A Estrada Real, construída em meados do século XVII, se caracteriza como a maior rota turística do país, se estendendo por mais de 1630 quilômetros e cruzando os estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

No que concerne a sua formação urbana, Tiradentes está muito atrelada ao processo de mineração de ouro na região de Minas Gerais, fazendo com que uma parte do seu desenho urbano e um número relativo de casarões e edificações religiosas tenha sua construção datada ainda no século XVIII. No entanto, com a escassez aurífera, foi desencadeado um processo de esvaziamento populacional muito significativo na cidade; aqueles que permaneceram, passaram a dedicar-se à agricultura.

Dessa maneira, Tiradentes entra no século XX em franca decadência, chegando a 1900 com 11 ruas e 5 praças e a população, que em tempos abastados alcançou mais de 4000 habitantes, se viu reduzida a apenas 1236 moradores em 1920 (Campos, 2006). Mas mesmo assim, nas primeiras décadas do século XX, a cidade conquistou melhorias significativas para a área urbana e seus habitantes, tais como, água canalizada em 1915 e a iluminação elétrica em 1923. O abastecimento de água ocorria por meio do chafariz e a iluminação pública era precária, composta por apenas 24 lâmpadas à querosene, instaladas no século XIX. Entre os anos de 1959 e 1963 o antigo calçamento de pé de moleque foi substituído por lajes de quartzito extraído da serra de São José (Santos Filho, 2011).

Com a decadência econômica, os bens culturais se viram em total abandono com pessoas demolindo casas e casarios em ruínas, amplamente desvalorizados, contudo, as características arquitetônicas permaneceram intactas. O esvaziamento da cidade, de certo modo, contribuiu para a preservação das características arquitetônicas do núcleo setecentista. Em meados de 1899/1900 a cidade possuía 194 casas muito arruinadas, sendo 19 delas sobrados (Santos Filho, 2011).

Muitos proprietários de casas mais antigas as demoliram para reutilizarem o material em novas residências, sobretudo em outras localidades, principalmente em São João Del Rey. A imagem que se tinha era de uma cidade morta e congelada no tempo, cujo passado colonial representava um atraso e impedindo a sua modernização (Fundação João Pinheiro, 2014).

No entanto, a partir da década de 1920 a cidade passa a atrair a atenção dos artistas modernistas, dentre eles Tarcila do Amaral, Oswald de Andrade e Mario de Andrade. O Movimento Modernista no Brasil teve como objetivo alavancar a cultura nacional, identificando e ressaltando elementos singulares da identidade brasileira, sobretudo do patrimônio arquitetônico, muito presente em algumas cidades de Minas Gerais.

Os modernistas tiveram uma participação importante na consolidação da noção de patrimônio histórico no Brasil e acreditavam que a civilidade brasileira teria sido construída ainda no século XVIII, mediante a atividade mineradora e conseqüentemente a ocupação de Minas Gerais (Neves; Carneiro, 2012).

Os discursos ancorados pelos modernistas e relacionados a uma cultura genuinamente brasileira desencadearam uma política de preservação no país influenciando o governo federal no tratamento da questão patrimonial. Neste contexto, em 1936 Getúlio Vargas concede a Gustavo Capanema, então Ministro da Educação e Saúde, autonomia para atuar em um projeto de organização e proteção do patrimônio histórico e artístico nacional, fazendo com que o mesmo tivesse uma relação direta aos interesses do governo e, claro, à representação da identidade nacional (Neves; Carneiro, 2012).

Neste contexto, sob a gestão de Gustavo Capanema, é proposta a formulação de uma política nacional, em parceria com os modernistas, com o ideário de uma identidade nacional, influenciando a produção de política de preservação no Brasil. A partir daí é criado o Serviço de Patrimônio Histórico Artístico e Cultural (SPHAN), em 1937, vinculado ao Ministério da Educação e Saúde, sob gestão de Rodrigo Mello Franco de Andrade.

Já em 1938, ocorre o tombamento do patrimônio do núcleo urbano de Tiradentes abrangendo, além das edificações coloniais, os mais distintos vestígios da forma de ocupação da cidade, revelando formas de subdivisão dos lotes, formação de quadras, áreas mais densas e outras de menor ocupação, bem como as áreas verdes próximas ao sítio urbano tradicional (IPHAN, 2020).

De acordo com Neves e Castro (2020), a opção pelo tombamento como sítio histórico considerou o conjunto de edificações em sua totalidade, não restringindo apenas a bens isolados, impedindo uma descaracterização do conjunto e zelando pelas características coloniais. No entanto, mesmo com o tombamento do núcleo histórico da cidade pelo SPHAN, a recuperação demográfica da cidade se mostrou muito lenta (Campos, 2006).

As Figuras 1, 2, 3, 4 e 5 ilustram partes do centro histórico poucos anos após o tombamento. Algumas fotografias revelam elementos aparentemente bem preservados e outros em processo de possível abandono. Neste momento, as atividades turísticas ainda não tinham sido impulsionadas na cidade, estabelecendo-se somente a partir da década de 1970.

Figura 1. Casario na Rua Getúlio Vargas (antiga Rua Direita), s.d.



Fonte: Queiroz (2010).

Figura 2. Conjunto arquitetônico e urbanístico na Rua Direita, s.d.



Fonte: Santos Filho (2011).

Figura 3. Casario na Rua da Câmara, com a Serra de São José ao fundo.



Fotografia: Craig (1948). Fonte: Queiroz (2010).

Figura 4. Casario na Rua da Câmara, com torres da Matriz de Santo Antônio ao fundo



Fotografia: Craig (1948). Fonte: Queiroz (2010).

Figura 5. Casario na Rua da Câmara (Herculano Velloso), a partir do adro da Matriz de Santo Antônio.



Fonte: Marcel Gautherot, s/d. apud Queiroz (2010).

Em particular na Figura 5, observa-se uma representatividade do primeiro eixo de ocupação de Tiradentes, que teve início a partir da matriz de Santo Antônio, logo no início da rua da Câmara, estando situada numa das partes mais altas do centro histórico. Esta mesma rua dava acesso direto à parte mais baixa e alagadiça, em direção ao Chafariz. Partindo da matriz, numa rua paralela à rua da Câmara, tinha-se a rua Jogo da Bola, sendo considerada a rua mais antiga da Vila.

A cidade, e boa parte dos seus casarios, mantiveram-se estagnados economicamente e em processo de arruinamento de seu legado arquitetônico e artístico ao longo das três décadas seguintes ao tombamento. Algumas exceções se deram como a matriz de Santo Antônio e a Casa do Padre Toledo, exceções para um conjunto que permaneceu desassistido de iniciativas de recuperação ou restauro tanto por parte do órgão federal quanto de seus proprietários (Fundação João Pinheiro, 2014).

Os dados do IBGE, revelados na pesquisa de Neves (2013), indicam um decréscimo populacional entre os anos de 1920 e 1950. Em 1920 a cidade registrava 1236 moradores ao passo que em 1950 foram registrados 1142

habitantes. Já nas décadas posteriores houve um incremento populacional, mesmo que em ritmo lento. Em 1960 a cidade apresentava 1467 moradores e em 1970 esse número já subiu para 1830. Tal acréscimo decorre, muito provavelmente, das melhorias da economia local e início das atividades turísticas, relacionada, principalmente, ao artesanato de prata.

Neste contexto, é possível observar que a formação socioespacial de Tiradentes pode ser dividida em dois momentos distintos, sendo antes e depois do advento do turismo. O primeiro momento datado até o final da década de 1970 revela uma cidade que viveu o apogeu e a decadência da atividade mineradora e da pecuária até meados do século XX, para em seguida, nas décadas de 1960 e 1970 o turismo começar a despontar na cidade (Campos, 2006).

Nos primeiros anos da década de 1970, Tiradentes passa a receber pessoas forâneas que se instalam na cidade por intermédio da criação de alternativas econômicas, tal como os proprietários do pioneiro Hotel Solar da Ponte ou como uma alternativa de lazer para férias e fins de semana, como a figura de Maria do Carmo de Melo Franco Nabuco, prima do ex-presidente do SPHAN, Rodrigo Melo Franco de Andrade (Fundação João Pinheiro, 2014).

A senhora Maria do Carmo, nascida no Rio de Janeiro, e a convite do então governador do estado à época, Israel Pinheiro, esteve à frente de importantes trabalhos de preservação na cidade de Tiradentes (MG) criando para tanto a Fundação Rodrigo Mello Franco<sup>40</sup>. Ela se colocou como uma figura importante na história da cidade, principalmente na transformação e recuperação de diversas edificações coloniais.

Para a criação da Fundação Rodrigo Melo Franco de Andrade, nomeada assim em homenagem ao antigo diretor do SPHAN, Maria do Carmo Nabuco contou com o apoio de um grupo muito influente formado por Tancredo Neves (na época Deputado Federal), Israel Pinheiro (governador de Minas Gerais) e o próprio Rodrigo Melo Franco. É neste momento também que é fundada uma segunda

---

<sup>40</sup> De 1970 até os dias atuais, a Fundação conta com a colaboração dos poderes públicos municipal, estadual e federal. Um pouco antes do seu falecimento, Maria do Carmo Nabuco transfere a responsabilidade de gerenciamento e coordenação da fundação para os cuidados da Universidade Federal de Minas Gerais em 1997.

instituição que tivera uma importância ímpar na transformação de Tiradentes nas décadas seguintes, sendo a Sociedade Amigos de Tiradentes (SAT).

A SAT, criada em 1980, tinha como objetivo fazer obras de emergência nos casarios para garantir a permanência dos moradores em suas residências localizadas no núcleo histórico. Cerca de 30 casas foram recuperadas inicialmente, e em seguida, após o convenio com a Fundação Roberto Marinho, por intermédio de Yves Alves – diretor da rede Globo de Televisão na época - outras casas foram recuperadas, incluindo o Solar Ramalho (Campos, 2006).

A fundação tinha como objetivo impulsionar a revitalização da cidade, a recuperação do patrimônio histórico, a instalação de um centro de estudos e de um museu regional. Dado os contatos inseridos neste processo, foi possível conquistar uma sede própria para a realização das ações em parceria com o SPHAN e com o governo do estado.

Em seu trabalho, Neves e Carneiro (2012) descrevem um relato de um dos fundadores da SAT onde alega que a instituição não era responsável por restaurações nas edificações, mas realizava um mínimo de obras necessárias para as casas do centro não ruírem, pois, todos os anos, várias residências desabavam por conta das chuvas. As obras eram realizadas com dinheiro privado dos membros da SAT que de forma anual contribuía com parcelas a serem destinadas à contratação de profissionais. Ademais a conservação das residências, a SAT também tinha como objetivo garantir a permanência dos moradores na área central. No entanto, a instituição tinha um trabalho árduo de conscientização junto aos moradores, pois grande parte deles não tinha muitos interesses com a conservação e se mostravam a favor das mesmas desabarem para que novas edificações fossem construídas no lugar.

A criação da Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade e também da SAT alavancaram a construção de um discurso preservacionista e o início das primeiras obras de revitalização do patrimônio arquitetônico e urbanístico, e que, ao aliar-se ao turismo, propiciaram a transformação territorial do local, conforme constata Neves (2013)

[...] as primeiras iniciativas associadas à recuperação do conjunto urbano histórico como um todo e ao desenvolvimento turístico surgiram por parte de instituições civis. Em Tiradentes, por exemplo, a

preocupação em 'recuperar' o conjunto 'histórico' urbano teve início nos anos 1970 e ocorreu através da iniciativa de um grupo de pessoas como Israel Pinheiro, Maria do Carmo de Mello Franco Nabuco, Yves Alves, etc. (Neves, 2013, p. 41).

A partir das ações preservacionistas efetivadas pelos representantes e instituições citadas, outras mais começaram a surgir tendo como objetivo a revitalização da cidade. Havia na cidade diversos imóveis com necessidade de reparos e reformas (Figuras 6, 7) sendo a grande maioria com função residencial, haja a vista que as atividades turísticas ainda não tinham ganhado ímpeto, havendo poucos estabelecimentos comerciais no centro histórico.

Figura 6. Perspectiva do conjunto da Rua do Sol.



Fotografia: Renato Morgado (1981). Fonte: Queiroz (2010).

Figura 7. Casa do Teatro, situada na Rua Getúlio Vargas (Direita).



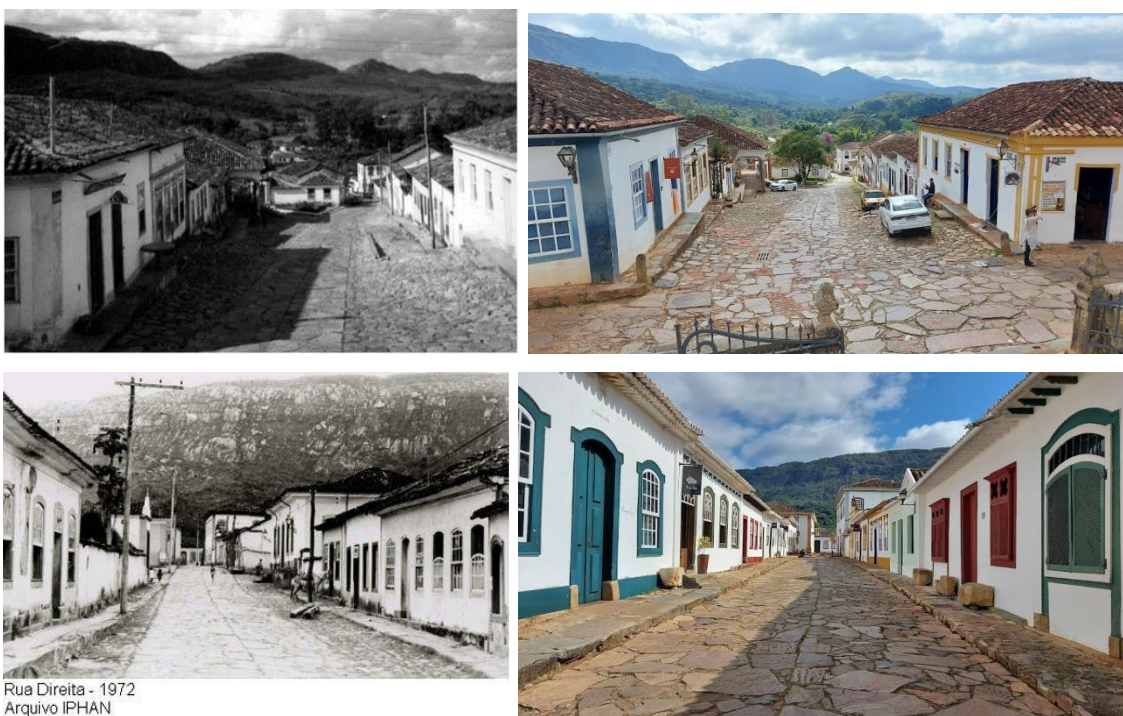
Fotografia: 1924. Fonte: Queiroz (2010).

Outros investimentos foram realizados para a recuperação do conjunto urbano histórico, incluindo-se os investimentos e projetos desenvolvidos pelo IPHAN, ainda na década de 1980, em parceria com a Embratur, com o objetivo de efetivarem uma campanha de valorização do patrimônio tombado e envolvendo uma série de atores, quais sejam, o poder público municipal, estadual e federal, os turistas, as entidades internas e externas à cidade. Uma das ações mais emblemáticas efetivadas pelo IPHAN, e com intermédio de Dona Maria do Carmo Nabuco, foi o projeto desenvolvido pelo paisagista Burle Marx para algumas praças da cidade (Campos, 2006).

O paisagista criou projetos para alguns dos largos da cidade: do Rosário, das Mercês, do Chafariz, das Forras, do Sol e para os cemitérios da Matriz de Santo Antônio e de Nossa Senhora das Mercês. Seus projetos eram singelos e compatíveis com os ambientes setecentistas, evitando assim intervenções abruptas. Os projetos foram implantados mediante apoio financeiro da Embratur, com exceção do Largos das Forras, que após readequação teve apoio financeiro da Fundação Roberto Marinho (Cruz, 2019).

Ainda no plano do urbanismo, Maria do Carmo Nabuco obteve a instalação de uma rede subterrânea de energia elétrica, adaptando a energia elétrica ao cenário existente no período colonial. Acreditava-se que a fiação elétrica aparente causava poluição visual (Figura 8). Tal ação foi uma realização conjunta entre a Fundação Rodrigo Mello Franco e a Cemig (Frota, 2005).

Figura 8. Vista parcial do centro histórico ainda com os postes de iluminação e pós intervenção.



Fotografias: Marcel Gautherot, autoria própria, IPHAN, autoria própria respectivamente.

Além das melhorias no espaço urbano do centro histórico é importante mencionar a construção da BR265 em 1971 pelo então governador do estado, Israel Pinheiro, interligando Tiradentes às cidades de São João Del Rei, Barbacena

e as capitais próximas, tais quais, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. A construção da rodovia foi um fator fundamental para o advento do turismo, facilitando o acesso à cidade (Nonato, 2021).

A consolidação do conjunto arquitetônico urbanístico a partir do processo de recuperação e preservação efetivados contribuiu para despertar a vocação e viabilização do turismo cultural na cidade. Em uma de suas primeiras visitas a cidade, em 1969, dona Maria do Carmo Nabuco não encontrou nenhum estabelecimento aberto ao público onde fosse possível tomar um copo de água. Diferente dos dias atuais, onde presencia-se uma extensa e consolidada rede hoteleira e restaurantes. Tais pontos foram preconizados no plano integrado para Tiradentes, criado por Alcides Rocha Miranda, onde estabelecia-se a necessidade de alojamentos, mediante adaptações em construções setecentistas, sem prejuízo de características tradicionais (Frota, 2005).

Outro ponto importante do plano integrado são os incentivos às artes e tradições da população local. Tal recomendação ocorreu de forma natural, até porque o turismo incentivou a retomada e/ou o desenvolvimento de aptidões já existentes entre os moradores. As atividades foram ampliadas, tais como o artesanato da prata, da olaria, da talha, marcenaria, bordado, pintura, funilaria e pedras da região. As atividades de turismo na cidade impediram o êxodo de vários moradores para os grandes centros urbanos, assim como influenciou o retorno de moradores que já haviam migrado da cidade (Frota, 2005).

Ao contextualizar as iniciativas de recuperação e intervenção no patrimônio arquitetônico de Tiradentes desde o final da década de 1940, pode-se notar um movimento em prol de uma transformação da cidade, no entanto, é a partir da década de 1980 que foram efetivadas ações em conjunto com atores forâneos, empresários que passaram a reforçar o discurso preservacionista aliado a recuperação do patrimônio material em prol de atividades turísticas. Entram em cena, então, investimentos que passam a ter interface com o capital privado e a especulação imobiliária. Inicia-se uma mobilização envolvendo grupos de empresários e suas associações (Fonseca, 2005).

A década de 1980 foi marcada também pelas parcerias público-privadas para a promoção e recuperação do patrimônio, objetivando a revitalização da

economia da cidade, tal como o Projeto Tiradentes e o Plano de Organização Territorial, mediados pela Fundação João Pinheiro (Bonuti, 2017).

A vinda dos novos moradores e empresários se intensifica a partir de investimentos em propagandas e marketing mediado, principalmente, por empresários e representantes do poder público local, divulgando o patrimônio artístico e histórico em âmbito nacional e internacional, tal como afirma Bonuti (2017). Um desses meios de divulgação seria o Jornal Tiradentes, criado em 1997 e destinado aos visitantes, com grande parte de suas reportagens voltadas a divulgação da arquitetura colonial (Neves, 2013).

Além da mídia impressa, outros fatores também foram responsáveis por acelerar a atratividade da cidade, dentre eles o advento dos festivais de cinema e gastronomia, criados em 1997 pelo então secretário de turismo como uma forma de atrair um público mais seletivo, e a divulgação constante da cidade na programação da Rede Globo de televisão. Tal ação se firmou a partir de uma parceria entre a emissora, a Fundação Roberto Marinho, a SAT e a prefeitura municipal (Bonuti, 2017; Campos, 2012; Guimarães, 2010). Várias novelas foram gravadas na cidade, fazendo com que ficasse conhecida nacionalmente, sobretudo a partir da década de 1990<sup>41</sup>.

Todas estas ações acabaram por despertar o interesse de diversas pessoas externas à cidade, e que vislumbraram nela a possibilidade de angariarem lucros, passando a atuarem como coatores responsáveis pelas transformações nas quais a cidade passou, e ainda continua a passar. Muitos empresários se mudaram para a cidade e investiram de modo intensivo em pousadas e restaurantes, a título de exemplo (Sousa;Schicchi, 2017).

### **3.2. As transformações socioespaciais advindas do turismo na cidade e a mercadorização do patrimônio histórico.**

A formação socioespacial da cidade transformada a partir do advento das atividades turísticas é objeto de estudo de Campos (2006), que chama atenção

---

<sup>41</sup> Memorial Maria Moura (minissérie), Hilda Furacão (minissérie), Rabo de Saia (minissérie), Amor e Cia (filme), Coração de Estudante (novela), O Menino Maluquinho (filme), Espelho da Vida (novela).

para a relação direta entre o espaço urbano e o turismo, tornando-se a principal atividade econômica da cidade, contribuindo, em grande parte, com a oferta de empregos para a população local.

Neves e Carneiro (2012) tiveram como objetivo validar a relação entre os edifícios históricos do centro da cidade de Tiradentes e seu conseqüente processo de mercantilização por intermédio da atividade turística, e que assim foram ganhando novas funcionalidades. Grandes parcelas das residências foram sendo transformadas em comércio, hotéis e restaurantes, fazendo com que a área central da cidade se convertesse em um espaço de consumo para turistas. A (re)construção do centro histórico teve como conceito a criação de “[...] uma ‘autêntica’ vila barroca mineira, um cenário-simulacro-mercadoria a ser consumido por turistas de alto poder aquisitivo.” (Neves; Carneiro, 2012, p. 409).

Esta transformação simbólica e material da área central de Tiradentes esteve ancorada em diferentes momentos históricos no Brasil, sobretudo àqueles ligados à construção, consolidação social e transformação da noção de patrimônio histórico (Neves; Carneiro, 2012).

Para Silva (2004), os lugares explorados pelo turismo se apresentam, em sua grande maioria, como espaços vendidos pautados em cenários produzidos a partir de uma base paisagística já existente, e que ao associarem-se a aspectos culturais, históricos e geográficos se consolidam como uma matéria prima destinada a produção e consumo do espaço.

Em se tratando de uma perspectiva mais ampla acerca da relação entre o patrimônio histórico e o espaço turístico, não se percebe, na maioria das vezes, uma relação dada, pronta para ser apropriada. Pelo contrário, trata-se de um contexto pautado por decisões, interesses, ações políticas e simbolismos onde os espaços urbanos, ou uma parte deles, se tornam revalorizados, ressignificados e construídos por meio de estratégias que têm como objetivo a preservação e o uso de aspectos materiais e imateriais do espaço.

A partir da década de 1970 instalam-se na cidade alguns “forasteiros” que se colocarão como fundamentais na construção da história de Tiradentes. Eles são denominados pela população local como os ETs ou extra-tiradentinos, conforme constatou Madureira (2011). Os ETs eram oriundos de várias partes, sobretudo das capitais mais próximas tal como Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro, e o

perfil era de pessoas adultas (maioria entre 35 e 65 anos), dotadas de boas condições financeiras e alta escolaridade. O motivo pelo qual tais pessoas começaram a se interessar pela cidade se dava por questões de qualidade de vida (tranquilidade e beleza) e como uma opção de segunda residência, outras em decorrência do potencial de desenvolvimento do turismo, investindo em empreendimentos, e por fim àquelas que buscavam ambas as opções anteriores, e que se constituíam em maioria (Madureira, 2011).

Neste momento tem início um processo de substituição das ocupações do centro histórico de Tiradentes, intensificado, sobretudo, a partir da segunda metade da década de 1990. O uso residencial foi perdendo espaço para os estabelecimentos comerciais direcionados, quase que exclusivamente, ao turismo. As fachadas foram restauradas no sentido de construir uma vila colonial autêntica e de forma simultânea os interiores das antigas residências também foram remodelados, tornando-se espaços amplos e sofisticados (Fundação João Pinheiro, 2014).

É importante contextualizar que a transformação urbana ocorrida em Tiradentes desde os anos 1980 e que se acentua e ganha contornos decisivos nos anos 1990, se apresenta como parte de um processo mais amplo e materializado em diversas partes do mundo, caracterizado pela revitalização de áreas degradadas das cidades, se diferenciando por meio de elementos de valorização da cultura, do patrimônio histórico e tradições locais (Fundação João Pinheiro, 2014).

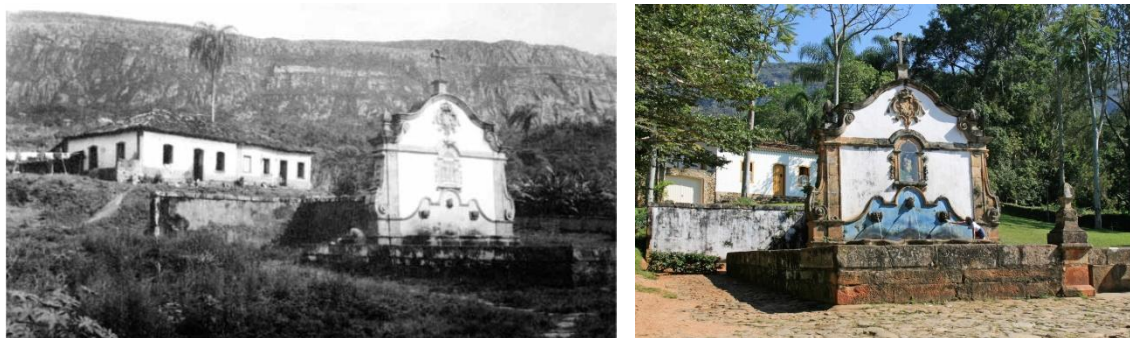
Após a década de 1990, fase intitulada por Costa e Castro (2008, p. 33) como a fase da cenarização progressiva, a cidade de Tiradentes se vê num ritmo de transformação que se intensifica a cada ano, produzindo um espaço urbano central marcado pela complexidade no tocante a circulação de capitais, mercadorias e pessoas e, ao mesmo tempo,

[...] unívoco do ponto de vista dos usos, por representar, principalmente, usos voltados para a atividade turística; a cidade apresenta-se como um verdadeiro cenário, um espaço representativo da transformação do uso em troca. Atendendo as 'necessidades modernas' de sobrevivência e permanência do capital, Tiradentes representa, no Circuito das Cidades Históricas Mineiras, caso notório de consumo e mercantilização do espaço geográfico, uma intensa 'banalização pela cenarização', de cujo processo é excluída, inexoravelmente, a população local.

Para Neves e Carneiro (2012) foram criadas para a cidade, como uma estratégia de ampla divulgação, alternativas de viabilização do *marketing* urbano, valendo-se da produção de eventos, tal como a Mostra de Cinema e o Festival de Gastronomia, num “cenário histórico” e pitoresco. Estas ações desencadearam também uma sobrevalorização dos imóveis localizados no centro histórico, atraindo a atenção de empresários, sendo a grande maioria forâneos, investindo com a implantação de lojas, pousadas e restaurantes. Esta valorização contribuiu para, na virada do século XX para o século XXI, a restauração empreendida pelos empresários nas fachadas das edificações se tornasse mais intensa.

A vinda e a permanência dos empresários, assim como a projeção da cidade nas mídias, foi transformando o centro histórico num verdadeiro “[...] cenário mercadológico voltado para o turista, excluindo grande parte da população tiradentina do usufruto desse espaço.” (Neves; Carneiro, 2012, p. 430). Algumas destas transformações podem ser observadas nas Figuras 9, 10 e 11.

Figura 9 - Chafariz de São José, datado de 1749, com a serra homônima que emoldura a cidade ao fundo.



Fotografia: Paul Stille, s/d. Fonte: Queiroz (2010).

Figura 10 - Casario na Rua da Câmara, com torres da Matriz de Santo Antônio ao fundo.



Fotografia: Craig (1948) e Paula (2022). Fonte: Queiroz (2010) e autora (2022) respectivamente.

Figura 11 - Casario na Rua Direita, com a Serra de São José ao fundo.



Fonte: IPHAN (1972) e autora (2022) respectivamente.

Na década de 1970 diversas transformações ocorreram no Largo das Forras, praça principal do centro histórico (Figura 12), o posto de gasolina foi transferido para a entrada da cidade e deu lugar a um restaurante e uma loja de artesanato. Mesmo não possuindo volumetria e afastamentos condizentes com o

conjunto pré-existente, as obras foram aprovadas e liberadas pelo IPHAN (Madureira, 2011).

Figura 12 – Praça Largo das Forras.



Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes (1970) e própria autoria (2023) respectivamente.

Neste contexto, é salutar destacar que as atividades turísticas potencializaram diversas transformações socioespaciais na cidade, sobretudo no centro histórico. Diversos moradores do centro histórico de Tiradentes venderam suas casas pois não tinham condições financeiras para reformá-las e/ou mantê-las conforme exigências instituídas pelo IPHAN. E, ademais, os moradores, atraídos pelos altos valores ofertados pelos empresários e empreendedores, vendiam seus imóveis tendo em vista a valorização consubstancial que o espaço passou a adquirir mediante a visibilidade turística. Algo semelhante ocorreu em Paraty, na década de 1970, conforme constatado por Silva (2004).

A população que migrou do centro histórico acabou por se deslocar para bairros mais periféricos, desprovidos de equipamentos e serviços de infraestrutura urbana, tal como os bairros Cuiabá, Recanto da Serra, Várzea de Baixo, Cascalho e Alto da Torre (Neves; Carneiro, 2012).

Com a saída da população local do centro em direção às áreas mais periféricas, os novos moradores passaram a ocupar os espaços mais centrais, dando início a um processo de enobrecimento da área, com edifícios voltados a novas funções mais rentáveis, principalmente aquelas direcionadas ao turismo. O enobrecimento do centro, nos dizeres de Souza e Schicchi, materializa o que seria denominada

de

Cidade cenário, cujo intuito era dar a aparência de que os problemas estavam controlados e de tornar a cidade aprazível aos turistas, com a conservação do conjunto arquitetônico, uma bela iluminação cênica e ajardinamentos. Uma cidade histórica em sua melhor forma, em plena vitalidade” (Sousa; Schicchi, 2017, p. 4).

Os novos moradores, que se tornaram proprietários do casario na área central, acabaram por ditar novas regras na paisagem, transformando-a substancialmente ao denotarem aos edifícios novos usos, que, na maioria das vezes, estão relacionados à exploração do turismo cultural. Com o objetivo de atender a demanda turística, os empresários transformaram os antigos edifícios em lojas, restaurantes, bares ou pousadas, “diminuindo sensivelmente a utilização do centro histórico como espaço de habitação e convívio cotidiano.” (Zolini, 2007, p. 123).

Um novo cenário urbano estava sendo criado na cidade, sobretudo a partir dos anos 2000, um calendário cada vez mais direcionado a produção de um destino turístico de luxo, com grandes investimentos públicos e privados e imprimindo novas marcas de enobrecimento do centro histórico. A produção de cenários cada vez mais espetacularizados ganhavam notoriedade na paisagem, com a inserção de elementos tal como restaurantes, pousadas e resorts de luxo, museus e espaços culturais de alto padrão e eventos com repercussão nacional (Fundação João Pinheiro, 2022).

É neste período também que algumas iniciativas marcaram a paisagem cultural da cidade, como por exemplo, os investimentos promovidos pelo BNDES<sup>42</sup> no patrimônio cultural da cidade, fazendo com que Tiradentes se tornasse uma espécie de modelo de investimentos nessa área. Por meio de editais e outras formas de patrocínio, o BNDES também tem investido em eventos na cidade, como é o caso da Mostra de Cinema (Fundação João Pinheiro, 2014).

Todas estas modificações revelam que além dos aspectos de morfologia e visuais alteraram-se também, e sobretudo, as funções tanto no centro histórico quanto em bairros mais periféricos da cidade. De forma particular ao centro histórico, de residencial até a década de 1960, passou a abrigar um comércio e

---

<sup>42</sup> O BNDES tem investido em obras de restauração das igrejas e capelas, tal como a Matriz de Santo Antônio, a capela das Mêsces, São João Evangelista e São Francisco de Paula. Uma parceria com o IPHAN também foi efetivada para investimentos em programas de educação patrimonial e no plano diretor da cidade (Fundação João Pinheiro, 2014).

empreendimentos mais sofisticados e direcionados a um público externo, os turistas (Madureira, 2011).

No que concerne a divulgação da cidade e sua projeção externa, para Neves e Carneiro (2012) foi criada uma estratégia de ampla divulgação, ancoradas em alternativas de viabilização do marketing urbano e valendo-se da produção de eventos, tal como a Mostra de Cinema e o Festival de Gastronomia, num “cenário histórico” e pitoresco.

A cidade realiza, de forma anual, dois grandes festivais que já se tornaram até a “marca” da cidade, sendo eles a Mostra de Cinema e o Festival Cultura e Gastronomia. Tais eventos foram concebidos para atrair o turista e organizados por empresas de fora da cidade. O festival de cinema, no ano de 2020, completou vinte e três edições e a cada ano a arquitetura temporária das instalações do evento têm ressignificado diversos espaços do centro histórico, articulando contemporaneidade e passado histórico (Neves; Castro, 2020). Ambos os festivais recebem, em média, 40.000 turistas cada um.

Tais eventos movimentam a cidade ao longo do ano, principalmente o centro histórico e adjacências e, ao atrair um percentual significativo de turista, contribuem para a dinamização das atividades turísticas. No entanto, poucos eventos possuem uma participação efetiva da população local conforme constatado por Guimarães (2010). Apenas um evento é marcado pela presença, em quase a sua totalidade, de moradores locais, sendo o Jubileu da Santíssima Trindade, considerado o evento mais popular da cidade e que ocorre nos limites do centro histórico. No entanto, ao observar a inserção espacial do evento, a impressão que se tem é de certo isolamento, na tentativa de manter-se distante dos olhares dos turistas, talvez numa tentativa de não associa-lo a imagem que se deseja transmitir da cidade.

No primeiro evento ainda há uma participação, mesmo que pequena, da população local, haja vista o caráter do evento com algumas mostras de filmes e curtas gratuitos no espaço público da cidade. Já o segundo evento revela-se mais elitizado, dado as próprias especificidades, tais como a compra de ingressos e o alto custo na aquisição e apreciação de cursos e pratos elaborados. São poucas as atividades gratuitas, mas nem ao menos estas exercem atração na população local, pois muitos sentem-se inibidos de estarem ali. É como se espaço público,

num determinado momento, se revelasse privado, com barreiras econômicas construídas a partir da própria seletividade econômica.

Tendo em vista as transformações materializadas no centro histórico, sobretudo no que concerne a revitalização do patrimônio, a inserção de novos usos e uma ocupação distinta voltada a atividades turísticas, tem-se a questão da cenarização e tematização, ambos construídos e alimentados por meio de elementos que envolvem a arquitetura, história local, a gastronomia e o artesanato. No que tange a tematização dos espaços, Silva (2004) adverte que a tematização das cidades turísticas age, sobretudo, como meio de vendê-las como produtos comerciais: cria-se uma 'marca' de qualidade e distinção, facilmente reconhecível por turistas, moradores e pela própria indústria turística.

Dessa maneira, seria possível fazer uma associação entre a tematização com os eventos ocorridos em Tiradentes. O festival de cinema apresenta, a cada ano, uma arquitetura temporária das instalações do evento ressignificando diversos espaços do centro histórico, articulando contemporaneidade e passado histórico (Neves; Castro, 2020).

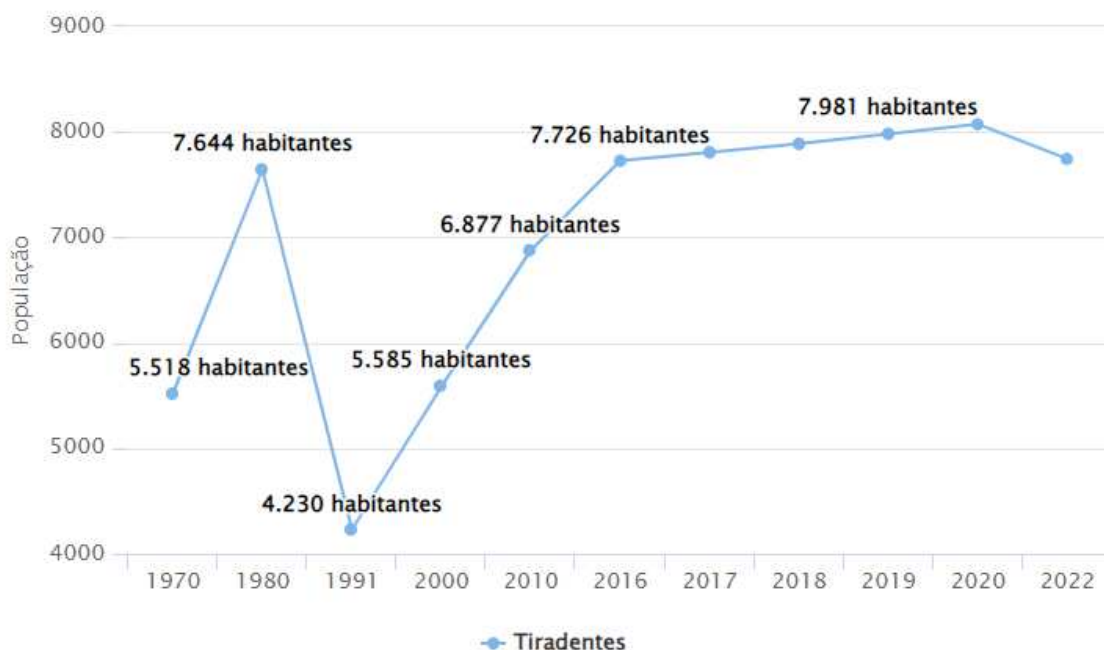
Ao analisar a construção da identidade turística da cidade de Tiradentes, sobretudo do seu centro histórico, percebe-se que os espaços turísticos são potencialmente construídos e esta produção não se restringe apenas ao local construído em si, mas estendendo-se a produção de simbologias, de identidades, do imaginário, de um conjunto de elementos que concedem sentido e caracterização ao local (Paula; Miguel; Freitas, 2020).

### **3.3. Diagnóstico urbano espacial de Tiradentes a partir de dados secundários**

Neste tópico em especial, serão analisados diversos dados secundários do município de Tiradentes e que, em conjunto, irão auxiliar na caracterização da cidade e no entendimento de suas principais dinâmicas. Um dos primeiros dados a serem analisados diz respeito à questão demográfica. Compreender a dinâmica populacional do município é um passo importante na caracterização da dinâmica socioespacial.

Para tanto, serão analisados dados populacionais de 1970 a 2022 a partir dos dados disponíveis nos Censos realizados pelo IBGE conforme ilustrado pelo Gráfico 1.

Gráfico 1. Relação da população total de Tiradentes de 1970 a 2022.



Fonte: Censos IBGE (1990, 2000, 2010, 2022) e Atlas Brasil (2013). Organizado por Datapedia.info (2024).

É possível observar um incremento na população do município a partir da década de 2000<sup>44</sup>. Tal aumento pode estar relacionado à intensificação das atividades turísticas no município, com o aumento do número de novas pousadas, restaurantes e dos eventos. No entanto, é necessário fazer uma ressalva quanto aos números apresentados no Gráfico 1. Houve uma queda significativa da população em Tiradentes conforme o Censo de 2000 e tal fato decorre, de forma mais expressiva, da emancipação de Santa Cruz de Minas<sup>45</sup>.

<sup>44</sup>Os dados revelam um pico de crescimento nos anos 1990. Até o momento a pesquisa não conseguiu dados mais concretos justificando esse incremento da população, ficando em aberto no momento.

<sup>45</sup> Santa Cruz de Minas é um município com uma área de 3,11 Km<sup>2</sup> e com uma população de 7.865 habitantes, sendo considerada a menor cidade em território do Brasil. Foi elevada a categoria de Vila pela Lei Estadual nº 2.764, de 30 de dezembro de 1962 e emancipado em 21 de Dezembro de 1955, pela Lei Estadual nº 12.030 de 21 de dezembro de 1995 e desmembrado do município de

Analisando de forma mais específica as transformações na dinâmica populacional de Tiradentes a partir dos anos 2000 e comparando-a ao município de São João del Rei, o estado de Minas Gerais e o território brasileiro nota-se que a população passou de 5.759 para 6.961 habitantes entre os anos 2000 e 2010, chegando a 8.160 habitantes em 2021, correspondendo a um aumento de 41% nos últimos 20 anos. Sua taxa de crescimento geométrico (1,91 a.a.) foi superior a São João del Rei (0,65 a.a.) e de Minas Gerais (0,91 a.a.) (Quadro 3).

Quadro 3 - População Residente e Taxa Média de Crescimento Geométrico Anual de Tiradentes e demais localidades, por Situação do Domicílio – 2000, 2010 e 2022.

Localidade	Situação do domicílio	População residente		
		2000	2010	2022
Brasil	Total	169.799.170	190.755.799	203.062.512
	Urbana	137.953.959	160.925.804	
	Rural	31.845.211	29.829.995	
Grau de urbanização do Brasil		81,2	84,4	
Minas Gerais	Total	17.891.494	19.597.330	
	Urbana	14.671.828	16.715.216	
	Rural	3.219.666	2.882.114	
Grau de urbanização de MG		82,0	85,3	
São João Del Rei	Total	171.184	1882.696	
	Urbana	139.323	154.534	
	Rural	31.861	28.162	
Grau de urbanização de São João		81,4	84,6	
Tiradentes	Total	5.759	6.961	8160
	Urbana	4.167	5.376	
	Rural	1.592	1.585	
Grau de urbanização de Tiradentes		72,4	77,2	

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Censos Demográficos, 2000/2010. Elaboração: Autora (2022).

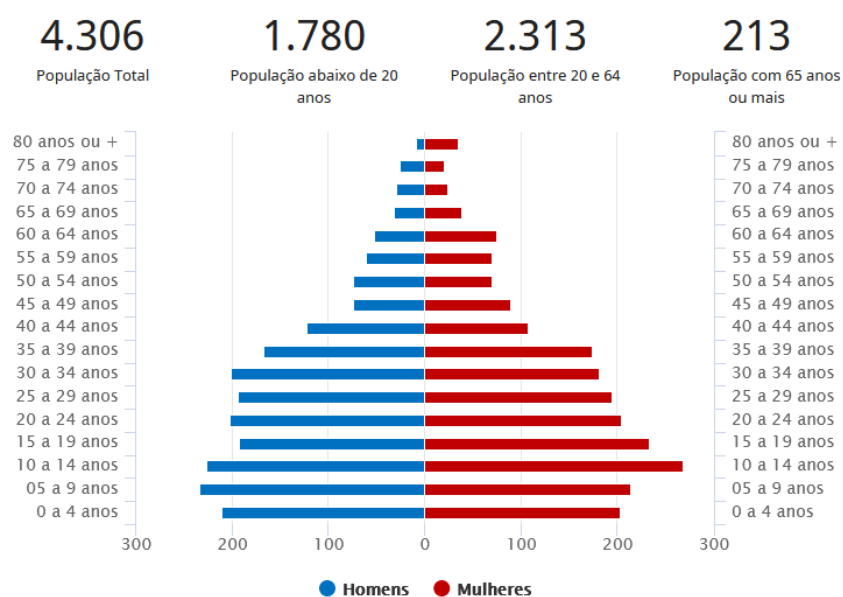
---

Tiradentes pela Lei nº 12.050 em 29/12/1995 (IBGE, 2010). As principais atividades econômicas desenvolvidas no município são a fabricação de móveis de madeira, artesanato em ferro fundido e demais materiais.

Ademais às análises sobre a evolução da população e das taxas médias de crescimento geométrico de Tiradentes e sua comparação com outras localidades, é importante também analisar as transformações ocorridas na estrutura etária do município para o mesmo período.

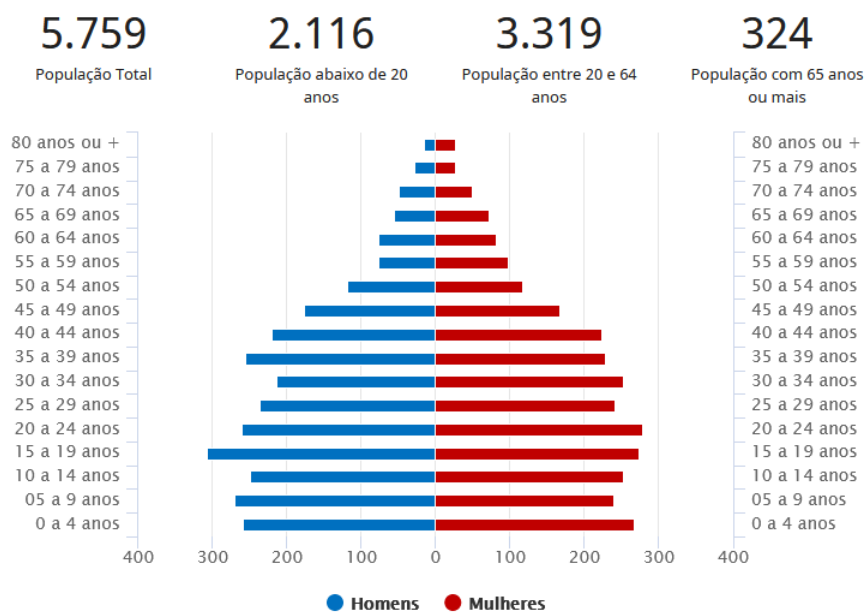
Os Gráficos 2, 3 e 4 apresentam as pirâmides etárias nos anos de 1990, 2000, 2010 e 2022, ilustrando a estrutura da população por idade e sexo.

Gráfico 2. Pirâmide Etária da População de Tiradentes - MG – 1991



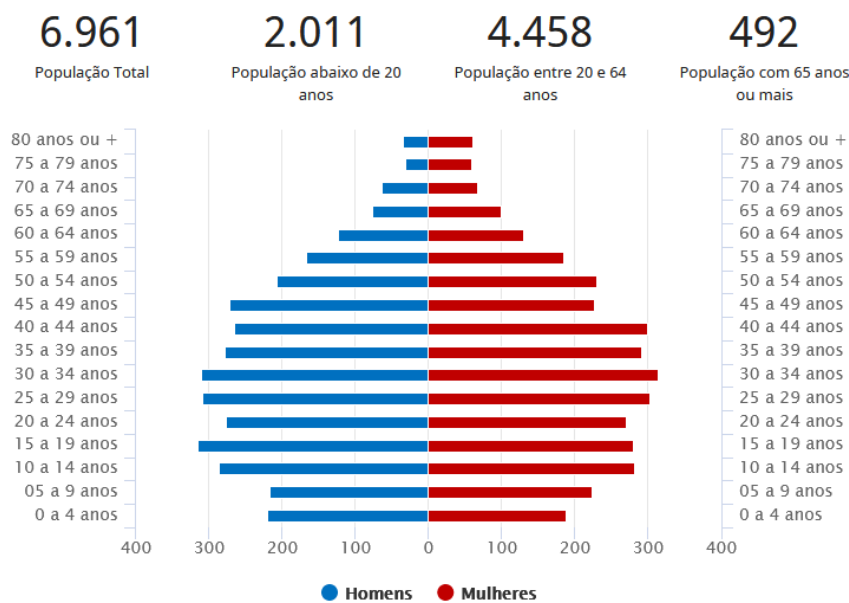
Fonte: Atlas Brasil (2013) – Censo (2010). Organizado por Datapedia.info (2022).

Gráfico 3. Pirâmide Etária da População de Tiradentes - MG – 2000



Fonte: Atlas Brasil (2013) – Censo (2010). Organizado por Datapedia.info (2022).

Gráfico 4. Pirâmide Etária da População de Tiradentes - MG – 2010



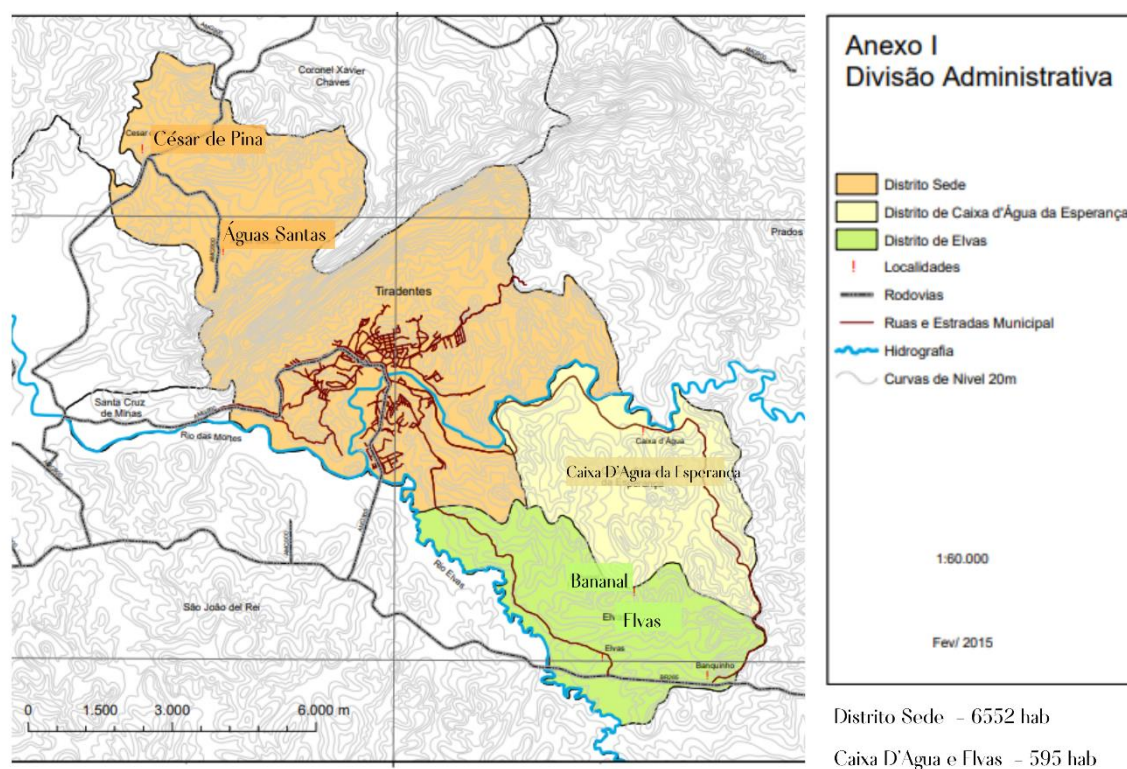
Fonte: Atlas Brasil (2013) – Censo (2010). Organizado por Datapedia.info (2022).

A comparação entre os gráficos permite inferir que a taxa de fecundidade diminuiu entre os anos 2000 e 2010 e a proporção de jovens e adultos aumentou, assim como a proporção da população de idosos (65 ou mais). A proporção de

jovens e adultos também aumentou e coincide com a faixa etária da população economicamente ativa. Tais tendências também se assemelham ao que vem ocorrendo a nível nacional.

Foram coletados também dados da distribuição da população por distritos no município. Tais análises são importantes para aferir a distribuição espacial dos moradores no território. Aproveitando-se do levantamento, é apresentado também a divisão administrativa do município, sendo composto pelo Distrito Sede<sup>46</sup>, incluindo os bairros de César de Pina, Aguas Santas<sup>47</sup> e os Distritos de Caixa d'Água da Esperança e Elvas<sup>48</sup> (Figura 13).

Figura 13. Divisão administrativa do município e número populacional por distritos.



Fonte: Anexo 1 do Plano Diretor Municipal (2015) modificado pela autora (2023) e dados populacionais de Atlas Brasil (2013) – Censo (2010).

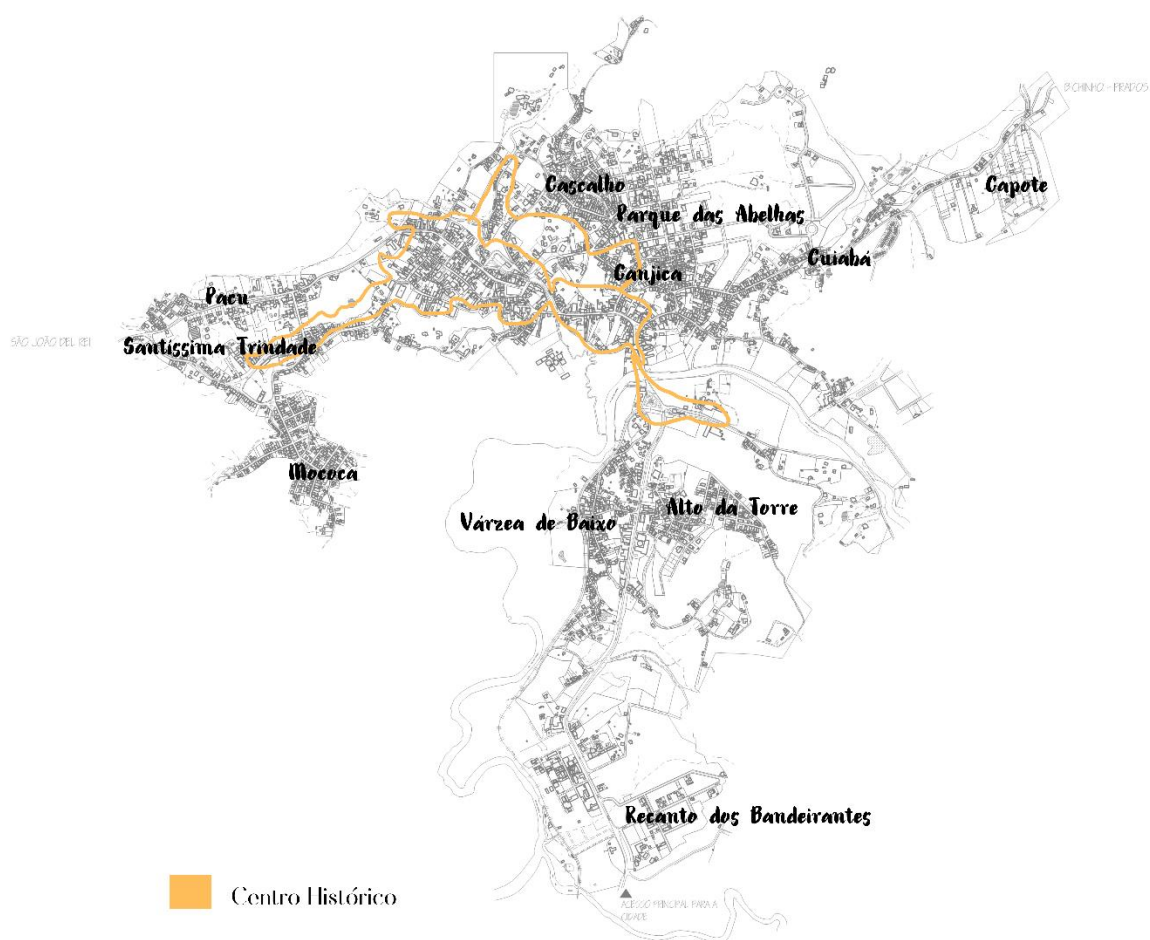
<sup>46</sup> O perímetro urbano do Distrito Sede é definido pela Lei n. 3068/2016. Este perímetro abrange todo o centro histórico e os demais bairros, tais como: Alto da Torre, Canjica, Capote, Cascalho, Centro, Cuiabá, Pacu, Parque das Abelhas, Pau d'Oléo, Santíssima Trindade, Varzea de Baixo, Residencial Recantos dos Bandeirantes, Mococa.

<sup>47</sup> O perímetro urbano de Aguas Santas e César de Pina é definido pela Lei n. 3065/2016.

<sup>48</sup> O perímetro urbano de Elvas é definido pela Lei n. 3066/2016.

Vale um adendo quanto a própria localização espacial das faixas de ocupação da cidade aproveitando o ensejo da Figura 13. Estas faixas de ocupação se remetem aos espaços ocupados pela população urbana e se caracterizam por aqueles mais contíguos ao núcleo de tombamento e outros mais distantes (Para mais detalhes das faixas de ocupação consultar Anexo 1). Próximo aos limites do tombamento têm-se 10 faixas de ocupação, sendo elas: Alto da Torre, Canjica, Cascalho, Centro, Cuiabá, Mococa (cujo nome oficial, de acordo com Prefeitura Municipal, é Recanto da Serra), Pacu, Parque das Abelhas, Santíssima Trindade e Várzea de Baixo. Já mais distante, separados pela própria Serra de São José, têm-se os bairros de Águas Santas e César de Pina. De forma a facilitar a identificação dos bairros, têm-se a Figura 14.

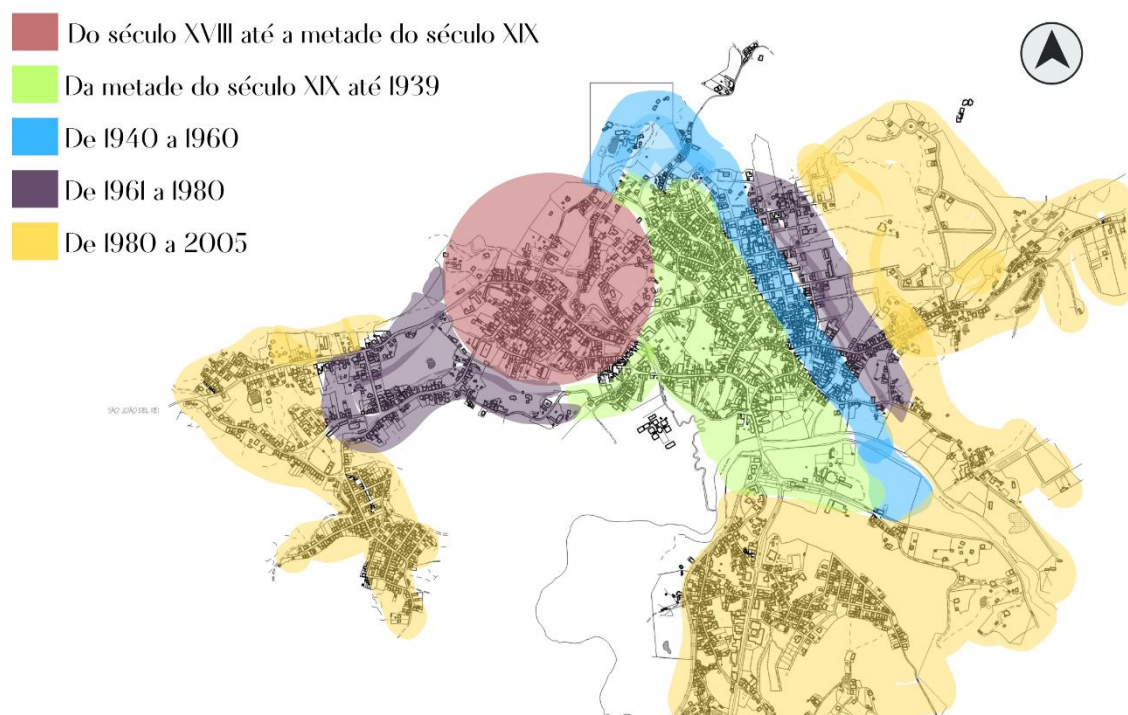
Figura 14. Espacialização dos bairros mais próximos ao núcleo de tombamento no Distrito Sede.



Fonte: Base Cartográfica fornecida pelo IPHAN (2015) modificada pela autora (2023).

A expansão da cidade para além dos limites do núcleo de tombamento fez com que a malha urbana se transformasse, principalmente em decorrência da saída da população nativa do centro histórico em direção aos bairros periféricos. Novos bairros foram surgindo e outros, que até então havia apenas pequenos aglomerados, começam a urbanizar-se de maneira mais intensa. Campos (2006) apresenta em seu trabalho um panorama desse crescimento, que começa em meados do século XVIII e se estende até 2005. A Figura 15 ilustra, de forma esquemática, um pouco destas transformações do século XVIII ao XXI (2005).

Figura 15. Mapa ilustrando o processo de espraiamento da malha urbana da cidade até 2005  
bairros presentes em Tiradentes



Fonte: Base cadastral – IPHAN (2015). Própria Autoria (2023) a partir da leitura de Campos (2006).

O croqui, baseado na obra de Campos (2005), revela um panorama de crescimento da malha urbana até os anos 2005, ano da obra do autor, mas é possível afirmar que neste período, pós década de 2010, certamente a malha continuou a crescer, principalmente nas proximidades da entrada da cidade – com a implantação do loteamento Recanto dos Bandeirantes – e outros mais que foram sendo implantados.

O período marcado pelo século XVIII até a metade do século XIX corresponde à consolidação e crescimento do centro histórico, sobretudo, chegando até os limites do bairro hoje conhecido por Canjica. Já da metade do século XIX até 1939 a ocupação se estende para o bairro do Cascalho e segue em direção às proximidades da estação ferroviária. De 1940 a 1960 a expansão segue do bairro Cascalho em direção ao Parque das Abelhas. Ainda nessa década, no setor nordeste – tomando como referência o centro histórico – em decorrência do asfaltamento do acesso principal de Tiradentes até o trevo da BR-265, foi desencadeada uma ocupação intensa, compreendendo os bairros Cascalho, Parque das Abelhas e Cuiabá (Campos, 2006).

Posteriormente, de 1961 a 1980, um novo vetor de expansão, à oeste do centro histórico se intensifica, caracterizado pelos bairros da Santíssima Trindade e Pacu. E, por fim, de 1980 a 2005, o processo de urbanização se estende para os vetores à sudoeste, leste e sudeste, abarcando os bairros da Mococa (à sudoeste), Cuiabá (à leste) e Alto da Torre e Várzea de Baixo (à sudeste). É possível observar, neste momento, uma expansão acelerada direcionada à quase todas as direções da cidade, com exceção do setor à noroeste do centro, uma área com baixa densidade e com dificuldades de implantação por se tratar de um sítio muito acidentado, nas proximidades da Serra de São José (Campos, 2006).

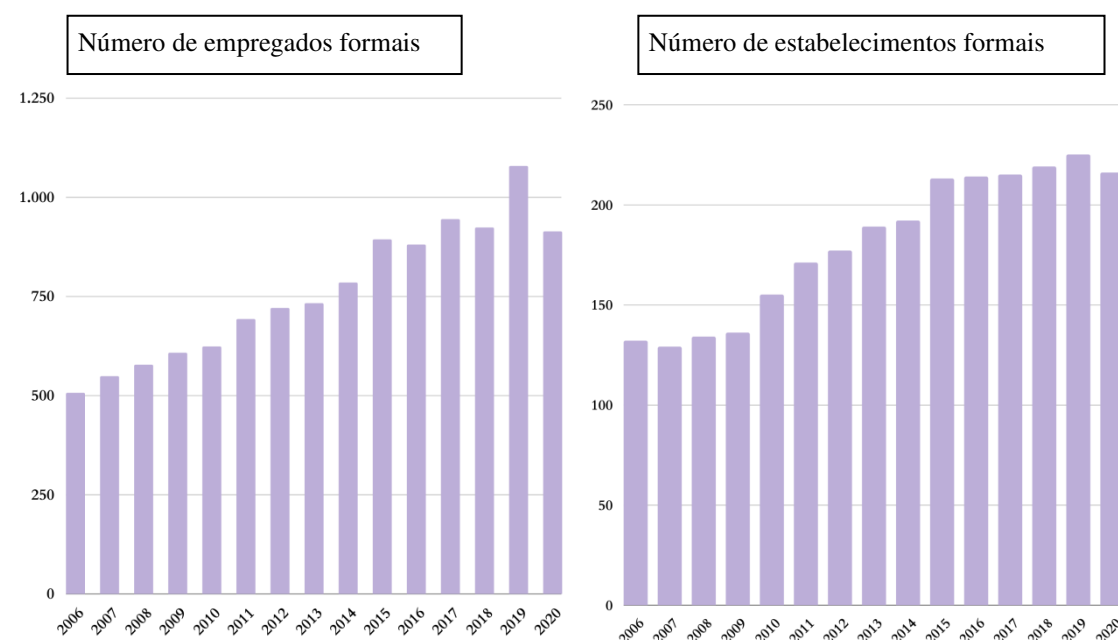
#### **3.4. O turismo na cidade: perfil, infraestrutura e características**

Por se tratar de uma cidade onde as atividades turísticas foram, e continuam sendo, responsáveis por alterações significativas no espaço e no cotidiano da cidade, o levantamento de dados que nos ajude a entender melhor o perfil desta atividade se faz importante.

Em se tratando da infraestrutura turística, considerou-se alguns dados disponíveis em plataformas diversas e principalmente no Observatório do Turismo. Tal plataforma reúne um acervo de dados/informações acerca dos municípios brasileiros no que tange as suas atividades turísticas, e para tanto foram analisados alguns boletins disponibilizados no site especificamente de Tiradentes.

Um dos primeiros dados refere-se ao número de empregados formais contratados pelo setor de turismo e de estabelecimentos formais que exercem atividades voltadas ao turismo. Os Gráficos 5 e 6 mostram um panorama destes números de 2006 a 2020, sendo possível notar um aumento gradativo ao longo dos anos, sendo o período de 2015 a 2019 o mais expressivo. No entanto, houve uma queda no ano de 2020 e, de forma especulatória, acredita-se que tal fator tenha sido desencadeado em função da pandemia que se iniciou em 2020 e afetou diretamente o setor de turismo.

Gráficos 5 e 6. Número de empregados formais e de estabelecimentos formais voltados ao turismo respectivamente.



Fonte: Observatório do turismo (2020). Elaborado pela autora (2022).

O número de estabelecimentos formais voltados ao turismo se refere aos empreendimentos que oferecem algum tipo de atividades direcionadas ao turista, e dentre elas é possível mencionar os restaurantes, hospedagens, lojas de artesanatos, *delicatessen*, cafeterias. É provável que muitos destes estabelecimentos devem ser utilizados pelos moradores locais, mas em sua grande maioria os turistas são aqueles que mais usufruem.

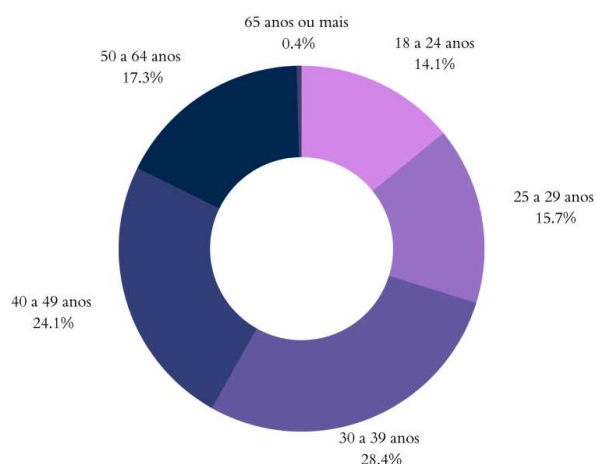
Conforme já mencionado em momentos anteriores, vários dos empreendimentos com atividades voltadas ao turista se apresentam com requinte e sofisticação. A cidade tem se intitulado como um polo de gastronomia e isso se reflete na qualidade e sofisticação dos restaurantes, muitos deles geridos por chefes de cozinha. A Rua Direita, no centro histórico, concentra alguns destes restaurantes.

O setor de turismo ganhou especial notoriedade nas últimas décadas, impulsionado pelo fluxo de turistas de todo o país e do exterior. Dentre as atividades relacionadas à cadeia produtiva do turismo destacam-se as atividades de serviços e hospedagem e alimentação. Segundo dados da Fundação João Pinheiro (2014), Tiradentes conta com cerca de 150 pousadas.

No contexto da economia da cidade, o setor de turismo representa uma atividade estratégica no desenvolvimento econômico, tanto pela quantidade e diversidade de produtos e serviços envolvidos, quanto pelo impacto produzido em setores distintos da economia. Ademais, têm-se também a sua capacidade na geração de postos de trabalho e renda – empregos diretos e indiretos, permanentes ou sazonais, formal ou informal (Fundação João Pinheiro, 2014).

Do universo dos empregados formais nas atividades turísticas, a grande maioria se concentra na faixa etária de 30 a 39 anos, seguida pela faixa de 40 a 49 anos. Acredita-se que este cenário decorra da própria estrutura etária da população (pirâmide etária), onde a faixa de maior concentração populacional se dá justamente na faixa da população economicamente ativa (Gráfico 7).

Gráfico 7. Percentual da distribuição de empregados formais por faixa etária.



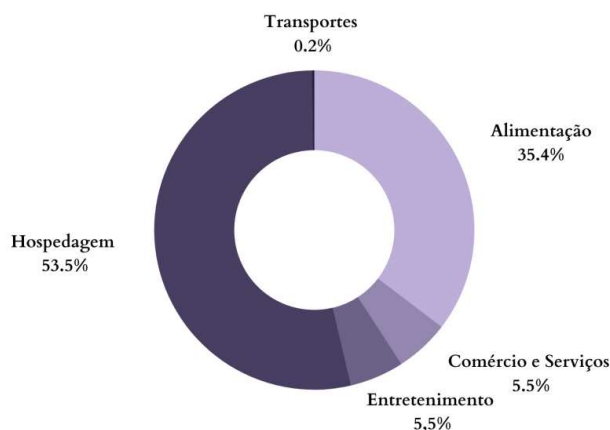
Fonte: Observatório do turismo (2020). Elaborado pela autora (2022).

Há também um número expressivo de jovens contratados pelo setor de turismo se for somado as duas faixas etárias, de 18 a 24 anos e 25 a 29 anos, totalizando cerca de 29,8% do total. Isso revela uma absorção de mão de obra jovem por parte do setor de turismo na cidade e contribuindo para que os mesmos não migrem assim que completem maioridade em busca de novas oportunidades de emprego fora da cidade.

Deste percentual de empregados no setor de turismo em relação a sua escolaridade, 56,19% possuem ensino médio completo, 4,05% superior incompleto e 7,01% superior completo. Tais dados revelam que a mão de obra presente no setor de turismo não é qualificada. Em se tratando da questão de gênero, 53,3% dos funcionários do setor são do sexo feminino e 46,66% do sexo masculino.

No que tange aos setores de atuação desta mão de obra, a grande maioria se concentra no setor de hospedagem (53,5%) seguida pelo setor de alimentação (35,4%). A fonte dos dados não explicita como seria caracterizado este setor de alimentação, mas dada as características da cidade de Tiradentes acredita-se que seja o setor formado por restaurantes, cafés, *delicatéssen*, lojas de artesanato (Gráfico 8).

Gráfico 8. Percentual de empregos formais por setores



Fonte: Observatório do turismo (2020). Elaborado pela autora (2022).

Em relação à escolaridade dos empregados pelo setor de turismo, sendo 53% do sexo feminino e 47% do sexo masculino, a grande maioria possui o ensino médio completo (56,19%), seguido do médio incompleto (9,42%), superior completo (7,01%), superior incompleto (4,05%) e 0,11% possui mestrado.

Um outro estudo realizado pela Secretaria de Turismo de Minas Gerais em parceria com o Observatório do Turismo traz informações mais completas no que diz respeito ao perfil do turista que visita à cidade. Este estudo faz parte de uma coletânea de dados e pesquisas para geração de informações referentes à movimentação da atividade turística no Estado, com o intuito de gerar dados confiáveis e atualizados para nortear a criação de políticas municipais e auxiliar na revisão das mesmas.

O último levantamento data de 2017 e traz informações interessantes para a caracterização do turista<sup>49</sup> que frequenta a cidade. Umas primeiras informações

<sup>49</sup> O estudo propõe uma classificação de dois perfis de transeuntes que frequentam a cidade, sendo eles: o turista e o excursionista. O primeiro se caracteriza como um visitante temporário, nacional ou estrangeiro, cuja a residência permanente é outra que não o local de pesquisa, e que permanece por pelo menos 24 horas no local de visitação ou efetua ao menos um pernoite, permanecendo no local por no máximo 365 dias e que não exerça atividade remunerada na localidade. Já o excursionista se caracteriza pelo visitante temporário, nacional ou estrangeiro, mas cuja residência permanente se dê fora do local de pesquisa e que permanece no local por no máximo 24 horas sem realizar pernoite, e que também não exerça nenhuma atividade remunerada na localidade (Observatório do Turismo, 2017).

a serem analisadas dizem respeito à residência permanente dos visitantes. A Tabela 1 ilustra as localidades e os percentuais dos turistas brasileiros, onde a grande maioria são oriundos da Região Sudeste, liderado pelo Estado de Minas Gerais (47%).

Tabela 1. Residência dos visitantes de Tiradentes

Pais de Origem	Total	Estado	Total
<b>Brasil</b>	99,19%	Minas Gerais	47,84%
		Rio de Janeiro	25,41%
		São Paulo	12,70%
		Espirito Santo	2,70%
		Paraná	2,16%
		Bahia	1,35%
		Distrito Federal	1,08%

Fonte: Observatório do Turismo (2017). Elaborado pela autora (2022).

De forma expressiva, o maior percentual de visitantes se origina do Brasil, e destes, a grande maioria, são oriundos da Região Sudeste, liderado pelo Estado de Minas Gerais (47%).

Visitantes oriundos de grandes capitais da região Sudeste lideram em percentual, tal como Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Vitória (Tabela 2). Em partes, isso pode ser explicado devido à localização geográfica da cidade e as vias de acesso que a interligam com a rede urbana regional e fora dos limites estaduais. A proximidade e as condições de acesso a estes importantes mercados emissores de visitantes brasileiros se constituem em fatores favoráveis ao desenvolvimento do turismo e as atividades a ele relacionadas (Fundação João Pinheiro, 2014).

Tabela 2. Local de residência dos visitantes

Estado	Município	Percentual	Estado	Município	Percentual
<b>Minas Gerais</b> (47,84%)	Belo Horizonte	29,38%	<b>Rio de Janeiro</b> (25,41%)	Rio de Janeiro	61,70%
	São João del Rei	10,73%		Niterói	9,57%
	Juiz de Fora	8,47%		Campos de Goytacazes	4,26%
	Barbacena	5,08%		Volta Redonda	4,26%
	Lavras	4,52%		Paraty	2,13%
	Oliveira	3,95%		Angra dos Reis	2,13%
	Contagem	3,39%		Petrópolis	2,13%
	Demais cidades	34,45%		Demais cidades	13,83%
<b>São Paulo</b> (12,70%)	São Paulo	48,94%	<b>Espirito Santo</b> (2,70%)	Vitória	40%
	Botucatu	6,38%		Vila Velha	20%
	São José dos Campos	6,38%		Alegre	20%
	Jundiaí	4,26%		Demais cidades	20%
	Campinas	4,26%			
	Demais cidades	25,54%			

Fonte: Observatório do Turismo (2017). Elaborado pela autora (2022).

Em se tratando do estado civil dos visitantes, a grande maioria era casado (58%) seguido de solteiros (35,4%). Destes percentuais, 33,2% eram compostos por familiares com filhos e 31,4% apenas casal. Este fator é interessante, pois a cidade se apresenta com uma imagem romântica, idealizada a partir dos bons restaurantes e jantares a noite e as pousadas que oferecem pacotes de lua de mel e mimos à parte em caso de aniversários de casamento e/ou outras comemorações.

A escolaridade dos visitantes também é um ponto interessante para o estudo, sendo a maioria composta por ensino superior completo (47%) seguida pela pós-graduação (mestrado/doutorado completo) (24,6%), ou seja, cerca de 72% dos visitantes possuíam um grau de escolaridade alto. Isso também reflete na renda familiar dos mesmos, onde 21,9% possuem uma renda entre 5 e 7 salários mínimos, 16% entre 7 e 10 salários e 22,7% acima de 10 salários, totalizando 60%

dos visitantes com uma renda média mensal acima de 5 salários. Isso revela um perfil de turista altamente qualificado (escolaridade) e com um poder de compra e consumo relativo também.

O principal meio de hospedagem utilizado por estes visitantes seria hotel/pousadas (76,7%), e a forma de reservas se deu por meio de sites de reserva (*booking, tripadvisor, trivago* e outros) (46%) ou diretamente com o estabelecimento (site do hotel, e-mail, telefone, pessoalmente) (45,1%). As reservas por meio de agência de viagens são pouco expressivas na cidade (6,6%).

As atividades turísticas na cidade têm se expandido também para áreas adjacentes ao centro histórico, tal qual o distrito da Caixa d'Água da Esperança, mais precisamente na estrada de acesso, havendo um turismo gastronômico e rural ainda incipiente, mas que vem ganhando novos layouts com a implementação do projeto Rota do Sabor, idealizado pela Associação dos Produtores de Campo das Vertentes (ARPA) e com apoio do Sebrae. O projeto visa o incentivo ao turismo rural na localidade e a produção de produtos locais, tais como, queijos, biscoitos, mel, doces, geleias, café, verduras, frutas recebem apoio técnico do Sebrae.

Dados mais recentes publicados por um relatório compilado em parceria com a Secretaria de Turismo revela dados quantitativos de iniciativas e estabelecimentos que representam a cadeia produtiva direta de Tiradentes, representados na Tabela 3.

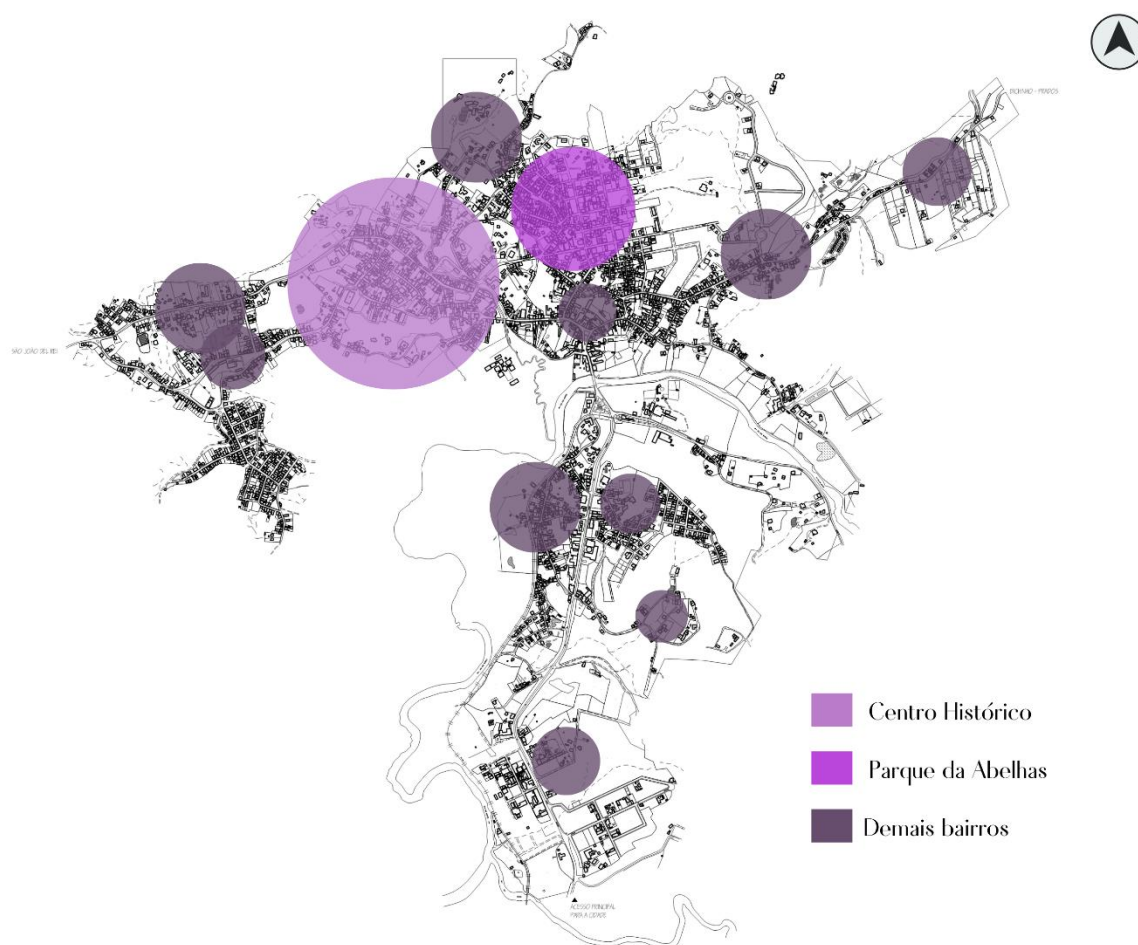
Tabela 3. Caracterização do setor de turismo por atividades

Tipologia	Numero	Caracterização
Eventos	<b>26</b>	<i>3 religiosos</i> <i>18 culturais</i> <i>2 gastronômicos</i> <i>1 empresarial</i> <i>2 esportivos</i>
Estabelecimentos de alimentação	<b>147</b>	
Estabelecimentos de Hospedagens	<b>211</b>	
Estabelecimentos de compras (produção própria ou associada)	<b>25</b>	

Fonte: Estudo da oferta turística de Tiradentes (2022). Elaborado pela autora (2023).

Foram também coletados dados sobre o número e localização das pousadas na cidade. Para tanto, foi realizado um levantamento de pousadas listadas no Estudo da Oferta Turística de Tiradentes (2022). Neste levantamento consta um número de 211 hospedagens. As mesmas foram organizadas de acordo com a sua localização (bairro), favorecendo uma análise espacial de distribuição destes estabelecimentos pela malha urbana (Figura 16).

Figura 16. Croqui esquemático de distribuição de hospedagens por bairros na malha urbana.



Fonte: Google Earth (2022) modificada pela autora (2022).

É possível visualizar uma concentração significativa do número de hospedagens no centro, seguido do bairro Parque das Abelhas, no entanto, percebe-se um espraiamento destes estabelecimentos para outros bairros da cidade, por não comportar toda a estrutura no centro histórico. O único bairro onde não foram encontradas hospedagens oficiais foi o Mococa<sup>50</sup>. O bairro Várzea de Baixo concentra um número relativo de hospedagens, mas notou-se que praticamente todas se concentram ao longo da Avenida Governador Israel Pinheiro,

<sup>50</sup> O bairro Mococa, popularmente conhecido, mas cujo nome oficial é Recanto da Serra, se apresenta como um bairro periférico que, de acordo com pesquisas de Nonato (2021), concentra um maior número de Tiradentinos que venderam suas casas no centro histórico, sobretudo nas décadas de 1980, 1990 com vinda dos empresários para a cidade. Tanto o bairro Mococa quanto o Alto da Torre tiveram início nas décadas de 1980/1990 simultâneo ao *boom* vivenciado na cidade em decorrência de investimentos turísticos.

na entrada da cidade. Esta Avenida tem concentrado hospedagens de maior porte e também ateliês de trabalhos manuais (Figuras 17, 18, 19 e 20).

Figuras 17, 18, 19 e 20. Vista parcial da Avenida Governador Israel Pinheiro, principal acesso para a cidade de Tiradentes.



Fonte: *Google Earth* (2021).

O número relativo de hospedagens espalhadas em bairros adjacentes ao centro revela a extensão da influência das atividades turísticas na dinâmica espacial, extrapolando os limites do centro histórico. Em suas pesquisas, Oliveira

(2006) identificou três tipos básicos de hospedagens, na categoria de pousadas, na cidade de Tiradentes, sendo elas: os prédios do centro histórico que foram adaptados para receber turistas, as residências que se adequaram para receber visitantes e os novos empreendimentos localizados nas adjacências do centro histórico.

No que se refere ao número de estabelecimentos gastronômicos no município, foram coletados 84 estabelecimentos, sendo distribuídos por categorias: 28 restaurantes de comida mineira, 6 de comida italiana, 10 de comidas internacionais (japonesa, árabe, portuguesa, e outras), 20 estabelecimentos caracterizados por bar/pizza/carne, 7 docerias, 7 estabelecimentos caracterizados como “variados” e 7 caracterizados como “outros” (Fundação João Pinheiro, 2014)<sup>51</sup>.

Dos restaurantes presentes na cidade, é possível notar desde a tradicional comida mineira a alta gastronomia internacional. Alguns deles são estabelecimentos premiados, sobretudo pelo Guia Quatro Rodas. Algumas pousadas também possuem selos de certificações, tal como *TripAdvisor*, e apresentam desde acomodações de médio padrão a espaços luxuosos. Para Santos e Pereira (2020), Tiradentes se apresenta como um destino turístico que tem como foco um público mais restrito, de alta renda e que usufruem de produtos de alta qualidade.

Dadas estas características, a cidade é usada por outras que compõem a região do Campo das Vertentes<sup>52</sup> como uma “vitrine” dos seus produtos e serviços. É habitual a presença de muitas lojas de artesanato, no entanto os produtos vendidos nestes locais são produzidos por artesãos de outros municípios da região.

---

<sup>51</sup> Estes dados foram retirados do inventário realizado pela Fundação João Pinheiro à época de realização do plano diretor do município.

<sup>52</sup> O Campo das Vertentes é composto por 36 municípios, destacando-se no artesanato: Resende Costa (produção de peças com tear), São Tiago (produção de biscoitos caseiros), Prados (produção de peças/itens de madeira e couro), Santa Cruz de Minas (produção de móveis e artesanato de ferro), São João Del Rei (produção artesanal de Estanho) (Santos; Pereira, 2020).

#### 4. O AVESSE DA CIDADE: COTIDIANO, HISTÓRIAS E RELATOS

Este capítulo é dedicado a analisar e relatar as narrativas presentes na vida daqueles que usam a cidade como espaço de moradia, trabalho e pertencimento, ou seja, um relato das histórias ali nascidas e/ou vividas, um encontro com os moradores locais a partir das lentes da pesquisadora. Para tanto, foi preciso mergulhar neste universo, seja por meio de entrevistas, visitas a campo, documentários sobre a população de Tiradentes, trabalhos já desenvolvidos junto à população e também os dados disponíveis nas mídias sociais.

A expressão avesso utilizada no título remete-se ao descortinamento de uma outra realidade espacial, social, econômica e cultural, distinta do espaço delimitado pelo centro histórico e palco das atividades turísticas. Um espaço, muitas das vezes, marcado pelo cotidiano e palco de atividades triviais, espaço este relatado nas linhas abaixo.

Vale destacar que uma das bases de dados que se revelou de grande valia foi a encontrada no documento intitulado Relatório das Oficinas de Tiradentes, como parte integrante que fundamentou o Plano Diretor Participativo, elaborado no ano de 2014 pela Fundação João Pinheiro e aprovado em 2015 pelo Poder Público. O documento traz uma compilação das discussões realizadas por meio de oito oficinas participativas realizadas em todo o território municipal, revelando a visão dos moradores locais quanto a temáticas distintas, sendo elas: uso e ocupação do território, desenvolvimento econômico, desenvolvimento social, meio ambiente e saneamento, cultura, esporte e lazer e turismo.

Os seis temas definidos para discussão nas oficinas correspondem aos temas tratados no Plano Diretor. No entanto, a tese se utilizou somente dos dados das temáticas de uso e ocupação do território, cultura, esporte e lazer e turismo<sup>53</sup>.

---

<sup>53</sup> Para um melhor andamento das oficinas conduzidas pela equipe da Fundação João Pinheiro, os temas foram subdivididos em subtemas, sendo eles: **Ocupação do Solo, Patrimônio Histórico, Infraestrutura Urbana, Mobilidade e Segurança Pública** (uso do solo, patrimônio, loteamento, construções, mobilidade, ocupação na área rural, segurança pública), **Cultura, Esporte e Lazer** (cultura, esporte, lazer e associações de fomento a lazer e cultura) e **Turismo** (visão geral - presente e futuro, visão dos aspectos específicos e gestão do turismo).

O recorte se justifica dado o próprio escopo do trabalho, debruçando-se em dados relacionados a políticas públicas urbanas.

Em cada uma das oficinas foram gerados documentos onde há a descrição dos pontos positivos, negativos e sugestões levantados pelos moradores participantes. Essa compilação de dados mostrou-se de grande valia ao desenvolvimento da tese, pois revela uma percepção do morador frente à cidade. As percepções analisadas foram obtidas por meio de uma amostra de 238 participantes das oficinas, representando cerca de 3,2% da população do município à época – considerando a estimativa do IBGE que era de 7.457 habitantes em 2013.

Na descrição do documento constam que as oficinas, conforme já mencionado, ocorreram em todo o perímetro do município estando dividida em: quatro delas em sede municipal, dividida em quatro setores – urbana centro, urbana leste, urbana norte e urbana sul; e quatro em zonas distritais – duas nos distritos de Caixa D’Água da Esperança e Elvas e duas nas localidades de César de Pina e Águas Santas (Quadro 4).

Quadro 4 – Distribuição dos bairros por setores e número de participantes

<b>Setor</b>	<b>Bairros</b>	<b>Número de participantes</b>
URBANA OESTE	Mococa, Pacu e Santíssima Trindade	46
URBANA CENTRO	Região central do distrito-sede	42
ÁGUAS SANTAS	Região de Águas Santas	19
CÉSAR DE PINA	Região de César de Pina	12
URBANA LESTE	Bairros da Canjica, Cascalho, Cuiabá e Parque das Abelhas	34
URBANA SUL	Alto da Torre, do Parque dos Bandeirantes e da Várzea de Baixo	47
CAIXA D’ÁGUA DA ESPERANÇA	Distrito de Caixa-d’água da Esperança	32
ELVAS	Distrito de Elvas	6

Fonte: Fundação João Pinheiro (2014)

Num primeiro momento, os resultados, tanto de pontos positivos quanto negativos, coletados por meio das oficinas<sup>54</sup> foram espacializados por setores,

<sup>54</sup> Os pontos positivos, neste trabalho, passaram a ser denominados de potenciais e os pontos negativos de problemas.

fazendo com que um panorama de demandas, problemas e potenciais fosse estabelecido e possível de ser usado como parâmetro para comparações futuras. Para maiores informações e detalhes dos resultados obtidos e divulgados mediante as oficinas realizadas pela Fundação João Pinheiro e a especialização destes mesmos dados por setores, consultar o Apêndice A.

Para facilitar as análises destes elementos juntamente com os dados coletados por meio das entrevistas, e possivelmente uma caracterização da cidade sob a ótica daqueles que a vivenciam, foram organizadas quatro categorias de análise, sendo elas: lazer, cultura e religião, uso e ocupação do solo, turismo, patrimônio histórico, cultural e natural. Estas categorias também foram essenciais na análise das políticas públicas implantadas no município (Capítulo 7). Mas, antes de avançarmos para a apresentação e sistematização dos dados que compõem cada categoria, é apresentada uma ótica da cidade a partir da visão da pesquisadora e sua vivência a campo.

#### **4.1. Diário de Campo: registros e impressões da cidade e suas facetas**

A permanência da pesquisadora na cidade se deu em dias variados, permitindo ter contato com um cotidiano marcado pela intensificação dos movimentos turísticos, sobretudo nos finais de semana, em contraponto com o cotidiano menos agitado, delegado aos dias úteis (de segunda a sexta). Exceções podem ocorrer em semanas em que festivais e eventos se estendem além do final de semana, como por exemplo, o festival de cinema, que coincidiu com a primeira visita a campo para realização das entrevistas, entre os dias 22 a 26 de janeiro a 2023 e o festival de cerveja artesanal, entre os dias 20/05 a 22/05. A terceira e última visita ocorreu entre os dias 17/12 a 21/12 e coincidiu com o Natal Iluminado da cidade. Todas as visitas foram interessantes, pois permitiram a pesquisadora uma vivência dos espaços em temáticas e formas de uso e ocupação distintas.

Comparar o ritmo da cidade, e principalmente do centro histórico e bairros adjacentes, em dias distintos da semana é uma tarefa simples e perceptível a quem transita pela cidade. Na sexta à noite é possível observar um aumento no número de pessoas na cidade, que se intensifica no sábado. Já no domingo, nota-se um esvaziamento novamente, mais visível após às 14h.

A primeira descrição se remete ao período compreendido pelos dias 22 a 26 de janeiro de 2023. A chegada a cidade ocorreu num domingo, e logo de início foi possível notar uma agitação nos espaços limites ao centro histórico. O Festival de Cinema já estava acontecendo e as transformações na paisagem, para receber o evento, eram notórias. As transformações se revelam por meio da inserção de novos elementos no Largo das Forras, exposição de banners do evento, telão e cadeiras para projeções, instalação, próximo à rodoviária, de um estande para as atividades do evento. Nos dias subsequentes ainda era possível notar um movimento maior de transeuntes e veículos no centro histórico, não com o mesmo fervor de domingo, mas ainda sim, uma rotina distinta dos dias úteis sem eventos na cidade.

Havia estandes do evento concentrados, principalmente, na Praça da Rodoviária. Já no Largo das Forras havia também uma estrutura montada e a noite as atividades se intensificavam com a sessão de cinema. Eram dispostas várias cadeiras e um telão que exibia os filmes/curtas da mostra. A praça sempre estava muito cheia neste período, mesmo perante a instabilidade do tempo, com chuvas intermitentes. No final de semana a concentração de pessoas parecia ser maior, mas nos dias subsequentes, a cidade também estava bem movimentada.

Numa outra oportunidade de visita a campo, que ocorreu no período de 19 a 22 de maio de 2023, também ocorria um evento na cidade, intitulado como “TremBier”. Trata-se de um festival de cerveja artesanal, que acontece há dez anos. Como de praxe, a pesquisadora caminhou pela cidade no sábado e se deparou com um centro histórico lotado, acima do que tinha presenciado em sua visita anterior, que ocorreu em janeiro de 2023. A lotação ocorria nas ruas, no Largo das Forras, nos restaurantes, bares. E para minha surpresa, a fila de carros em busca de vagas de estacionamento estendia-se para além do centro histórico, chegando aos bairros adjacentes. A disputa pelo espaço era notória ali. Tal disputa era materializada a partir do alto fluxo de pessoas e veículos que transitavam pela cidade. As filas de carros estacionados se davam para além do centro histórico.

Ainda referente a visita ocorrida em maio de 2023, no domingo à noite, dia 21 de maio de 2023, para espanto da pesquisadora, o cenário era totalmente outro, o centro histórico não tinha movimento, as ruas Direita, Padre Toledo, Ministro Gabriel Passos, que pulsavam a vida no centro histórico no dia anterior, tinham

várias portas de estabelecimentos comerciais fechadas, poucos carros passando, o cenário era completamente outro. Por se tratar de uma área com pouquíssimos moradores, o cenário era de esvaziamento total.

Curiosamente, no dia seguinte 22 de maio de 2023, durante o café da manhã, ouvi-se de uma funcionária, que descrevia a cidade a um casal, de que a cidade era assim, na sexta à noite o movimento começava, sábado era ainda maior, mas no domingo tudo se esvaía, e na segunda a cidade estava vazia. A palavra usada pela mesma chamou-me a atenção, o que seria uma cidade vazia? Vazia de pessoas de fora e o que essa expressão “vazia” simbolizaria?

Na segunda pela manhã, ao percorrer a via que dá acesso ao centro histórico e as ruas que o constituem, presenciou-se um certo “vazio”, a vitalidade do espaço já não era a mesma dos dias anteriores. Muitos estabelecimentos estavam fechados, alguns poucos turistas passeavam pelas ruas, fotografavam. Observando o movimento de pessoas, que vão e vem pelo centro histórico, alguns andavam apressados, parecendo ser moradores indo ou voltando do trabalho. O Largo das Forras tem a permanência de poucas pessoas, as conversas escutadas vêm dos charreteiros, que aguardavam turistas para o passeio de charrete pelos principais pontos turísticos.

Aproximando do horário de almoço, alguns estabelecimentos comerciais, como restaurantes, começam a receber clientes, alguns turistas que permanecem na cidade sobretudo. Mas o movimento já não é tão intenso como nos dias anteriores. Ao caminhar pela rua Direita, a mesma apresenta trechos com pouquíssimos transeuntes. Alguns aproveitam para fotografar, pois a arquitetura se apresenta mais “limpa” do corre e corre. À medida que saímos do Largo das Forras e caminhamos em direção à estação ferroviária o movimento aumenta, principalmente de moradores, de estudantes caminhando ou saindo da escola, de veículos transportando algum tipo de carga. O movimento parece ser maior a partir das imediações do Chico Doceiro e irradia em direção aos bairros Cascalho, Cuiabá e Parque das Abelhas.

A última visita ocorreu entre os dias 17/12 a 21/12 e coincidiu com o evento Natal Iluminado. Era domingo quando cheguei na cidade. O Largo das Forras estava todo decorado com luzes e bonecos. Havia também uma projeção com efeitos de animação na fachada da Capela do Senhor Bom Jesus da Pobreza. A

praça abrigava muitas pessoas, diferentemente do último domingo passado na cidade. No entanto, ao se caminhar pelas ruas Direita, Padre Toledo eram pouquíssimos os estabelecimentos abertos e poucas pessoas transitando. O Natal Iluminado é um evento recente na cidade e que foi inserido no calendário numa tentativa de atrair turistas num período considerado de baixa na cidade.

Passados os finais de semana, os dias seguintes vividos na cidade pela pesquisadora e percorrendo os bairros revelou um cotidiano comum a toda a cidade, pessoas caminhando em direção ao trabalho, o supermercado que atende clientes da cidade, a farmácia, as barbearias, padarias. O posto de saúde que atende a pacientes da cidade, as missas que acontecem nas igrejas e que permitem que o interior das mesmas seja visualizado com mais tranquilidade. Crianças brincando nas calçadas das ruas, caminhando até a escola.

Um cotidiano que parece não existir em meio ao movimento de carros entrando e saindo por meio da Avenida Governador Israel Pinheiro<sup>55</sup> – principal entrada da cidade pelos turistas e que em finais de semana tem-se um aumento substancial no fluxo de veículos.

De fato, esse cotidiano se esconde nas próprias tramas do tecido da cidade. Alguns bairros não são revelados ao turista durante o seu trajeto até o centro histórico, dois deles seriam o Alto da Torre e o Várzea de Baixo. Localizados em lados opostos da Avenida Governador Israel Pinheiro, é preciso sair dela e adentrar a via que dá acesso aos bairros para conhecê-los. A Figura 21 ilustra uma vista parcial, onde a seta vermelha indica a entrada para o bairro Várzea de Baixo e a seta amarela indica a entrada para o Alto da Torre. Em direção reta tem-se o acesso ao centro histórico. Já na Figura 22 têm-se uma vista parcial do caminho que dá acesso aos bairros.

---

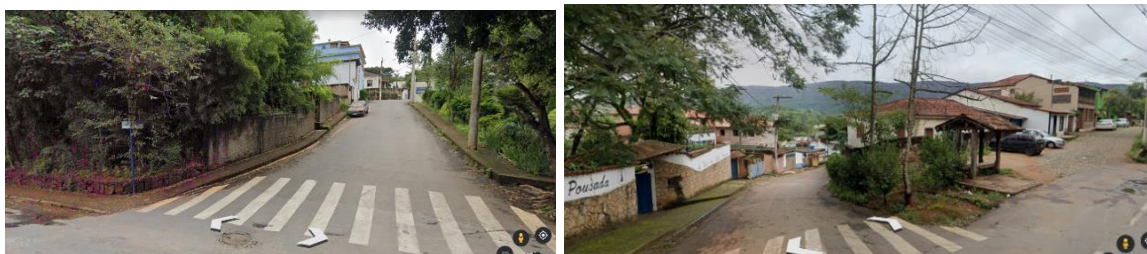
<sup>55</sup> Esta avenida se apresenta como uma das principais vias de acesso à cidade, saindo da BR265. Ao longo da avenida é possível avistar várias pousadas e ateliês de artesanato em madeira e ferro. Não há registros de casas residenciais, apenas quando se adentra aos bairros Alto da Torre e Várzea de Baixo. Na década de 1990 inicia-se a ocupação desta localidade, com a instalação de pousadas de maior porte. Possui em suas áreas lindeiras intensa ocupação com predomínio comercial, com alto padrão construtivo, e se apresenta como um eixo de expansão do núcleo central com estabelecimentos de maior porte. Se apresenta como uma via asfaltada, de caixa larga, com ajardinamento lateral. Em suas adjacências destacam-se empreendimentos tais como Libertas, Pequena Tiradentes, Residencial Parque dos Bandeirantes.

Figura 21. Vista parcial de acesso aos bairros Alto da Torre e Várzea de Baixo.



Fonte: Google Earth (2023) modificada pela autora (2023).

Figura 22. Vista parcial de acesso aos bairros Alto da Torre e Várzea de Baixo respectivamente.



Fonte: Google Earth (2023) modificada pela autora (2023).

Aos poucos estes bairros vêm abrigando estabelecimentos de hospedagens, na figura de pousadas e *hostels*, mas em número muito menor se comparado a bairros adjacentes ao centro, apresentando também características de hospedagens mais simples, em sua maioria. O bairro Alto da Torre (Figura 23) foi resultado de um loteamento lançado pela prefeitura nos anos de 1980 e 1990. Inicialmente, as áreas foram ocupadas por edificações residenciais destinadas a população de baixa renda. Ao adentrar o bairro, foi possível notar uma infraestrutura deficitária em alguns pontos e uma ocupação densa. Seu acesso principal é por rua asfaltada e sua localização espacial se encontra fora do raio de visão dos turistas.

Figuras 23. Vista parcial do bairro Alto da Torre em uma das visitas a campo



Fonte: Autoral (2022).

Do lado oposto ao Alto da Torre, têm-se o Várzea de Baixo (Figura 24), onde pela caminhada foi possível notar um espaço densamente ocupado, com padrão médio/baixo e predomínio de uso residencial. Aos poucos, algumas hospedagens têm se instalado no bairro, contudo, percebe-se uma simplicidade maior se comparado às hospedagens próximas ao núcleo central. Oficinas de madeira e ferro também podem ser visualizadas, se colocando como fonte de renda para os moradores. O sistema viário se mostra estreito e irregular, com calçadas irregulares ou inexistentes. Sua ocupação se intensifica a partir de 1970, sobretudo em função da implantação de loteamentos, tais como Loteamento Rainha da Paz (1996) e Loteamento Recanto das Pedras (1999-2000).

Figura 24. Vista parcial do bairro Várzea de Baixo em uma das visitas a campo.



Fonte: Autoral (2022).

Ainda referente ao cotidiano percebido em Tiradentes e a paisagem que nele se insere, vale a pena tecer algumas observações no tocante aos outros

bairros visitados. Alguns destes bairros se apresentam muito pequenos, no tocante à sua extensão territorial, causando até certa confusão durante o levantamento de campo em se tratando da linha demarcatória entre os bairros contíguos. Alguns bairros tais como Cuiabá, Mococa e Alto da Torre têm se colocado como possíveis vetores de adensamento e expansão da malha urbana.

O outro bairro se remete ao Centro Histórico (Figura 25), que como bem mencionado anteriormente, tem a sua paisagem, e seu cotidiano, modificado constantemente em função das atividades turísticas. Ao percorrer as suas ruas, principalmente em dias em que o movimento de turistas é baixo, foi possível notar uma rotina marcada pelo turismo e para o turismo. Observou-se poucos moradores transitando pelas ruas, a não ser àqueles que se deslocam até o centro histórico para o trabalho. No Largo das Forras ouve-se poucas vozes de moradores locais. Normalmente aqueles sentados na praça principal parecem turistas, tirando fotografias e decidindo a quais pontos se deslocarem.

Figura 25. Vista parcial de ruas do centro histórico.



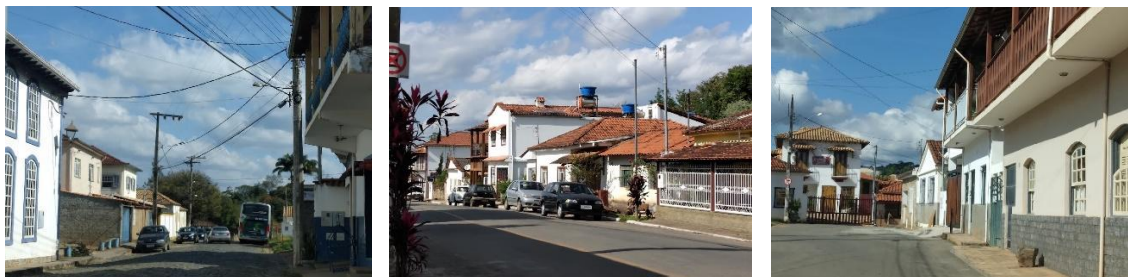
Fonte: Autoria própria (2023).

Em alguns momentos, ao final das missas – no dia da visita estava acontecendo uma celebração na Capela do Bom Jesus da Pobreza – percebeu-se a presença de moradores participando das celebrações, no entanto, neste mesmo dia da visita, ao observar o fim da celebração, rapidamente os moradores seguiram para as suas casas ou outros locais, sem se apegarem ao movimento e espaço, sobretudo no Largo das Forras. Neste dia em especial, estava acontecendo o Festival de Cinema, com atividades no Largo, de frente à Capela Do Bom Jesus.

Ao se caminhar pelos bairros do Canjica e Cascalho, pôde-se notar uma mescla na paisagem construída. As fachadas das casas dos moradores mesclam-

se às fachadas de pousadas, apresentando um bom padrão de ocupação, marcado por construções novas entremeadas às mais antigas. Ambos os bairros são vizinhos ao Centro Histórico, tendo o bairro Cascalho tido como o primeiro bairro de expansão da cidade e o mais populoso (Figuras 26).

Figura 26. Vista parcial dos bairros Cascalho e Canjica em uma das visitas a campo.

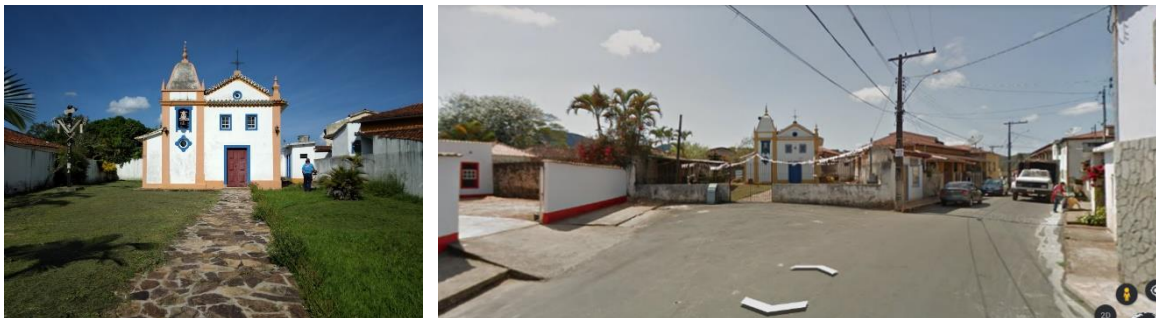


Fonte: Autoral (2022).

Durante a caminhada por estes bairros era possível notar uma vida cotidiana – dos moradores – mesclada à uma vida de transitoriedade – turistas. De forma espacial, essa mescla se intensificava à medida que nos aproximávamos do centro histórico, nos limites entre os bairros. Alguns turistas caminhavam pelos bairros, principalmente no Canjica, em direção à sua hospedagem ou ao Centro Histórico. A faixa de inserção deste bairro, assim como da Santíssima Trindade, são muito estreitas estando inseridas no crescimento de bairros adjacentes, tal como a expansão da Santíssima Trindade em direção aos bairros Mococa e Pacu e do Canjica em direção ao Parque das Abelhas (Campos, 2013).

É no bairro Canjica que se encontra um exemplar da arquitetura religiosa colonial, representado pela Capela de Santo Antônio do Canjica (Figura 27). É justamente até essa capela que se encontra o perímetro de tombamento estabelecido pelo IPHAN. No entanto, nos dias da visita a campo a mesma estava fechada. Mesmo sendo uma área de tombamento, não há ali atrativos que façam com que o turista se desloque, com exceção das pousadas. O bairro recebeu esta denominação por ser um dos primeiros lugares de exploração de ouro e onde foram encontradas pepitas do tamanho de uma canjica. Contudo, esta área não venho a se consolidar como um arraial, se colocando como um espaço de produção e polo secundário na ocupação urbana.

Figura 27. Vista parcial da Capela do Canjica e adjacências.



Fonte: Própria Autoria (2023) e Google Earth (2023) respectivamente.

Já o bairro Cascalho se origina a partir de um loteamento regularizado pela Prefeitura de Tiradentes, numa área acima da capela de São Francisco de Paula em direção à Serra de São José. Na sua formação é característico a presença de quarteirões menores, localizados em encosta mais elevada se comparada a área central, contituídos por vias de traçado orgânico que acompanham a sinuosidade e os desníveis do terreno (Salgado, 2023).

Próximo dali a caminhada seguiu para o bairro Cuiabá (Figura 28), onde foi possível notar uma ocupação mais densa, de uso misto e também se apresentando como um eixo de expansão do núcleo central. O uso do espaço se apresenta de forma variada, sendo possível observar oficinas de artesãos, pousadas, atividades comerciais, artesanatos. O trânsito de turistas também se mescla ao cotidiano dos moradores, mas a depender da distância da hospedagem, o percurso até o núcleo central é realizado de automóvel. Em um dado momento, deparou-se com a entrada de dois condomínios fechados, o Alto dos Cuiabás e o Maria Barbosa.

Figura 28. Vista parcial do bairro Cuiabá e da portaria do Condomínio Alto dos Cuiabás respectivamente em uma das visitas a campo.



Fonte: Autoral (2022).

O padrão construtivo se apresenta de médio a baixo, com pontos de infraestrutura deficiente, sobretudo calçamento e calçadas. Em uma de suas

principais vias, o trânsito de automóveis de turistas é intenso, por se tratar de uma via de acesso à Bichinho, distrito de Prados e que tem concentrado atividades turísticas nos últimos anos. Esta via é caracterizada pela Rua Alvarenga Peixoto, com lotes em desnível e declividades mais acentuadas quanto mais distante do centro histórico, além da presença de um número maior de oficinas de artesãos.

Os bairros Cascalho, Canjica e Cuiabá constituem uma parte da cidade que passou por grande expansão em decorrência da atividade turística, fator importante a ser considerado e que faz com que a região ganhe expressividade a partir da década de 1980. A periferia como um todo cresceu muito nos últimos anos e a impossibilidade de verticalização no município – limitação colocada pelas diretrizes de preservação do tombamento do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da cidade pelo Governo Federal – contribuiu para o crescimento horizontal (Salgado, 2023).

Próximo aos bairros mencionados nos parágrafos anteriores têm-se o Parque das Abelhas, que faz parte de um eixo de expansão a nordeste da cidade e se configura como um dos últimos grandes loteamentos da cidade, composto por edificações direcionadas à população das classes média e média-alta (Salgado, 2023). Há também o incremento de pousadas dada a proximidade com o centro histórico. Seu traçado é ortogonal, dando origem a quarteirões geometrizados e com baixa declividade. Os lotes, em geral, possuem dimensões maiores se comparados aos outros bairros (Figura 29).

Figura 29. Vista parcial do bairro Parque das Abelhas.



Fonte: Autoral (2023) e Google Earth (2023) respectivamente.

Uma outra região, oposta aos bairros acima, formada pelos bairros Mococa, Pacu e Santíssima Trindade também foi objeto de observação em uma das visitas. O primeiro bairro, adjacente ao Centro Histórico é o bairro Santíssima Trindade. Diferente dos outros, este bairro possui uma faixa pertencente ao núcleo de tombamento estabelecido pelo IPHAN e abriga também a Igreja da Santíssima Trindade (Figura 30).

No entanto, este bairro, mesmo pertencendo ao perímetro de tombamento, a sua ligação com o centro parece ser interrompida visualmente e espacialmente. O seu acesso ocorre paralelo à fachada lateral da Igreja de Santo Antônio, mas são poucos os atrativos turísticos que fazem com que o turista seja atraído para lá, mesmo possuindo um exemplar de arquitetura religiosa colonial – a igreja da Santíssima Trindade. Há pouquíssimos restaurantes e comércio local, com o predomínio de hospedagens, marcadamente por casas estilo veraneio e

temporada, em detrimento de pousadas. Num primeiro momento, o bairro parece servir como um local de dormitório para o turista.

Figuras 30. Vista parcial do bairro Santíssima Trindade em uma das visitas a campo.



Fonte: Autoral (2022).

É no largo presente em frente à igreja da Santíssima que é realizada uma das festas mais tradicionais da cidade, em homenagem à padroeira. A paisagem ali se transforma com a inserção de barracas para comercialização de bebidas, comidas, vestuários, utensílios de cozinha, de casa e outros. Os usos neste bairro se mesclam entre pousadas, residências fixas e residências de fim de semana e/ou temporada. Mas de uma forma geral, notou-se um alto padrão construtivo tendo a serra de São José como um mirante em determinados pontos.

Já o bairro Pacu, adjacente ao bairro acima, se apresenta como um eixo de expansão do núcleo central. Seu adensamento data a partir da década de 1960, posterior à abertura da estrada para São João Del Rei. O uso é predominantemente residencial, no entanto, já é possível notar algumas hospedagens entremeadas à paisagem. Ao caminhar pelo espaço foi possível notar também atividades

comerciais, equipamentos institucionais (creche, posto de saúde, associação de moradores – AMOBAPA), oficinas de ferro e madeira.

Na sequência, a caminhada se estendeu até o bairro Mococa (Figura 31). Muitos moradores são vistos circulando pelo bairro que se constituiu a partir de loteamentos lançados nos anos de 1980 e 1990 pela prefeitura municipal. Aos poucos as áreas foram sendo ocupadas pela população de baixa renda, sobretudo àquelas que venderam suas edificações/moradias tombadas no núcleo central. É possível notar ainda um processo de adensamento e um uso pautado pelo residencial, não sendo comum pousadas. Durante o trajeto era possível notar um pequeno comercial local e oficinas de ferro e madeira.

Figuras 31. Vista parcial do bairro Mococa em uma das visitas a campo.



Fonte: Autoral (2022).

Por fim, percorreu-se o bairro Parque dos Bandeirantes. Trata-se de um loteamento de alto padrão, ainda em processo de ocupação e de uso residencial. No bairro há uma mescla de edificações residenciais, pousadas e hospedagens (denominadas como chalés, *flats*). Não há a presença de oficinas de artesanato, como bem observado em outros bairros. Ele se encontra mais afastado do centro histórico, próximo à Avenida Governador Israel Pinheiro (Figura 32).

De uma maneira geral, é possível notar o espraiamento da malha urbana no decorrer dos anos, com o aumento do número de bairros e adensamento de novos espaços. Em parte, isso pode se colocar como resultado do processo de tombamento do centro histórico, fazendo com que as novas construções fossem efetivadas fora do perímetro de tombamento e também em decorrência do advento das atividades turísticas.

#### 4.2. A religiosidade no espaço: apropriação e pertencimento

Neste ponto é importante tecer algumas considerações, pois ao analisar as falas dos moradores obtidas por meio dos dados secundários das oficinas realizadas pela Fundação João Pinheiro foi possível notar uma expressividade no quesito festas, sobretudo nos potenciais levantados. Tais festividades aparecem relacionadas a eventos locais da cidade, principalmente festas religiosas e culturais, onde há uma participação mais expressiva dos moradores. As festas mencionadas são: festa da Santíssima Trindade, festa do carro de boi, Congado, Festival Artes Vertentes, Carnaval. Dados estes corroborados nas entrevistas realizadas.

Ao se remontar aos dados obtidos por meio das entrevistas a representantes de associações de bairros e sociedade civil, percebe-se que tais festividades se apresentam como oportunidades onde o tiradentino pode usufruir de alguns espaços da cidade. No entanto, de forma ainda muito limitada ao centro histórico.

A festa da Santíssima Trindade se apresenta como uma festividade bicentenária na cidade, tendo o primeiro Jubileu ocorrido em 1776. Em 1853 foi instituída a Confraria da Santíssima Trindade, sendo responsáveis pelas atividades da comemoração, tais como as missas e procissões. Pode ser considerada a maior festa religiosa de Tiradentes, atraindo pessoas de outras cidades que seguem em romarias na madrugada de sábado para domingo (Cruz; Boaventura, 2016). O Jubileu<sup>56</sup> ocorre nas proximidades da Igreja da Santíssima Trindade, localizada no perímetro de tombamento definido pelo IPHAN, mas que já apresenta características mais voltadas a um bairro residencial e de casas de temporada e que, por muitas vezes, não é ponto de socialização e consumo dos turistas. A rota feita pelos turistas costuma terminar na igreja de Santo Antônio (Figuras 33 e 34).

---

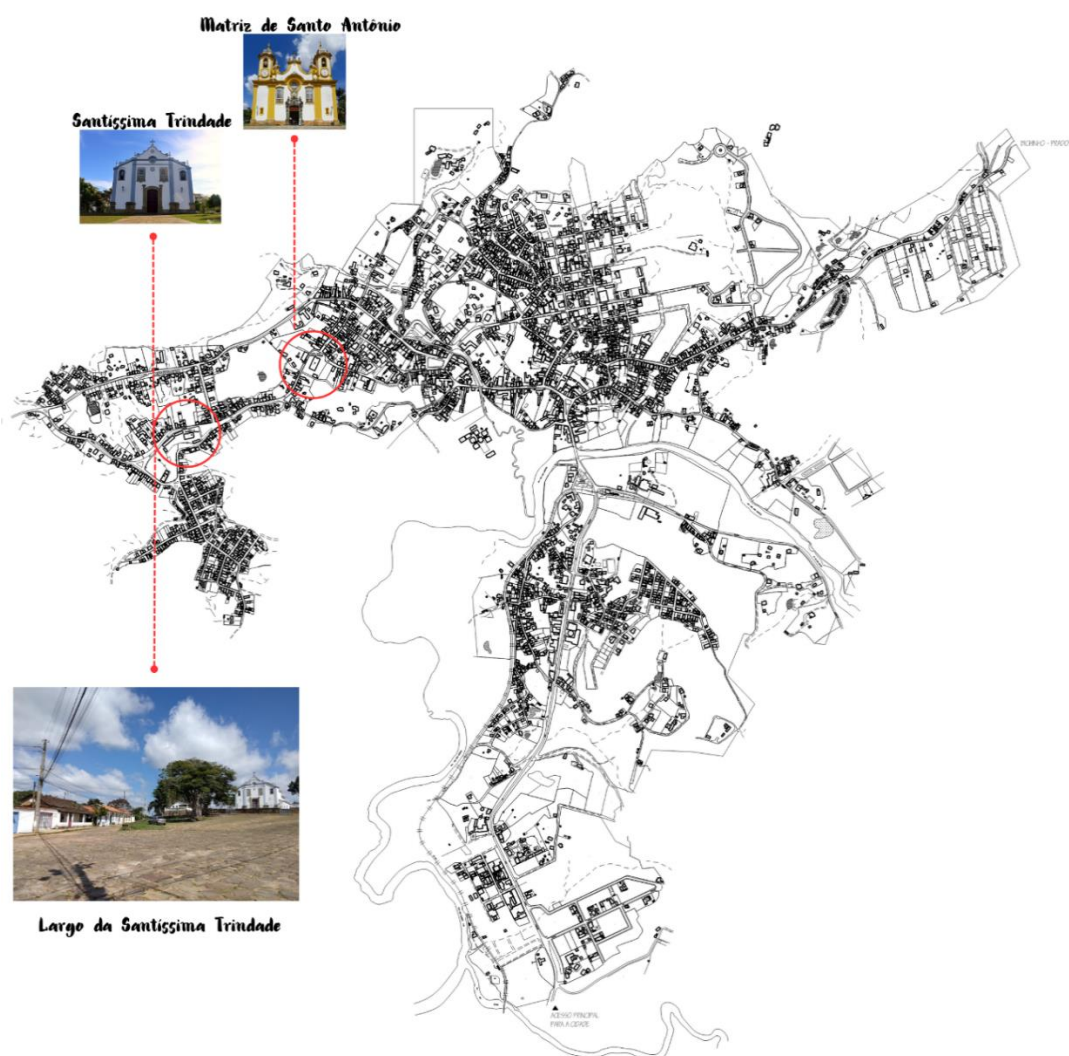
<sup>56</sup> Para o ano de 2023 a pesquisa encontrou um Decreto emitido pela Prefeitura (Decreto n. 4221/2023) que dispõe sobre a realização do evento, estabelece restrições e dá outras providências.

Figura 33. Vista aérea da Matriz de Santo Antônio, à direita rua que dá acesso ao Largo da Igreja da Santíssima Trindade.



Fonte: Paço do Lavradio (s/ano).

Figura 34. Inserção espacial das Igrejas Santo Antônio e Santíssima Trindade.



Fonte: Própria autoria (2023).

Mesmo tendo um fundo religioso é uma festa que atrai um comércio de comidas, bebidas e artefatos – roupas, artesanatos, artigos religiosos - montadas em pequenas barracas. As festividades, incluindo procissões, novenas, apresentações musicais, duram de 7 a 10 dias. A questão das barraquinhas se apresenta como uma tradição (Cruz; Boaventura, 2016), neste quesito se distancia um pouco do lado religioso, com vendas de produtos variados e música secular (Alves, 2020). A fala dos entrevistados reproduz estas impressões:

**Entrevistado A:** A cidade inteira participa diretamente com a festa, nas novenas, rezando essas coisas aí dá pra tipo assim dá pra ver tiradentino ali naquele momento né sim momento de evento essas coisas. Aí a gente via né que tipo assim tem a oportunidade da população está juntando, está igual, está usufruindo a cidade né? Usufruir da cidade nesse momento aqui.

**Entrevistado B:** Essa festa tem tiradentino que guarda dinheiro o ano todo para ir.

**Entrevistado C:** As festas religiosas elas são muito importantes, um aspecto que elas conseguem ainda manter firme é a questão da música, porque as procissões são com a banda, as vezes tem tríduo, às vezes têm novena e aí a música é mantida, música sacra, uma orquestra muito antiga<sup>57</sup>.

**Entrevistado E:** Essa festa tem significado, e é o momento que o tiradentino tem de ocupar o centro mesmo, não só o conjunto, como se denomina como centro histórico, mas quando eles de fato ocupam o conjunto com uma atividade, manifestação genuína, secular e não só o conjunto ocupam também um bem que faz dar o significado para o conjunto, que faz dar significado para o bem. Inclusive que é o que há de mais genuíno no conjunto que é uma tradição setecentista, que é dos cortejos, das procissões e elas estão totalmente relacionadas com o trajeto urbano, com o traçado urbano, com os bens tombados isolados.

As falas traduzem uma forma de uso e ocupação do espaço do centro histórico por parte dos moradores e que se configura numa forma de interação e sociabilidade também. Em sua obra, Silva (2020) retrata a espacialidade dessa festa junto aos moradores, com grande envolvimento dos mesmos desde os católicos, que vão para celebrar as festividades até aqueles que não são católicos e que podem ser vistos comendo pastel ou comprando algo nas barraquinhas. No

---

<sup>57</sup> A orquestra mencionada pelo entrevistado seria a Orquestra e Banda Ramalho.

entanto, sua obra também se debruça em questões envolvendo a relação conflituosa estabelecida em alguns momentos entre os fiéis, empresários locais e turistas perante a insensibilidade das pessoas diante das tradições.

**Entrevistado F:** Existe uma indisposição do de dentro com o de fora, porque a cidade é uma cidade pequena que tem as suas tradições religiosas, em todos os aspectos, é uma cidade, que graças a Deus, é bonita por natureza, uma paisagem belíssima em todos os aspectos e tem as tradições, que são as festas, as procissões, então há uma indisposição, não são todos não, de algumas pessoas que não consideram isso como bacana.

Já no tocante a organização da festa, o local de inserção das barracas revela alguns problemas sendo marcado por muita poluição, restos de comidas espalhados pelo chão, diferentemente do século passado, onde o número de barracas era menor e a disposição das mesmas não era tão próximo ao santuário (Silva, 2020). No entanto, ainda sim, parece que a comercialização dos produtos por meio das barracas é algo que também caracteriza a festa.

**Entrevistado F:** Era uma festa que as barracas começavam lá no Santuário e iam até a praça, tinha barraca por todo lado, vendia de tudo, mexerica, chinelo, tudo que você pode imaginar. Foi dando um jeito, foi dando um jeito, até que denunciaram ao Ministério Público, ele veio e impediu essa festa de ir até na praça e agora só vem até na Copasa. E a tendência é diminuir cada vez mais, chegando só no adro. Deu muito problema sim, mas poderia ter sido abordado de outra forma, não impedindo da festa acontecer. Então isso afastou a comunidade também.

Ao cruzar com os dados obtidos junto as oficinas da Fundação João Pinheiro, nota-se como que a questão da festa religiosa aparece como um ponto positivo destacado na sistematização dos dados do setor oeste e se repete nos setores leste e de Cesar de Pina. A própria festa da Santíssima é colocada como uma das festas que mais atraem os moradores de César de Pina, que se deslocam para o espaço da festa pelo caminho que atravessa a Serra de São José.

A questão das festas religiosas se revela como uma característica importante para o cotidiano dos tiradentinos, claro que a mesma pode não adquirir uma real importância para sua totalidade dos habitantes, mas pelas observações alcança uma projeção, sobretudo ao ser traduzida em formas de uso e ocupação do espaço da cidade pelos seus habitantes.

No entanto, a presença nestas festas esbarra também com questões de trabalho, sobretudo do trabalho voltado às atividades turísticas que empregam boa parte dos moradores e também questões que envolvem o próprio deslocamento do local de moradia até o centro histórico. Conforme destacam os entrevistados abaixo:

**Entrevistado C:** É mas o que acontece é que as celebrações elas também vão se esvaziando e por que elas vão se esvaziando? Porque a população está inserida num outro núcleo né? Numa outra situação urbanística que não tem igreja, então pra ela sair e se deslocar para as festas religiosas tem sido complicado. Porque muitos trabalham no serviço turístico. E aí há um esvaziamento na hora que está acontecendo uma celebração da igreja, afinal para que os serviços funcionem as pessoas precisam trabalhar. E aí há um esvaziamento, porque eu acompanho tudo [...] Eu encontrei com a procissão de Nossa Senhora da Mercedes, eu estava lá em São João do Rei fotografando e tinha uma multidão, uma coisa bacana, um espetáculo do Barroco mesmo. Quando estava voltando para a minha casa eu passei em frente a procissão das Mercês aqui e tinha uma meia dúzia de gato pingado, isso aqui que é a procissão de Tiradentes? Denotava-se um espírito de decadência, não pela cerimônia em si, mas pela apropriação, não tinha ninguém, então quer dizer que uma festa religiosa sem a participação do povo, ela perde o sentido, né?

**Entrevistado C:** uma procissão que eu já nem assisto mais em Tiradentes, é a sexta feira da paixão. Porque eu me lembro, né? Daquela comoção, todo mundo ia a procissão assistir o descendimento e hoje as pessoas não tem mais condições de ir porque tem de trabalhar, a cidade está lotada e a população vai retraindo e virou um espetáculo né? Com aquela multidão de turistas fotografando, filmando o tempo todo, cria uma certa inibição ao morador local, porque quando você vai ver quem é o morador local são pessoas muito simples e é um contraste muito grande.

As festividades da Semana Santa relatadas no fragmento anterior ocorrem nas ruas principais do núcleo setecentista e historicamente parece já ter todo um simbolismo junto aos moradores locais e que, aos poucos, se esvaneceu. Em outros relatos percebe-se uma possível disputa de espaço entre a concretude da festividade religiosa e as atividades turísticas, como relata um dos entrevistados.

Processo semelhante foi identificado por Padilha (2016) ao estudar as transformações socioespaciais decorrentes do turismo em Paraty. Tais transformações, sobretudo na forma de uso e ocupação dos espaços e sua

refuncionalização, refletem-se nas festas tradicionais da cidade, tradicionalmente realizadas pelos paratienses e para os paratienses. Têm-se presenciado, em decorrência da projeção destas festas no calendário cultural divulgado em massa, uma conotação distinta fazendo com que as mesmas deixem de lado a preservação das tradições e direcionando-as a um espetáculo aos visitantes. Tais circunstâncias fazem com que o “casario e o arruamento do centro antigo vêm se transformando, aos poucos, em um cenário para a teatralização das festas populares.” (Padilha, 2016, 447).

A própria singularidade da festividade da Semana Santa em Tiradentes, que marcadamente se colocava como identitárias nas fachadas, na decoração das ruas, das casas, parece se distanciar do cotidiano daqueles que percorrem o centro histórico.

**Entrevistado D:** [...] a procissão desce não tem uma janela enfeitada, porque não tem morador, é tudo casa fechada, ou é pousada, ou é bar, e não há respeito, porque tipo assim, tem a questão do respeito, a procissão tá passando as pessoas cerram a porta, baixam o som, desce a janela, até a procissão passar, hoje não, você tem que pedir licença nas calçadas para passar [...] isso é muito triste, não no sentido só da igreja, porque cada um professa o que quiser, mas você tem que respeitar, qualquer que seja a sua crença, é a tradição local.

Em sua obra, Camurça e Giovannini Júnior (2003) estudaram a relação da religiosidade, espaço e turismo na cidade de Tiradentes, tomando como referência a Semana Santa. Durante as pesquisas da forma como a Semana Santa se projeta nas mídias, como elemento atrativo para o turismo, puderam observar uma forma de projeção que transforma a fé do nativo em um produto típico, que no interior de um ambiente turístico se apresenta como um objeto de consumo, convidando o turista a emergir numa concepção de um sagrado singular destoante daquilo que habitualmente presencia.

Os autores reforçam que a imprensa acaba por colaborar na construção de um discurso pautado na unificação das dimensões da história, religiosidade, estética e lazer, plenamente articulados numa materialidade física que sustenta a efetividade do discurso. Dessa forma, ao turista é oferecido um pacote completo, onde “[...] viaja de trem ao passado, se emociona com as cerimônias, se encanta com a beleza estética das igrejas e ainda pode ir a um bom restaurante degustar

um bom vinho, com direito à escolha de uma culinária mineira, italiana, francesa ou chinesa.” (Camurça; Giovannini Júnior, 2003, p. 242).

À vista disso, a cidade se apresenta como um espaço repleto de possibilidades, mesmo sendo uma cidade de características interioranas, uma verdadeira sobreposição de estruturas sobrepostas em camadas de história, cultura, estética e lazer, e o que é melhor, o “ [...] privilégio de estar tendo essa experiência em uma ‘roça globalizada’.” (Camurça; Giovannini Júnior, 2003, p. 242). No entanto, a quem se destinaria o espaço repleto de possibilidades, dado que uma das demandas mais representativas em praticamente quase todos os setores urbanos seria a falta de espaços de lazer numa cidade, que a propósito soaria até como algo contraditório perante uma espacialidade que se destaca pela riqueza cultural. Este ponto será tratado no próximo tópico.

#### **4.3. Lazer e cultura no espaço fragmentado**

Este tópico se debruça em questões envolvendo o aspecto do lazer, evidenciado nas falas dos moradores participantes das oficinas para o Plano Diretor e dos entrevistados. Questões tais como ausência de espaços de lazer e precariedade dos espaços públicos se apresentou como um discurso na pauta de reivindicações. Tais aspectos foram reforçados durante as entrevistas e visitas a campo.

De forma até paradoxal, uma cidade que abriga e promove diversos eventos culturais e de lazer de projeção regional e nacional, quiçá internacional, apresenta problemas no que tange o acesso dos moradores a equipamentos de lazer e cultura. A falta de espaços de lazer e eventos culturais voltadas aos tiradentinos e/ou formas de inserção dos mesmos nos grandes eventos promovidos na cidade, e que atraem diversos turistas, se apresentou como uma pauta de debate nas oficinas realizadas no setor oeste, mas que se estende para todos os outros setores também, incluindo o setor centro, onde os eventos, normalmente, se concentram.

Nas análises dos documentos das oficinas realizadas juntos aos moradores na época da elaboração do plano diretor, o lazer foi uma pauta de discussão, estando co-relacionado a ausência de espaços públicos de socialização e encontro,

tanto para população infantil, jovem, adulta e/ou idosa. Este ponto também foi levantado durante as entrevistas, conforme apresentado abaixo.

**Entrevistado C:** [...] aí você passa por uma situação muito séria é que no entorno de Tiradentes nós não temos área de lazer, não tem área pras crianças brincarem, há uma falta de espaço para encontro, nós não temos áreas, se você for aonde está a maior parte da população que está dentro do seu bairro Mococa, não tem, não tem nenhum largo pequeno para que as pessoas possam se encontrar, o mesmo ocorre em Cuiabá, o Cuiabá de baixo, Cuiabá de cima, o bairro da Torre também não tem praça, a Várzea de Baixo, então é uma situação urbanística que não contempla o morador e isso é muito complicado porque quando você está numa experiência setecentista, que é o caso da parte antiga, você tem a rua principal, você tem o beco, um largo, se descer mais um pouco tem mais um largo, então é o espaço do encontro né e quando a gente chega aqui na contemporaneidade tudo isso é desprezado, né?

**Entrevistado A:** Também nada. Só quando a gente faz acontecer mesmo né? A brincadeira de futebol ali que nós temos, é igual tem o nosso campo. Aí a gente junta a criançada e vai brincar também com elas pra tirar ela da rua, né. [...] É. Na frente ali ó. Aí fica tudo alagado em dias de chuva. Ali que é a nossa área de lazer ainda. Um campinho de futebol<sup>58</sup>.

**Entrevistado B:** Se você for ver a praça é abandonada – referindo –se ao espaço intitulado como praça do Pacu. Em todos os bairros. Criança, jovem, não tem o que fazer na cidade, fica sem perspectiva. E não é só para as crianças não, população adulta também, para que possam se socializar, interagir. É uma demanda importante, nos bairros você não vê. Tem essas academias ao ar livre que ninguém usa e que já estão deterioradas.

O próprio Plano Diretor traz no artigo 37, inciso IV o incentivo da participação coletiva em esporte e lazer, e, na sequência, no artigo 42 intitulado ações específicas para a expressão da dimensão cidadã da cultura em seu inciso VI, a ampliação dos espaços públicos para fins culturais, de esporte e lazer nos bairros, sobretudo naqueles tidos de maior vulnerabilidade social<sup>59</sup>. Mas em meio aos relatos obtidos, parece que ainda há um longo caminho a percorrer.

---

<sup>58</sup> O “campinho” mencionado pelo entrevistado seria um antigo terreno onde iria ser destinado a construção de uma Estação de Tratamento de Esgoto – ETE. Mas por mobilização contrária da população a mesma não foi construída, conforme relata o entrevistado.

<sup>59</sup> Art. 80, inciso VI criação de espaços públicos de lazer e áreas verdes, como forma de estruturar a região central e especialmente as regiões mais carentes como Várzea de Baixo, Mococa, Alto da Torre, e ainda nos distritos de Elvas e Caixa D’Água da Esperança e nas regiões de Aguas Santas e Cesar de Pina (Plano Diretor Participativo, 2015, p. 35).

Aspectos ligados a dimensão cultural também são mencionados no plano diretor, em seu artigo 39 inciso I, onde uma das diretrizes seria “assegurar os direitos culturais a todos os munícipes e a universalização do acesso a bens e serviços culturais.”. No entanto, em pesquisas de campo constatou-se que são poucos os eventos onde há uma aproximação com a população local. Em seu artigo 40, reforça-se novamente a questão da integração da população com eventos turísticos e culturais, onde haja um incentivo ao “intercâmbio entre eventos turísticos e culturais, as atividades dos equipamentos culturais e os grupos culturais locais, propiciando que o dinamismo dessas atividades e eventos sejam usufruídos por toda a população, com incremento do seu sentimento de pertencimento.”

**Entrevistado B:** Muita coisa cultural, artística, muita coisa boa, né? Tem o próprio centro cultural, outros espaços, tudo, mas nada disso, nada disso chega pra população local.

**Entrevistado C:** E aí você tem eventos agora de janeiro a dezembro, mas onde tem espaço de janeiro a dezembro que contempla o nativo. Não tem, né? O Natal iluminado por exemplo. Aquilo tudo é feito antes do Natal e pra trazer turista para um período que era baixa a demanda, né? E aí a cidade não descansa, ela não tem tempo para si mesma, porque a cidade também precisa descansar, ela precisa ser cuidada, né? E uma cidade que neste espaço principal. Não é bom pro nativo, não é bom também pro turismo, porque se você separa isso, você acaba criando uma realidade só para o turista. E o que é só pro turista perde a legitimidade. Pra que que você vai passear numa cidade cenográfica, perde a alma, né? Se você tira o nativo, você tira aquilo que é mais importante, né? Que é o patrimônio humano, que é um aspecto que eu tenho trabalhado muito, de valorizar as pessoas que viveram décadas lá, que hoje não tem mais condições de morar no centro antigo e hoje tem as suas memórias reconstruídas e uma nova espacialidade.

A fala destacada do entrevistado onde adverte que o “que é só para o turista perde a legitimidade” corrobora com a ênfase destacada por Meneses (2006, p. 22) da importância da valorização do cotidiano daqueles que vivenciam o espaço diariamente. Sendo assim, “a superficialidade da fruição impede que o turismo construa algo que é fundamental para a sustentabilidade da atividade e do atrativo que se constrói: a dignificação da existência e do cotidiano que dá substrato ao atrativo.”

Em pesquisas realizadas em campo, notou-se a construção de um centro poliesportivo localizado no Parque das Abelhas inaugurado em 2021, mas ao

percorrer a cidade não foi possível observar praças<sup>60</sup> distribuídas em pontos estratégicos dotadas de infraestrutura, sobretudo mobiliários, que sejam convidativos ao lazer, socialização, encontro, com exceção do centro histórico, que possui no Largo das Forras um potencial para a socialização. No entanto, as entrevistas revelaram um conflito e um distanciamento do morador local com o centro histórico e tudo que o espaço público pode oferecer.

**Entrevistado C:** O largo das forras a população acha que aquilo ali é para o turista.

**Entrevistado F:** O centro histórico hoje é para ganhar dinheiro.

**Entrevistado B:** O que eles fazem na estrutura da cidade, no centro, não é aproveitado pelos tiradentinos no cotidiano, porque se ainda fosse uma coisa que existisse, uma estrutura que quando não tivesse um evento as pessoas ainda aproveitassem, mas é sempre assim, uma coisa meio cercada, é um cerceamento invisível, não existe explicito, mas existe uma barreira que as pessoas nem passam ali pela rua Direita, por exemplo, se possível, desvia.

O possível afastamento do morador local das dinâmicas e vivências do centro histórico é algo a ser investigado e tomado como referência pelo Poder Público na gestão do espaço. A interpretação dos dados revela questões envolvendo um possível não pertencimento ao lugar, ao lugar de origem no caso. O estranhamento ao percorrer um espaço público de que o usuário parece não pertencer mais à sua espacialidade representa algo a se considerar na dinâmica cotidiana do morador de Tiradentes no que tange a relação morador – centro histórico. Somado a isso, e tido como um possível fator também nessa lógica de distanciamento do morador - centro, seria o custo de vida e das atividades neste local assim como a elitização dos eventos.

No plano diretor, em seu artigo 50, tem-se como uma de suas diretrizes “a recuperação do usufruto dos espaços públicos, propiciando a inclusão e a reconstrução dos laços de pertencimento, em respeito ao direito de todos à cidade”. Tal diretriz se associa também com as diretrizes de inclusão da população nos

---

<sup>60</sup> A partir da pesquisa de campo foi possível identificar Praça Doutor Lamounier (Praça da Estação) – bairro Centro; Praça Silva Jardim – bairro Centro; Largo das Forras – Centro; Praça do Pacu – bairro Pacu; A única praça fora dos limites do centro histórico que foi encontrada é a praça do Pacu, no entanto, apresenta-se em situação precária no que diz respeito à mobiliários urbanos, arborização e paisagismo.

eventos que ocorrem na cidade, e podem ser utilizadas como ponto de partida pela gestão.

**Entrevistado B:** o tiradentino, na maior parte do tempo, ele tá sempre como espectador da própria cidade, tipo assim, parece que ele tá intruso na festa alheia. Então, assim, essa coisa de pertencer a cidade, ocupar os espaços, quem mora aqui, quem é daqui fica cada um no seu cantinho, nada é feito pensando...porque poderia ter uma integração maior, né? Do turista com a população local, com a cultura local, dos conhecimentos, né? Como agora, na mostra de cinema. Quem vai? As crianças já foram ver? Não. Ninguém vai. Nenhum tiradentinho vai. Nem chega ali perto.

**Entrevistado C:** Ontem por exemplo eu fui assistir os filmes da mostra de cinema, vigésima sexta mostra de cinema, estava chovendo, a praça estava lotada o povo não arredou o pé, eu levantei pra ver quem era de Tiradentes não tinha ninguém de Tiradentes, mas é nem uma pessoa e a praça estava lotada, lotada mesmo. E aí, é gratuito, tudo da mostra de cinema é gratuito, né? E por que as pessoas não querem? Porque elas vão se acostumando, vão se acomodando, de todos os eventos, não há um trabalho para buscar e encontrar sua comunidade.

Os fragmentos das entrevistas revelam um cotidiano de um morador que parece atuar como um “espectador da própria cidade”. Tal expressão chama a atenção para uma forma de distanciamento da própria história construída da cidade com o passar dos anos e o quão prejudicial seria para a construção da coletividade urbana e das trocas, tão ricas para a vida na cidade. A tessitura do espaço se dilui em meio a construção de subespacialidades, fragmentadas no seu modo de ser, agir e pertencer, fazendo com que aqueles que as habitam percam o próprio direito à cidade.

Tais considerações seguem na mão contrária ao proposto pelo plano diretor, onde, no artigo 3º intitulado como objetivos fundamentais, traz como premissa tornar Tiradentes um lugar inclusivo, seguro, prospero e harmônico para todos, seguindo um modelo de urbanização centrado nas pessoas, estimulando o pertencimento e combatendo as desigualdades sociais, territoriais e a segregação.

Neste âmbito, é real a necessidade de políticas públicas que estimulem a permanência do morador em perímetros de tombamento, estendendo suas ações ao patrimônio humano. Tais políticas se traduziriam em maneiras de fixação do

morador nestes locais de tombamento, traduzidas por meio de auxílios em manutenção dos imóveis - que diga-se de passagem - é relativamente oneroso. A ausência de tais políticas também possui seu grau de responsabilidade neste distanciamento do morador de espaços histórico-culturais tombados.

#### **4.4. Uso e ocupação do espaço urbano: identidade, registro e cotidiano no avesso do espaço**

Em seu contexto histórico a população de Tiradentes, num certo momento, se viu num processo de saída do núcleo setecentista, vendendo suas casas a investidores e empresários de fora e transferindo-se para bairros mais afastados, sendo o Mococa de maior representatividade neste momento, como bem pontuado anteriormente.

**Entrevistado F:** [...] o que acontece dentro de uma família, os pais falecem e a família acaba desfazendo do imóvel, então foi o que aconteceu, com essa especulação imobiliária ficou tudo caro, é caríssimo uma casa no centro histórico, você não compra nada na rua direita por menos de RS 2.000.000,000, você não compra nada na cidade por menos de RS 1.000.000,000 [...] e houve um olhar muito grande da população sobre isso. Então o que aconteceu, fez com que estes moradores nativos se afastassem do centro histórico. Com uma casa você comprava cinco casas na periferia. Isso fez com que as pessoas fossem embora do centro histórico e criassem a sua residência num outro lugar.

A própria questão da venda dos imóveis no centro histórico pelos proprietários, moradores dali foi discutida por Silva (2017). Sua obra discute o papel do tiradentino, proprietário desses imóveis, de forma mais ativa, neste processo de saída do centro histórico até a década de 1990. Muitas famílias, e no caso irmãos/herdeiros, com a morte do pai e/ou da mãe vislumbravam o ganho da venda do imóvel e a possibilidade de investi-los em dois ou mais imóveis em bairros adjacentes ao centro histórico, tal como o bairro do Cascalho. Paralelo a isso, seu trabalho discute também o papel do poder público frente a esse processo,

incentivando a formação de novos bairros por meio da prática de aforamento, para onde alguns dos moradores se deslocavam com a saída do centro histórico<sup>61</sup>.

Ainda referente a obra de Silva (2017), ele relata que muitos daqueles que venderam os imóveis, tendo em vista os ganhos iminentes, não tinham a noção do quão valioso aquela edificação era, no sentido cultural, arquitetônico e histórico, se esbarrando com falas que denunciavam uma ânsia por “se livrar daquele imóvel” visto como um atraso pela busca da modernidade. A percepção também não alcançou a dimensão do que o centro histórico se tornaria anos depois, com falas que deixam escapar um certo arrependimento.

O trabalho de Neves (2013) também aponta para as questões envolvendo a venda dos imóveis no centro histórico por parte dos moradores, corroborando para os aspectos ligados à pressão frente a valorização dos imóveis, problemas com herdeiros e a falta de recursos suficientes para realização das reformas exigidas pelo IPHAN. E neste processo novas espacialidades foram sendo criadas em outros locais da cidade, novos bairros surgiram e se expandiram, afinal havia um ganho iminente na venda dos imóveis centrais por parte de uma parcela da população e por outro lado havia também as dificuldades na preservação e conservação da edificação por parte das famílias. Um outro fator, mas que talvez possa não se estender a toda a parcela que vendeu os imóveis, seria o fato de que residir no núcleo tombado, sobretudo nas principais vias voltadas ao turismo, se tornava algo oneroso. Arcar com os custos de vida somados aos custos e responsabilidades frente ao patrimônio tombado se tornou algo que quase “exclusivo aos de fora”.

No entanto, conforme consta nas análises envolvendo a dimensão religiosa, ao que parece esse afastamento do morador local ainda não alcançou tal dimensão, tendo em vista que o mesmo ainda se desloca ao núcleo setecentista para participar de celebrações religiosas.

**Entrevistado C:** o próprio tombamento esqueceu do patrimônio humano, não existe políticas públicas para fixar o morador, não

---

<sup>61</sup> Silva (2017) explora a saída da população local do centro histórico não apenas como expulsão, jogando luz também sobre aqueles que decidiram sair por vontade própria, incentivados pelo ganho iminente com a venda dos imóveis. Obviamente que seu trabalho também se debruça em questões envolvendo as dificuldades dos moradores em manterem as casas sob a égide das normas emitidas pelo IPHAN, mas denota ao morador local um papel não apenas passivo diante da sua saída do centro histórico.

existe no tombamento, e que deveria ter existido, uma questão assim, você tomba uma cidade e o que você faz, você dá a população maneiras de você se fixar, ajuda-las a manter os imóveis, porque é muito caro, é muito difícil para o morador segurar essa casa...

O deslocamento do morador até o centro histórico pode se dar também em função do trabalho que exerce, sobretudo em atividades turísticas. O morador se desloca diariamente ao espaço para trabalhar. Mas ao se analisar a variável lazer, o distanciamento parece se reafirmar.

**Entrevistado F:** As pessoas moravam no centro histórico e elas voltaram para o centro histórico em outra situação, elas vieram como empregados daqueles que compraram. Então as pessoas eram assim, era a filha do fulano de tal, que mora na rua tal, ela hoje é a cuidadora daquela casa que a fulana de tal comprou. Logo, ela vem com outro olhar, ela vem com um olhar só de ganhar dinheiro mesmo. A relação com a cidade, com o centro histórico, ela se perdeu.

**Entrevistado C:** [...] você tem uma interação arquitetônica, você tem o patrimônio cultural que se integra às questões ambientais de maneira muito peculiar. Né? Mas aí quando você vai pra Tiradentes dos tiradentinos ela é muito pobre. E ela é pobre em todos os sentidos e a tendência é que fique cada vez mais pobre, porque ela vai se afastando das pessoas identitárias do núcleo antigo. Aí vem a questão da música, a questão da religiosidade, a questão da cultura arquitetônica que precisa estar em contato, a questão de entender que todo bairro precisa ter uma área de recreação de encontro [..].

Alguns estudos, dentre eles Campos (2013, p. 79), apontam um processo de gentrificação no centro histórico, com a saída/expulsão dos moradores. Em seu trabalho, o autor analisa todo o processo de transformação do centro histórico em prol das atividades turísticas e menciona que além de todo o aporte de capitais que revitalizou o centro histórico, tem-se também a especulação imobiliária de forma paralela às mudanças, trazendo consigo mais uma variável no rol de transformações: “a intensificação da chegada de novos moradores”.

Migrantes mineiros, paulistas, fluminenses, estrangeiros chegaram à cidade alterando não somente o seu perfil demográfico, mas as suas características socioculturais. Dessa maneira, como bem pontua Yázigí (2005, p. 85), “os antigos ocupantes, costumeiramente incapazes de arcar com os ônus das reconstruções, se veem forçados a mudar para lugares mais baratos.”. A gentrificação se

apresenta, sob o ponto de vista de Smith (2006), como elemento destaque no tocante à transformação dos centros urbanos, traduzindo-se a partir de um fenômeno simultaneamente físico, econômico, social e cultural.

Nos casos de cidades que abrigam um acervo histórico-arquitetônico, a dicotomia entre preservar o antigo e construir o novo surge em uma mesma cidade, muitas vezes de forma simultânea, direcionando propostas preservacionistas para os centros históricos, tornando-os receptáculos de turistas e, de forma paralela, a criação de novos bairros em áreas adjacentes, contribuindo para a expansão periférica. Em alguns momentos, os atores e patrocinadores de propostas como estas se apresentam na mesma pessoa, e a não participação da população em suas formulações se repete em diferentes espacialidades, tendo a gentrificação como um dos principais resultados, revelando duas correntes antagônicas de uma mesma realidade e traduzida na espetacularização das cidades (JACQUES, 2003).

As casas, que até então abrigavam famílias, passaram a adquirir novos usos e novas funções. O comércio e as pousadas fazem parte da nova paisagem refuncionalizada.

**Entrevistado F:** “[...] tudo era casa, chegava 5h ou 5:30h da tarde todo mundo sentava nas portas, as mães, as avós, então era uma troca de informação, era uma conversa muito legal, a gente brincava com os nossos vizinhos, brincava de tudo, sem ninguém para nos perturbar. Hoje você não pode nada. Você não pode andar pela rua, porque tem carro atrapalhando, tem coisas nas calçadas que não te permitem passar e você não pode falar nada porque é uma cidade turística.

A expressão usada pelo entrevistado ao final de sua fala, indicando que as críticas ao turismo feitas pelos moradores não são aceitas com cordialidade, sobretudo por aqueles que veem na atividade turística ganhos econômicos, se inserem numa categoria classificada por Krippendorf (1989) constituída por moradores que nunca – ou quase nunca – mantém contato com os turistas. Esta categoria tende a manifestar atitudes que podem oscilar entre o apoio ao repúdio, passando pela indiferença frente ao turismo, sendo a última atitude a mais frequente. Tal comportamento não é bem aceito frente aos responsáveis políticos pelo turismo, que classificam atitudes como esta de carência de consciência turística.

Neste contexto, vale ressaltar que ao pesquisar sobre a população nativa de uma cidade turística, Krippendorf (1989) constatou que as opiniões sobre o turismo tendem a variar consideravelmente em função dos grupos da população, as categorias profissionais e o escalão político. Dessa forma, sistematizou, para análise, cinco agrupamentos formados pela população nativa, sendo eles: primeira categoria, compreendida por aqueles que estão em contato permanente com os turistas (guias turísticos, hotelaria, comércio e outros) havendo uma dependência direta do turismo como fonte de empregabilidade; segunda categoria, constituída pelos proprietários das empresas turísticas, interessados no volume de vendas e lucros; terceira categoria, os habitantes que mantêm contatos diretos com os turistas, mas obtêm apenas uma parte de seus ganhos com o turismo (sua relação com o turista se apresenta mais distante e sua atitude frente ao turismo tende a ser mais crítica); a quarta categoria, formada pela população que nunca, ou quase nunca, mantém contato com os turistas; e, por fim, a quinta categoria, formada pelos políticos, que defendem o turismo como uma atividade rentável.

Estas categorias mencionadas auxiliam no entendimento do comportamento da população frente ao turismo e isso não foge à cidade de Tiradentes. Durante as atividades em campo e de pesquisa, foi possível identificar as cinco categorias e suas falas frente as atividades do turismo. A terceira categoria, tida pela população que mantém contato direto com o turista e obtêm apenas uma parte dos seus ganhos com o turismo, pode ser traduzida pela locação de casas e/ ou quartos via *AirBnb* aos turistas. Algumas destas casas são dos próprios moradores, que têm transformado as mesmas em espaços para locação temporária, principalmente quartos.

**Entrevistado G:** O pessoal descobriu o *AirBnb* na cidade, então tá todo mundo locando casa, você entra no site de locação vai aparecer umas 50 casas, mas tudo para evento, final de semana.

Em sua obra, Meneses (2004), destaca as singularidades presentes em várias cidades do interior de Minas Gerais e o desfalecimento dos sentimentos dos moradores, gerado, em muitos casos, em decorrência da ação de políticas turísticas implementadas atendendo apenas a um público específico. Tal processo se traduz mediante a pressão de promotores comerciais e imobiliários frente aos

seus terrenos, pressionando-o a deixar seu espaço ou pelas modificações inerentes à própria paisagem vivenciada e que busca atender aos anseios dos de fora. Uma transformação tão profunda que faz com que seja observado

[...] ausência, em seu “centro histórico”, daquela forma de vida interiorana, uma cultura cotidiana local tão esperada em uma cidadezinha mineira. Não há rotina de uma cidade pequena com seu dia-a-dia comum de pessoas a viverem atitudes banais de sobrevivência e costumes típicos da mineiridade, com a prosa entre vizinhança, beatas a caminho da igreja, idosos a jogar conversa fora na praça, burburinho de empregados domésticos a fazerem compras matinais etc. A não ser nas ocasiões de festas religiosas tradicionais, até mesmo a religiosidades cotidianas deixou de ser cena comum a ser visualizada, apreendida pelo visitante. Ao observador mais crítico, o centro da cidade se salva pela rara beleza arquitetônica, mas, em termos de presença humana local, é um vazio. Ele mais parece um mercado emergente que surgiu deslocando os moradores típicos. Veículos transitam insistentemente em uma calçada e em um ambiente ideal para o trânsito de pedestres, com sons em alto volume que incomodam qualquer ouvido. Além disso, há um falso cosmopolitismo promovido por um comércio agressivo que se aproveita do rico e belo artesanato regional e da cultura culinária que, de valorosa e bem construída, tende a se tornar estilizada e pouco natural. A própria sinalética promotora desse comércio assume padrões agressivos, como a espalhafatosa exposição de mercadorias nas janelas e portas das lojas (que são, hoje, a memória dos antigos edifícios domésticos), uma pizzaria que expõe exagerada bandeira da Itália em seu pórtico, a própria forma de atendimentos e o próprio sotaque dos “adventícios” atendentes das lojas e cafés, além, é claro, de restaurantes “de cozinha internacional” com preços comparáveis aos bistrôs parisienses (Meneses, 2004, p. 64-65).

Além disso, Cifelli (2005, p. 65) pesquisou sobre as transformações ocorridas na cidade de Ouro Preto com o advento do turismo e a formação, em paralelo, de novas territorialidades, sobretudo por parte dos moradores excluídos do processo. Em uma de suas falas afirma que, diante da velocidade e forma como as transformações ocorrem, “as territorialidades tradicionais do morador da localidade chegam a ser suprimidas diante das territorialidades turísticas de caráter massivo concentradas nos locais mais atrativos [...]”.

O próprio cotidiano dos moradores parece ser refeito em meio às transformações colocadas ao espaço e também com chegada de pessoas de fora, conforme evidenciado por um dos entrevistados.

**Entrevistado D:** Aqui tem casos que parecem brincadeira, mas é verdade, uma pessoa processou o vizinho porque ele ligou o rádio às 6h da manhã para ouvir um programa caipira, processou porque não podia tocar [...] agora ele tem que ligar só

a partir das 8h. Teve uma pessoa que implicou com o galo que canta, teve a outra que implicou com o cara que distribui o leite, entrega leite, ele não pode mais passar e gritar "olha o leite", ele não pode mais.

O cotidiano se refaz, as práticas espaciais tradicionais se diluem em meio ao novo. Nos dizeres de Giovannini Júnior (2000, p. 15-16)

O espaço simbólico, antes tão definido, agora é disputado pelos de fora, que não se incomodam de entrar e sair, "sapeando" de acordo com suas próprias vontades. O nativo, fervoroso, fica de fora e observa, invertendo a posição com o turista, a ritualização de uma renovada realidade social, da qual já não tem mais tanto controle.

Paralelo a este processo têm-se a construção de novas espacialidades em áreas mais periféricas ao centro. Tal processo, em alguns casos, parece não ter sido acompanhado de políticas públicas, projetos urbanísticos e planejamento, levando a diferenciações espaciais e problemas inerentes ao cotidiano daqueles que habitam os espaços e tem ali as suas memórias reconstruídas.

**Entrevistado C:** E o grande problema lá desse bairro Mococa é que os lotes são muito pequenos, né? Então há um adensamento populacional muito grande, todas as estratégias de implantação do bairro foi um equívoco, porque eles não seguiram as curvas de nível, fizeram as curvas retas. Então você tem uma situação geográfica muito complicada por falta de orientação técnica e isso ocorre nos bairros de maneira geral, mas lá na Mococa ficou mais acentuado esse problema, de falta de compreensão de como implantar na atual circunstância um bairro residencial.

No entanto, mesmo perante um distanciamento físico, a população parece tentar manter algum elo de ligação com o centro histórico por meio de elementos da arquitetura colonial.

**Entrevistado C:** Mas um fator muito curioso é que é a população de maneira geral ela é ela tem uma afeição pela arquitetura tradicional de Tiradentes. Você pode ver que em um momento quando as pessoas estão construindo, elas vão fazendo, na medida do possível, de acordo com a situação econômica, mas depois elas tentam criar uma situação mais próxima do da característica do núcleo antigo por questões identitárias. A minha casa é uma casa nova, né? Mas eu busco, como os vizinhos também, criar uma certa identidade, não é um pastiche.

Você olha e vê que é novo, mas segue aquela conformação artística do centro antigo.

No que tange a questão urbanística, relatos revelam um espaço carente de atributos essenciais para a qualidade de vida urbana. Tais relatos aparecem na sistematização dos dados da Fundação João Pinheiro e perpassam questões de saneamento, carência de áreas de lazer e áreas verdes, calçamento, acessibilidade, processos irregulares de parcelamento; processos desordenados de ocupação.

**Entrevistado C:** Infelizmente, a questão urbanística de Tiradentes é uma das coisas mais precárias que eu já vi. Por quê? Você saiu do núcleo antigo não houve um planejamento urbanístico para contemplar o morador sabe? E o morador nesse sentido é pra ele ter uma área pra dialogar, pra se encontrar né? Para o entretenimento, inclusive pra atividades físicas, né? Então essa questão urbanística ela é muito precária em todas as partes de Tiradentes, tá? E é tão complicado que nós temos, por exemplo, quadra pública, nós só temos uma que é a municipal, né? [...] O grande problema é que assim nós não temos áreas para receber esse tipo de investimento. E como que você vai fazer, por exemplo, um ginásio aqui ou uma praça, se toda a área foi parcelada e ocupada, né? Então a municipalidade é ela vendeu, doou os seus terrenos e para empreendimentos aqui na área social, na área urbana serão cada vez mais difíceis.

As falas, e as próprias visitas a campo, reforçam a hipótese levantada, de que coexistem duas cidades diferentes dentro de uma mesma cidade. A cidade que se torna alvo de investimento, usada como vitrine e a cidade que abriga espacialidades comuns a qualquer cidade brasileira, mas que carrega consigo problemas e adversidades inerentes do seu próprio processo de urbanização.

**Entrevistado F:** Eu costumo dizer que Tiradentes são duas: a cidade que você vê a céu aberto, que é um shopping e uma cidade que você vê nos bairros ao seu entorno, onde acontece realmente uma cidade. Ali tem as manifestações, tem as festas religiosas, tem as manifestações de todos os sentidos. E o centro histórico ficou só pra evento e pra turista, porque as pessoas daqui são raramente as que frequentam

A fala do entrevistado, corroborado com as próprias observações em campo, remete a fala de Choay (2001, p. 224), fazendo uma analogia à questão da cidade se apresentar como shopping, uma vitrine a céu aberto, onde

[...] a cidade patrimonial posta em cena e convertida em cena: de um lado, iluminada, maquiada, paramentada para fins de embelezamento e midiáticos; de outro, palco de festivais, festas, comemorações, congressos, verdadeiros e falsos happenings que multiplicam o número dos visitantes em função da engenhosidade dos animadores culturais. (Choay, 2001, p. 224)

Paralelo à criação de novas espacialidade, e porque não novas territorialidades, por parte dos moradores distantes do centro histórico, têm-se também a criação de novas espacialidades efetivadas, em sua grande maioria, por investidores de fora. Tais espacialidades são traduzidas sob a forma dos condomínios fechados e usam a imagem da cidade, e do seu próprio centro histórico, como um fator de encantamento àqueles nos quais se destinam.

**Entrevistado C:** Tiradentes Ville (condomínio) aqui é muito maior do que o núcleo arquitetônico tombado de Tiradentes, ou seja, a cidade daqui ela vai tá toda cercada de pequenas Tiradentes porque são condomínios fechados a proposta de não ter nenhuma interação com a comunidade, e essas redomas elas são muito comprometedoras porque elas estão sendo implantadas em áreas que tem uma declividade muito acentuada, as supressões de vegetação, aterro de nascentes e de córregos. Então há uma mudança muito ampla dessas áreas que causam impacto diversos inclusive num bem importante pra nossa cidade que é um impacto na paisagem como um todo. Quer dizer, quem que é a paisagem? A paisagem é um bem comum. Isso você consegue, você coloca tratores pra devastar tudo isso como tem ocorrido aqui, e acaba comprometendo o bem que pertence a todos.

O número de condomínios fechados para uma cidade do porte demográfico de Tiradentes, onde a principal fonte de renda dos moradores é o turismo e o salário médio dos trabalhadores formais é de aproximadamente 1,5 salários mínimos, se apresenta como algo inusitado, revelando um poder de atração do capital imobiliário em investimentos na cidade. Muitos desses condomínios ainda não foram concluídos, estão em fase de comercialização dos lotes ou em fase de implantação. De acordo com os dados obtidos, houve uma intensificação do mercado de imóveis na cidade nos últimos 10 anos. Tal fator pode estar atrelado ao próprio desenvolvimento do turismo e sua projeção no cenário nacional. Dentre outros fatores, atribui-se

**Entrevistado G:** [...] a característica da cidade por ser um lugar seguro. Com a pandemia contribuiu bastante, como refúgio do pessoal, procurando interior. Estamos no interior mas é uma cidade muito ativa, tem muitos eventos, muitas festas. E a propaganda da cidade, é uma cidade que está na mídia.

**Entrevistado G:** A procura tem se dado sobretudo para investimento. O aluguel da cidade é muito procurado, tanto que não tem uma demanda que atenda a procura, falta imóveis para locação na cidade, tanto comercial quanto residencial. Muita gente de fora para trabalhar na cidade, de outras cidades

**Entrevistado H:** Hoje têm-se uma demanda alta por locação tanto para empreendimentos como para moradias, principalmente depois do *Covid 19*. Com a pandemia explodiu o residencial, e o comercial se manteve. A grande maioria dos interessados são do Rio de Janeiro, Belo Horizonte ou Juiz de Fora. Algumas pessoas de Barbacena também, com as casas de veraneio [...] pra morar, normalmente, já são pessoas de uma idade mais avançada, já se aposentaram, numa outra condição financeira. Por outro lado também, virou mania alugar por meio do *AirBnb*, reduzindo, exponencialmente o número de casas disponíveis para locação.

Em pesquisas documentais às legislações da cidade, notou-se uma concentração de aprovações de novos condomínios/loteamentos no ano de 2016 após aprovação do Plano Diretor. Atualmente, a cidade possui uma alta disponibilidade de lotes à venda, com exceção do centro histórico, que a procura normalmente é por casas para abertura de comércios/hospedagens, moradia e/ou veraneio. E essa procura, que por vezes parece estar segmentada na cidade tende a se dar em torno de uma variável.

**Entrevistado G:** Parece um clichê, uma frase pronta, que dê para ir a pé ao centro. Deixam o carro na garagem e vão a pé para o centro. Acabam sendo bairros mais no entorno do perímetro de tombamento. Começa a sair dessa distância o pessoal já não vai querendo. Tem que se deslocar de carro.

**Entrevistado H:** Há uma preferência de bairro em se tratando das classes A e B, só centro histórico 1 e 2. Só lugar único. Uma casa no centro histórico só tem aqui no mundo não existe outro, uma exclusividade.

No entanto, a venda, no caso dos lotes presentes nos mais novos condomínios parece ocorrer de forma lenta na cidade, dado o quantitativo disponível e criado quase que de forma simultânea.

**Entrevistado G:** Antes era a prefeitura que abria um bairro novo, daí acabou esse aforamento. Nessa época que teve esse monte de loteamento sendo aprovado. Acaba saturando o mercado. Vende um aqui outro lá e o negócio não anda como deveria andar. Tem loteamento parada aí a dez anos que não conseguiu fazer, porque geralmente o pessoal trabalha com dinheiro que capta nas vendas. Como tem muita demanda de lotes, você põe na ponta do lápis, um condomínio tem cem lotes, outro tem cento e cinquenta, no final vai ter quase que quinhentos lotes, para uma cidade de sete mil habitantes, a coisa vende mas a passo de tartaruga.

Os altos investimentos e a criação de novas espacialidades colocam a cidade como uma mercadoria a ser vendida, comercializada num mercado competitivo, onde outras cidades também estão à venda (Vainer, 2000). O poder de atração que a cidade exerce parece se refletir na própria forma de ocupa-la e muito do que se compra tende a se idealizar a partir de uma imagem criada.

**Entrevistado G:** Em alguns momentos falta hospedagem, por isso que eu acho que, às vezes a pessoa vem pega um evento desse que a cidade tá super lotada e fantasia aquela coisa que vez vai ser assim, e não é. Tem evento que é normal, tem final de semana que é normal, mas tem final de semana que falta hospedagem. Agora o pessoal descobriu o *AirBnb* na cidade então tá todo mundo locando casa. Você entra no site de locação vai aparecer umas cinquenta casas, a maioria reservada para eventos.

**Entrevistado D:** Algumas pessoas que vêm morar em Tiradentes elas vêm com um pouco dessa ilusão, vem aqui, chegam e ficam fascinados, né? Com essa cidadezinha bucólica, quietinha, todo mundo sorrindo, as casinhas, as igrejas, é isso, é isso que traz. É uma fantasia.

Nas visitas a campo a pesquisadora se surpreendeu com a quantidade de condomínios fechados - lançados ou em fase de lançamento – presentes na cidade. Tal fator fez com que um novo sujeito passasse a fazer parte da pesquisa, compondo uma tríade – morador local – turista – morador de fora/investidor. No entanto, dados referentes à figura dos moradores que têm escolhido Tiradentes como local de moradia mediante os imóveis em condomínios fechados não foram acessados pela pesquisa. Trata-se de uma demanda que vem crescendo de forma

mais recente na cidade e que nem mesmo as imobiliárias locais ainda conseguem definir claramente esse público.

Tais condomínios intensificam a expansão da malha urbana da cidade e inserem o morador local às margens deste processo. Em uma das entrevistas realizadas a agentes imobiliários atuantes na cidade, os lotes presentes nos condomínios, na maior parte das vezes, acabam se destinando a pessoas de fora e/ou investidores.

#### **4.5. O turismo e a cidade fragmentada**

Neste momento, a análise se volta à figura do turismo, como um processo transformador da cidade. Busca-se por meio dos relatos, seja àqueles coletados via oficinas realizadas pela Fundação João Pinheiro quanto às próprias entrevistas, compreender como tal processo impacta a cidade, sobretudo o cotidiano daqueles que habitam tal espacialidade. Os relatos trazidos traduzem, em partes, o universo no qual o morador se insere e o quão a cidade pode se revelar de forma fragmentada.

Começemos pelos dados obtidos junto à Fundação João Pinheiro. Aqui o turismo se apresenta de forma dual, um processo dicotômico para os moradores, ao mesmo tempo em que se apresenta como potencial também tem seu aspecto de infortúnio. Contudo, não cabe ao pesquisador avaliar o quão danoso ou assertivo tem sido a gestão do turismo na cidade, mas trazer luz aos aspectos que envolvem a produção e o uso da cidade frente à atividade a partir dos relatos obtidos.

**Entrevistado B:** Olha, sempre tem a parte boa né, que gera emprego, né? A população aqui não fica desempregada, vem aqui gente até das outras cidades pra trabalhar. Mas assim, é muito tumulto na época em que a cidade tá cheia, por causa do trânsito, entendeu, as festas da cidade, eu acho que não devia ser no meio da cidade, entendeu? Atrapalha muito. Mas eles vindo é bom pra cidade, né? E gera dinheiro, né?

**Entrevistado D:** O turismo chegou na cidade e empurrou pra fora a população que morava na cidade, eles venderam as casas, alugaram as que ficaram.

Ao analisar os dados foi possível notar que o turismo é tido como um potencial, à medida que auxilia no processo de empregabilidade e no próprio

desenvolvimento de algumas parcelas do espaço. O próprio patrimônio cultural, histórico, arquitetônico e natural é visto como um elemento propulsor desta atividade. Por outro lado, parece haver dissidências entre a população e os empresários e administração pública quando o assunto é a socialização dos bônus e ônus da atividade sobre a cidade e a forte dependência da mesma perante o turismo.

**Entrevistado C:** hoje economicamente a nossa cidade está muito dependente do turismo. Então se você tirou o turismo não tem como essa cidade sobreviver, porque aí vai faltar emprego, vai faltar subsídios pra população sobreviver.

**Entrevistado B:** as pessoas de fora excluem o pessoal de Tiradentes [...] usam a mão de obra sempre, porque as pessoas estão aqui e só tem o turismo, isso é uma outra coisa, porque é só o turismo? Porque você não desenvolve alguma coisa, a produção de alguma coisa, gerar renda um pouco de outra forma, estimular alguma coisa aqui, sei lá, para as próprias pessoas consumirem, ter algum tipo de fabricação. Nada aqui é pensado, é sempre o turismo e as pessoas estão sempre à mercê. Um trabalho, muitas vezes não formalizado, e sazonal [...] tudo baseado no turismo que é totalmente predatório para quem é daqui, não é sustentável para as pessoas, não é algo que beneficia de uma forma mais ampla.

**Entrevistado B:** [...] é excluído mesmo, moro aqui a 47 anos e depois que o turismo venho nós nos sentimos excluídos, o tiradentino é visto apenas para trabalhar.

**Entrevistado D:** E assim, o turista aqui tem tudo e tem direito a tudo mesmo ao prejuízo da população.

As falas apresentadas corroboram para o que Krippendorf (1989) destaca em seu livro sobre o negligenciamento da população nativa nas políticas e projetos de desenvolvimento do turismo na cidade, onde, em muitos casos, os moradores passam a ter que se adaptar aos turistas, e não ao contrário. Tudo isso no vão sentimento de que o turismo se apresenta vital para desenvolvimento do local.

O turismo penetra em regiões rurais onde as condições de vida são piores e o nível de educação dos habitantes em geral mais baixo que nas cidades. De pronto compreende-se bem que, no início do desenvolvimento turístico, a população autóctone faça e aceite tudo o que pedem os promotores estrangeiros, seu próprio governo e até mesmo os comerciantes locais. Ela acredita nas promessas e tudo parece cor de rosa. Trata-se de uma grande oportunidade, é o que lhes será dito. [...] Mas ninguém fala das eventuais repercussões negativas, apenas de rendimentos, de trabalho e de melhor qualidade de vida. E

quando o turismo tiver invadido a região e os viajados tiverem tomado conhecimento da verdade, às suas próprias custas, a euforia inicial dará lugar à desilusão e à visão mais realista das coisas (Krippendorf, 1989, p. 90)

Em se tratando das transformações na cidade e seus reflexos no próprio cotidiano dos moradores, os eventos realizados na cidade parecem ser propulsores de novas espacialidades, transitórias ou permanentes, ao longo do ano. As falas narradas até aqui, somadas às próprias observações em campo, revelam um contexto de transformações que têm levado a uma ruptura de costumes e quebra de vínculos espaciais, gerando espaços vazios de pertencimento e que foram, aos poucos, sendo preenchidos com tradições inventadas.

O cenário justaposto de perfeita da paisagem construída com a paisagem natural parece se revelar em novas formas de uso e ocupação, tendo o passado colonial como pano de fundo. Para Castro e Neves (2020), a imagem construída para Tiradentes permeia, de forma fluida e contínua o passado e o presente, constituindo-se de acordo com a necessidade e transitando entre cidade barroca, cidade do interior, cidade bucólica, revelando-se um lugar de várias memórias ligadas, contudo, a uma ideia de brasilidade atemporal.

**Entrevistado C:** mas nós temos uma coisa hoje que virou um evento completamente estranho que é o festival de gastronomia e pra mim virou gastrofobia, sabe por quê? Povo vem e faz aquela bagunça e no final da tarde a cidade está aquela lixeira enorme, a cidade tá imunda e falta muito cuidado. Na verdade, as primeiras edições se chamavam cultura e gastronomia. A cultura foi totalmente atropelada e ficou a coisa só de comida, comida, cada vez maior, e os eventos mais distantes da realidade local.

A questão dos festivais se apresenta como uma possibilidade própria de reinvenção dos lugares, sendo travada uma disputa acirrada com o objetivo de atrair o turista e impulsionar a economia. Tais festivais ao elegerem a cidade como um pano de fundo acabam por desenvolverem uma espécie de simbiose com a mesma, fazendo com que a cidade necessite dos eventos para competir com outros lugares e, de forma paralela, os festivais necessitam do cenário urbano para se reafirmarem.

Em questionamentos sobre a participação da população em festivais e eventos na cidade, como consumidora de produtos e do próprio espaço, os relatos

alegam que há um distanciamento por parte da população, mesmo em eventos onde algumas atividades são gratuitas – tal como a Mostra de Cinema - e as razões são diversas.

**Entrevistado D:** [a população] É não se sente convidada, você até tem alguma presença da população ali. Ah mas não é toda a população não, é uma população mais elitizada que aparece ali pra usufruir. É. Mesmo porque a maioria dela, da população que trabalha, está trabalhando mesmo num evento de graça e tudo mais.

**Entrevistado B:** No início da Mostra de Cinema tinha assim a população de Tiradentes, tinha muita gente, tinha o turista já, mas a população de Tiradentes ia. Depois foi ficando diferente, entendeu? O público não é o mesmo, as coisas são muito caras envolta, Tiradentes ficou caro. Então o tiradentino não vai, e vai ficando meio que recuado.

**Entrevistado B:** Os eventos são mais chiques, e a população carente não se sente à vontade de ficar lá no meio sabe. Eu já vi pessoas falando, sabe? Eu não tenho roupa pra ir lá na praça. Porque as pessoas andam muito chiques. Todo mundo muito bem arrumado, né? E é tudo muito caro, e aí a criança vai pedir um negócio, aí tipo assim, fica tudo meio complicado, né?

**Entrevistado D:** Não. Ela não ela não tem condições financeiras para ser consumidora e nem usufruir do espaço. Ela não tem condições financeiras pra ser consumidora nesses eventos. Ah, ela geralmente está trabalhando, de sete da manhã, duas, três da manhã da madrugada, quando é algum evento que não seja um evento grande, quando é um evento da cidade, um filme, um teatro, uma coisa, ela se sente menosprezada, menor, ela pensa que ela não tem roupa, ela tem vergonha de aparecer nos lugares que a cidade tem. É. Então, é isso.

**Entrevistado A:** [dizem que] O evento é pra todos, é só chegar e usufruir. Mas não é isso, né? Não é desse jeito, né? A gente chega assim, poxa tiradentino chega e os turistas já ficam olhando torto, ficam com medo de ter assalto. Toda cidade tem né o mal exemplo, só que aqui é mais tranquilo entendeu, porque tipo assim nós somos só discriminados mesmo por causa da localização porque sei lá é e é uma questão de ser menor que eles e tal..

**Entrevistado A:** [um ponto negativo do turismo] a falta de poder não ter o livre acesso, de andar na rua em época de festivais sem ter aquele preconceito, sei lá, aquela visão negativa sobre ah quem que é esse povo, um exemplo assim.

O turismo, sobretudo o cultural, pode se colocar como uma atividade onde a inserção do morador local deveria ser vista com certo protagonismo, como àquele responsável pela disseminação da história a partir de suas vivências, interagindo com as experiências e tudo aquilo que o turista traz para a cidade. Essa aproximação entre cotidianos diferentes, turista e morador, torna mais fecunda a utilização da cultura como um elo de atratividade. No entanto, o que se presencia, em muitos lugares, é uma ausência do “[...] peso da realidade porque o conhecemos apenas de fora – através dos olhos do turista e da leitura de um guia turístico.” (Tuan, 1983, p. 21).

Neste quesito, Alves e Deus (2020, p. 172-173) destacam as questões envolvendo a implantação e desenvolvimento de atividades turísticas numa determinada localidade, podendo “[...] cercear o cidadão local em sua dinâmica cotidiana para que o lugar seja palco privilegiado, destinado ao turista, transformando o lugar deste cidadão local num espaço “turistificado”, onde se evidencia o uso da cultura como um produto a ser entregue aos clientes ou ‘outsiders’.”

**Entrevistado C:** Eu achava que Tiradentes tinha um potencial cultural expressivo e que nós teríamos aqui um turismo cultural. Mas ao longo do tempo a questão cultural foi sendo atropelada pelo turismo comercial. Então, tem muita gente que vem, se hospeda, consome esses bens mas não toma o conhecimento, não tem percepção de que isso aqui é um lugar muito espetacular em todos sentidos, inclusive o aspecto humano, né? Se você chegar aqui na cidade e trocar um dedo de prosa com um morador, se você não se aproximar dele, saber como que ele vê esse espaço aqui, que é uma ocupação muito antiga, que vem lá do século XVII, a pessoa simplesmente vem, vai embora e não absorveu nada dessa espacialidade.

É claro que o turismo não pode ser colocado como um vilão dentro da cidade, até porque no caso de Tiradentes se apresenta como uma das principais fontes de renda e empregabilidade na cidade. E isso se revela nas considerações extraídas das oficinas realizadas pela Fundação João Pinheiro, das entrevistas e também dos dados secundários coletados. Em vários setores urbanos a população reconhece o potencial turístico da cidade, manifestado por meio de seu patrimônio histórico-cultural – ambiente construído – e o patrimônio natural – Serra de São

José. No entanto, é necessário discutir as formas como esse turismo tem sido materializado na cidade e a quem tem sido direcionado os ônus.

**Entrevistado C:** Eu me lembro de Tiradentes sem turismo e a gente tinha uma vida social muito intensa, uma vida social e cultural quando você vai tendo o advento do turismo as coisas vão diminuindo, as exposições locais, as atividades envolvendo a comunidade.

**Entrevistado F:** Eu entendo a vocação da cidade, como uma cidade turística, belíssima em todos os aspectos, culturais, paisagísticos, arquitetônicos, maravilhosa, mas não é disso que vive uma cidade, ela precisa de alma, ela precisa de gente.

O turismo, nos dizeres de Alves e Deus (2020), da forma como é conduzido num espaço pode levar ao cerceamento do cidadão local de sua própria dinâmica cotidiana, transformando o espaço em palco individualizado ao turista e fazendo com que o lugar do morador comum se torne um espaço “turistificado”. Em tal espaço a cultura passa a ser vista como um produto direcionado aos clientes, no caso, os turistas.

#### **4.6. A cidade narrada nas mídias sociais: o cotidiano no avesso da cidade**

Este tópico tem por objetivo apresentar demandas manifestadas pelos moradores na plataforma digital *Instagram*. A página na qual os dados foram coletados foi a página oficial da Prefeitura, e as postagens se iniciam em 2019. Dessa maneira, de forma manual, foram coletados 140 comentários inseridos na página e que apresentavam reivindicações quanto a políticas públicas urbanas datados do período de 2019 a 2022. O critério utilizado para a coleta dos comentários foi o de Políticas Públicas Urbanas.

Vale ressaltar que a página do *Instagram* da Prefeitura é utilizada como forma de divulgação das obras e projetos desenvolvidos pelo Órgão Público e os comentários suscitados em algumas postagens, normalmente, eram reivindicações de melhorias também para outros bairros ou áreas da cidade. Não se trata de uma página/perfil com muitos comentários e uma participação ativa da população, mas, de qualquer modo, se mostrou de valia, pois poderia evidenciar um ambiente vivido

pelos moradores, ao reivindicarem ou denunciarem problemas/demandas em seus bairros. Tal questão vai de encontro com a tese, à medida que o objetivo se pauta por desvendar o contexto de partes da cidade que vai para além das atividades turísticas.

Sendo assim, ao estudar o perfil dos comentários emitidos pelos moradores notou-se que a maioria era induzido de acordo com o tipo de postagem que era realizada pela prefeitura. Como exemplo, a prefeitura postou uma obra de recapeamento de uma rua no bairro X, na sequencia eram postados comentários que reivindicavam as mesmas melhorias para o bairro Y. De qualquer modo, isso não inviabiliza a amostragem e muito menos a torna enviesada, pois as demandas são reais.

A coleta dos dados revelou-se interessante, pois proporcionou à pesquisadora uma visão de problemas recorrentes na cidade. Vale destacar que, não está sendo avaliado aqui questões partidárias que, porventura, possam envolver alguns comentários, mas os padrões de problemas e demandas que se destacam a partir de um universo amostral contendo cerca de 140 comentários relacionados à Políticas Públicas Urbanas. A maioria dessas demandas se remetem a questões infra estruturais, que nos revelam também um cenário, muitas vezes, distinto ao núcleo de tombamento.

A Figura 35 traz uma representação da frequência das palavras mais representativas do *corpus* analisado.



bairros se encontram mais afastados do centro histórico e fora também do percurso percorrido pela grande maioria dos turistas. As postagens relatam os problemas vivenciados pela população, mas em algumas delas era possível notar um certo descrédito quanto a atuação do poder público nos bairros ao longo dos anos. Em conversa com representantes do bairro de Aguas Santas, o bairro sofre com a ausência de políticas públicas a muitos anos.

**Entrevistado D:** O interesse é o centro histórico e essa sedezinha aqui, Elvas, Bananal, Caixa d' Agua, César de Pina, Aguas Santas, não, sabe [...] se não fosse o dinheiro que entra, especialmente de Aguas Santas, que paga-se um imposto alto (IPTU), são casas com bom nível, muita gente aposentada que tá chegando pra lá, que era daqui e voltou e tudo mais, o nível de moradia é melhor, mas é um pessoal que não está acostumado a atuar politicamente [...] não há a pressão necessária para conseguir alguma coisa.

Em visita aos bairros Aguas Santas e César de Pina (Figura 36) não foi identificada uma rede de comércio de apoio e espaços de lazer aos moradores. Sua dependência de “Tiradentes”, como alguns se remetem ao falarem da malha urbana próxima ao centro histórico, e que dispõem de rede de comércio e serviços é alta. Dessa maneira, por dificuldades de transporte e também pela proximidade, acabam por manter uma relação mais forte com outras cidades do entorno, tais como Coronel Xavier e São João Del Rei.

Figura 36. Vista parcial do bairro Aguas Santas.





Fonte: Própria autoria (2023) e Google Earth (2023) respectivamente.

Em pesquisas realizadas nas mídias ligadas ao Poder Público Municipal, foi observado uma tentativa de instalação de uma linha de micro-ônibus interligando os bairros de César de Pina a Aguas Santas, em 2018 em caráter experimental durante três meses. O transporte começaria a operar a partir das 6h da manhã, saindo do município de Coronel Xavier Chaves, passando por César de Pina, Aguas Santas até a sede de Tiradentes. De lá o micro-ônibus também circularia pelos bairros mais distantes fazendo uma interligação com o centro. No entanto, a linha não mais existe e em tentativas de saber o que ocorreu para a desativação não foram obtidas informações.

A demanda por áreas de lazer e atividades culturais foi uma temática levantada nas oficinas realizadas pela Fundação João Pinheiro com os moradores destes dois bairros na época da elaboração do plano diretor, assim como queixas quanto as festas organizadas no centro histórico, que priorizavam apenas o turista.

Ao cruzar os dados levantados na mídia social com os dados obtidos junto às oficinas realizadas pela Fundação João Pinheiro, notou-se que algumas demandas se repetem. No que tange à precariedade na infraestrutura nas ruas, esta tônica já tinha sido levantada também nas oficinas, principalmente em Águas Santas.

Vale ressaltar que problemas como estes acometem várias cidades brasileiras, no entanto, é importante trazê-los para o debate, sobretudo nesta pesquisa, de modo a contribuir no descortinamento da construção imaginária acerca da cidade, sobretudo a partir das narrativas virtuais, revelando assim o cotidiano vivido pelos moradores.

A análise da narrativa dos moradores juntamente com os dados observados em campo pela pesquisadora revela um espaço da cidade para além dos limites do centro histórico, e que, em alguns momentos, se apresenta em dicotomia com a espacialidade deste. Daí o conceito, do avesso, utilizado no título e que apresenta uma espacialidade escondida por meio das tramas do cotidiano tecidas diariamente por aqueles que a vivenciam. Por ora, foi possível notar um certo distanciamento, por parte do morador, do centro histórico e a problemática envolvendo o “isolamento” cultural, entretenimento e social.

## **5. A CIDADE OBJETO DE CONSUMO: O ESPAÇO NARRADO, CONSTRUÍDO E COBIÇADO NAS MÍDIAS SOCIAIS**

### **5.1. O turismo e o turista: sua forma de expressão e projeção da cidade virtual**

Os dados analisados neste tópico se remetem ao conteúdo gerado pelo usuário, se remetendo a qualquer manifestação que um internauta disponibilize na mídia, sejam elas fotos, vídeos, informações textuais. Vale ressaltar que as informações coletadas são públicas, facilitando o processo de coleta.

Os dados apresentados estão ancorados na percepção de que o turista pode ser um facilitador na produção imaginária da cidade (Silva, 2014), ao projetar a sua experiência nas mídias. O século XXI, marcado pela *city of bits* (Mitchell, 1999) se configura pela urbanização feita no ar, “[...] cujos lugares são construídos virtualmente, pelo *software*, em vez de fisicamente, com pedras ou cimento, e conectados por links em vez de portas ou ruas.” (Silva, 2014, p.46).

O imaginário revelado aqui parte de um pressuposto colocado por Silva (2014) de que os “imaginários se relacionam com visões grupais que afetam e contagiam seus membros, e provém de muitas experiências de mediação: as mitologias, a literatura, a arte, as ciências, as tecnologias ou a mídia, todas elas fontes enlaçadas pela História e pelas histórias locais de cada comunidade e dos grupos que as formam.

O turista, como bem destaca Gali e Donaire (2015) e Machado (2016), se apresenta como um usuário do espaço, usufruindo de condições adversas, mas também, se configura como um propagador de imagens, textos e ícones paisagísticos, sobretudo, em função da popularização das mídias sociais. Sendo capaz, por conseguinte, de influenciar os rumos do mercado de viagens e turismo e a lógica de produção e apropriação do espaço urbano.

É claro que as afirmações feitas até o momento não têm por objetivo atribuir ao turista a responsabilidade pelo processo de turistificação e de profundas mudanças que muitas cidades passaram, e continuam a passar. Agentes produtores do espaço e os ditames capitalistas têm o seu papel primordial neste processo e isso não é diferente em Tiradentes. Mas não se pode desconsiderar o turista como um usuário capaz também de influenciar na forma como as cidades são vistas e imaginadas, ditando, até mesmo, verdadeiros roteiros de visitação e exploração de uma cidade.

No geral, os dados coletados tendem a diferenciar-se de acordo com a mídia, no que tange ao seu escopo e característica. Um exemplo pode ser mencionado ao que tange o *Youtube*, primeira plataforma a ser analisada. Muitos dos dados coletados fazem alusão à cidade como um espaço de apreciação. Os responsáveis pelos vídeos apresentam-na como uma espécie de vitrine a ser contemplada, e consumida, passando por características que ressaltam alguns monumentos, serviços e atratividades.

Os dados do *Youtube* revelam uma percepção da cidade, mas também a projeta como um espaço *lócus* do lazer, descrevendo atividades que podem ou foram realizadas no espaço. As narrativas prezam pela apresentação de uma cidade onde é possível vivenciar um cotidiano muito distinto daqueles vivenciados rotineiramente. A cidade passa a ser projetada a partir das suas possibilidades de lazer intrínsecas ao seu espaço singular.

É claro que os dados analisados do *Youtube* podem não se remeter somente a turistas. É possível encontrar alguns vídeos no estilo documentários ou reportagens da cidade, no entanto, para esta análise em particular, teve-se um cuidado em filtrar vídeos que remetessem à construção e apresentação da paisagem por meio do olhar daquele que a visita. Isso se torna importante pois auxilia na busca de se entender como a cidade é vista por pessoas de fora, contrapondo à visão daqueles que vivenciam a cidade em seu cotidiano diário.

Como bem aponta Rodrigues (2021), o *Youtube* é uma das plataformas que mais crescem no mundo, tendo canais segmentados e narrados por meio dos *youtubers*. As transmissões das narrativas de viagens efetivadas pelos canais aproximam o espectador do desejo da experiência turística, despertando uma relação de sedução e magia graças aos imaginários que geram representações distintas.

Assim como para a análise de todas as plataformas, recorreu-se a análise da frequência de palavras mais destacadas no *corpus*, lembrando que, neste momento, foram compilados cerca de 1000 vídeos onde, de alguma maneira, havia menção à cidade de Tiradentes. Conforme já mencionado nos procedimentos metodológicos, as palavras compiladas se remetem aos títulos dos vídeos publicados que, normalmente, sintetizam o conteúdo principal do material, revelando, em alguns momentos, aspectos cognitivos e afetivos da experiência. O título se coloca, em muitas das vezes, como um chamariz que evidenciam características, atributos e atividades que foram desenvolvidas na cidade ou que serão apresentadas.

Já a segunda plataforma, o *TripAdvisor* tem por objetivo divulgar informações acerca de destinos e atrativos turísticos, permitindo ao usuário opinar sobre os locais visitados e postar imagens. Trata-se de uma plataforma colaborativa, alimentada por comentários e percepções dos usuários sobre um determinado lugar. Neste processo o usuário pode avaliar uma localidade numa escala de atribuição que vai de excelente, muito bom, razoável, ruim ou horrível e também escrever um breve relato sobre a sua experiência. É este relato que mais interessa à pesquisa, pois mesmo em pequenos fragmentos, têm-se ali uma narrativa acerca do espaço, e, diferentemente da plataforma do *Youtube*, os comentários estavam mais voltados à descrição da cidade, suas características e seus atributos.

A exposição midiática das viagens nas mídias sociais, promovida por aqueles que produzem o conteúdo, quanto por aqueles que interagem como os produtores, se apresenta como uma viagem espetáculo, conforme pontuado por Rosa, Walkowski e Perinotto (2022), fazendo com que o viajar se transforme em palco e as paisagens em verdadeiros cenários destinados às representações. Sendo assim,

Os viajantes se tornam repórteres, registrando, compartilhando seus deslocamentos e convertendo suas vivências de viagem em matérias, exibindo-as através de fotos, vídeos, textos e transmissões ao vivo. Esse grande espetáculo do “eu” parece necessitar do olhar do outro, que se torna importante para autenticar as vivências do “self viajante”, num sistema baseado na aprovação social. (Rosa, Walkowski;Perinotto, 2022, p. 2)

Vale a pena ressaltar que mesmo se tratando de comentários que visem descrever uma experiência turística na cidade, as frequências e os padrões encontrados ali também podem revelar para nós uma forma de uso, ocupação e relação com a cidade, mesmo que de forma mais efêmera. A cidade também pode ser entendida a partir da ótica do turista, ou do estrangeiro, e aqui, neste estudo em particular, permite vê-la a partir de uma experiência distinta daquela narrada pelo seu cotidiano.

A narrativa projetada nestas mídias permite compreender uma outra faceta da cidade, auxiliando até mesmo no entendimento e justificativa pela qual a mesma tem se mercadorizado nos últimos anos. É claro que a análise por frequência não se limita ao entendimento completo das formas de uso, ocupação e experiência na cidade, mas pode sim revelar *insights* para o aprofundamento de questões.

## **5.2. A cidade e seus atrativos: lazer e cultura no espaço virtual**

Este tópico tem por objetivo analisar a cidade que se projeta nas mídias sociais como um espaço de lazer e cultura. As práticas de entretenimento são reveladas por meio dos comentários e fotografias e ilustram formas de uso e ocupação da paisagem urbana, sobretudo das imediações do centro histórico. O espaço passa a atribuir-se de um valor singular e inerente às práticas de consumo. A partir das diferentes visões projetadas pelas três plataformas escolhidas, pôde-se notar um espaço que, ao longo, do ano se perpetua como cenário para diferentes práticas, sobretudo de entretenimento, e como estas projeções reforçam, ainda mais, o seu caráter cênico.

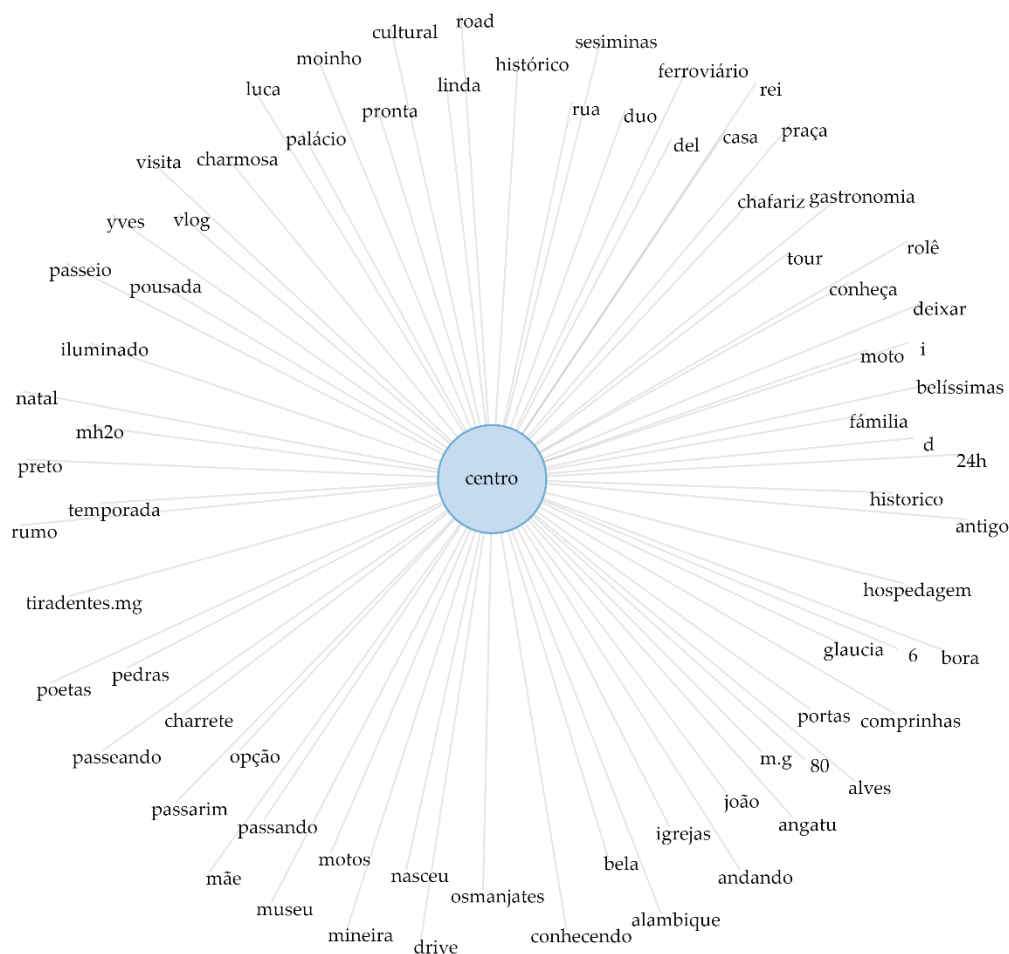
A primeira plataforma analisada será o *Youtube*. Ao analisar a *wordcloud* dos referenciais dos vídeos projetados, as palavras que ganham mais destaque são aquelas que definem a cidade como um espaço de passeio e seus atrativos (Figura XX). Os vídeos apresentam verdadeiros roteiros de experiências na cidade, sobretudo no centro histórico. Elementos como a Maria Fumaça ganham



A categoria “centro histórico” aparece com certa frequência (29) e normalmente está correlacionada a categorias que auxiliam a definir, um pouco mais, a experiência do usuário neste espaço a partir de características subjetivas à própria experiência. Dentre elas, destacam-se “charmosa”, “passeio”, “charrete”, “cultural”, “yves alves”, “maria fumaça”, “sesiminas”, “pedras”. A palavra “charrete” diz respeito aos passeios, ao modo *city tour*, que ocorrem ao longo do centro histórico, onde os guias conduzem os turistas pelos principais pontos turísticos do centro histórico por meio de charretes, com um apelo bucólico de apreciação do espaço.

Outros termos tais como “natal iluminado”, “gastronomia”, “comprinhas”, “igreja”, “museu” estendem o rol de características descritivas do centro histórico e revelam um espaço de consumo, cenário e também marcado por elementos notáveis. A Figura 38 ilustra a co-relação, ou seja, todas as palavras que durante os comentários foram utilizadas ao se remeterem ao centro histórico.

Figura 38. Análise de co-relação tendo o termo centro como referência.



Fonte: Dados coletados do *Youtube* e organizados pela autora (2023).

A cidade também é narrada a partir de alguns eventos temáticos, tendo representatividade os termos “moto”, “bikefest” se remetendo ao tradicional evento de *Bike Fest*, que no ano de 2023 chegou a sua 31ª edição. O evento se constitui num encontro de motociclistas e abrange shows de *jazz*, *blues* e *rock*, além de feiras de negócios, palestras, exposições de peças e motos customizadas. Empresas do ramo fazem presença na cidade, e as atrações têm se concentrado na praça da Rodoviária e no Santíssimo *Resort* (ambos no centro histórico). Outros festivais também aparecem, tais como o Festival de Cerveja e o próprio Festival de Gastronomia.

A maria fumaça também tem grande representativa na imagem projetada pelo Youtube, estando muito relacionada à categoria “passeio”. De fato, a locomotiva virou um símbolo de atratividade em Tiradentes interligando-a a cidade de São João Del Rei, num trajeto de cerca de 12 km, no entanto se remete a uma atividade de lazer mais voltada ao turismo em detrimento aos moradores. Na cidade de São João Del Rei têm-se o Museu Ferroviário que abriga documentos, equipamentos e veículos que remontam a história da ferrovia e que também se coloca como um espaço integrado ao circuito turístico.

O fascínio pelo transporte, que mantém as características de sua época de inauguração em 1881 por meio da antiga Estrada de Ferro Oeste de Minas (EFOM)<sup>62</sup>, se apresenta como um elemento a mais na geração do turismo em Tiradentes. Para D’Agostini e Abascal (2017), o trem turístico tem uma representatividade no complexo das cidades históricas, fortalecendo a mobilidade urbanas entre elas e também a gestão do turismo praticado em prol do desenvolvimento local. Dessa maneira, ao associar a própria edificação que serviu de base para a atividade e toda a sua infraestrutura à prática do lazer revela-se uma preocupação da gestão em atingir uma abrangência regional, apoiada na valorização da memória e imagem das cidades proponentes (D’Agostini; Abascal, 2017).

No entanto, a categoria que mais se destaca se revela em “passeio”, inserindo a cidade num roteiro de lazer e fuga do cotidiano, como bem pondera Krippendorf (1989) e Silva (2004). Explorar a cidade por meio dos elementos exóticos que ela possui se apresenta como uma possibilidade de evasão à vida cotidiana, que, em muitos casos, apresenta “[...] um papel muito mais importante do que o interesse pelas regiões e populações visitadas.” (KRIPPENDORF, 1989). Sendo assim, o ambiente exótico se apresenta como algo elementar na busca por espaços a serem visitados, principalmente pela beleza da localização, funcionando como uma decoração a ser desfrutada e apreciada.

As análises seguiram-se agora por intermédio dos dados contidos na plataforma do *TripAdvisor*, permitindo avançar, ainda mais, na leitura da cidade por

---

<sup>62</sup> A Estrada de Ferro Oeste de Minas (EFOM) foi inaugurada em 30 de setembro de 1881 e ligava as cidades de Antônio Carlos e Barroso.

meio dos comentários emitidos, sobretudo por turistas que visitam o espaço. Estes comentários, em geral, descrevem as características acerca da cidade e dos seus elementos constituintes, permitindo que uma imagem urbana seja construída, atribuindo valores positivos ou negativos acerca do espaço, e, no caso de Tiradentes, com uma forte associação com o centro histórico. A experiência que o usuário teve com o espaço é narrada por meio dos comentários, e também das fotografias como registros visuais dos lugares por onde passaram. Tal experiência é analisada a partir das palavras mais expressivas e suas co-relações, de modo a identificar os elementos constituintes da imagem da cidade construída no espaço virtual. Mas que, antes de ser construída no espaço da virtualidade, foi vivenciada pelos usuários.

Em se tratando das características destes comentários, no sentido positivo ou negativo, o usuário, na grande maioria das vezes, atribui aspectos positivos à sua experiência na cidade, classificando-a em excelente (1486), muito boa (306), razoável (40), ruim (8) e horrível (3). Essa classificação se remete a algumas das ferramentas de avaliação do *TripAdvisor* e insere a cidade num rol de classificação muito satisfatório. No entanto, tal dado não oferece características mais pontuais acerca da cidade, se remetendo apenas a uma nota avaliativa.

Dessa maneira, as análises prosseguiram em busca da identificação dos atributos mais destacados e que, de alguma maneira, embasaram a atribuição da nota proferida para a experiência na cidade. A construção da nuvem de palavras (*wordcloud*) se mostrou também de grande valia, pois é possível visualizar, de forma gráfica, os atributos mais relativos no que tange a descrição da cidade e das experiências ali vividas (Figura 39).

Figura 39. *Wordcloud* com as 100 palavras mais representativas do *corpus* dos comentários do *TripAdvisor*.

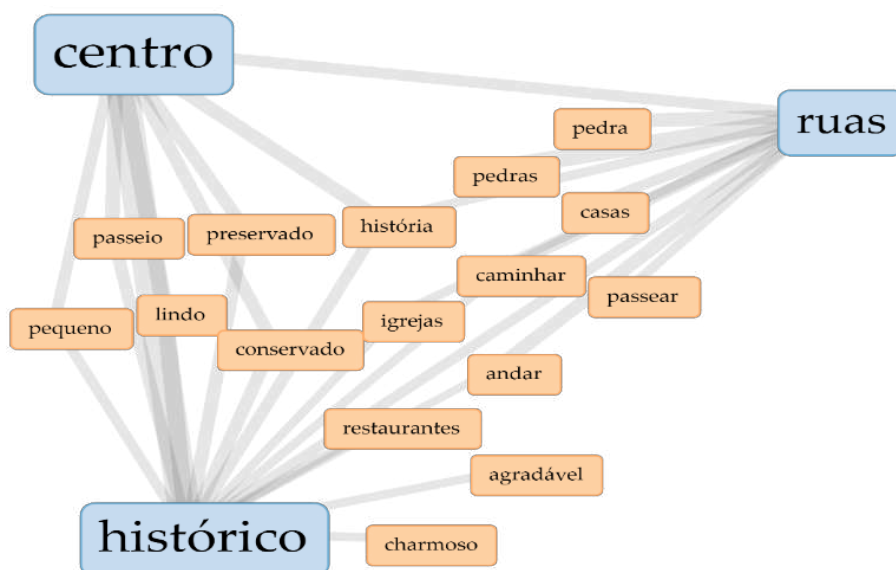


Fonte: Dados do *TripAdvisor* elaborado pela autora (2023).

A própria categoria “centro histórico” aparece com muita frequência nos comentários (728), estando também co-relacionada à categoria “ruas” (480). Ao aparecer com frequência nos comentários, o centro histórico passa a ser descrito e avaliado também, e outros atributos são mencionados de modo a auxiliar nesta caracterização, associando-o a elementos que ajudam a criar uma certa imageabilidade<sup>63</sup> para o espaço (Figura 40).

<sup>63</sup> O conceito de imageabilidade é proposto por Lynch (1997, p.11) que o define como uma “[...] característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado [...]” sendo “[...] aquela forma, cor ou disposição que facilita a criação de imagens mentais claramente identificadas”

Figura 40. Grafo de correlação das palavras com maior frequência no *corpus*.



Fonte: Dados do *TripAdvisor* elaborado pela autora (2023).

O próprio centro histórico é descrito como um espaço “lindo”, “pequeno”, “conservado”, “preservado”, “charmoso”. A rua (480), como um elemento morfológico deste espaço, é descrita a partir de suas características, tais como “pedras”, a presença de “igrejas”, “casas” e a experiência que elas proporcionam, tal como o “caminhar”, “andar”, “passear”. A experiência da caminhada é indicada que seja realizada a pé por aqueles que descrevem a cidade, estando fortemente relacionada à categoria “passeio”, revelando uma experiência próxima ao flunar, em um espaço que destoa do cotidiano daqueles que ali visitam. O ambiente construído é descrito pelos turistas como um espaço de contemplação e fuga do cotidiano, se transportando para um espaço singular.

As ruas são descritas, na grande maioria dos comentários, como um espaço nostálgico, principalmente ao associá-la ao casario. Alguns comentários evidenciam questões de acessibilidade, como a crítica a permissão do trânsito de veículos em alguns pontos do centro histórico e as dificuldades colocadas ao transeunte em função do tipo de calçamento. Embora esta última seja ressaltada como uma dificuldade, a mesma não parece ser colocada como crítica, apenas como um alerta àquele que pretende visitar a cidade. Pouquíssimos comentários relatam o problema do lixo disposto inadequadamente pelas ruas, pelo contrário, a grande maioria descrevem-nas como verdadeiros cenários.

A categoria “restaurantes” também aparece com uma frequência nos comentários (466) e normalmente estão correlacionados a termos como “lojas” (102), “cafés (24)”, “lojinhas” (24), “bares” (93). Todos eles ajudam o turista a descrever o centro histórico e os seus atrativos, mas ao analisar as fotografias, poucas trazem estas categorias como elementos principais de registro. Alguns comentários, além de descrever a presença dos restaurantes, também emitem uma opinião sobre os mesmos, se estendendo, em sua maioria, a comentários positivos, exaltando a boa gastronomia e os espaços. Poucos são os comentários onde é emitido uma opinião negativa, e normalmente se referem ao alto valor dos pratos comercializados em alguns estabelecimentos, na opinião daqueles que avaliaram.

No que concerne à comercialização dos produtos, o artesanato (184) também aparece como um atributo na descrição da cidade. Conforme já mencionado anteriormente, a cidade abriga muitos artesãos vindos de fora e/ou da própria cidade. Muitos trabalhos são comercializados no próprio centro histórico, talvez, por isso, a correlação com a categoria “lojas” (328). Embora o consumo seja uma característica que se projeta nas mídias, não se pode desconsiderar a importância na identificação da valorização do artesanato, podendo se colocar como uma variável importante em projetos que visem a valorização da figura do artesão, seja numa escala local quanto regional.

Já no contexto da própria arquitetura, *lócus* no qual se desenvolve as atividades turísticas, a mesma é pouco mencionada no texto, se comparada a outros atributos, aparecendo cerca de 117 vezes. Na maioria das vezes, tende a aparecer em associação com outros atributos, tal como “ruas”, “igrejas” e “restaurantes”. Isso acontece, pois, ao ser mencionada nos comentários ela é utilizada como uma característica adicional para descrever o centro histórico. Em outros momentos, além de se colocar na função de descrição, ela é avaliada recebendo atributos tais como “bucólica e encantadora”, “peculiar”, “bem conservada”.

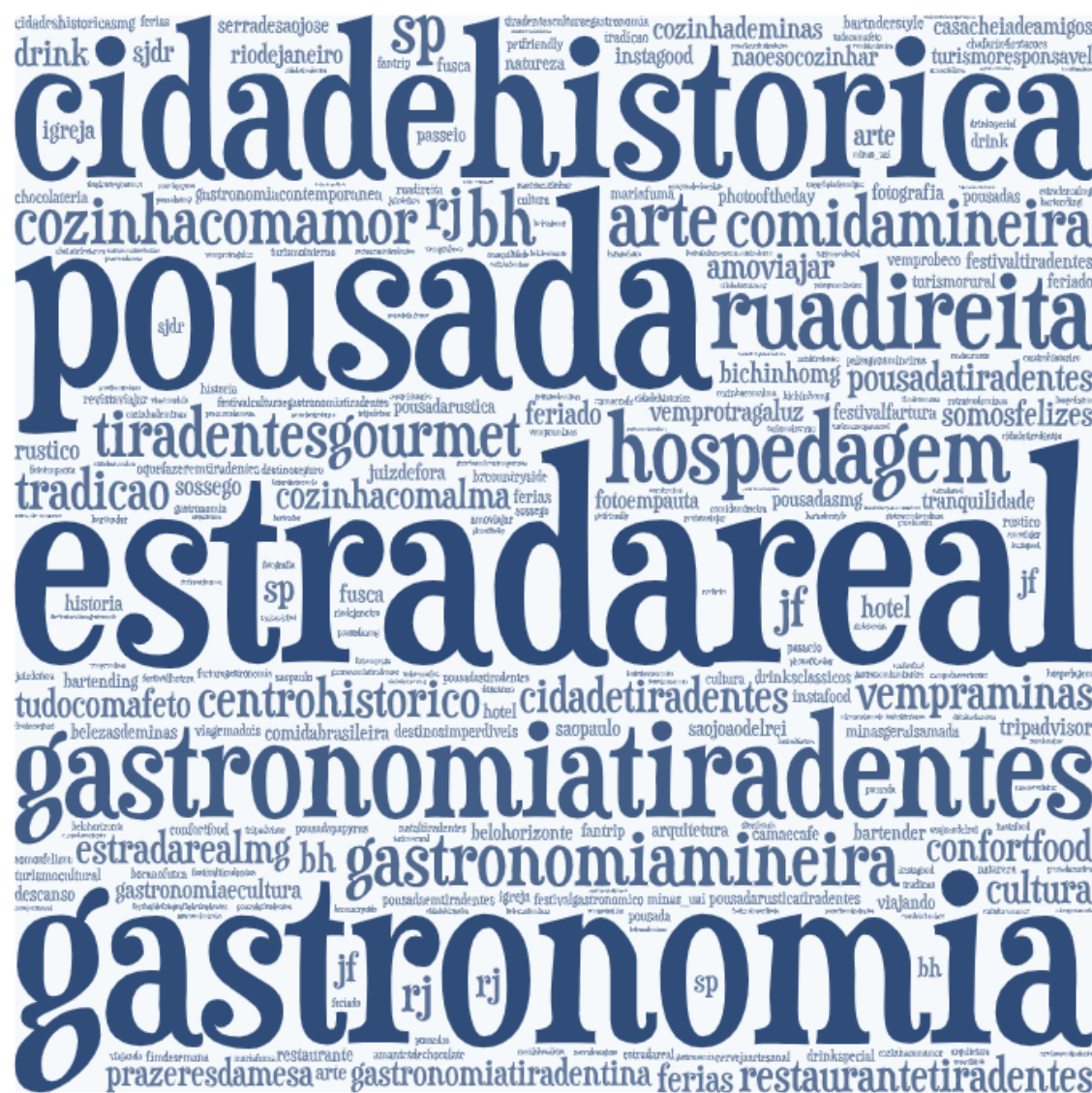
Em se tratando da categoria “igrejas” ela apresenta uma frequência de 286 e aparece como um elemento a mais de descrição do espaço, de seus atributos, não havendo uma descrição pormenorizada da riqueza arquitetônica existente. Apenas duas igrejas são mencionadas de modo a nomeá-las, sendo a Matriz de Santo Antônio e a Igreja Nossa Senhora do Rosário. A inserção espacial destas duas igrejas pode favorecer a sua assimilação como marcos da cidade (Lynch,

1997), estando localizadas na rua da Câmara e na rua Direita, respectivamente. Ambas as localidades fazem parte de um dos principais percursos turísticos e são os mais representativos nas fotografias também.

Ao analisar os comentários do *TripAdvisor*, têm-se a impressão de que o turista tende a restringir a sua relação com a cidade apenas ao centro histórico, porém estende a imagem que constrói acerca do espaço urbano a todo o restante da cidade. Tal imagem é descrita a partir de adjetivos positivos, constituída por belas atrações que, em conjunto, formam, na mente do turista, a imagem de uma cidade cenário, tendo alguns comentários com menções diretas a este conceito. Resultantes semelhantes foram identificados por Galí e Donaire (2015), ao estudarem sobre as imagens percebidas pelos turistas da cidade de Barcelona, onde, em determinados momentos, os turistas tendiam a enxergarem determinados pontos da cidade como verdadeiras representações de espaços cênicos.

E, por fim, os dados contidos, e coletados, na plataforma *Instagram* auxiliaram também na caracterização da cidade, principalmente no tocante à construção da sua imagem (Figura 41).

Figura 41. *Wordcloud* com as 100 palavras mais representativas do *corpus* dos comentários do *Instagram*.

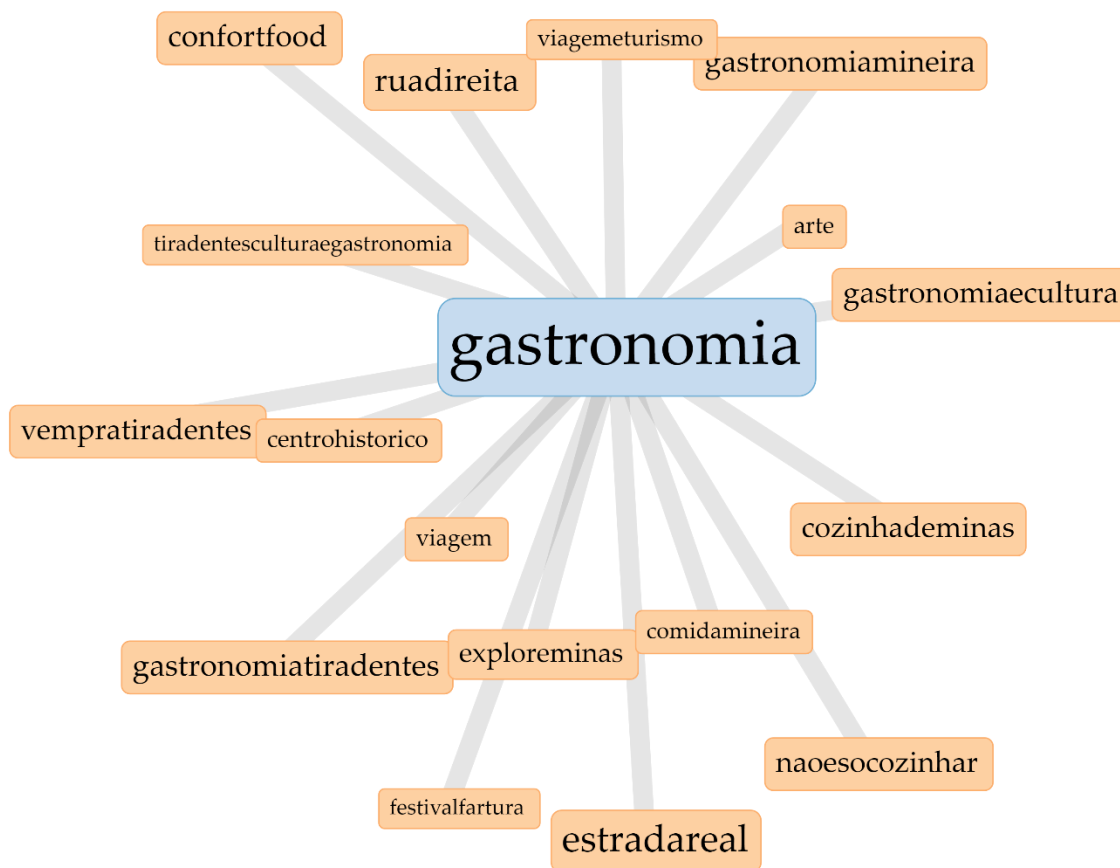


Fonte: Dados do *Instagram* elaborado pela autora (2023).

Diferentemente dos dados coletados no Youtube, os elementos que mais se destacam ao projetarem a cidade na mídia, seriam àqueles ligados a formas de classificação dessa cidade, que no caso se destaca pelo uso do atributo “cidade histórica”, seguido por “gastronomia”. Em referência a este último atributo, outros elementos mais aparecem como forma de projetar, e caracterizar, a cidade, tais como “gastronomiatiradentes”, “gastronomiatiradentina”, “cozinha com alma”, “restaurantes tiradentes”, “cozinha com amor”, “prazer da mesa”, “comida mineira” e outros mais. A expressividade de tantos atributos ligados à gastronomia projeta a cidade como uma expoente e perpetua uma política de construção de imagem

iniciada ainda na década de 1990. A Figura 42 ilustra os termos correlacionados à gastronomia no *corpus* analisado.

Figura 42. Grafo de correlação das palavras com maior frequência no *corpus*.



Fonte: Dados do *Instagram* elaborado pela autora (2023).

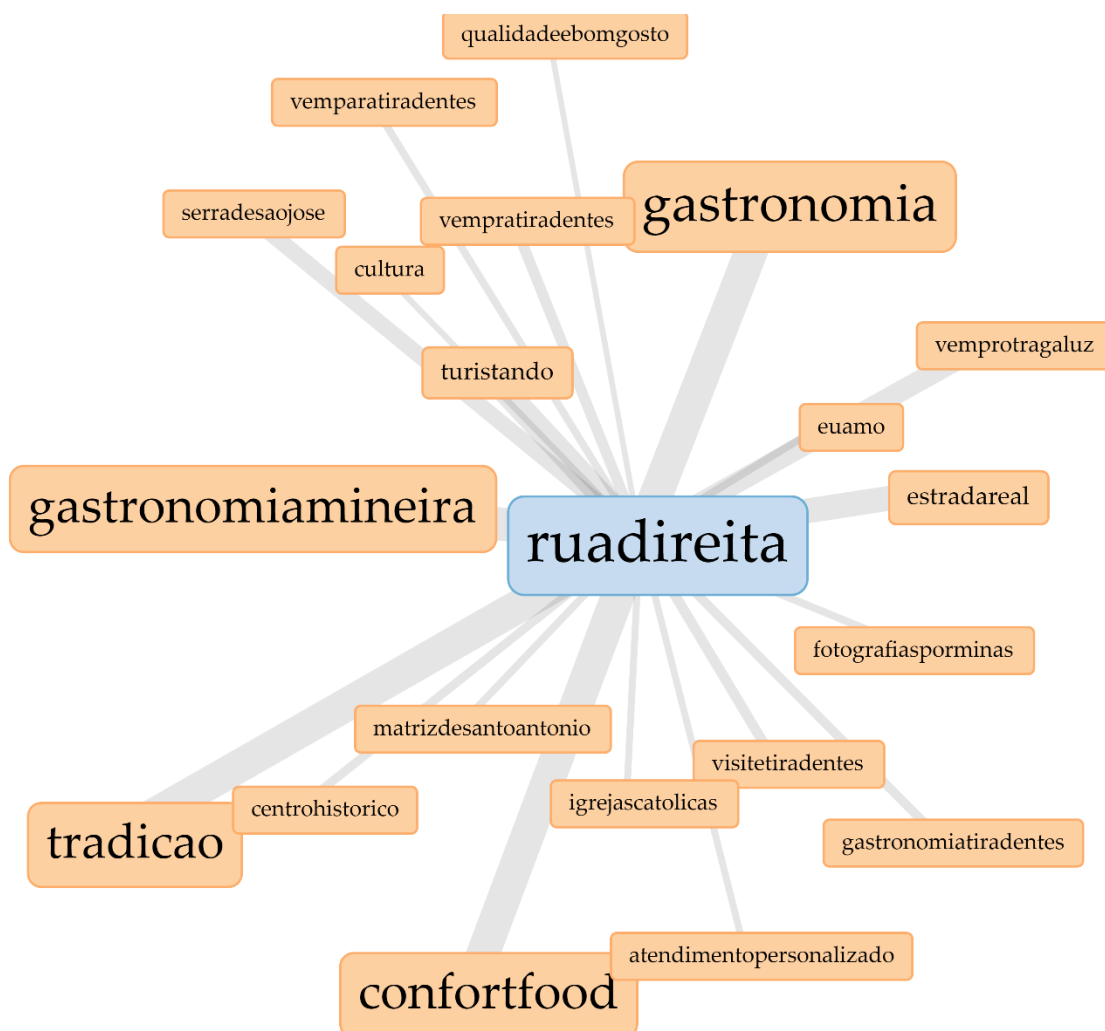
De fato, a cidade abriga diversos restaurantes com temáticas que vão além da cozinha mineira, passando pela italiana, portuguesa, árabe, mexicana, tailandesa e outros. Restaurantes estrelados, comandados por chefs, figuram no espaço do centro histórico, contribuindo para uma forma de turismo gastronômico, que nos dizeres de Cobuci, Nascimento e Medeiros (2017, p. 2328), estaria “[...] associado a uma deslocação a uma determinada região cujo intuito principal é o de provar uma determinada iguaria ou bebida.”.

Nesta temática inserem-se também os festivais gastronômicos, que podem ser colocar como dinamizadores do desenvolvimento de uma região, desde que seja bem “[...] planejado e integrado com as necessidades da população residente,

dos empresários e de todos os atores envolvidos com o intuito de garantir a perenidade e o crescimento sustentável das cidades.” (Cobuci, Nascimento, Medeiros, 2017, p. 2333).

Em termos de referências espaciais, a rua Direita aparece com frequência estando associada aos termos referentes à Gastronomia (Figura 43). Realmente, a rua abriga diversos restaurantes e se apresenta como uma das principais vias de visitação turística. Durante o dia é possível observar um movimento assíduo na via, no entanto a noite, com o fechamento dos estabelecimentos comerciais, o espaço se apresenta muito vazio.

Figura 43. Análise de correlação tendo o termo rua Direita como referência.



Fonte: Dados coletados do *Instagram* e organizados pela autora (2023).

Outros atributos também aparecem associados a rua Direita, sendo eles relacionados a presença das igrejas e da própria Serra de São José. Com relação à Serra, entendido como um elemento morfológico importante na paisagem, sobretudo pelo impacto visual que promove na mesma, poucos são as indicações feitas a este elemento natural, se comparados a outros atributos. A Serra de São José é mencionada 190 vezes e gastronomia 2278 vezes. Se comparado com as outras plataformas, tais como *TripAdvisor* onde a Serra é mencionada 76 vezes em comparação a restaurantes que se apresenta 466 vezes. No *Youtube* a expressividade da Serra é de 31 vezes em comparação aos restaurantes que é de 17 vezes, mas mesmo assim, possui representatividade menor se comparado aos eventos, tal como o *bike fest* (95 vezes).

Uma hipótese levantada para a baixa incidência da Serra de São José nos comentários, principalmente nos comentários extraídos do *TripAdvisor* – que se colocam como informações avaliativas e descritivas da cidade – seria de que a serra seja observada como um elemento externo ao ambiente construído, não estabelecendo uma relação clara na imagem percebida e difundida pelo turista. Vale destacar que na plataforma do *TripAdvisor* há uma categoria específica de avaliação da Serra de São José, principalmente dos passeios e trilhas que podem ser realizados ali. Contudo, ainda sim, é curioso não haver menção à serra nos comentários onde a cidade e a experiência do turista são descritas, tendo em vista a sua importância como um elemento morfológico da paisagem. Todavia, a hipótese levantada aqui não se apresenta de forma conclusiva e paradigmática, abrindo possibilidades para novos levantamentos.

Outro elemento em destaque seria o de “pousadas”. Atualmente, de acordo com os dados obtidos junto ao Estudo da Oferta Turística de Tiradentes (2022), a cidade possui cerca de 211 hospedagens e a grande maioria concentra-se no Centro Histórico e imediações. Os valores praticados variam em função da localização e estrutura do estabelecimento.

Ainda em se tratando da construção de sua imagem nas mídias, o uso do termo “tiradentesgourmet” também tem destaque e evidencia a associação a formas mais refinadas de atratividades. A etimologia da palavra gourmet deriva da língua francesa e, na sua origem, referia-se àquele conhecedor e apreciador de vinhos, todavia tem sido associada, de forma contemporânea, à alta gastronomia, denotando ao produto qualidade e experiência diferenciadas.

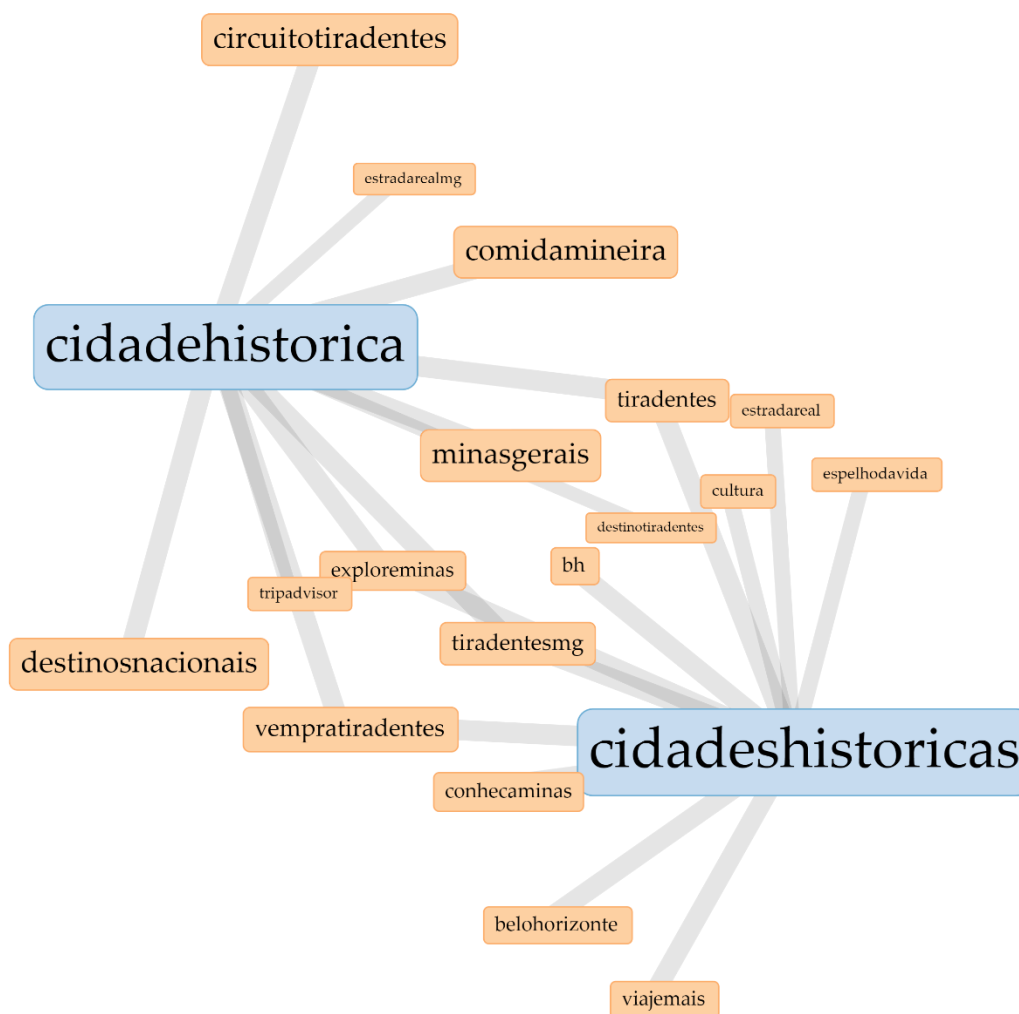
No tocante à busca por uma forma de caracterização da cidade, ou uma categorização, têm-se o atributo “cidades históricas”. Este conceito, debatido por Silva (2004), se apresenta como uma forma de tematização dos espaços, principalmente turísticos, e ligados a fatores culturais que no mercado turístico está propriamente vinculado ao grupo de cidades pequenas e mais pitorescas remanescentes do período colonial e imperial brasileiro. Neste tipo de caracterização, segundo Silva (2004), sobressaem-se na paisagem urbana

[...] os morros encimados pelas igrejas de estilo barroco, um cartão postal sempre presente na propaganda turística. A reduzida área urbana e as composições de espaços livres e construídos diferenciados, como ladeiras estreitas, praças e largos, compõem cenários extremamente atrativos para o turista, principalmente para aqueles moradores de grandes cidades.

O apelo turístico incide sobre as expressões mais pitorescas dessas cidades, cultivadas, em vários momentos, pela manutenção da cultura tradicional. Sendo assim, a cidade histórica também é marcada pelas manifestações culturais, sobretudo àquelas que envolvem culinária, festas religiosas e populares e músicas. Tais elementos em conjunto reforçam a ideia de autenticidade e adicionam à paisagem elementos pitorescos. À vista disso, “a autenticidade e a originalidade mesclam-se com a sensação de ‘volta ao passado’, aspecto explorado na decoração do interior de hotéis, bares e restaurantes.” (Silva, 2004, p. 70-71).

Em se tratando dos dados coletados no Instagram, a *hashtag* *cidades históricas* está muito associada aos atributos diversos, dentre eles comida mineira e cultura (Figura 44), que corroboram com a conceituação e caracterização proposta por Silva (2004).

Figura 44. Grafo de correlação das palavras com maior frequência no *corpus*.



Fonte: Dados do *Instagram* elaborado pela autora (2023).

### 5.3. O consumo da/na paisagem e sua projeção como espaço de desejo

De uma maneira geral, o consumo é muito evidenciado nos comentários e na descrição da cidade efetivada pelo *TripAdvisor*, como pôde ser visto nas categorias “restaurantes” (466), “lojas” (328), “cafeterias” (39) e “bares” (150) e também no Instagram com as categorias “gastronomia” (2278), “gastronomiatiradentes” (1411), “gastronomiamineira” (1096), “tiradentesgourmet” (1080), “pousadas” (1698) e outras mais envolvendo, principalmente, a gastronomia. Na concepção de Costa et al. (2023), o estar em Tiradentes e se colocar como consumidor dos produtos oferecidos pelos restaurantes ou no

comércio se tornou quase que uma relação de *status*, materializando algo que permeia atração e desejo.

A própria viagem em si já pode se colocar como uma mercadoria, e ao se inserir nesta categorização “[...] transforma-se num produto leve, fácil de consumir e digerir, pois comumente vem acompanhado por um manual de instruções que determina onde fixar os olhos.” (Rosa, Walkowski; Perinotto, 2022, p. 9). Para Krippendorf (1989) a viagem também se apresenta, assim como a aquisição de um segundo carro e a casa de campo, um bem de posição, indicando o nível de posição que a pessoa se encontra na escala social.

Para Krippendorf (1989), a necessidade de viajar é algo criado pela sociedade e marcada pelo cotidiano, onde a necessidade de relaxamento é comercializada e traduzida em viagens. Dessa maneira, os espaços se projetam na tentativa de criar uma antípoda do cotidiano, refletindo bem estar, descontração, alegria, liberdade, prazer. E para vivenciar toda esta experiência, o turista procura a confirmação da idéia pré-concebida acerca da suas próprias férias, revelando-se em sonhos e imagens pré fabricadas pela publicidade. Logo, a indústria de turismo, considerando este anseio, tende a transformar o espaço no cartão postal desejado. Assim como criando e satisfazendo, de forma conjunta, “[...] a necessidade de viver experiências familiares inofensivas e agradáveis num ambiente estranho. Assim, nascem as localidades turísticas de operetas que não têm mais nada a ver com a realidade e não são nada, mas a mera montagem de cenários artificiais.” (Krippendorf, 1989, p. 72).

Os atributos destacados nos dados coletados no *Youtube* corroboram com a ideia de Krippendorf (1989), de que o turismo se utiliza do espaço para propiciar um lugar de fuga do cotidiano. Os atributos “passeio” e “eventos” revelam o consumo do espaço por meio do viés do cotidiano. O próprio espaço, e tudo que ele abriga, já se coloca como algo a ser consumido. A própria descrição narrada também por intermédio dos comentários contidos no *TripAdvisor* revela um espaço marcado por simbologias que destoam do cotidiano convencional e que pode ser consumido por aqueles que buscam a antítese do anônimo.

Ao projetar sua experiência nas mídias, o interlocutor, que nesta tese entende-se como turistas, narram uma forma de se vivenciar este espaço, mas também consumi-lo. A indicação de locais para refeições, de espaços para passeios, de ruas e pontos para fotografias traduzem uma forma de consumo

deste espaço e induzem àqueles que leem à experienciarem o espaço da mesma forma. Esta narrativa por meio de textos se associa a recursos imagéticos, no caso as fotografias, se constituindo como uma ferramenta de sedução, em decorrência do apelo visual dos cenários narrados.

Em se tratando das fotografias, a análise dos dados obtidos no *TripAdvisor* pôde revelar uma projeção dos espaços da cidade mais difundidos na plataforma e que contribuiriam para a construção da imagem, cercada pelo apelo da experiência, do lazer e consumo. Mas antes, um adendo sobre o papel da fotografia vale a pena ser tecida.

A fotografia é tida como uma linguagem e uma maneira de perceber e interpretar o mundo, estando ancorada, desde o seu surgimento, ao universo do meio urbano moderno, registrando formas e relações distintas, como bem pontua Reis Filho (2016). E, no caso particular do turismo, a fotografia estabelece uma ligação estreita com o olhar do turista, fazendo com que “a obtenção de imagens fotográficas organize em parte nossas experiências enquanto turistas” (Urry, 2001, p. 187).

Em suas discussões sobre a relação entre a fotografia e a cidade, Reis Filho (2016) atribui ao ato de fotografar uma responsabilidade pelo registro de novas paisagens e experiências urbanas. De forma complementar o autor alega que,

O meio urbano, em todos os tempos, foi um tema privilegiado da tradição fotodocumentária, um vetor de seu desenvolvimento. O fascínio que emana deste grande objeto onírico cria de imediato a fotomania em seus residentes e se instala, ao lado do turismo e da família, como a maior fábrica popular da fotografia na sociedade de massas (Reis Filho, 2016, p. 62).

Adicionalmente, têm-se os relatos de Sontag (1977), que relaciona a fotografia a uma importante invenção humana do século XIX, alterando a forma como o indivíduo relaciona-se com a imagem e também como um instrumento importante no turismo. Dessa maneira, “parece decididamente anormal viajar por prazer sem levar uma câmera”, afinal, “as fotos oferecerão provas incontáveis de que a viagem se realizou, de que a programação foi cumprida, de que houve diversão”. Sendo assim, fica evidente que “as fotos documentam sequências de

consumo realizadas longe dos olhos da família, dos amigos, dos vizinhos.” (Sontag, 1977, s.p.)

Os locais mais registrados pelos turistas durante as visitas e caminhadas tendem a se “repetir” nas fotografias, se remetendo, na maioria das vezes, aos mesmos locais. É claro que questões de escalas espaciais influenciam esse resultado, por se tratar de um centro histórico com dimensões relativamente pequenas, se comparado a outras cidades, tal como Ouro Preto, Diamantina, São João Del Rei. No entanto, mesmo em tamanho menor, as fotografias tendem a se concentrar em locais específicos, havendo pontos mais registrados que outros e revelando formas de apropriação do espaço. Na plataforma do *TripAdvisor* os locais que mais se repetem são: rua Direita, Rua da Câmara e a vista da Serra de São José (uma visada de frente à Matriz de Santo Antônio) (Figuras 45, 46, 47 e 48).

Figuras 45, 46, 47 e 48. Rua da Câmara com vista para a Serra de São José, Rua da Câmara, rua direita em perspectiva e vista parcial da rua Direita.



Fonte: *TripAdvisor* (2023, 2020 e 2019).

Para Soares (2020), o registro fotográfico de um espaço perpassa por diversas questões, tais como a relevância da paisagem, a acessibilidade, a segurança. Ademais, determinados pontos já muito fotografados tendem a atrair mais registros, tendo em vista que as imagens já registradas se apresentariam como um atestado da sua relevância e da vitalidade urbana que possui.

As ruas e as suas características também são registradas por meio das fotografias compartilhadas no *TripAdvisor* e cerca de 30% delas ilustram o calçamento (ruas de pedra), estando muito relacionadas ao casario. As fotografias ajudam a construir um espaço convidativo ao caminhar, à apreciação, conectando o usuário ao tempo diferente dos prazos impostos pelo dia a dia (Figura 49).

Figura 49. Representação do casario colonial, ruas de pedra na rua Direita e a Serra de São José ao fundo.



Fonte: TripAdvisor (2019 e 2023 respectivamente).

Em se tratando dos registros visuais, apenas uma parte deles (18,5%) faz referência aos marcos religiosos, tendo uma representativa ainda menor de alguns ícones históricos, tais como os oratórios, tão importantes em momentos de festividades religiosas na cidade. Tais festividades são eventos que ainda conseguem manter um elo de atratividade do morador com o centro histórico.

Os espaços passam a tornar-se cenários desejosos por fotografias e se esbarram num público também desejoso em compartilhar suas experiências, exibindo lugares e composições que atraem os olhares. As fotografias passam a cumprir um papel de encatamento e despertam no espectador também a vontade de registrar a sua visita e divulgá-la. Um estudo realizado por Rosa, Walkowsk e Perinotto (2022) explora a questão do eu projetado por intermédio das viagens

publicadas nas mídias sociais pelos produtores de conteúdo digital, transformando a exibição da viagem em um espetáculo midiático.

O poder público tem participação efetiva nesse processo ao criar cenários e objetos instagramáveis, com o objetivo de promover o destino e tirando partido do comportamento do turista, que ao usar esse espaço/objeto o divulga e projeta nas mídias, E, paralelamente, sujeita o morador local a mudanças locais sobre as quais ele é não convidado a opinar (Santos; Araujo, 2023). Algumas estruturas e intervenções passam a ser feitas para serem fotografadas, se projetando no campo visual das fotografias.

Conforme aponta Sontag (2004, p. 35) “hoje tudo existe para terminar numa fotografia” e tal pressuposto tem se potencializado com o uso das mídias sociais, principalmente o *Instagram*, instaurando uma verdadeira cultura fotográfica. Nesta cultura têm-se a captura, por parte das pessoas, de tudo àquilo que transcende o seu cotidiano e de outro a busca e transformação dos espaços para que se tornem alvos de registros visuais amplamente divulgados e projetados.

Conforme aponta Pellanda, Pires e Santos (2016, p. 41), a construção dos espaços é permeado por narrativas, alimentadas com o passar do tempo e das pessoas, e que podem ser registradas a partir de câmeras fotográficas e compartilhamentos por meio dos dispositivos móveis. Dessa maneira, “enquanto andamos pela cidade, simbolizamos, registramos e compartilhamos criando narrativas comunicacionais urbanas. Essas narrativas podem dizer muito não apenas sobre os locais que ocupamos coletivamente, mas também sobre nossos modos de convívio e representação em sociedade.”

Para Soares (2020, p. 204), a fotografia traz, em sua essência, qualidades intrínsecas de documento, de interpretação e criação da realidade. Sendo assim, “o acesso aos registros fotográficos propicia o conhecimento, a interpretação e ressignificação da realidade, alimentando o imaginário coletivo e individual sobre a sociedade, a arquitetura, a paisagem, as cidades, enfim, sobre a humanidade.” [...] a fotografia não apenas registra, mas também escreve uma realidade.”

A própria criação de *hashtags* tem sido um facilitador nesse processo. Muitas delas têm a sua criação induzida por agentes promotores do turismo ou do próprio poder público, fazendo com que os usuários possam colaborar na criação de um verdadeiro álbum virtual, publicável e de fácil identificação, resultando numa

visibilidade rápida e gratuita. Como exemplo menciona-se as *hashtags* #amotiradentes, #visitetiradentes e #vempratiradentes utilizadas na pesquisa.

A associação das *hashtags* com as fotografias auxiliam na criação de uma narrativa visual urbana a respeito da cidade e potencializada mediante o desenvolvimento das tecnologias e reestruturação das cidades, à medida que o ciberespaço não mais se apresenta associado a um ponto fixo de conexão somente e passa a abranger praticamente todos os pontos da cidade, por intermédio de conexões sem fio (Pellanda, Pires; Santos, 2016).

Ademais, a associação *hashtags* e fotografias também contribui para o despertar do consumo no/do espaço. Ao se projetarem como espaços dotados de simbologias, como bem identificado por meio da sistematização das *hashtags* em tópico anterior, o espaço passa a ser objeto de consumo e atratividade, se constituindo como um elemento representativo no imaginário. O apelo gastronômico, evidenciado principalmente por meio do *Instagram*, auxilia nesta construção, reforçando a tematização do espaço e sua competitividade no disputado mercado turístico.

As fotografias, e as *hashtags*, compartilhadas nas plataformas pesquisadas do *Instagram* apresentam as possibilidades do consumo na cidade, seja por meio das hospedagens quanto da gastronomia, e revelam um cenário a ser apreciado e também consumido. Pouco se apresenta sobre as características da cidade em si, da sua arquitetura e patrimônio, assim como da sua história constituinte.

## **6. A QUEM A CIDADE SE DESTINA? DO ESPAÇO CENOGRÁFICO E VIRTUAL AO ESPAÇO DO COTIDIANO**

Este capítulo se destina à análise, num recorte temporal, do desenvolvimento das políticas públicas em Tiradentes-MG e a forma como as mesmas influenciaram, e influenciam, o desenvolvimento da cidade. Da mesma forma, a análise centrou-se também nos impactos da ausência de políticas públicas em determinados setores, reverberando na perda da qualidade dos espaços e na própria vivência dos moradores. Alguns dos impactos do turismo sobre a cidade também serão levantados, de modo a auxiliar o gestor público na resolução dos problemas e atendimento de demandas mais urgentes.

Os dados coletados revelam alguns problemas identificados também por outras pesquisas, tais como um afastamento do morador do centro histórico, uma certa tensão entre o turismo e pessoas de “fora”, juntamente com as práticas cotidianas dos moradores, uma sobrevalorização dos imóveis no centro histórico, tornando-o ainda mais seletivo e altamente especulativo, uma rápida expansão da malha urbana sob a égide dos condomínios fechados e bairros periféricos.

Alguns problemas mencionados se esbarram na própria valorização e promoção da lógica cultural juntamente com a promoção e oferta dos territórios. Tais processos encontram respaldo nas práticas turísticas que ao objetivarem o aumento no fluxo de pessoas, bens e capital e se submeterem às regras que regem a economia global presenciam o aumento dos atores envolvidos nas políticas públicas, favorecendo a uma maior complexidade. Todo este processo se apresenta como um reflexo da inserção das cidades e regiões na economia global, acarretando o aumento dos atores envolvidos nas políticas públicas, contribuindo para uma maior complexidade (D’Agostini; Abascal, 2017).

Conforme aponta Figueiredo et al (2023), na contemporaneidade há uma apropriação observada em Tiradentes por parte de comunidades externas, que se vêm atraídas pelo *status* de patrimônio nacional adquirido pela cidade. Tal questão provoca diversas transformações e ressignificações tanto do espaço físico quanto na relação que o tiradentino mantém com a cidade, tornando um espaço complexo, pautado pela circulação de capitais, mercadorias e pessoas de fora e direcionado para a atividade turística.

Para a análise da política urbana local foram levantados documentos legislativos que pudessem auxiliar no entendimento da dinâmica urbana de Tiradentes, principalmente no tocante aos instrumentos urbanísticos e planejamento territorial, assim como a existência de conselhos municipais ligados ao setor de turismo, patrimônio e meio ambiente principalmente. A maioria dos documentos foram obtidos junto a página da prefeitura e sistematizados no Quadro 6.

Quadro 6. Levantamento da legislação e instrumentos urbanísticos no planejamento e gestão urbana de Tiradentes - MG

<b>Tipo de Ordenamento</b>	<b>Composição</b>
<b>Instrumentos Urbanísticos</b>	Outorga Onerosa de Construir
	Direito de Preempção
	Direito de Superfície
	Operações Urbanas Consorciadas
	Parcelamento, Edificação ou Utilização Compulsórios
<b>Planejamento Territorial</b>	Estudo de Impacto de Vizinhaça(EIV) <i>(incluído no Plano Diretor)</i>
	Lei Orgânica
	Lei de Perímetro Urbano
	Plano Diretor <i>(Lei Complementar n. 01 de 14 abril de 2015)</i>
	Lei de Uso e Ocupação do Solo <i>(Lei Complementar n. 05 de 16 de dezembro de 2015)</i>
	Lei de Parcelamento do Solo <i>(Lei n. 1.955, de 20 de janeiro de 2004)</i>
	Código de Obras <i>(Lei Complementar n. 04 de 16 de dezembro de 2015)</i>
	Código de Posturas <i>(Lei Complementar n. 03 de 16 de dezembro de 2015)</i>
	Projeto de Sinalização Turística
	Plano Municipal de Saneamento <i>(Lei Municipal n. 2554/2010)</i>
	Perímetro urbano do Distrito Sede <i>(Lei Municipal n. 3068/2016)</i>
	Perímetro urbano de Bananal <i>(Lei Municipal n. 3067/2016)</i>
	Perímetro urbano de Elvas <i>(Lei Municipal n. 3066/2016)</i>
Perímetro urbano de Aguas Santas e César de Pina <i>(Lei Municipal n. 3065/2016)</i>	
<b>Social</b>	Áreas de Interesse Especial <i>(incluídas no Plano Diretor)</i>
	Áreas de Interesse Social <i>(incluídas no Plano Diretor) Regulamentada pela Lei Municipal n.2996/16</i>
<b>Patrimônio</b>	Critérios e normas de proteção para o sítio histórico de Tiradentes (IPHAN, 1997)
	Fundamentos e proposta de critérios e normas de intervenção (IPHAN, 1997)
<b>Conselhos e Fundos</b>	Conselho Municipal de Turismo e o Fundo Municipal de Turismo <i>(Lei Municipal n.2968/2015)</i>
	Conselho Municipal de Desenvolvimento Urbano <i>(Lei Municipal n. 2576/2010)</i>
	Conselho Municipal de Turismo e o Fundo Municipal de Turismo <i>(Lei Municipal n. 2535/2010)</i>
	Fundo Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural <i>(Lei Municipal n. 2499/2010)</i>
	Conselho Municipal do Meio ambiente – CODEMA <i>(Lei Municipal n. 2858/2014)</i>

Fonte: Prefeitura Municipal (2022) e Câmara Municipal (2022). Organizado pela autora (2022).

Outras normativas, tais como Leis e Decretos, também foram identificadas, principalmente aquelas que poderiam auxiliar no entendimento da dinâmica socioespacial do município. Algumas delas serão descritas nos parágrafos seguintes se colocando como respaldo para as análises.

Em 2015 o município teve o seu Plano Diretor aprovado, intitulado pela Lei Complementar 001/2015. O Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes, mediante apoio financeiro do BNDES foi o proponente do Plano Diretor, com os

trabalhos coordenados pela Fundação João Pinheiro. No ano de 2014 foi realizado um amplo diagnóstico acerca das características do município, intitulado como Perfil Municipal e também oficinas participativas nos bairros, de modo a assegurar a participação da população no processo de planejamento urbano. As atas, assim como as listas de presença, estão disponíveis para consulta. Nelas é possível observar a participação da população, representantes de associação de bairros, conselheiros municipais, comerciantes e vereadores. No entanto, em algumas reuniões era inexistente a presença de vereadores, os quais se colocam como peças fundamentais no acompanhamento da construção do Plano Diretor, tendo em vista a sua atuação junto ao Poder Executivo e a responsabilidade de apreciação do documento junto à Câmara Municipal.

A elaboração e a aprovação do Plano Diretor, e suas leis complementares, era uma tônica levantada na cidade desde o início dos anos 2000. De acordo com o informativo local, Inconfidências, houve uma tentativa de elaboração do plano por intermédio da Universidade Federal de Viçosa, mas, ao que parece, não foi finalizado. A pesquisa levanta essa hipótese, de não finalização, pois durante o levantamento não foi encontrado nenhum outro Plano Diretor, apenas o atual elaborado pela Fundação João Pinheiro. No entanto, essa informação se revela importante, pois evidência a ausência, e necessidade, de um aparato legislativo que auxiliasse na regulamentação do uso e ocupação do solo na cidade, principalmente em face das rápidas transformações pelas quais estava passando.

Contudo, mesmo após a aprovação do Plano Diretor, em 2015, foi possível observar – e as análises evidenciadas auxiliam nesta observação – que diretrizes importantes propostas pelo Plano não têm sido seguidas, mesmo após 8 anos de sua aprovação. Diretrizes essas apresentadas e discutidas no âmbito do lazer e cultura, principalmente. Neste capítulo as análises avançam e adicionam mais elementos à análise. É claro que a observância do plano e a sua própria aplicação se revela num processo, mas por se tratar de um plano muito completo e da urgência de sua elaboração, tendo em vista as transformações que ocorriam e ainda ocorrem na cidade, a não aplicabilidade de diretrizes tão consideráveis para o bem-estar da população merecem ser discutidas.

Mesmo diante de toda esta contextualização, vale reforçar que a análise pautada nesta tese não visa qualificar ou avaliar a gestão e o planejamento atual de Tiradentes, sob o ponto de vista de uma atuação isolada ou partidária. A análise

proposta aqui está pautada numa linha temporal de decisões, leis e projetos que deram origem ao cenário urbano atual, sobretudo a partir da década de 1970, envolvendo, por vezes, atores distintos. O objetivo central da tese é o de compreender o processo de uso e ocupação da cidade de Tiradentes sob o ponto de vista de duas narrativas distintas, morador e turista, e como estas narrativas refletem a atuação do gestor e planejador urbano no que tange às políticas públicas urbanas.

Os termos gestão e planejamento trazidos para o debate estão ancorados nos pressupostos colocados por Souza (2004, p. 46) que os diferenciam a partir de referenciais temporais, onde

[...] o planejar sempre se remete ao futuro: planejar significa tentar prever a evolução de um fenômeno [...] gestão remete ao presente: gerir significa administrar uma situação dentro dos marcos dos recursos presentemente disponíveis e tendo em vista as necessidades imediatas [...] o planejamento é a preparação para a gestão futura [...] e a gestão é a efetivação [...] das condições que o planejamento feito no passado ajudou a construir. Longe se serem concorrentes ou intercambiáveis, planejamento e gestão são distintos e complementares.

Dessa maneira, para um melhor entendimento dos problemas e anseios vividos no município de Tiradentes, recorreu-se às narrativas produzidas pelos moradores, principalmente por meio das mídias sociais, das entrevistas e dos dados das oficinas realizadas pela Fundação João Pinheiro, na época de elaboração do Plano Diretor, para a identificação dos problemas e potenciais existentes na cidade e, em que medida, o poder executivo trabalhou em prol destas demandas, sobretudo após a promulgação do Plano Diretor.

A primeira base de dados a ser analisada se refere àqueles compilados mediante acesso aos arquivos das oficinas realizadas junto à população na época de elaboração do Plano Diretor. O arquivo, conforme pontuado nos procedimentos metodológicos, apresentam dados a partir de oito oficinas realizadas em setores distintos da cidade. Para fins de realização, o perímetro do município foi dividido em oito setores, sendo quatro para a sede municipal: urbana centro, urbana leste, urbana oeste, urbana sul; duas nos distritos de Caixa D'Água da Esperança e Elvas e duas nas localidades de César de Pina e Águas Santas (Quadro 01).

Quadro 7 – Distribuição dos bairros por setores e número de participantes

Setor	Bairros	Número de participantes
URBANA OESTE	Mococa, Pacu e Santíssima Trindade	46
URBANA CENTRO	Região central do distrito-sede	42
ÁGUAS SANTAS	Região de Águas Santas	19
CÉSAR DE PINA	Região de César de Pina	12
URBANA LESTE	Bairros da Canjica, Cascalho, Cuiabá e Parque das Abelhas	34
URBANA SUL	Alto da Torre, do Parque dos Bandeirantes e da Várzea de Baixo	47
CAIXA D'ÁGUA DA ESPERANÇA	Distrito de Caixa-d'água da Esperança	32
ELVAS	Distrito de Elvas	6

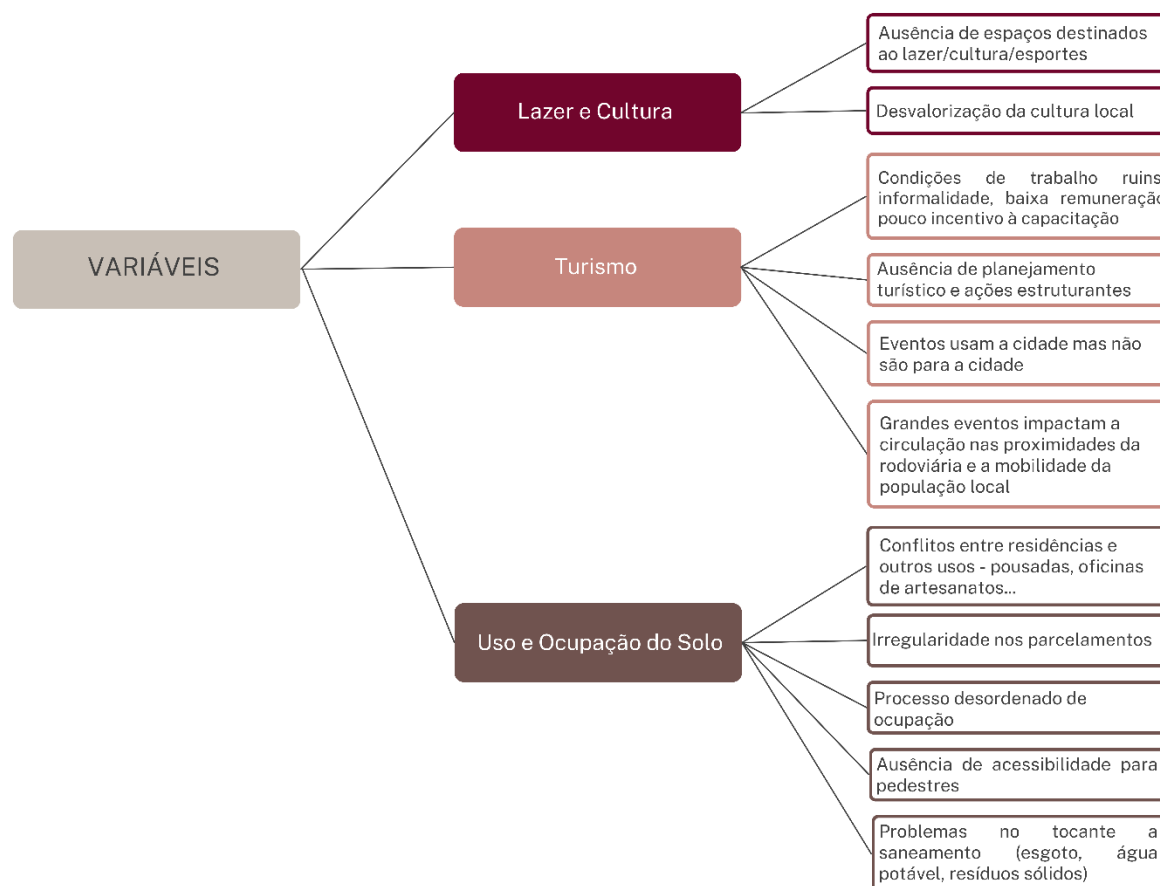
Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados da Fundação João Pinheiro (2014)

Num primeiro momento, os resultados referentes aos pontos negativos, coletados por meio das oficinas<sup>64</sup>, foram espacializados por setores, fazendo com que um panorama de demandas, problemas e potenciais fosse estabelecido e possível de ser usado como parâmetro para comparações futuras. Estes dados foram organizados e podem ser visualizados nos Apêndices 01 e 02.

Para viabilizar as análises, foram selecionados fragmentos das oficinas que versavam sobre uso e ocupação do solo, lazer e cultura e turismo, variáveis que permeiam as discussões da tese e auxiliam na forma como a cidade é utilizada e apropriada e sistematizados a partir do mapeamento das demandas/problemas e potenciais. Num primeiro momento têm-se a representação dessas variáveis a partir das oficinas realizadas no distrito sede (urbana leste, urbana centro, urbana oeste e urbana sul) e, na sequência, as mesmas variáveis a partir dos distritos Caixa d'Água da Esperança, Elvas, Aguas Santas e Cesar de Pina (Figura 50).

<sup>64</sup> Os pontos positivos, neste trabalho, passaram a ser denominados de potenciais e os pontos negativos de problemas.

Figura 50. Diagrama de sistematização dos problemas destacados pela Fundação João Pinheiro a partir das oficinas realizadas com os moradores.



Fonte: Dados Fundação João Pinheiro. Própria autoria (2023).

A observações das variáveis e seus desdobramentos permitem acesso a um panorama de problemas e demandas por parte da população tiradentina. Muitos destes dados são corroborados pelas falas dos entrevistados no capítulo cinco. De forma analítica, é importante problematizar estas informações e verificar, em que medida, têm sido levadas em consideração no contexto da gestão e do planejamento. De forma metodológica buscou-se por informações junto aos agentes do poder executivo, legislações e decretos de modo a verificar como tais variáveis têm sido tratadas no município.

Ademais, em se tratando das localidades de Águas Santas e César de Pina, há relatos de uma ausência de articulação destas com a sede principal da cidade, dificultada pela falta de mais linhas de transporte que viabilize o deslocamento dos moradores. A própria inserção das duas localidades, de forma geográfica, é um elemento dificultador desta conexão, conforme análises

realizadas anteriormente, mas as dificuldades de transporte parecem intensificar, ainda mais, a conexão com as cidades vizinhas, tais como São João Del Rei e Coronel Xavier, principalmente no quesito lazer, comércio e serviços.

### **6.1. A cidade vista por dentro: do planejamento à gestão do uso e a ocupação do/no espaço**

O processo de expansão urbana, segundo informações obtidas pela Fundação João Pinheiro (2014), revela que a mesma ocorreu sem o devido suporte de políticas públicas e investimentos em infraestrutura urbana, fazendo com que fosse materializado níveis diferentes de qualidade de vida e atendimentos às demandas sociais dos moradores locais. Os registros indicam que o crescimento da cidade, num primeiro momento, se deu nas regiões da Santíssima Trindade, Cascalho e Canjica – áreas adjacentes ao centro – e posteriormente avançou em direção aos eixos de acesso a São João Del Rei, Prados e Barbacena, dando origem aos bairros Pacu, Cuiabá e Várzea de Baixo. A expansão continua e avança em direção ao que hoje corresponde ao Mococa, Alto da Torre, Parque das Abelhas, Terra dos Cuiabás e o eixo da Avenida Governados Israel Pinheiro – entrada da cidade.

A partir da década de 1970 e intensificado a partir dos anos 2000, Tiradentes voltou a viver um momento de prosperidade, mas diferentemente do que ocorreu no período colonial, essa prosperidade levou a uma expulsão dos moradores do centro histórico efetivada pelo processo de gentrificação e da especulação imobiliária, que diferentemente de outros lugares, “[...] ao invés de substituir os moradores dessa área, cederam suas moradias para uso comercial e institucional.” (Figueiredo, 2023, p. 71).

Aliado ao rápido processo de expansão da cidade, tem-se o aumento gradativo da especulação imobiliária, que no centro histórico, principalmente, é real e histórica e tem distanciado a vivência de um cotidiano real da cidade. A saída dos moradores de áreas que possuem conjuntos históricos de interesse turístico se apresentam de modo concreto em outras espacialidades, tal como os dados encontrados por Padilha (2016) e Silva (2004) para a cidade de Paraty. Conforme atesta Padilha (2016), estes espaços, sem os seus cidadãos, acabam por se

transformarem em verdadeiros cenários para o consumo, revelando uma história produzida para a venda e não revelada por quem, de fato, é parte constituinte.

Ainda neste contexto de discussão, para Meneses (2006) as transformações advindas da massificação de um produto cultural podem desencadear problemas inerentes à malha urbana como um todo e processos específicos no tocante a transformação destes espaços, onde

Casos há em que a massificação de um produto cultural (e aqui penso em várias realidades de cidades coloniais brasileiras) acarreta uma expulsão física da população de centros urbanos antigos para a periferia, com a venda de suas moradias para proprietários de lojas e restaurantes vindos de fora, e que, assim, afastados das possibilidades econômicas do turismo local, vão ser parte da *favelização* do espaço e da massa de excluídos no usufruto de um bem comunitário que construíram e tiveram sob sua guarda patrimonial (Meneses, 2006, p. 14, grifo do autor).

Este problema, que abre as análises acerca do uso e ocupação dos espaços e sua gerência, revela um cenário marcado por processos de gentrificação no centro histórico e que desnuda facetas mais perversas de exclusão e segregação. Padilha (2016, p. 442) elenca duas hipóteses ao estudar as transformações socioespaciais decorrentes do turismo em Paraty, e que podem ser analisadas em paralelo com Tiradentes, sendo elas

A primeira hipótese é de que [...] se não houvesse o tombamento da cidade, provavelmente ela não apresentaria duas configurações espaciais tão distintas [...] a segunda hipótese, mas que complementa a primeira é de que a atual configuração espacial da cidade é refoçada e aprofundada no momento presente pela transformação da área patrimonializada em lugar de consumo – relacionada com a cultura vista como mercadoria.

As duas hipóteses parecem se revelar também no caso de Tiradentes. Após o tombamento, e em função da saída da população, novas espacialidades passaram a ser criadas nas franjas da cidade. Tal processo é reforçado diante da transformação da área patrimonializada em lugar de consumo. É claro que o tombamento se revelou como algo importante, principalmente mediante a possível demolição de todo o acervo histórico-cultural presente na cidade caso não houvesse uma política de incentivo à preservação, mas o que a análise temporal revela é que não houve políticas públicas urbanas paralelas a este processo que

permitissem um cenário diferente, não se estendendo apenas a políticas no âmbito municipal, mas estadual e federal também.

Paralelo à saída dos moradores do centro histórico e a instalação de novos moradores na cidade, novos problemas começaram a surgir, muito atrelados ao crescimento acelerado da cidade para além dos limites do centro histórico e desprovidos de orientação técnica conforme pôde ser observado em registros de exemplares antigos dos informativos locais emitidos pela SAT (INCONFIDÊNCIAS, 2000). A preocupação com esse crescimento já era uma tônica denunciada pelo jornal.

Ainda na edição de 1997, o Inconfidências chamava a atenção para o risco iminente na descaracterização da paisagem em decorrência dos novos loteamentos que estavam surgindo, sendo eles o Mococa, Alto da Torre, sendo realizados sem critérios técnicos. Tratava-se de loteamentos municipais, mas que pela falta de um corpo técnico para orientação das obras muitos problemas estavam sendo evidenciados. O texto denunciava também problemas inerentes a um loteamento particular realizado no bairro Cascalho, que estava irregular e com escavações (terraplanagem) realizadas em antiga área de mineração, e que com as chuvas causariam transtornos aos moradores de áreas adjacentes (Inconfidências, 1997).

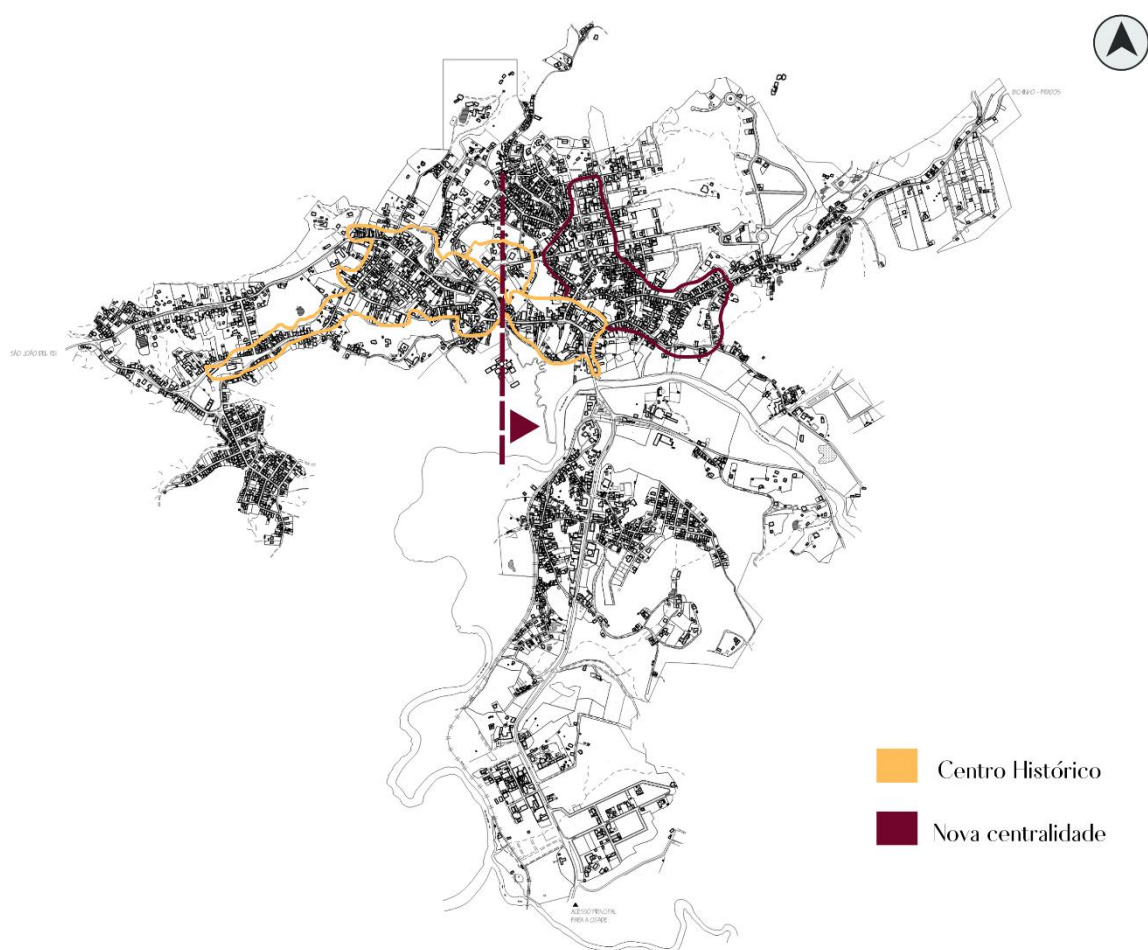
A área central da cidade passou por transformações substanciais ao longo do tempo, se configurando em espaços de consumo e lazer, mas distante da realidade de muitos moradores da cidade, conforme constatado em entrevistas e pesquisas. O distanciamento se revela não somente com a saída da população desta área, como *lócus* de moradia, mas também em função da própria transformação do uso e ocupação, com elementos de denotam certa elitização do espaço e criam barreiras veladas de aproximação.

Conforme aponta Souza (2008), a área denominada como centro aparece na grande maioria das cidades brasileiras e corresponde, na maioria das vezes, ao centro histórico, caracterizado pelo local onde a urbe foi fundada e que tende a abrigar prédios dotados de valor histórico-arquitetônico. No entanto, ao expandir-se novas dinâmicas passam a ser colocadas na cidade, principalmente diante da expansão horizontal, aumentando as distâncias em relação ao centro, impulsionando a criação de subcentros de comércios e serviços, evitando que os moradores dos diferentes bairros tenham que se deslocar ao centro primário para

atender as demandas mais simples. Esse cenário, é claro, tende a variar de acordo com o porte da cidade, onde, em alguns casos, cidades pequenas e médias ainda não tenham presenciado a formação de subcentros em sua malha urbana.

No que se refere à cidade de Tiradentes, as pesquisas e observações revelam que o centro histórico não se apresenta mais como um espaço concentrador de atividades corriqueiras e triviais dos moradores, influenciando a formação de um novo subcentro de forma a atender uma demanda por comércios e serviços menos sofisticados. Ao analisar espacialmente, pôde-se notar que alguns desses equipamentos se concentram nas franjas do centro histórico e em bairros adjacentes. Aqueles que se mantêm no centro histórico são marcados por um comércio mais sofisticado se comparado com as áreas periféricas (Figura 51).

Figura 51. Representação esquemática de uma possível nova centralidade em Tiradentes identificada durante visita a campo.



Fonte: Própria autoria (2023).

Esta nova centralidade abarca uma parte do perímetro de tombamento do centro histórico, localizada na rua dos Inconfidentes, porém trata-se de uma porção já mais descaracterizada do período colonial, tendo mais representatividade, talvez, com o período da implementação da ferrovia na cidade. Aqui se concentram alguns equipamentos comerciais, tais como supermercado, açougues, papelaria, barbearias, farmácias, padarias, uma escola, alguns restaurantes menos sofisticados se comparados às proximidades com o Largo das Forras. Uma agência das casas lotéricas também foi identificada aqui (Figura 52). Para fins de identificação, a pesquisa tomou como referência o trecho da ponte Coronel Arthur de Souza (indicado pela linha tracejada no mapa) até a estação Ferroviária.

Figura 52. Vista parcial do setor pertencente ao perímetro de tombamento e que abrange uma rede de comércios e serviços.





Fonte: *Google Earth* e autoral (2023).

Paralelo a isso, tem-se uma nova rede de comércios se constituindo também nas proximidades dos bairros Canjica, Cascalho, Cuiabá e Parque das Abelhas, concentrando pequenos mercadinhos, mercearias, salões de beleza/barbearias, pizzarias, papelaria. Uma rede mais voltada à população local, em sua maioria.

Em contrapartida, no centro histórico, à esquerda da linha demarcatória do mapa (que começa após a ponte Coronel Arthur de Souza e segue até o Santuário da Santíssima Trindade), tem-se uma concentração de restaurantes, bares, *delicatesses*, cafeterias mais sofisticadas e que parecem se voltar mais ao atendimento dos turistas. Algumas farmácias foram identificadas (duas) e uma padaria apenas. As agências bancárias também se concentram nesta porção (rua Ministro Gabriel dos Passos).

Estas informações revelam uma nova dinâmica espacial colocada à cidade, fruto de um processo de crescimento e especulação imobiliária em torno do centro histórico, sobretudo nas proximidades do Largo das Forras. Isso faz com que o

distanciamento do morador do centro histórico se potencialize, pois não se coloca como um espaço atrativo para atividades triviais e corriqueiras do dia a dia.

Pautado nesta dinâmica, têm-se o trabalho de Silva (2017) que se propôs a realizar um levantamento, e mapeamento de uma antiga rede de comércio local (armazéns, bares, restaurantes) que atendia aos moradores e que concentravam, em sua maioria, no centro histórico. Foram levantados cerca de nove antigos armazéns e dezessete bares/restaurantes. Todos eles não existem mais, ou tiveram a edificação demolida ou cederam lugar a uma rede de comércio mais sofisticados ou pousadas, sobretudo àqueles localizados no centro histórico nas proximidades do Largo das Forras. Em uma das falas dos entrevistados é revelado que, atualmente, os bares que os moradores frequentam se localizam mais na periferia, muito em decorrência dos altos valores praticados naqueles localizados no centro histórico.

Dos dezessete restaurantes/bares levantados pelo autor, apenas um funcionava nas proximidades da rua dos Inconfidentes, o restante se localiza na área mais nobre, próximo ao Largo das Forras, na Rua Direita, na rua Ministro Gabriel dos Passos, próximo à igreja de Santo Antônio). Já os armazéns, dos nove identificados quatro deles estavam nas proximidades do Largo das Forras e rua Direita e o restante nas proximidades da rua Ministro Gabriel dos Passos. Isso revela que até a década de 1990, equipamentos comerciais já se instalavam neste eixo, porém, ainda havia uma concentração de uma rede de comércio voltada ao lazer e encontro da população no coração do centro histórico e contribuía para uma maior circulação de pessoas.

A dinâmica identificada, sobretudo no que concerne à sofisticação do comércio no centro histórico, se esbarra também com a dependência de Tiradentes à São João Del Rei nas áreas de comércio, estudantil, hospitalares e de saúde no geral. O trabalho de Nonato (2021) e Costa (2010) também identificou este problema. Muitos tiradentinos fazem compras em São João del Rei dado o alto preço praticado no centro histórico, fazendo com que a vida comercial de Tiradentes dependa do município vizinho. A dependência comercial de Tiradentes a São João Del Rei foi identificada também pelos estudos de Costa (2010), ao classifica-la como uma cidade central e polarizadora de comércios, serviços e consumo.

O acesso aos dados das oficinas participativas do Plano Diretor revela essa questão, sobretudo concernente à localidade de Aguas Santas, ponto evidenciado no relatório final. Os moradores atribuem esse problema a ineficiente articulação por meio de transporte público de Aguas Santas ao Distrito Sede e também pela proximidade com São João Del Rei.

Ainda tratando-se do uso e ocupação do espaço na cidade é salutar despendar uma análise acerca da presença de condomínios fechados distribuídos ao longo da malha urbana. Durante análise documental, constatou-se a aprovação de 4 condomínios fechados somente no ano de 2016. Dois deles foram identificados, sendo o Tiradentes Ville (Lei Municipal n. 3003/2016) e o Alto dos Cuiabás (Lei Municipal n. 3002/2016). Os outros dois (Lei Municipal n. 3083/2016 e n. 3057/16) não tinham a indicação do empreendimento, apenas um nome do proprietário responsável, dificultando a identificação.

Outros dois condomínios foram aprovados, sendo um no ano de 2022 (Gran Cuiabá – Decreto n. 3767/2022) e outro no ano de 2023 (Eco Village – Decreto n. 4142/2023). Em 2021, a pedido do Ministério Público, houve uma suspensão dos procedimentos de loteamento no município de Tiradentes, sob o decreto de n. 3509/2021. No entanto, conforme consta nos decretos de autorização dos novos condomínios, o Eco Village e Gran Cuiabá haviam protocolado pedido de autorização antes da intervenção do Ministério Público, logo tiveram a autorização concedida.

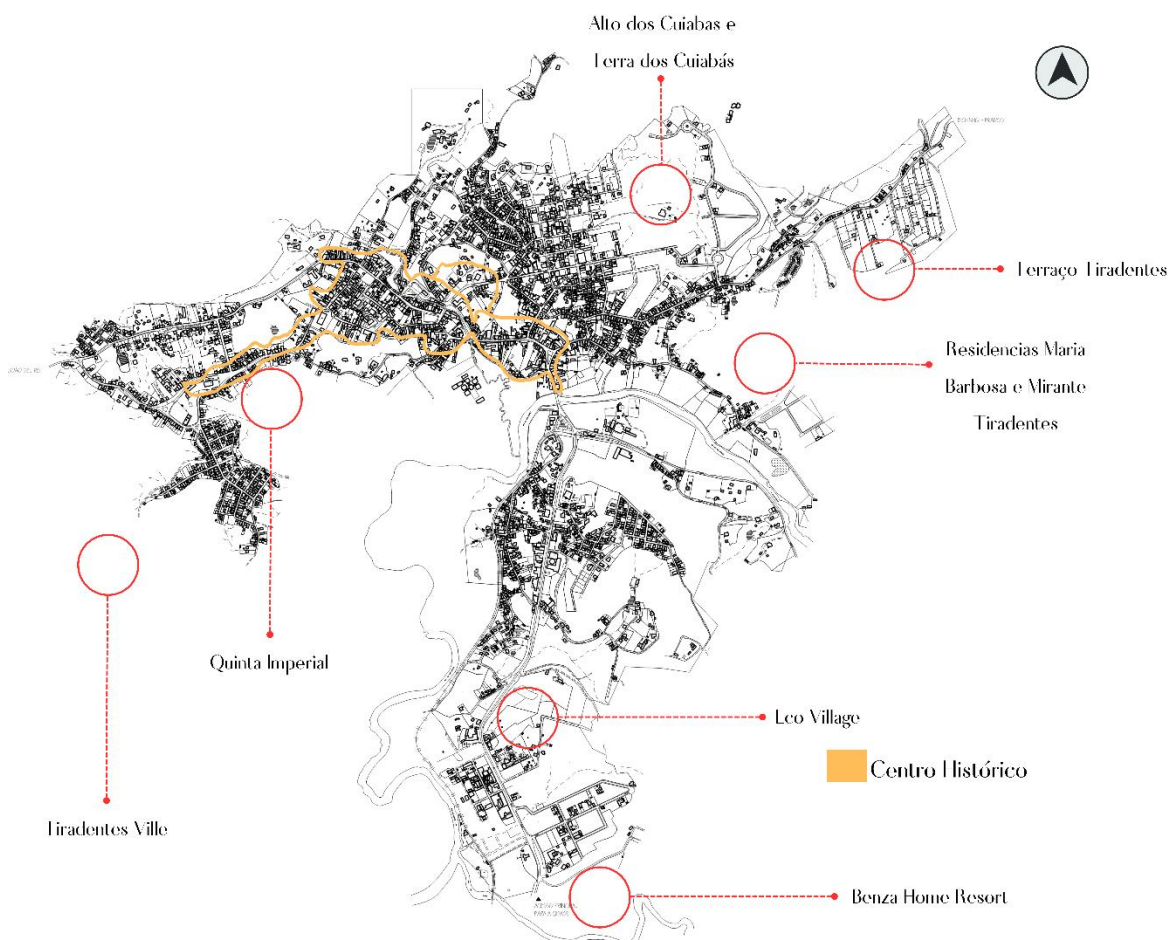
A Figura 53 ilustra uma espacialização esquemática dos condomínios presentes na cidade. Até o momento da pesquisa foram identificados dez condomínios em fase de implantação ou já concluídos<sup>65</sup>. Alguns estão localizados em áreas de expansão recentes na cidade. Pelas falas, e até mesmo pela análise

---

<sup>65</sup> O primeiro condomínio identificado foi o Residencial Mirante Tiradentes (Figura 19), estando localizado no bairro Cuiabá, com lotes que variam entre 400m<sup>2</sup> e 500m<sup>2</sup>, com uma área de 46,942m<sup>2</sup> dividida em 70 lotes. Outro condomínio fechado presente na cidade é o Terra dos Cuiabás (Figura 21). Ele fica localizado no bairro Cuiabá, e abrange uma área total de 116.556,50m<sup>2</sup> e dividida em 227 lotes com tamanhos a partir de 700m<sup>2</sup>. Em seguida, também no bairro Cuiabá, têm-se um segundo condomínio fechado, o Alto dos Cuiabás, com uma área total de 82.835,23m<sup>2</sup>, composto por 102 lotes com tamanhos a partir de 400m<sup>2</sup>, estando localizado a cerca de 800m do centro histórico (Figura 22). O próximo condomínio fechado identificado é o Tiradentes Ville, ainda em fase de implantação, e que conta com 246 lotes de 360m<sup>2</sup> a 1000m<sup>2</sup>, estando localizado a 2km do centro histórico (Figura 23), na estrada real (caminho velho).

espacial, a proximidade com o centro histórico parece ser uma variável importante na escolha do local para implantação e também como adição de valor ao produto comercializado. Em alguns dos anúncios publicitários dos empreendedores, a Serra de São José também é utilizada como atributo, pois vários deles têm a paisagem da Serra como pano de fundo.

Figura 53. Espacialização dos condomínios fechados identificados em visita a campo.



Fonte: Própria autoria (2023).

Durante a pesquisa foi levantada a hipótese de que um terceiro sujeito poderia compor as análises, além do morador local e do turista, sendo caracterizado por aqueles que estariam adquirindo terrenos para construção de suas edificações nestes condomínios. Trata-se de um usuário do espaço que não se enquadraria como turista e nem como um morador tiradentino. É certo que a cidade possui um percentual de moradores que também não têm sua origem em

Tiradentes, mas a grande maioria se mudou para a cidade em função do turismo, para atuar em atividades que envolvessem serviços prestados. O que não poderia ser o caso daqueles que passariam a morar nos condomínios, elegendo a cidade, talvez, como sua nova moradia, sem vínculos com o turismo.

Contudo, a presença dos condomínios parece ser algo recente na cidade e conforme constatado por meio das entrevistas às imobiliárias, a própria comercialização dos terrenos ainda se apresenta vagaroso, dada a grande oferta que se instalou numa cidade com menos de 10.000 habitantes. É claro que, a longo prazo, essa nova variável possa ser reconsiderada em função das novas unidades habitacionais construídas e do incremento da população. Entretanto, nesta pesquisa em particular, esta terceira variável foi identificada mas ainda não foi possível caracteriza-la plenamente. Mas já é possível projetar o impacto dessa variável sobre a malha urbana da cidade, principalmente em função das transformações da paisagem em favor da construção dos novos condomínios.

Um desses impactos foi identificado com a construção do Condomínio Quinta Imperial, lançado em 2016, estando localizado em um terreno de 284.825m<sup>2</sup> e contando com estrutura já finalizada dotada de portaria 24 horas, ruas de piso intertravado, rede elétrica subterrânea. O mesmo se apresenta como um dos únicos condomínios no centro histórico de uma cidade, estando a 400 m do Largo das Forras. Em entrevista ao IPHAN, essa nomeação na verdade se remete a uma questão de *marketing*, pois o empreendimento estaria fora do perímetro de tombamento. A vista da serra de São José é utilizada como um dos atributos do espaço e seu espaço construído é inspirado nos conceitos de bairros planejados norte americanos<sup>66</sup>. O empreendimento possui 94 lotes com áreas de 1,2 mil m<sup>2</sup> a 2 mil m<sup>2</sup>.

A construção do condomínio Quinta Imperial se deu antes da aprovação do Plano Diretor municipal e também da aprovação da Lei de Uso e Ocupação do Solo, ambos datados de 2015. A partir daí novas regulamentações para a criação de condomínios foram estabelecidos, assim como a delimitação de áreas de expansão urbana.

---

<sup>66</sup> Trata-se de espaços inseridos nos subúrbios americanos, principalmente após a década de 1947. Casas similares e dispostas ao longo de uma rua, jardins e acesso aberto remetem a características deste tipo de empreendimento.

Este condomínio foi objeto de ação ajuizada em conjunto pelo Ministério Público Federal (MPF) e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no ano de 2004 sob alegação de que a implantação do condomínio, numa área de 300 mil metros quadrados no espaço intitulado Cacheu, tinha sido realizada de forma irregular, sem a autorização das autoridades competentes. Ademais à falta de licenças necessárias para a sua construção o loteamento acarretou danos ao patrimônio cultural e ao meio ambiente (MPF, 2011).

A localidade denominada Cacheu, onde o condomínio foi implantado, possui uma parte localizada no Conjunto Arquitetônico e Paisagístico de Tiradentes, estando também muito próximo à Igreja da Santíssima Trindade, objeto de tombamento do IPHAN e se configura como a localidade onde nasceu e morou, numa fase da vida, o poeta Basílio da Gama. De acordo com o MPF as obras realizadas pelo empreendedor resultaram na descaracterização da área de entorno do conjunto patrimonial tombado. De forma adicional, o empreendimento também gerou danos ambientais, dentre eles supressão da vegetação em área de preservação permanente, aparecimento de grandes voçorocas no terreno gerando um aumento do processo erosivo em áreas urbanas vizinhas e o assoreamento completo da Lagoa do Cacheu (a lagoa foi soterrada). O espaço onde ficava a lagoa era usado pela população para pesca e outras atividades de lazer (MPF, 2011).

Tendo em vista os problemas gerados, o MPF propôs que houvesse, por parte do empreendedor, a doação de uma parte do imóvel ao município de Tiradentes, com cerca de 20.000 m<sup>2</sup> destinado para a criação de um parque que ficaria sob responsabilidade da prefeitura (MPF, 2011). Durante as pesquisas não foram identificados projetos ou indícios de que o parque estaria sendo construído. Como forma de suprir essa lacuna, foi aberto um protocolo junto ao Poder Público Municipal<sup>67</sup> na tentativa de se obter informações quanto a documentação referente à transferência de imóveis, por parte dos responsáveis pelos condomínios fechados horizontais, para o domínio público conforme prevê a Lei de Uso e Ocupação do Solo (Lei complementar n. 05/15)<sup>68</sup>, mas não houve retorno por parte do Poder

---

<sup>67</sup> Protocolo sob n. 1095 – P 2023.

<sup>68</sup> Em consulta à Lei n. 05/15, em seu artigo 56, consta que “no processo de registro dos condomínios imobiliários horizontais serão transferidos para uso e domínio público área equivalente a 15% (quinze por cento) da gleba, em área fora dos limites condominiais, destinados a equipamentos urbanos e comunitários e espaços livres de uso público, segundo determinação do planejamento municipal.” (Lei Complementar n. 05/15, p. 21).

Público até a presente data. Esta documentação seria importante para atestar as transferências realizadas, conforme explicita a Lei n. 05/15 e também qual a destinação de uso destes espaços por parte do Poder Público.

Ao consultar a Lei de Uso e Ocupação do Solo (Lei complementar n.05/15) é possível observar a definição de duas áreas de expansão urbana no município, sendo elas a Zona de Expansão Urbana I e a Zona de Expansão Urbana II. Na ZEU I se encontram dois condomínios fechados, sendo eles, Tiradentes Ville e Quinta Imperial. Na ZEU II se encontram três condomínios fechados (Terraço Tiradentes, Residenciais Maria Barbosa e Mirante Tiradentes). Não foi possível localizar alguma legislação nominal de autorização do loteamento/condomínio Residencial Maria Barbosa e Mirante da Serra, apenas o Tiradentes Ville, autorizado em 2016, logo após a implantação da Lei de Uso e Ocupação do Solo. Os demais condomínios, mesmo àqueles aprovados após a promulgação da Lei Complementar n.05/15, se encontram em áreas não mencionadas como Zonas de Expansão.

No entanto, em 2023, mediante a Lei Complementar n. 031/2023, houve um acréscimo de área urbana e passível de expansão no município, com a inserção de um novo polígono nas proximidades do bairro Cuiabá (na parte de cima, como é popularmente conhecido). Nestas proximidades já se encontram dois condomínios fechados, o Alto dos Cuiabás e o Terra dos Cuiabás.

Em pesquisas realizadas chegou-se a uma notícia<sup>69</sup> na qual era divulgado que a empresa responsável pelo empreendimento Tiradentes Ville deveria conceder em contrapartida a construção de uma edificação de uma quadra para a população local e uma sede para a Associação de Moradores<sup>70</sup>. No entanto, posteriormente, a prefeitura propôs uma mudança, e a contrapartida passou a ser a realização de uma obra de calçamento na via localizada na Rua Padre Gaspar, antiga Estrada Real, com extensão de 1 km e largura de até 4 metros. Contudo, em 2021, ano da reportagem, uma nova contrapartida foi negociada, com a doação de um equipamento para usina de asfalto (Notícias Gerais, 2021).

---

<sup>69</sup> Notícias Gerais é um portal de notícias *on line* que traz informações de São João Del Rei, Tiradentes, Barbacena, Barroso, São Tiago, Santa Cruz de Minas e região.

<sup>70</sup> A construção de uma edificação de 50m<sup>2</sup> destinada a Associação de Bairro é corroborada na Lei n. 3003/16, de autorização das obras do loteamento.

Consta, neste mesmo portal de notícias, outras contrapartidas obtidas pela Prefeitura em loteamentos distintos, onde na segunda etapa do loteamento Parque dos Bandeirantes o proprietário foi notificado a construir o Arquivo Municipal. Já o Terra dos Cuiabás teve de calçar e implantar redes pluviais na rua da APAE, que sai do Parque das Abelhas até a entrada do loteamento antigo (Noticias Gerais, 2021b). No entanto, não foi possível obter dados comprobatórios a respeito destas contrapartidas mencionadas, por parte da prefeitura, e nem das demais contrapartidas efetuadas em outros processos de loteamentos e condomínios. Foi aberto um protocolo junto à Prefeitura, para acesso a estes dados conforme mencionado anteriormente, mas sem retorno até o momento<sup>71</sup>.

Todas as contrapartidas revelam-se em ações pelo ônus causado à coletividade, no entanto, algumas delas parecem não coincidir com o proposto pela Lei Complementar n. 05/15 onde é previsto a transferência de uma área ao poder público para destinação de equipamentos urbanos e comunitários, assim como espaços livres. A própria demanda por espaços de lazer pelos moradores foi identificada pela pesquisa e também pelas oficinas da Fundação João Pinheiro e parece não estar sendo priorizada nas contrapartidas, pelo menos nas contrapartidas identificadas.

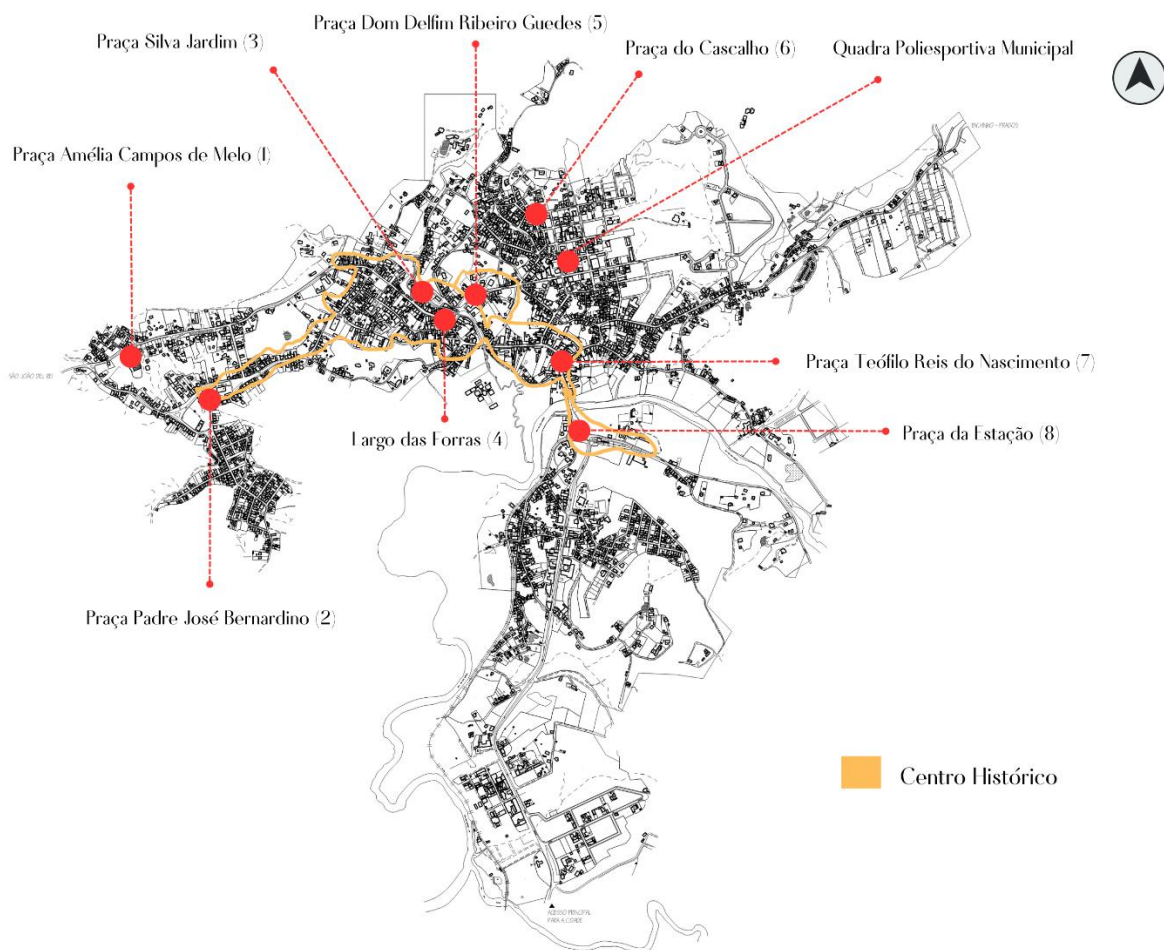
## **6.2. A cidade e seus interstícios de lazer, cultura e religiosidade**

Em se tratando dos espaços de lazer a pesquisa se propôs a mapear alguns espaços públicos de lazer, incluindo praças, parques, quadras existentes na cidade. O mapeamento se apresentou interessante pelo fato de permitir uma visualização espacial de distribuição destes equipamentos pela malha urbana (Figura 54). A praça, tida como um espaço público, se caracteriza, desde os seus primórdios, como um referencial urbano sinalado pela convivência humana. Neste sentido, as praças podem ser vistas como verdadeiros espaços livres potenciais para áreas de lazer no tecido urbano, sobretudo para os grupos de menor poder aquisitivo.

---

<sup>71</sup> Protocolo sob nº 1095-P 2023.

Figura 54. Espacialização das praças e espaços livres de convivência na malha urbana do distrito sede.



Fonte: Base Cadastral fornecida pelo IPHAN (2015) e modificada pela autora (2023).

Notadamente, a maioria das praças se encontram no interior do perímetro de tombamento, concentrando seis delas. Apenas uma foi identificada fora deste perímetro, nas imediações do bairro Cascalho<sup>72</sup>. Isso suscitou uma indagação por parte da pesquisadora tendo em vista o distanciamento da população de Tiradentes do centro histórico, como pôde ser observado pela pesquisa. As possíveis fontes de lazer gratuitas com espaços de melhor qualidade estariam justamente no centro

<sup>72</sup> No dia da visita a campo observou-se que a praça está num bom estado de conservação, possui mobiliários e tem boa arborização. Poucas pessoas permaneciam no espaço. Ao indagar um dos moradores sobre a praça, o mesmo alegou que a mesma é pouco utilizada e a sensação que tinha é de que o rompimento com o Largo das Forras, um elemento morfológico tão importante na cidade, parece ter se reverberando para outros espaços públicos e sugeriu o tema para investigação.

histórico, tendo uma representatividade expressiva do Largo das Forras, como um elo polarizador e materializador dos eventos que ocorrem na cidade<sup>73</sup>.

De forma complementar, análises morfológicas foram realizadas *in loco*, de modo a compreender a qualidade destes espaços, no tocante ao visual e funcional. De imediato, foi possível observar que as praças localizadas no perímetro de tombamento tinham elementos que denotavam uma melhor qualidade dos espaços se comparado a única praça deste perímetro, a praça Amélia Campos de Melo. A mesma apresenta problemas no tocante a acessibilidade, precariedade do mobiliário urbano, paisagismo e iluminação (Figura 55). Durante as entrevistas, houve relatos do conflito de uso deste espaço em época de grandes eventos turísticos na cidade, com carros sendo estacionados sobre a praça.

Figura 55. Vista parcial da praça Amélia Campos de Melo em visita a campo.



Fonte: Própria autoria (2023).

<sup>73</sup> Ao consultar o site da prefeitura foi identificada uma reportagem datada de 14/01/2020 onde é divulgada a reforma de uma das praças da cidade, a Praça Teófilo Reis, localizada no perímetro de tombamento, com a instalação de bancos, reforma dos passeios e jardinagem. Outra obra também foi identificada, no Largo das Forras, datada de 09/11/2022 com a instalação de azulejos e reformas nos canteiros.

Esta praça está localizada na via de acesso a antiga Estrada Real e que interliga Tiradentes a São João Del Rei. Há algumas pousadas próximas dali, inclusive de frente a praça. Trata-se também de uma via de acesso dos turistas, não com a mesma frequência e intensidade quanto a Avenida Israel Pinheiro. Contudo, há ali muitas moradias de tiradentinos e o espaço poderia se colocar propício para o lazer e entretenimento. A sede da Associação de moradores do bairro Pacu (AMOBAPA) está localizada em frente à praça, e poderia ter as suas atividades estendidas para ar livre, quando necessário, concedendo um outro uso à praça.

Em consulta ao site da Prefeitura consta uma nota de esclarecimento emitida pela gestão no ano de 2021. Nela é mencionado que a praça foi construída com dinheiro repassado pelo Ministério Público Federal (MPF) referente a uma multa em desfavor da Ferrovia Centro Atlântica S/A. Em decorrência de um processo que tramita na justiça pela não prestação de contas de valores usados em sua construção por parte de gestores anteriores, a gestão atual estaria desautorizada em dar prosseguimento as obras de revitalização da praça. Não foi localizada informações que mencionasse o encerramento do processo. No entanto, em consulta atual, há um projeto de revitalização para esta praça tramitando na Prefeitura e já com aprovação do IPHAN a espera de recursos para sua realização.

Já no tocante aos bairros tais como Várzea de Baixo e Alto da Torre, não foram identificados nenhum espaço de convívio e socialização aos moradores. Esta foi umas das demandas levantadas durante as entrevistas, a ausência de espaços públicos de qualidade que pudessem servir como áreas de lazer nestes bairros. Ademais, o acesso a uma das edições do informativo local, o Inconfidências, já revelava, ainda nos anos 2001, a ausência de práticas de lazer na cidade, como um dos problemas a ser destacados (Inconfidências, 2001).

As observações em campo contradizem àquelas propostas pelo Plano Diretor, sobretudo no capítulo da Política Municipal de Cultura, onde reitera-se, como ações específicas para a expressão da dimensão cidadã da cultura, “ampliar os espaços públicos para fins culturais, de esporte e lazer nos bairros, em especial naqueles identificados de maior vulnerabilidade.” (artigo 42, inciso VI). Os bairros de maior vulnerabilidade destacados pelo plano seriam o Alto da Torre, Várzea de Baixo e Mococa.

Algumas práticas de lazer já não se fazem mais presentes na cidade. Em sua obra Silva (2017) identificou algumas atividades rotineiras entre os tiradentinos até a década de 1990, dentre elas o passeio das moças ao Balneário das Águas Santas durante a semana santa, um uso mais intensivo do Largo das Forras como lugar de caminhada e paquera, os quatro cantos como um lugar de jogar queimada e conversar, os piqueniques na Serra de São José. Em particular aos piqueniques, estes eram promovidos pelo Aimorés Futebol Clube. Com o passar do tempo e as dificuldades colocadas ao acesso à serra, os piqueniques passarão a ser realizados no alto da Cachoeira do Bom Despacho, nas proximidades da Estrada Real (Cruz; Boaventura, 2016). Estas práticas, por motivos diversos, se perderam no tempo, vivendo apenas nas lembranças daqueles que presenciaram tais atividades.

Campos (2018) também identificou problemas referentes a ausência de espaços públicos de lazer à população local. As praças da cidade são pouco equipadas com brinquedos, havendo apenas a existência de uma quadra poliesportiva, no Ginásio da Prefeitura, no bairro Parque das Abelhas.

No Centro Histórico e suas imediações, conforme observado em campo, são pouquíssimas as áreas ainda vazias e que poderiam, em casos hipotéticos, serem adquiridas pela prefeitura por meio da aplicação de algum instrumento urbanístico, tal como o Direito de Preempção. Somada a isso, têm-se um problema, que talvez seja o maior de todos, a alta especulação imobiliária na cidade, principalmente no perímetro de tombamento, dificultando, em muitos casos, a obtenção de uma porção de terra nesta localidade por parte do poder público. No entanto, torna-se necessário, por parte do poder público, antever possíveis instrumentos urbanísticos que auxiliem no direcionamento destas questões.

O próprio Plano Diretor propõe a aplicação do instrumento Direito de Preempção e prevê a quais usos e espaços a aplicação do instrumento se valeria, desde questões envolvendo espaços provenientes para habitação de interesse social, passando por áreas de lazer, proteção ambiental e histórico-cultural. No artigo 80 inciso VI prevê-se a possibilidade do instrumento para efetivação de espaços públicos de lazer e áreas verdes na área central e regiões mais carentes, tais como Várzea de Baixo, Mococa, Alto da Torre, nos distritos de Elvas e Caixa D'Água da Esperança e nas regiões de Águas Santas e César de Pina. Dessa maneira, observa-se uma possibilidade já colocada e direcionada pelo próprio

plano diretor, mas que parece não estar sendo aplicada na cidade, mesmo após 8 anos da promulgação do plano.

De uma maneira geral, é preciso pensar também em diretrizes que promovam a qualidade urbana e ambiental das praças já existentes, e também naquelas que ainda serão construídas. Algumas dessas diretrizes dizem respeito à adequação do mobiliário e infraestrutura aos usos mais contemporâneos, seguimento das normativas de acessibilidade, reconhecimento da importância destes espaços e da sua função social.

Ao comparar as duas narrativas levantadas na tese, percebe-se uma certa discrepância no que tange os aspectos de lazer e cultura. Na narrativa dos turistas a cidade aparece como um espaço propício para as práticas de entretenimento e sua atração se dá muito em função deste atributo. As categorias identificadas nas falas conjuntas das três plataformas analisadas, *TripAdvisor*, *Instagram* e *Youtube*, revelam um cenário marcado pela antípoda do cotidiano (Krippendorf, 1989) que se torna mais refinado e disponível principalmente para aqueles que podem custear o consumo da experiência.

### **6.3. O turismo como indutor da produção do espaço e do desenvolvimento da cidade**

As políticas públicas de turismo se apresentam, em muitos casos, como diretrizes pautadas num viés econômico, direcionadas ao desenvolvimento de localidades e promovendo a competitividade entre os lugares. Neste contexto, vê-se na atividade turística uma importante fonte geradora de receitas, como bem argumenta Nonato (2021), sendo incorporada por distintos municípios e responsáveis por reestruturações espaciais, tal como a implementação de grandes empreendimentos hoteleiros, centros comerciais, parques temáticos, praças de eventos e outros, consagrando a atividade turística como principal atividade econômica.

Como mencionado anteriormente, a cidade de Tiradentes vivenciou um período de recessão econômica, sobretudo em função da crise do período aurífero. Anos depois, já a partir da década de 1970 vê na atividade turística uma alternativa para a retomada de sua economia. Dessa maneira, em decorrência do crescimento da atividade no município, analisar as políticas públicas de turismo e sua correlação

com a configuração socioespacial de Tiradentes se coloca estritamente importante para o desenvolvimento da pesquisa.

No tocante à política preservacionista e sua relação com o turismo, Meneses (2006, p. 28) chama atenção para o processo ocorrido em Tiradentes e compara-o com o processo ocorrido em Àvila, na Espanha, em tempos cronológicos semelhantes. No caso de Tiradentes têm-se

[...] uma política de turismo que exclui a população local do processo de participação na economia do desenvolvimento turístico, limitando os habitantes em sua periferia como hóspedes eventuais da própria casa. Seu planejamento de exploração turística privilegia a inserção de um comércio e de uma rede de restaurantes de empresários de outras localidades e não cria estruturas que tornem o território urbano plenamente desfrutável [...]

Já em sua comparação com Àvila, o que se presencia seria o inverso, onde há o planejamento de uma “[...] atividade de turismo prolongado e valorativo da herança histórica, com aderência à realidade econômica de sua população, mantendo os moradores participantes da economia advinda da atividade turística. Como consequência, em se tratando do primeiro caso, o turista não consegue apreender, em sua totalidade, a cultural local e acaba por vivenciar a cidade de forma apenas material que, mesmo revelando-se como prazeroso, é incompleto.

Esta contextualização, ancorada não apenas pelo olhar da pesquisadora mas por outros olhares que também observam a cidade, se coloca como algo importante no sentido de revelar a intrínseca relação entre o turismo e a cidade e os efeitos da atividade na própria lógica de uso e apropriação. Ademais, as análises realizadas posteriormente descortinam uma parte dessa relação e trazem para o debate possibilidades de novas inserções.

Em relação à política municipal de turismo e outras normativas relacionadas, vários documentos, legais e normativos, datam da década de 2010, tal como o Decreto 2134 de 04 de dezembro de 2010 que regulamenta a criação do Conselho Municipal de Turismo (COMTUR)<sup>74</sup> e o Fundo Municipal de Turismo

---

<sup>74</sup> O COMTUR foi constituído anterior ao Plano Diretor, datado de 2015, com a atribuição de colaborar na criação das diretrizes da Política Municipal de Turismo. Trata-se de um órgão de assessoramento do poder público municipal, deliberativo e consultivo, sendo uma instância participativa da sociedade civil (Nonato, 2021). A Lei Municipal n.2968/15 altera o Decreto de 2010 e dá outras providências.

(FUMTUR) e a Lei de 2622 de 20 de outubro de 2011 que dispõe acerca da realização de eventos de grande porte na cidade<sup>75</sup>.

Nos dizeres de Santos e Pereira (2020), o COMTUR de Tiradentes se mostra muito influente perante as decisões do município. A Associação Empresarial de Tiradentes (ASSET) também dispõe de um papel expressivo frente às ações de turismo e tem sua representatividade assegurada no COMTUR. Ademais, outras instituições possuem representatividade junto ao conselho de turismo, sendo elas: IPHAN, Associação de Moradores, Instituto Histórico e Geográfico, Agência de Receptivo de Turismo, SESI/FIEMG, Poder Legislativo e Departamento de Meio Ambiente.

Em se tratando das diretrizes da Política Municipal de Turismo, o único documento identificado, até então, é o Plano Diretor Participativo de Tiradentes (PDPT). O plano evidencia que

Art.14 – A política municipal de turismo será regida por um conjunto de diretrizes com as respectivas linhas de ações estratégicas específicas, de forma a maximizar a contribuição socioeconômica da atividade turística e minimizar seus impactos negativos, garantir a sua sustentabilidade, fortalecer a sua identidade e fomentar sua competitividade.

Em seguida, o plano detalha as diretrizes principais para o desenvolvimento da política, passando pelo fortalecimento e articulação no processo de gestão, desenvolvimento de instrumentos de planejamento e gestão, apoio e fomento ao desenvolvimento de serviços e comercialização turística e a criação e estruturação de atrativos e roteiros turísticos.

Referente a última diretriz, a criação de novos roteiros turísticos, o plano destaca a predileção por projetos que estejam associados à história e cultura local, tais como a Antiga Estação de Trem de César de Pina, ou a construção de um mirante no bairro Alto da Torre, e que estejam conjugados com uma área para comercialização de artesanato e outros. É destacado também a criação de projetos, desde que estejam associados à história e cultura local, no bairro Santíssima Trindade e no distrito Caixa D'Água da Esperança, dado o seu potencial gastronômico.

---

<sup>75</sup> Tal normativa foi regulamentada pelo Decreto nº 3494 de 16 de julho de 2021.

No que diz respeito ao fortalecimento e articulação institucional diante do planejamento e gestão do turismo, o plano diretor menciona que a autonomia da gestão está pautada nas diretrizes da Política Nacional e Estadual de Turismo. Algumas ações de integração do município à política do Estado são propostas por intermédio do Circuito Trilha dos Inconfidentes<sup>76</sup>, da Associação Brasileira das Cidades Históricas (ABCH)<sup>77</sup> e o do Instituto Estrada Real<sup>78</sup>.

Algumas ações que visam à atividade turística também mostram parcerias com outros entes/associações, como pôde constatar Nonato (2021). Uma delas diz respeito à Associação dos Empresários de Viçosa (ASSET). A associação possui uma alta representatividade e poder decisório sobre questões relacionadas ao turismo. A ASSET desenvolveu chegou a desenvolver um programa de divulgação da cidade denominado “Tiradentes Mais”. O programa destacava a cidade como um destino turístico histórico cultural, com o objetivo de fomentar a atividade econômica e diversificar o fluxo de turistas. Posteriormente, o programa teve adesão da prefeitura, por meio da Secretaria de Turismo, Esporte e Lazer. Outros projetos também têm sido desenhados, conforme informado pelos entrevistados citados abaixo:

**Entrevistado I:** Projeto Renovar, uma captura de dados do município, um projeto realizado junto ao SEBRAE e

---

<sup>76</sup> O Circuito Trilha dos Inconfidentes se caracteriza como uma organização sem fins lucrativos, que tem como objetivo impulsionar o desenvolvimento do turismo sustentável na região trilha dos inconfidentes por meio da articulação dos atores governamentais, empresariais e sociedade civil e da gestão de projetos de estruturação e promoção do destino. A organização foi fundada em 28 de agosto de 2000, e a origem do nome é em decorrência da história da região ligada aos Inconfidentes Mineiros. Atualmente são 24 municípios associados, sendo eles: Alfredo Vasconcelos, Antônio Carlos, Barbacena, Barroso, Carrancas, Conceição da Barra de Minas, Coronel Xavier Chaves, Desterro de Melo, Dolores de Campos, Entre Rios de Minas, Ibituruna, Itutinga, Lagoa Dourada, Madre de Deus de Minas, Nazareno, Piedade do Rio Grande, Prados, Resende Costa, Ritópolis, Santa Cruz de Minas, São João del-Rei, São Tiago, São Vicente de Minas e Tiradentes.

<sup>77</sup> A Associação foi criada em 12 de agosto de 2009 pelos prefeitos dos conjuntos urbanos tombados, com o apoio do Ministério da Cultura e do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN). A criação ocorreu durante a 1ª Oficina de Capacitação sobre Planos de Ação para Cidades Históricas, em Brasília (DF), concretizando a ideia da Associação, alimentada desde 2007, quando realizaram um encontro na Casa dos Contos em Ouro Preto (MG). O objetivo da Associação está pautado na valorização e proteção do patrimônio cultural e natural das cidades, enfatizando a necessidade da articulação de todas as esferas de poder e das representações da sociedade civil, vencendo os desafios da preservação e usufruto presente e futuro do patrimônio.

<sup>78</sup> O Instituto Estrada Real se caracteriza como uma instituição da sociedade civil, sem fins lucrativos, criada pela Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG), tendo como finalidade a valorização do patrimônio histórico-cultural, o estímulo do turismo, a preservação e revitalização dos entornos das antigas Estradas Reais, sobretudo àquelas existentes no estado de Minas Gerais.

com isso foi possível fazer um levantamento de dados reais: estabelecimentos de alimentação, hospedagens, equipamentos culturais. Na segunda parte têm-se um reposicionamento turístico, da marca e de slogan. O objetivo do reposicionamento é firmar a imagem da cidade frente a um contexto nacional e internacional. E não focado apenas na gastronomia, como tem um leque de opções que podem ser exploradas. De 1980 pra cá era um turismo cultural e depois foi para um turismo de eventos, na sequência gastronomia.

**Entrevistado I:** Primórdios da cozinha mineira é um projeto com parceria do SEBRAE, SENAC, ABRASEL, ASSET, Associações de Bairro. Um projeto que tenta resgatar a essência do receber do mineiro, a sua hospitalidade e como isso pode se reverberar no turismo.

Especificamente, referente ao setor de turismo, o plano diretor propõe o fortalecimento e consolidação da cadeia produtiva do turismo, haja vista a sua representatividade estratégica para o desenvolvimento econômico sustentável da cidade, pela quantidade e diversidade de produtos e serviços envolvidos e sua capacidade em gerar postos de trabalho e renda.

Para tanto, estabelece alguns programas e ações para o desenvolvimento do setor de comércio e serviços, sendo eles: atrair e apoiar novas unidades de comércio e serviços no município, com destaque para as localidades de Águas Santas, César de Pina<sup>79</sup> e no distrito de Caixa D'Água da Esperança, com potencial para o turismo gastronômico. Estes programas ficam bem definidos na fala dos entrevistados, como podemos ver abaixo:

**Entrevistado I:** Todos eles (os distritos) vão ser transformados em roteiros. Em Águas Santas tem o balneário e a capelinha, a igreja São José. Logo, é mais um dia que o turista irá permanecer na cidade. Hoje a média que o turista permanece é de 2,6, se você consegue proporcionar mais dias já reflete no *trend* turístico.

É possível observar que os distritos de Águas Santas e César de Pina aparecem em outros momentos no plano, como possíveis lugares de expansão das

---

<sup>79</sup> No plano diretor a Estação Ferroviária Cesar de Pina se coloca como um local em potencial relativo. Trata-se de uma antiga estação desativada localizada no bairro de Aguas Santas e tombado pelo poder público em 2007 (Decreto n.1548/2007). O local possui diversas oficinas de artesanato e rendas, grupo de bordadeiras e lojas de antiguidade.

atividades turísticas, associadas, sobretudo, à história e cultural local. O bairro Alto da Torre também aparece como uma possível localidade para a construção de um mirante conjugado com área de comercialização de artesanato e outras atividades. Menciona-se também no plano, o bairro da Santíssima Trindade em decorrência do seu potencial em turismo gastronômico.

A leitura do documento permite observar algumas ações voltadas ao planejamento turístico na cidade, tal como a proposta de criação de um plano municipal de Turismo, que vise garantir a melhoria da infraestrutura e dos serviços envolvidos na cadeia produtiva do turismo. Em entrevista junto à Secretaria de Turismo e Cultura foi mencionado que o plano seria retomado em 2023. Outro ponto observado é a menção ao artesanato local - a região na qual a cidade está inserida apresenta um rico trabalho artesanal - o plano propõe projetos que apoiem e incentivem a atividade, em especial as movelarias e serralherias, como uma alternativa estratégica para geração de emprego e renda.

Por se tratar de uma cidade onde o turismo se apresenta como uma atividade proeminente se torna difícil não relacioná-lo às dinâmicas presentes na espacialidade de Tiradentes. O turismo se apresenta como um importante elemento no campo econômico, cultural e nas trocas sociais, no entanto, o que se apresenta de forma elementar e harmônica na teoria, pode se colocar como algo cercado por limitações onde os impactos negativos, por vezes, superem os positivos.

Como pondera Fernandes (2011), o turismo, visto como uma prática humana, por mais que se apresente com uma das atividades econômicas mais promissoras da atualidade, se reafirma como uma prática cultural, tendo em vista o seu potencial em educar, influenciar e transformar pessoas e contextos. O autor analisou as consequências socioculturais que Natal-RN sofreu em decorrência da implantação de uma política de turismo que tende a privilegiar o segmento de Sol e Mar.

Em seus relatos, Fernandes (2011) retifica que a cidade de Natal se apresenta, por intermédio do discurso promulgado pelas elites locais e gestores do poder público, como um produto turístico, desconsiderando o potencial da cultura local na sua diversidade. Algumas manifestações mais identitárias da população local não recebem a devida valorização, estando localizadas em áreas habitadas pelas camadas mais populares. Uma exceção se dá ao artesanato, ainda utilizado como um elemento na construção da imagem de Natal como destino turístico,

porém tem perdido algumas características que o identifique como expressão local, algo tradicional, tornando-se também uma mercadoria.

No tocante à Tiradentes, as entrevistas revelam, em alguns momentos, um certo distanciamento da cultura local no que tange aos aspectos turísticos e, até mesmo, uma perda de espaço na cidade pelos tiradentinos em prol do turismo. De uma maneira geral, o desenvolvimento da atividade turística reconfigurou a dinâmica econômica e ocupacional do solo em Tiradentes, onde o espaço se apresenta o mesmo durante esse processo, tendo sido alterado as relações mantidas no espaço e a constituição de novas territorialidades.

Embora a atividade turística se apresenta como uma importante atividade de empregabilidade, conforme pôde ser constatado por meio dos dados secundários e entrevistas, é salutar destacar a sensação de que, em alguns momentos, o tiradentino seja visto apenas como fonte de mão de obra, conforme afirmado por um dos entrevistados. Neste sentido, torna-se importante o provimento de políticas públicas que visem incluir a população local também no *trend* turístico, seja por meio de cursos de capacitação, parcerias entre órgãos e instituições, tais como o SEBRAE.

Em meio ao percentual de empregabilidade e fonte de renda obtidos pelo turismo, o artesanato se apresenta como uma das atividades responsáveis pela geração de emprego e renda na cidade. Em se tratando das parcelas que se utilizam de trabalhos manuais como sua fonte de renda, é importante auxiliar esta produção, conscientizando os artesãos das possibilidades de valorização do seu trabalho.

Torna-se importante a valorização dos trabalhos manuais e de toda a cadeia de produção, tornando mais visível esta cadeia e valorizando as tradições e costumes inerentes à produção. Esta valorização faz com que o artesão não se limite apenas ao objeto por ele produzido, mas que passe a ser, ele mesmo, um elemento de interesse ao turismo. A forma como ele se relaciona com o material que ele produz, a experiência que deposita ao esculpir uma peça atrelada à sua própria experiência de vida agrega um valor inestimado ao seu produto. Em alguns momentos a venda do produto intermediado por loja, faz como que a figura do artesão seja eliminada, em alguns momentos, interessando apenas o seu produto final.

Recentemente foi promulgado a Lei Dalma Fernandes Ferreira de incentivo à cultura (Lei Municipal 3.481/2022)<sup>80</sup> que tem por objetivos apoiar manifestações culturais por meio de fomento e iniciativas artísticas e culturais de modo a valorizar os modos de fazer, criar e viver dos diferentes grupos culturais formadores da sociedade tiradentina. Um dos projetos foram identificados durante as pesquisas, intitulado como “Arte feita com as mãos” realizado na sede da Associação dos moradores do Alto da Torre (AMAT) em outubro de 2023.

Paralelo a isso, em dezembro de 2022, foi inaugurado em Tiradentes um novo espaço para produtores de artesanato sediado no antigo matadouro da cidade, ao lado da rodoviária, intitulado Espaço Cultural Celina Nascimento. O espaço hoje abriga alguns expositores e artesãos vinculados à Associação Feira de Artesanato (AFAT). A ocupação do espaço se deu a partir de um contrato de comodato<sup>81</sup> proposto pela prefeitura de Tiradentes.

O imóvel, que em tempos remotos sediava o antigo matadouro, foi tombado pela prefeitura mediante o Decreto n. 1.546. Para sediar as novas atividades junto aos feirantes e artesãos o imóvel foi restaurado e reformado pela prefeitura com o apoio do IPHAN. O local se apresenta como a única construção a ter o telhado em caibro datado do século XVIII e se localiza no perímetro de tombamento, próximo ao Largo das Forras.

Antes das novas instalações, os feirantes faziam a exposição dos seus produtos no Largo das Forras. Posteriormente, houve a transferência dos mesmos para o largo da Rodoviária, de frente ao antigo matadouro. Atualmente a associação conta com 26 feirantes – todos residentes na cidade – e assessoria em serviços contábeis e jurídicos. Os feirantes são regularizados, com alvará municipal.

Em se tratando do artesanato, o mesmo se insere no capítulo da criação e estruturação de atrativos e roteiros turísticos do Plano Diretor no artigo 20 inciso II, onde menciona-se o desenvolvimento de

---

<sup>80</sup> Em consulta aos arquivos da prefeitura, consta um edital de seleção de projetos contemplados pelo programa, totalizando oito projetos aprovados na modalidade pessoa jurídica e vinte projetos na modalidade pessoa física.

<sup>81</sup> Um comodato se caracteriza por uma espécie de empréstimo ou concessão gratuita de qualquer coisa ou imóvel, por um certo período de tempo, na condição de devolução ao proponente nas mesmas condições ao fim do prazo.

estudos de viabilidade e projetos de novos eventos e atrativos turísticos, sobretudo os que estejam associados à história e cultura local, tais como a Antiga Estação de Trem de Cesar de Pina, ou a construção de um mirante no Alto da Torre conjugado com área para comercialização de artesanato, dentre outros (Plano Diretor Municipal, 2015, p. 12).

Recentemente, houve a entrega da reforma da Estação César de Pina<sup>82</sup> (Figura 56), um patrimônio tombado pela Lei Municipal n. 1548/2007. A edificação se apresentava em avançado processo de deterioração, mesmo perante ao tombamento, com portas e janelas arrombadas e parte do telhado desmoronado. O projeto de reforma foi divulgado em 2020 e foi finalizado no ano de 2023.

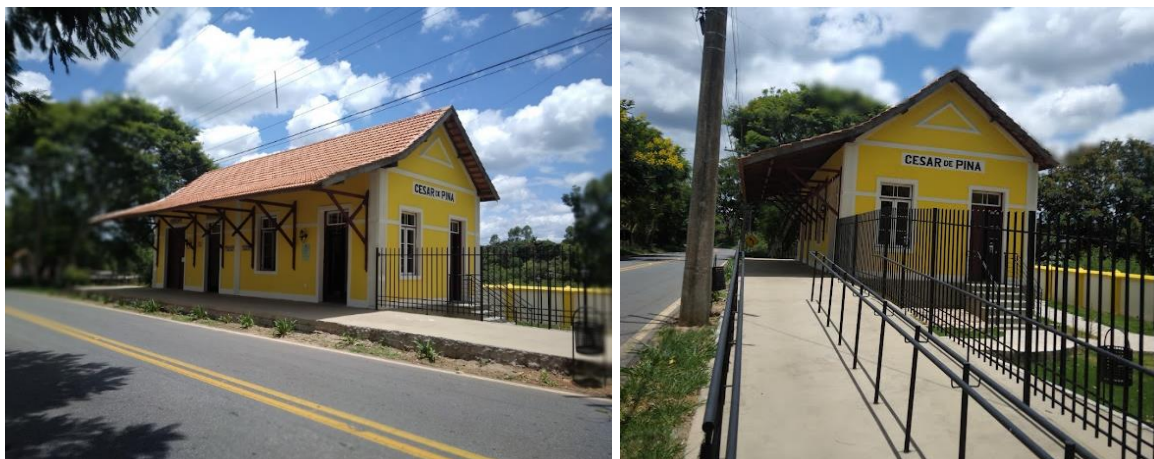
Durante o acesso a algumas reportagens datadas da época de divulgação da obra observou-se um discurso da importância da mesma para alavancar as atividades turísticas na localidade de César de Pina, localidade esta elegida como potencial turístico no Plano Diretor<sup>83</sup>. Chama-se a atenção o fato de associar o restauro de um bem patrimonial tão importante apenas ao turismo. Claro que o mesmo pode se colocar como elemento a ser visitado, apreciado por pessoas “de fora”, mas o primeiro a ganhar com a restauração deveriam ser os moradores, como um espaço de lazer, cultura, de pertencimento.

---

<sup>82</sup> A estação apresenta uma arquitetura simples no estilo eclético, tipicamente do final do século XIX e início do século XX. A obra foi inaugurada em 1923 e funcionou até 1966. Seu fechamento se deu em decorrência da desativação da linha entre São João Del Rei e o Balneário de Águas Santas (CRUZ, s.d.)

<sup>83</sup> Para mais informações consultar a reportagem data de 01 de agosto de 2020, no portal de Notícias Gerais.

Figura 56. Vista da Estação César de Pina após a reforma.



Fonte: Autoral (2023).

A restauração da Estação César de Pina provém de recursos captados pelo ICMS cultural. O valor da obra foi de R\$ 183.000,00, sendo R\$ 100.000,00 obtidos por meio do Fundo de Preservação do Patrimônio Cultural e R\$ 83.000,00 de recursos próprios da Prefeitura Municipal (Prefeitura de Tiradentes, 2020). Em reportagem posterior foi divulgado o valor de R\$300.000,00 (Prefeitura de Tiradentes, 2022). Suas obras foram paralisadas em decorrência da pandemia e entregues na gestão posterior.

Atualmente, as dependências da antiga estação, agora restaurada, tiveram os seus usos direcionados a sediar as atividades de uma subprefeitura (com atendimento a população no tocante a assistência social e tributação), um setor de apoio aos correios e uma sala para a realização e divulgação dos trabalhos das bordadeiras. No dia em que a pesquisadora esteve no local as bordadeiras não estavam presentes, e em conversa com a o responsáveis há dias específicos nos quais as artesãs divulgam os seus trabalhos. Não foi possível localizar dados que relatassem outros projetos futuros de inserção da comunidade e como um atrativo de lazer para a mesma.

A própria edificação da antiga de Estrada de Trem de César de Pina aparece no Plano Diretor como um elemento de alavacamento de atividades turísticas, conforme já mencionado em seu artigo 20 e inciso II. De fato, a atividade turística pode se colocar como um expoente de projeção e desenvolvimento para a paisagem histórica de César de Pina, incluindo a antiga Estação de Trem, no entanto, é importante também direcionar diretrizes que visem a incorporação da

população local neste processo e os bônus os quais a mesma terá em contrapartida, não se restringindo apenas a geração de ganho e renda, mas a própria apropriação e uso do espaço.

Na concepção de D'Agostini e Abascal (2017) o Brasil tem vários exemplos de implementação de projetos turísticos que visam a preservação e manutenção do patrimônio ferroviários, desencadeando um pequeno desenvolvimento local. No entanto, ainda sim, há uma desconexão entre as ferrovias turísticas com a cidade, de forma local, e entre as próprias cidades, dificultando assim o desenvolvimento de um plano de cunho integrado.

Um outro ponto que merece atenção no tocante à política de desenvolvimento do turismo na cidade é o turismo de eventos. Atualmente a cidade realiza, ao menos, um evento por mês, eventos estes temáticos tendo a sua consagração inicial com o Festival de Gastronomia e Festival de Cinema.

Os eventos se apresentaram como uma política de incentivo ao turismo na cidade, por parte da prefeitura. Os Festivais de Gastronomia e Cinema foram idealizados pelo Ralfh Justino, na época Secretário de Cultura e Turismo de Tiradentes – MG, no ano de 1997. Após a sua saída da prefeitura os festivais passaram a ser administrados por empresas de capital privado em parceria com a prefeitura. Trata-se de um festival que desde o seu início passou a atrair um público de mais alta renda, principalmente de Belo Horizonte, conforme pôde ser observado nos arquivos dos jornais locais (Inconfidências, 1999).

Em consulta a dados sobre o evento de gastronomia<sup>84</sup>, no ano de 2023, em sua 26ª edição, festival chegou a gerar um impacto econômico de mais de 64 milhões de reais, sendo 56 milhões na cadeia do turismo. Este valor corresponde a cerca 27% do Produto Interno Bruto de Tiradentes, que, em 2021, alcançou a marca de 206 milhões, segundo dados do IBGE (2021).

Os festivais, sobretudo os primeiros criados ainda na década de 1990, se colocaram como oportunidades para reinvenção dos lugares, numa disputa por espaços de ancoragem do turismo e recebimento de pessoas, capitais e investimentos. Atualmente a cidade abriga muitos eventos, conforme destacado

---

<sup>84</sup> Reportagem disponível em <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2023/08/18/festival-de-gastronomia-de-tiradentes-comeca-nesta-sexta-feira-com-expectativa-de-gerar-mais-de-r-60-milhoes.ghtml>

anteriormente, contudo, muitos destes festivais não mantêm uma co-relação direta com a história e a arquitetura da cidade, mas se utilizam da paisagem como forma de cenário ou pano de fundo para suas realizações. E ademais, ao se utilizarem desta paisagem, como forma de apropriação temporária, carregam consigo transformações substanciais no cotidiano daqueles que a residem, mesmo fora dos limites do centro histórico.

Em consulta à plataforma do Ministério Público Federal de Minas Gerais (MPF), foi possível localizar alguns processos que tramitaram e possuem uma interface com o turismo de eventos em Tiradentes. O primeiro deles diz respeito a uma contrapartida acordada com o MPF e o Município por parte da organizadora do Festival de Gastronomia em que se compromete a realizar um estudo sobre o sistema viário da cidade<sup>85</sup>. Esta contrapartida foi acordada por meio de inquérito civil público no qual o MPF investiga alguns possíveis impactos ao patrimônio cultural e ambiental resultantes do evento que chega a atrair, nos finais de semana sobretudo, mais de três mil visitantes por dia, um percentual próximo a metade a população do município em sua totalidade. Ainda referente à contrapartida, o MPF entende que os eventos realizados em cidades intituladas como históricas deveriam zelar pela promoção de benefícios permanentes e não apenas sazonais, que é o que ocorre em sua maioria, com o afluxo de turistas e o aumento do consumo no comércio e setor hoteleiro nos dias de sua realização (MPF, 2011).

Ademais, os eventos realizados na cidade atraem um número significativo de pessoas de fora. Não foi possível obter dados de número de participantes dos eventos por parte da prefeitura, os dados obtidos são àqueles divulgados em plataformas digitais dos organizadores dos eventos. No relatório do evento BikeFest 2023 constam 29.986 pessoas cadastradas no evento, abrangendo um público de até 23 estados. Há também uma contagem de pessoas por dia, chegando a marca de 49.570 pessoas no sábado. Os dados divulgados referentes ao Festival de Gastronomia mencionam a presença de mais de 65.000 pessoas no evento<sup>86</sup> (Fatura, 2023).

---

<sup>85</sup> Reportagem disponível em <https://www.mpf.mp.br/mg/sala-de-imprensa/noticias-mg/mpf-mg-organizadora-do-festival-gastronomico-contrata-empresa-para-estudo-do-sistema-viario-de-tiradentes>

<sup>86</sup> Disponível em: <https://www.faturabrasil.com.br/festival/a-26a-edicao-do-primeiro-e-principal-festival-de-gastronomia-do-pais-recebeu-mais-de-65-mil-pessoas-na-historica-tiradentes-em-minas-gerais/>. Acesso: 07 de janeiro de 2024.

Ao analisar os números, são eventos que chegam a quadruplicar o percentual de população existente na cidade, sendo necessários estudos de viabilidade turística, ambiental e urbana para o recebimento de um percentual tão expressivo. Ao acessar os arquivos provenientes da Secretaria de Turismo, a pesquisa teve acesso ao Estudo da Oferta Turística de Tiradentes, onde foi possível identificar, em números, a rede de atendimento ao turista, desde meios de hospedagem, estabelecimentos de alimentação, atrativos e outros mais. No entanto, não há, ainda, um Estudo de Capacidade de Carga e Técnica em vista. Tal ausência é preocupante no que concerne à dimensão que os eventos vêm tomando, no quesito infraestrutura e número de pessoas.

Um fator curioso se revelou durante a pesquisa aos jornais locais dirigidos pela SAT. Em vários exemplares a cidade é descrita como a “galinha dos ovos de ouro”, expressão muito utilizada por Yves Alves e que acabou se disseminando. Ao refletir sobre o conceito e as transformações ocorridas na cidade, juntamente com a atratividade de novos negócios, capital e investimentos, de fato, a expressão parece fazer sentido.

Os eventos nas cidades, a partir da concepção de Marujo (2015, p. 6), se apresentam, em termos econômicos, como

[...] catalisadores para a atração de visitantes e aumentam o seu período de permanência, bem como o seu gasto médio. Proporcionam o desenvolvimento de infraestruturas, promovem o local como destino turístico, podem propiciar às comunidades anfitriãs a oportunidade de apresentarem as suas qualidades, receber potenciais investidores e promover novas oportunidades de negócio e criam empregos.

Tal percepção se valida principalmente ao atribuir um papel proeminente às comunidades anfitriãs de se inserirem na atividade, podendo atribuir valor às experiências, culturas e práticas tradicionais, efetivando uma troca consubstancial entre o morador e o visitante. No entanto, as pesquisas<sup>87</sup> em Tiradentes revelam a ausência de integração da comunidade em alguns eventos e espaços culturais. Esta integração não se realiza apenas sob o ponto de vista do acesso às atividades

---

<sup>87</sup> Percepções coletadas por meio das entrevistas aos representantes da sociedade civil e o acesso aos dados das oficinas realizadas pela Fundação João Pinheiro para a elaboração do Plano Diretor. Os dados das oficinas revelam uma percepção por parte dos moradores sobre a ausência de integração entre o turismo e a comunidade local.

oferecidas pelo turismo, como consumidores, mas também sob o ponto de vista de expositores, participantes.

Os eventos se apresentam como um espaço de lazer, sobretudo para os turistas, mas poderiam também se colocar como uma oportunidade de lazer para os tiradentinos, por meio de ações e projetos que visem resgatar a proximidade e a inserção dos mesmos. Advoga-se também para uma maior aproximação por meio de oficinas de capacitação e gerenciamento de cursos para os moradores, sobretudo os jovens da Escola Basílio da Gama, cursos que ajudassem o jovem a se emergir, talvez, numa profissão.

O turismo de eventos é um ponto importante de discussão pois traz um impacto para a paisagem na qual se instala, assim como para os moradores, impactos estes que devem ser gerenciados e destacados, tanto quanto os benefícios. A existência de uma contrapartida por parte dos idealizadores dos eventos e que contemplem a população local e que tragam benefícios permanentes e não apenas temporários é algo a ser considerado. Em consulta às legislações municipais que trazem diretrizes para a realização de eventos na cidade de Tiradentes, não foi identificada uma prerrogativa que previsse tal questão.

A Lei n. 2622/2011, que previa algo semelhante, teve o seu inciso XI do artigo 5º revogado pela Lei n. 3228/2018. Este inciso previa a destinação “[...] em partes iguais, 2% da receita líquida do evento para o Fundo Municipal de Turismo e para o Fundo Municipal de Cultura, que deverão aplicar estes recursos nos eventos de natureza cívica e cultural do Município.”. (Lei n. 2622/2011, p. 3). Em consulta ao Decreto n. 3494/2021, e que regulamenta a Lei n. 2622/2011, não foi identificado nada que tornasse a contrapartida algo institucionalizado.

Em conversa com a Secretaria de Turismo, foi informado que as contrapartidas, por parte dos promotores de eventos, existem, no entanto, são formalizadas apenas em conversas com o produtor, antes e depois do evento, onde o mesmo é convidado a participar de uma reunião com os agentes municipais para o alinhamento das atividades, sendo uma reunião com o COMTUR e outra com a Prefeitura. Contudo, a pesquisa salienta o quão importante seria a institucionalização desta contrapartida por meio da legislação, principalmente numa cidade que comporta um número relativo de eventos de grande amplitude e que, em sua grande maioria, são direcionados apenas para os turistas. E também, uma

forma de divulgação destas contrapartidas e como as mesmas têm contribuído para o desenvolvimento da cidade e do cotidiano do morador.

Marujo (2015) adverte que o turismo de eventos tem se consolidado como uma prática nas cidades, no entanto, para que o mesmo tenha um papel relevante no desenvolvimento local e/ou regional torna-se necessária a obtenção de benefícios por parte da população anfitriã. Benefícios estes que não se resumem a geração de emprego e renda apenas.

A relação do patrimônio com o turismo se colocou como primordial para a projeção da cidade, principalmente a partir da década de 1970. No entanto, conforme os dados coletados nas mídias sociais, o patrimônio parece competir com outros atributos na própria projeção da cidade e imagem construída. Outros elementos mais foram ganhando destaque, mas, ao que parece, a paisagem construída, o seu *genius loci* ainda se apresenta como um diferencial, um cenário propício aos acontecimentos.

Tal fator se tornou claro durante a pesquisa e pôde ser observado, ainda na década de 1990, a partir de uma reportagem datada de 23/11/1997 do jornal Folha de São Paulo intitulada “Tiradentes vira cidade cenográfica da rede globo”<sup>88</sup>. A reportagem discorre sobre o uso do centro histórico como cenário para as gravações de uma minissérie e os transtornos causados pelo movimento e equipamentos não somente no fluxo da cidade, mas no próprio patrimônio. A decisão pelas filmagens foi endossada por representantes da prefeitura na época, que viam nas gravações uma possibilidade de projeção da cidade e um consequente aumento do turismo.

A utilização da imagem do patrimônio histórico pode ser colocada como uma das estratégias de sustentação do turismo cultural, reconhecendo o valor do patrimônio como objeto a ser oferecido a um grupo distinto de compradores, de modo a atender a necessidade de viajarem. Para tanto, recorrem-se a estratégias que visem uma apresentação atraente do produto ofertado (Alves; Deus, 2020).

---

<sup>88</sup> Reportagem disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/11/23/tv\\_folha/14.html](https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/11/23/tv_folha/14.html). Acesso: 15 de novembro de 2023.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dualidade presente na cidade se mostra real e espacializada entre a valorização do centro histórico frente a precarização da periferia, no que tange à ausência de infraestrutura, mas também pelo “isolamento” cultural, entretenimento e social apontados pela tese. Tais questões se apresentam como resultado de uma transformação urbana e organização socioespacial pautada pelos ditames capitalistas e ausentes de políticas públicas urbanas. Tiradentes, sobretudo a partir da década de 1970, presenciou um processo de reurbanização do seu espaço. Processo esse que valorizou de sobremaneira os aspectos econômicos em detrimento aos aspectos demográficos, reverberando na própria dinâmica de crescimento da cidade e na implantação de diretrizes de conservação que por vezes excluíram a população local.

Tais questões puderam ser notadas a partir do descortinamento das duas narrativas trazidas pela tese e que ancoradas nos seus espaços de vivência e consumo retratam a materialização de espaços duais na cidade. A cidade que é usufruída e projetada pelo turismo nas mídias sociais retrata um cotidiano ao avesso daquilo que se apresenta. A cenarização dos espaços aliada ao forte processo de gentrificação ocorrido no centro histórico transformaram o cotidiano dos moradores, assim como, a sua permanência e usufruto deste espaço.

A análise das narrativas foi fundamental para o alcance do objetivo geral desta tese, que se caracterizou por compreender o processo de uso e ocupação da cidade de Tiradentes a partir das narrativas projetadas pelo morador e pelo turista, verificando também a maneira pela qual estas narrativas refletem a atuação do gestor e planejador urbano no tocante a definição e implementação de políticas urbanas assim como na própria construção da paisagem. Ademais, a própria definição de métodos para a investigação da atuação do poder público local também contribuiu para o alcance do objetivo.

Em se tratando dos dados secundários coletados, é fato que os dados populacionais e econômicos analisados acerca de Tiradentes revelam um período de crescimento, principalmente após a década de 1970, muito direcionado pelas atividades turísticas, se apresentando como um fator econômico importante e que tem modificado as relações com/no espaço, sobretudo no centro histórico. Muitas

destas transformações podem ser notadas a partir do distanciamento do morador local do centro histórico, da sobrevalorização dos espaços na cidade, na mercadorização dos espaços, no crescimento periférico da malha urbana.

A narrativa virtual, projetada a partir da vivência do turista, revela uma outra cidade, marcada pelo lazer, pelos espaços atrativos para passeio e contemplação, cultura e consumo, pelos grandes eventos e pelo consumo refinado. Uma cidade, que a tese intitulou como cidade turística, que se projeta como um expoente da história e cultural local, mas que aos poucos se revela como um espaço cenário, substrato para as mais diversas temáticas que o refuncionalizam ao longo do ano. O cotidiano do morador local não tem mais o seu espaço para contemplação e interação com o vai e vem dos turistas. Os dois conceitos trazidos e debatidos pela tese, cidade real e cidade turística, ajudaram a diferenciar espaços marcados por singularidades, distintos no seu modo de ser e de se produzir, numa mesma cidade.

Tal narrativa virtual, explora o que a cidade possui de mais atrativo e projeta-a numa sociedade de consumo, construindo uma imagem que se distancia, por vezes, do real contexto no qual os moradores pertencem. A utilização do casario histórico colonial é usado como cenário para a realização do entretenimento que, aos poucos, vem transformando o próprio estilo do turismo na cidade, elevando-o a um turismo de eventos. Nesse tipo de turismo qual seria o real papel do patrimônio, até que ponto ele seria o chamariz para o desenvolvimento desse entretenimento. Têm-se aí um caminho possível de ser explorado em futuras pesquisas.

A estas espacialidades distintas identificadas pela tese não se teve a intenção de apenas dicotomizar os espaços de Tiradentes, mas problematizar formas distintas de uso e ocupação dentro de uma mesma cidade, a partir da ótica de dois sujeitos distintos, o morador e o turista. É claro que outras óticas a respeito do uso e ocupação desses espaços também podem contribuir para esta análise, tais como dos empresários locais e da população que tem escolhido a cidade como um espaço para moradia a partir da aquisição de imóveis nos condomínios fechados lançados a partir dos anos 2010, se colocando em perspectiva para novos estudos.

Tais questões e análises realizadas se voltam para a confirmação da hipótese levantada no início da pesquisa, a de que a narrativa projetada nas mídias

sociais pelos turistas e promotores do turismo não reflete, na sua totalidade, a real vivência e experiência do cotidiano na cidade, sobretudo pelos moradores, e que esta narrativa, construída nas mídias, estaria influenciando a construção de políticas de desenvolvimento urbano de modo a reforçar a construção e valorização da cidade turística em detrimento ao espaço da cidade real.

De forma temporal, a pesquisa pôde revelar um cenário de gestão e planejamento do espaço urbano de Tiradentes que por vezes se voltou aos aspectos do turismo em detrimento do atendimento das necessidades dos seus moradores, se reverberando em questões envolvendo o afastamento do morador do centro histórico, uma certa tensão entre o turismo e pessoas de “fora” juntamente com as práticas cotidianas dos moradores, uma sobrevalorização dos imóveis no centro histórico, tornando-o ainda mais seletivo e altamente especulativo, uma rápida expansão da malha urbana sob a égide dos condomínios fechados e bairros periféricos e a precariedade e ausência de espaços no que tange o lazer e a cultura.

Ademais, as discussões apresentadas referentes às possibilidades no uso de dados de mídias sociais, de técnicas de *social media mining* e o uso de *softwares* para *text mining* foram uma tônica trazida pela tese e se revelaram em possibilidades pertinentes para os estudos no campo do turismo e espaço urbano. A opção pela apresentação e visualização de dados no formato aparente pôde revelar padrões de reconhecimento, em função da repetição sistemática de determinadas palavras. Contudo, reitera-se que as informações apresentadas nas nuvens de palavras (*wordclouds*) e grafos não irão responder, de forma completa e conclusiva, a um problema de pesquisa, mas podem oferecer caminhos propícios para *insights*, estudos e percepções.

É claro que questões envolvendo a privacidade dos dados e restrições de API podem ser colocadas como desafios a serem superados pelo pesquisador, mas mesmo assim, esse tipo de coleta ainda se mostra eficaz, otimizada e menos invasiva ao público alvo se comparada aos métodos presenciais. Evidentemente que não se trata de uma substituição completa dos dados tradicionais, mas uma complementação, como pôde ser constatado pela tese.

E, por fim, uma questão que merece ser destacada é a possibilidade trazida pela tese do uso de dados abertos e a inserção do usuário da tecnologia como um sujeito produtor e propagador de informações. Tais questões nos levam a

considerar a possibilidade de uso destes dados em processos de gestão e planejamento da cidade, colocando o usuário como um colaborador neste processo ao fornecer os dados necessários para o entendimento de suas demandas e a forma como se relaciona com o espaço. Inserindo-o como um agente ativo no planejamento e gestão participativo.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rahyan de Carvalho; DEUS, José Antônio Souza de. Turismo e patrimônio: entre o mundo vivido e o cenário mercantilizado. **Revista Geoaraguaia**, v.10, n.1, p.171-193, 2020

AMARAL, Fernando. **Introdução à ciência dos dados**: mineração de dados e Big Data. Rio de Janeiro: Editora Alta Books, 2016. 304p.

ARAÚJO, C. M.; TASCHNER, G. Turismo e Políticas Públicas no Brasil. In: BENI, M. C. (org).Turismo: planejamento estratégico e capacidade de gestão: desenvolvimento regional, rede de produção e clusters. Barueri: Manole, 2012. p. 69-86

ARAUJO, Hugo Rodrigues de; OLIVEIRA, Rafael Almeida. Gestão descentralizada e os desafios do turismo em Minas Gerais: uma visão histórica (2003-2010). In. BURKOWSKI, Rodrigo; COSTA, Everaldo Batista da (organizadores). **Perspectivas ativas no turismo**: entre a teoria e a prática. 1. ed. – Ouro Preto: Editora UFOP, 2018. 330 p.

BARBIER, Geoffrey; LIU, Huan. Data Mining in Social Media. **Social Network Data Analytics**, p. 327–352, 2011. doi:10.1007/978-1-4419-8462-3\_1

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. Os guias turísticos em Berlim. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, v. 17, n. 1, p. 299-320, jun. 2005.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas: Volume 1. São Paulo: Brasiliense, 1985. 166p.

BEZERRA, Roselane Gomes. Identificação e reutilização do patrimônio no processo de reinvenção das cidades: uma reflexão a partir da cidade de Almada. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 46, n. 1, p. 69-92, jan/jun. 2015

BISPO, Mariana Nascimento. Moradores e pontos turísticos: a relação dos habitantes da Santa Marta com as visitas no morro: seus relatos, narrativas e estratégias. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife, setembro de 2011.

BRASIL. **DECRETO-LEI Nº 25, DE 30 DE NOVEMBRO DE 1937**. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Presidência da Republica. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del0025.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm).

BRASIL. Ministério do Turismo. **Introdução à Regionalização do Turismo**. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Coordenação Geral de Regionalização. – Brasília, 2007.

BONUTI, Luciana Araujo. Meu jardim virou praça: olhares locais sobre Tiradentes. Mestrado. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2017.

CALDAS, Max Silva; SILVA, Emanuel Costa Claudino. Fundamentos e aplicações do Big Data: como tratar informações em uma sociedade de yottabytes. **Bibl. Univ.**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 65-85, jan./jun. 2016.

CASTRO, Leandro Nunes de.; FERRARI, Daniel Gomes. **Introdução à mineração de dados**. São Paulo: Saraiva, 2016.

CAMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Lei Complementar n.001/2015. Institui o Plano Diretor Participativo do município de Tiradentes.

CAMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Lei Complementar n.002/2015. Dispõe sobre a ordenação da expansão territorial urbana no Município de Tiradentes-MG e dá outras providencias.

CAMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Lei complementat n.003/2015. Institui o Código de Posturas do Município de Tiradentes – MG e dá outras providencias.

CAMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Lei Complementar n.004/2015. Institui o Código de Obras do Município de Tiradentes – MG e dá outras providencias.

CAMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Lei Complementar n.005/2015. Dispõe sobre o zoneamento e regulamenta o uso e ocupação do solo urbano do município de Tiradentes – MG e dá outras providencias.

CAMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Lei ordinária n. 3335/2021. Dispõe sobre a denominação de loteamento e de logradouro publico e dá outras providencias.

CAMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Lei Municipal n. 2996/16. Delimita áreas de terras como Zonas Especiais de Interesse Social – ZEIS.

CAMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Lei Municipal n. 3024/16. Cria o bairro Bandeirantes, subdivisão do perímetro urbano do Município de Tiradentes.

CAMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Lei Municipal n. 3002/2016. Requer aprovação de loteamento residencial Alto dos Cuiabás.

CAMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Lei Municipal n. 3003/16. Requer aprovação de Loteamento Residencial Vista da Serra.

CAMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Lei Municipal n. 2970/15. Requer aprovação de loteamento.

CAMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Lei Municipal n. 2911/2015. Requer aprovação de loteamento de uma área de terra.

CAMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Lei Municipal n. 3083/2016. Requer aprovação de condominio.

CAMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Lei Municipal n. 3057/2016. Requer aprovação de loteamento.

CAMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Lei Municipal n. 3004/2016. Requer aprovação de loteamento da 2 parte do parcelamento Parque das Abelhas.

CAMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Lei Municipal n.1955/2004. Dispõe sobre parcelamento, ocupação e uso do solo do municipio de Tiradentes.

CAMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Lei Municipal n.2968/2015. Altera a Lei n.2535 de 14/05/2010 que cria o Conselho Municipal de Turismo e cria o Fundo Municipal de Turismo e dá outras providências.

CAMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Lei Municipal n. 2576/2010. Institui o Conselho Municipal de Desenvolvimento Urbano no Municipio de Tiradentes e dá outras providencias.

CAMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Lei Municipal n. 2554/2010. Dispõe sobre o Plano Municipal de Saneamento na cidade de Tiradentes e outras providências.

CAMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Lei Municipal n. 2535/2010. Cria o Conselho Municipal de Turismo, cria o Fundo Municipal de Turismo e dá outras providências.

CAMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Lei Municipal n. 2499/2010. Cria o Fundo Municipal de Preservação do Patrimonio Cultural da cidade de Tiradentes e dá outras providências.

CAMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Lei Municipal n. 2858/2014. Dispõe sobre a criação do Conselho Municipal do Meio ambiente – CODEMA e dá outras providencias.

CAMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Lei Municipal n. 3068/2016. Define o perimetro urbano do Distrito Sede no municipio de Tiradentes.

CAMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Lei Municipal n. 3067/2016. Define o perimetro urbano de Bananal no municipio de Tiradentes.

CAMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Lei Municipal n. 3066/2016. Define o perímetro urbano de Elvas no município de Tiradentes.

CAMARA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Lei Municipal n. 3065/2016. Define o perímetro urbano de Aguas Santas e César de Pina no município de Tiradentes.

CAMPOS, Helcio Ribeiro. Transformações urbanas recentes em Tiradentes – MG: anos 80 e 90 do século XX. Dissertação. Universidade de São Paulo. Programa de Pós Graduação em Geografia Humana. 2006.

CAMPOS, Hécio Ribeiro. Espaço urbano e turismo em Tiradentes-MG. 2012. **Revista Espaço Acadêmico**, 132, p. 182 – 191. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/14935/9116>>.

CAMPOS, Hécio Ribeiro. Qualidade de vida e turismo: suas relações e o caso de Tiradentes/MG. **Turismo: Estudos & Práticas** (RTEP/UERN), Mossoró/RN, vol. 7, n. 1, p. 80-111. 2018

CARVALHO, Karoliny Diniz; SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Turismo e patrimônio cultural sob o olhar do sujeito-morador: uma leitura do bairro da Praia Grande, São Luís, Maranhão. **Turismo e Sociedade**, v. 4, n. 1, p. 12 – 31, abr. 2011.

CASTRIOTA, Leonardo Barci; ARAÚJO, Guilherme Maciel; CARDOSO, Kelly; SOUZA, Vilmar Pereira de. “PAC Cidades Históricas – Oportunidade Para a conservação Integrada?”. **Locus: Revista De História**, v. 16, n. 2, p. 93-117, 2010. <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20151>

CASTRO, Cleber Augusto Trindade; TAVARES, Maria Goretti Costa. Processos de turistificação do espaço do patrimônio cultural: um estudo no centro histórico de Belém-PA. **Turismo: Estudos & Práticas**, v. 5, n. 1, p. 57–87. 2016. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/turismo/article/view/1964>. [Consultado em: 20 junho de 2019].

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CHEN, Nai Chun; ZHANG, Yan; STEPHENS, Marisa; NAGAKURA, Takehiko; LARSON, Kent. Urban Data Mining with Natural Language Processing: Social Media as Complementary Tool for Urban Decision Making. **CAAD Futures**, 2017.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 6ed. São Paulo: Editora UNESP, 2017. 288p.

CHUA, Alvin; SERVILLO, Loris; MARCHEGGIANI, Ernesto; MOERE, Andrew Vande. Mapping Cilento: Using geotagged social media data to characterize tourist flows in southern Italy. **Tourism Management**. 57, p. 295–310. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2016.06.013>.

CHUVA, Márcia. Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 34. 2012.

CIFELLI, Gabriela. Turismo, patrimônio e novas territorialidades em Ouro Preto. Dissertação. 2005. Programa de Pós Graduação em Geografia (Mestre em Geografia), Unicamp. 220p. 2005.

COBUCI, Leila de Assis; NASCIMENTO, Luciano Alves; MEDEIROS, Eduardo Marques de. Festival 'Cultura e Gastronomia Tiradentes': uma análise do comportamento do consumidor do turismo gastronômico. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, nº 27/28, p. 2325 – 2344. 2017

CORREA, Sandra Magalhães. O Programa de Cidades Históricas: por uma política integrada de preservação do patrimônio cultural urbano. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v.24, n.1. p. 15-57. jan.- abr. 2016.

COSTA, Everaldo Batista; CASTRO, Bernadete. O processo de banalização pela cenarização em núcleos urbanos tombados: o caso de Tiradentes – MG. **Geografias**, v. 1, n. 4, p. 23 – 40, jan/jun. 2008.

COSTA, Everaldo Batista. O comércio e o consumo turísticos nas/das cidades históricas coloniais mineiras: os casos de São João Del Rei e Tiradentes. In. III Colóquio Internacional sobre comércio e cidade - uma relação de origem (FAU-USP), 2010.

COSTA, Sarah Roberta da Silva; GUIMARÃES, Eloísa Helena Rodrigues; JEUNON, Ester Eliane; CAMARGO, Renata Silva Santos. Festival de Cultura e Gastronomia de Tiradentes: fatores de sucesso na perspectiva dos *stakeholders* e contribuições para o desenvolvimento local. **Revista Interdisciplinar de Extensão**, v. 7, n. 13, p. 105-130. 2023.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativos, quantitativos e misto. Porto Alegre: Artmed, 2010. 296p.

CRUZ, Luiz Antônio da; BOAVENTURA, Maria José. **Memórias e tradições populares**. Tiradentes: Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes, 2016.

CRUZ, Luiz Antônio da. Estação de César de Pina: patrimônio condenado. s.d. São João Del Rei Transparente.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. Trad. Isabel Correia e Carlos de Macedo. 2<sup>o</sup> ed. Lisboa: Edições 70. 2015.

CUNHA, Mágda Rodrigues. Cidades narradas na pandemia: as imagens do Instagram em 2020. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicacion**, v. 20, n. 37, p. 17-26. 2021.

CRUZ, Luiz Antonio da. A modernidade de Roberto Burle Marx em Tiradentes. 2019. **Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes**. Disponível em:

<http://ihgt.blogspot.com/2019/06/a-modernidade-de-roberto-burle-marx-em.html>. Acesso: 16 fev. 2022.

D'AGOSTINI, Fernanda Figueiredo; ABASCAL, Eunice H. Sguizzardi. A ferrovia como element de geração de turismo e patrimonio. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.18830/issn.1679-0944.n19.2017.03>.

DEBORD, GUY. **A sociedade do espetáculo**. Ebook Brasil. 2003.

DAVIDOWITZ, S. S. (2018). **Todo mundo mente**: o que a internet e os dados dizem sobre quem realmente somos. Traduzido por Wendy Campos. Rio de Janeiro: Alta Books.

DIAS, Diogo Nogueira. Estilo Patrimônio: sobre preservação, arquitetura e cenarização. **Oculum Ensaios**, v. 18, p. 1-15. 2021. <https://doi.org/10.24220/2318-0919v18e2021a4822>.

DIOGO, Érica (org). **Recuperação de Imóveis Privados em Centros Históricos**. Brasília: IPHAN/Programa Monumenta, 2009. 304p.

DONAIRE, José A.; GALÍ, Nuria; ROYO VELA, Marcelo. El uso de GPS para el análisis del comportamiento espacio temporal de los turistas: pretest en el Valle de Boí. **Cuadernos de Turismo**, 35, p. 117 - 131. 2015. <https://doi.org/10.6018/turismo.35.221541>.

DONAIRE, José A.; GALÍ, Nuria. La imagen turística de Barcelona en la comunidad de Flickr. **Cuadernos de Turismo**. 27, p. 291-303. 2011. Disponível em: <<https://revistas.um.es/turismo/article/view/139961/125871>>.

ENCALADA, Luís; FERREIRA, Carlos Cardoso; ROCHA, Jorge. Big Data e Redes Sociais na Análise dos padrões turísticos de Lisboa. *Anais do XI Congresso da Geografia Portuguesa - As dimensões e a responsabilidade social da Geografia*. Porto, Lisboa, Portugal. 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/321871738\\_Big\\_Data\\_e\\_Red\\_Sociais\\_na\\_Analise\\_dos\\_padroes\\_turisticos\\_de\\_Lisboa](https://www.researchgate.net/publication/321871738_Big_Data_e_Red_Sociais_na_Analise_dos_padroes_turisticos_de_Lisboa). [Consultado em: 04 abril de 2019].

FAGERLANDE, Sérgio Moraes Rego. **A construção da imagem em cidades turísticas**: tematização e cenarização em colônias estrangeiras. 1 ed. Rio de Janeiro: 2AB editora, 2015.

FALCO, Débora de Paula. Narrativas turísticas: imaginário e mídia na experiência urbana do turismo. **Rosa dos Ventos**, v. 3, n. 1, p. 24 - 38, jan/jul. 2011.

FERNANDES, Antônio Jânio. Os encontros e desencontros entre turismo e cultura na 'Cidade do Sol' – Natal (RN). **Resgate**, vol. XIX, n. 21, p. 53-60, 2011.

FERRARI, Pollyana. **A força da mídia social**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015.

FERREIRA, Jurandyr Pires. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Rio de Janeiro, 1959.

FIGUEIREDO, Artur Magnani; LIMA, Charles Moraes de; LASMAR, Simone Machado; COSTA, Staël de Alvarenga Pereira. O Espírito do Lugar no Centro Histórico de Tiradentes. In. GIMMLER NETTO, Maria Manoela; SALGADO, Marina; SOUZA, Gisela Barcellos de; TEIXEIRA, Maria Cristina Villefort; COSTA, Staël de Alvarenga Pereira. **A morfologia urbana de Tiradentes/MG**. Geplam Assessoria: Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da UFMG, 2023.

Gisela Barcellos de Souza Maria Cristina Villefort Teixeira Staël de Alvarenga Pereira Costa

FRANKLIN, Arthur; STEPHAN, Italo Itamar Caixeiro; REIS, Luiz Fernando. O turismo em pequenas cidades de Minas Gerais: circuitos turísticos e ICMS Turístico. **PIXO**, n. 19, v. 5, p. 167-183. 2021.

FREITAS, Anniele Sarah Ferreira de; BRENDA, Thiara Vichiato. Narrativas cartográficas: quando o mapa vira texto. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 9, n. 18, p. 106-124, jul./dez., 2019.

FRIDMAN, Fania; ARAUJO, Ana Paula Silva de; DAIBERT, André Barcelos Damasceno. Políticas públicas de preservação do patrimônio histórico no Brasil. Três estudos de caso (1973 – 2016). **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v.21, n.3, p.621-638, set.-dez. 2019

FROTA, Lélia Coelho. **Tiradentes**: retrato de uma cidade. 2 ed. Rio de Janeiro: Bem Te Vi, 2005.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em Processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Organização espacial e preservação do centro histórico de Tiradentes**. Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral. Belo Horizonte, 1980.

GALI, Nuria; DONAIRE, José A. Tourists taking photographs: the long tail in tourists' perceived image of Barcelona, **Current Issues in Tourism**, Londres, v. 18, p. 893-902. 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13683500.2015.1037255>

GALI, Nuria; DONAIRE, José A. **Direct observation as a methodology for effectively defining tourist behavior**. 2013. <https://agrilifecdn.tamu.edu/ertr/files/2013/02/4-p14f.pdf>

GALÍ, Nuria; AULET, Silvia. Tourists' space-time behavior in heritage places: Comparing guided and nonguided visitors. *International Journal of Tourism Research*. 21(3), p. 388-399. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/jtr.2270>.

GÂNDARA, José Manuel. A Imagem dos Destinos Turísticos Urbanos. **Revista eletrônica de Turismo Cultural**, São Paulo, Número Especial, 1-22. 2008. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/turismocultural/aimagem.pdf>>.

GASTAL, Susana. (2005). **Turismo, imagens e imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002. 176p.

GOMES, Carina Sousa. Imagens e narrativas da Coimbra turística: entre a cidade real e a cidade (re)imaginada. **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], 83, p. 55 - 78, 2008. DOI: 10.4000/rccs.448.

GOMES, Carina Souza. Imaginários turísticos e (in)visibilidades urbanas: geografias do turismo na cidade de Coimbra. In. SANTOS, Norberto; CUNHA, Lúcio. **Trunfos de uma Geografia Activa**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

GOMES, Romulo Fernando Lemos. Grafos, algoritmos e métricas: como seguir rastros digitais nas mídias sociais? **Galaxia**, n. 38, p. 220-223, maio/ago. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-2554236403>

GUIMARÃES, Aline Fernandes. **Construção e reconstrução de práticas culturais em Tiradentes MG: as relações entre turistas e nativos em uma cidade histórica mineira**. [Dissertação de Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local]. Centro Universitário UMA. 2010.

HOLLANDER, Justin; GRAVES, Erin; RENSKL, Henry; FOSTER-KARIM, Cara; WILEY, Andrew; DAS, Dibyendu. **Urban Social Listening**. Londres: Macmillan, 2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Tiradentes*. 2019. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/tiradentes/panorama>

IEPHA. Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. ICMS Patrimônio Cultural. 2016. Disponível em: <<http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-acoas/icsm-patrimonio-cultural#o-que-%C3%A9>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. Patrimônio Material. 2022. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. Patrimônio Imaterial. 2022. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. Cidades Contempladas pelo PAC Cidades Históricas. 2018. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/245>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

IPHAN. *Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. 2020. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>.

IPHAN. **Cidades históricas; inventário e pesquisa**: Projeto Piloto Tiradentes. – Rio de Janeiro: IPHAN, 2005.

JACQUES, Paola Berenstein. Patrimônio Cultural Urbano: espetáculo contemporâneo? **RUA: Revista De Arquitetura E Urbanismo**, v.6, n.1, p. 32-39. 2008. Recuperado de <https://periodicos.ufba.br/index.php/rua/article/view/3229>

KADAR, Bálint. Measuring tourist activities in cities using geotagged photography. *Tourism Geographies*. v. 16(1), p. 88-104. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14616688.2013.868029>.

KADER, Carla Callegaro Corrêa.; RICHTER, Marcos Gustavo. Linguística de Corpus: possibilidades e avanços. **Instrumento**: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 15, n. 1, jan./jun. 2013

LEÃO, Lucia. Cibernarrativas ou a arte de contar histórias no ciberespaço. In. LEÃO, Lucia. **Derivas**: cartografias do ciberespaço. São Paulo: Annablume, 2004. p. 163-180.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 2013. 127p.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Noves. São Paulo: Editora 34, 1996. 160 p.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999. 264 p.

LIU, Yu; YUAN, Yihong; ZHANG, Fan. Mining urban perceptions from social media data. **Journal of Spatial Information Science**, n. 20, pp. 51–55. 2020. DOI:10.5311/JOSIS.2020.20.665

LORDELLO, Eliane. Narrativas de papel, janelas virtuais, Goiás: suportes narrativos na representação da cidade patrimonial. **Revista CPC**, n.18, p. 117–140. 2015.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. A reinvenção do patrimônio arquitetônico no consumo das cidades. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, n. 17, p. 95-105. 2005.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACHADO, Danielle Fernandes Costa. A influência das redes sociais na imagem do destino e na intenção de visita. **CULTUR**, v. 10, n. 2, p. 44–48. 2016. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/1604>. [Consultado em: 27 agosto de 2019].

MACHADO, Danielle; MEDEIROS, Mirna; SILVA, Bráulio. Do voyeurismo virtual à aprendizagem social: efeitos da visualização de fotografias de viagens no comportamento dos usuários de redes sociais. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v. 1, n. 27/28, p. 1423 – 1434. 2017.

MACHADO, Simone Fernandes; ALVES, Kerley dos Santos. O turismo em Ouro Preto – Minas Gerais – na perspectiva dos moradores. **Turismo e Sociedade**, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 552 – 573, jul. 2013.

MADUREIRA, Mariana Alves. A construção do Largo das Forras como Patrimônio – Tiradentes/MG. São Paulo. 2011. Universidade Federal de São Paulo. Dissertação (Mestrado Area de Concentração: História e Fundamentos Sociais da Arquitetura e do Urbanismo) FAUUSP. 2011.

MARTINO, Luís Sá. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes**. Petrópolis: Vozes, 2014. 276p.

MARUJO, Noémi. O contributo do turismo de eventos para o desenvolvimento turístico de uma região. **Revista Delos**, v. 8, n. 23, p. 1-12. 2015.

MASSONI, Luís Fernando Herbert; DAMIN, Marina Leitão; MORIGI, Valdir; DODEBEI, Vera. O turismo como impulsionador do desenvolvimento regional: análise no Campo das Vertentes (MG), Brasil. **EURE**, vol. 46, núm. 137, p. 112 – 135. 2020

MINAS GERAIS. Decreto n. 43.321/2003. Dispõe sobre o reconhecimento dos circuitos turísticos e dá outras providencias.

MINISTÉRIO DO TURISMO. (2019). Cresce a participação do turismo no PIB nacional. 2019. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/12461-cresce-a-participa%C3%A7%C3%A3o-do-turismo-no-pib-nacional.html>. [Consultado em: 16 de julho de 2019].

MPF – Ministério Público Federal. **Justiça atende pedido do MPF e Tiradentes (MG) deverá ganhar parque municipal**. In:

<http://mpf.jusbrasil.com.br/noticias/2693362/justica-atende-pedido-do-mpf-e-tiradentes-mg-devera-ganhar-parque-municipal>. Acesso: 04 dez. 2023.

MORIGI, Valdir José; MILANI, Luciana; MASSONI, Luís Fernando Herbert. Itinerários memoriais: a cidade e seus patrimônios culturais na narrativa turística. **MOUSEION**, Canoas, n. 35, p. 71-83, abr. 2020.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013. 254p

NEVES, Clarissa de Oliveira; CASTRO, Maria Luiza Almeida Cunha. Mostra de cinema de Tiradentes: a arquitetura efêmera como protagonista da identidade contemporânea. **Caderno Virtual de Turismo**, 20(1). 2020. DOI: <https://doi.org/10.18472/cvt.20n1.2020.1703>.

NEVES, Rodrigo. **Turismo: A apropriação e transformação do espaço geográfico do centro histórico de Tiradentes**. 2013. 134f. (Monografia de conclusão do curso de geografia) – IPTAN - Instituto de Ensino Superior “Presidente Tancredo de Almeida Neves”, São João del-Rei, MG, 2013.

NEVES, Rodrigo; CARNEIRO, Eder Jurandir. Imagens do patrimônio e turismo: metamorfoses e “mercadorização” do território central de Tiradentes, Minas Gerais. **Espaço e Geografia**, v. 15, n. 2, p. 407 – 441, 2012.

NEVES, Rodrigo; CARNEIRO, Eder Jurandir. Empreendedorismo e marketing: a mercadorização do centro “histórico” de Tiradentes, Minas Gerais, na ótica do turismo. **Revista Cenário**, v. 2, p. 2, p. 65-81. 2014.

NONATO, Fabiana Aparecida dos Santos, 2021. Os efeitos da atividade turística na formação socioespacial do município: o caso de Tiradentes-MG. Dissertação – Viçosa, MG, 2021. 124 f.

NOTÍCIAS GERAIS. Novos loteamentos ameaçam patrimônio de Tiradentes, diz historiador. 2021b. Disponível em: <https://noticiasgerais.net/novos-loteamentos-ameacam-patrimonio-de-tiradentes-diz-historiador/>. Acesso: 06 de novembro de 2023.

NOTÍCIAS GERAIS. Trem de Minas: mesmo atrasada, restauração da estação César de Pina vai unir passado e futuro em Tiradentes. 2020. Disponível em: <https://noticiasgerais.net/trem-de-minas-mesmo-atrasada-restauracao-da-estacao-cesar-de-pina-gera-expectativa-de-unir-passado-e-futuro-em-tiradentes/>. Acesso: 06 de novembro de 2023.

OBSERVATÓRIO DO TURISMO. Painel RAIS 2020 – Setor do Turismo. Disponível em: <https://www.observatorioturismo.mg.gov.br/>. Acesso em: 22 abr. 2022.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro; SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. **Barroco e Rococó nas igrejas de São João del-Rei e Tiradentes**. Brasília: IPHAN, Programa Monumenta. 2010. Disponível em:

[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/barroco\\_rococo\\_sidelrei\\_tiradentes\\_vol\\_2.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/barroco_rococo_sidelrei_tiradentes_vol_2.pdf).

OLIVEIRA, Almir Félix Batista. O IPHAN e o seu papel na construção/ampliação do conceito de patrimônio histórico/cultural no Brasil. **Cadernos do CEOM**, ano 21, n. 29, p. 19 – 38. 2008.

OLIVEIRA, Jorge dos Santos; PIZZOLATO, Nélio Domingues; LONGO, Celso Orlando. Subsídios para elaboração do plano diretor do Município de Tiradentes – MG. **Arquitextos**, ano 7, maio 2008.

OLIVEIRA, Patrícia Gonzaga de. Pousada e Território: um estudo de caso da cidade de Tiradentes MG. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade). São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2006.

PAES, Maria Tereza Duarte. Trajetórias do patrimônio cultural e os sentidos dos seus usos em Paraty (RJ). *Resgate – Rev. Interdiscip. Cultural*, v. 23, n. 30, p. 105-118, jul/dez. 2015.

PAES, Maria Tereza Duarte. Refuncionalização turística de sítios urbanos históricos no Brasil: das heranças simbólicas à reprodução de signos culturais. **Geografia**, v. 37, n. 2, p. 319-334, maio/ago. 2012.

PAES, Maria Tereza Duarte. Gentrificação, preservação patrimonial e turismo: os novos sentidos da paisagem urbana na renovação das cidades. **GEOUSP – Espaço e Tempo** (Online), v. 21, n. 3, p. 667-684, dez. 2017.

PAULA, Karine de Almeida; MIGUEL, Eleusy Natalia; FREITAS, Wagner José da Silva. A cidade patrimonial e turística: uma análise do constructo da imagem e apropriação do centro histórico de Tiradentes – MG a partir das mídias sociais. **Revista de Morfologia Urbana**, v. 8, n. 1, p. 1-17, 2020. DOI: 10.47235/rmu.v8i1.137. Disponível em: <https://revistademorfologiaurbana.org/index.php/rmu/article/view/137>.

PAULA, Karine de Almeida; FARIA, Teresa Cristina de Almeida. Percepção dos turistas frente ao patrimônio histórico cultural: análise dos principais marcos religiosos de Tiradentes – MG a partir da Social Media Mining, **Caderno Virtual de Turismo**, v. 21, n. 2, p. 12-34, 2021.

PELLANDA, Eduardo Campos; PIRES, Gabrielli Tiburi Soares; SANTOS, Luiza Carolina dos. Narrativas visuais urbanas: uma análise das representações da Praça da Alfândega no Instagram. **Comunicação & Inovação**, v. 17, n. 34, p. 40-58. 2016.

PIMENTEL, Marcello Raimundo Chamusca. Dar voz e ouvir o cidadão: participação popular, rastros digitais e gestão cibernética da cidade. 2017. Tese (Doutorado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social) - Universidade Católica de Salvador, Salvador, 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Decreto n. 3494/2021. Regulamenta a Lei n. 2622/2011 que dispõe sobre a realização de eventos no município de Tiradentes e dá outras providências.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Obras de restauração da Estação Ferroviária de César de Pina são retomadas. 2020. Disponível em: <https://www.tiradentes.mg.gov.br/noticia/23690/Obras%20de%20restaura%C3%A7%C3%A3o%20da%20Esta%C3%A7%C3%A3o%20Ferrovi%C3%A1ria%20C%C3%A9sar%20de%20Pina%20s%C3%A3o%20retomadas>. Acesso: 06 de novembro de 2023.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TIRADENTES. Prefeitura inicia obras de restauração da Estação César de Pina. 2022. Disponível em: <https://www.tiradentes.mg.gov.br/noticia/42825/Prefeitura%20inicia%20obra%20de%20restaura%C3%A7%C3%A3o%20da%20Esta%C3%A7%C3%A3o%20de%20C%C3%A9sar%20de%20Pina>. Acesso: 06 de novembro de 2023.

PUEBLA, Javier Gutiérrez. Big Data y nuevas geografías: la huella digital de las actividades humanas. **Documents d'Anàlisi Geogràfica**. v. 64(2), p. 195-217. 2018. Disponível em: [https://ddd.uab.cat/pub/dag/dag\\_a2018v64n2/dag\\_a2018v64n2p195.pdf](https://ddd.uab.cat/pub/dag/dag_a2018v64n2/dag_a2018v64n2p195.pdf). [Consultado em: 18 maio de 2019].

PUEBLA, Javier Gutiérrez; PALOMARES, Juan Carlos Garci; OLMEDO, Maria Henar Salas. Big (Geo) Data en Ciencias Sociales: Retos y Oportunidades. **Revista de Estudios Andaluces**, v. 33(1), p. 1-23. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.12795/rea.2016.i33>

RECUERO, Raquel. Estudando discursos em mídia social: uma proposta metodológica. In. SILVA, T.; BUCKSTEGGE, J.; ROGEDO, P. **Estudando cultura e comunicação com mídias sociais**. Brasília: Editora IBPAD, 2018.

RECUERO, Raquel. **Conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. 2 edição. Porto Alegre: Sulina, 2020. 238p.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marcos; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2020. 182p.

REIS FILHO, Osmar Gonçalves. Fotografia e experiência urbana: notas sobre a poética do caos em Eustáquio Neves. **Líbero** – São Paulo – v. 19, n. 37, p. 61-70, jan./jun. de 2016.

ROSA, Jane Petry da; WALKOWSKI, Marinês; PERINOTTO, André Riani Costa. A viagem espetáculo: reflexões sobre a exposição e o consumo do viajar nas redes sociais. **RBTUR**, São Paulo, 16, p. 1-19, 2022.

RYKOV, Yuri; NAGORNYY, Oleg; KOLTSOVA, Olessia; NATTA, Herbert; KREMENETS, Alexander; MANOVICH, Lev; CERRONE, Damiano; CROCKETT, Damon. Semantic and Geospatial Mapping of Instagram Images in Saint-Petersburg. PROCEEDING OF THE AINL FRUCT. CONFERENCE. 2016.

SANCHEZ, Fernanda. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial**. 2 ed. Chapecó, SC: Argos, 2010. 555p.

SANTOS, Boaventura de Santos. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In. SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**, Coimbra: Edições Almedina, 2009. pp. 23-71.

SANTOS, Francisco Nivaldo Ferreira dos; ARAUJO, Lindemberg, Medeiros. O instagramável no marketing de destinos turísticos. **Geo UERJ**, n. 42, e70362, 2023 | DOI: 10.12957/geouerj.2023.70362.

SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. **A Matriz de Santo Antônio em Tiradentes**. IPHAN, 2011.

SANTOS, Thiago de Sousa; PEREIRA, Raquel da Silva. O turismo como impulsionador do desenvolvimento regional: análise no Campo das Vertentes (MG). **EURE**, v. 46, n. 137, p. 112-135. 2020.

SCHEFFEL, Gabriela. A Estrada Real e a relação entre patrimônio cultural e a maior rota turística do Brasil. **Temporalidades** – Revista de História, v. 13, n. 2, p. 558-583, jul./dez. 2021

SMITH, Neil. A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à regeneração urbana como estratégia urbana global. In. BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine. **De volta à cidade**. São Paulo: Annablume, 2006.

SETTE, Isabela Rosa. O Programa de Regionalização de Minas Gerais, Brasil: aspectos históricos, fragilidades e perspectivas. **Revista Turismo em Análise**, v. 28, n. 1, p. 112-133, jan/abr. 2017.

SEVERO, Marta. **Tweets com geotags: ontem, hoje e amanhã**. 2019. Disponível em: <https://www.martasevero.com/geotagged-tweets-yesterday-today-and-tomorrow/>. Consultado em: 14 de julho de 2019

SILVA, Armando. **Imaginários: estranhamentos urbanos**. São Paulo: Edições Sesc, 2014. 244p.

SILVA, Everton Rodrigues da. As transformações socioespaciais da cidade de Tiradentes (MG) em função da emergência do turismo: um olhar possível para as décadas de 1970 a 1990. 2017. Tese (Doutorado em Administração). Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. 2017. 351p.

SILVA, M.G. L. (2004). **Cidades Turísticas: identidades e cenários de lazer**. São Paulo: Aleph.

SILVA, Fabíola Fernandes; BEZERRA, Leandro Tavares; NÓBREGA, Wilker Ricardo de Mendonça. Imagem e imaginário como componentes da construção da experiência turística do viajante. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 19, n. 2, 2019.

SIM, Jisoo; MILLER, Patrick; SWARUP, Samarth. Tweeting the High Line Life: A Social Media Lens on Urban Green Spaces. **Sustainability**, n. 12, 2020. DOI:10.3390/su12218895.

SIQUEIRA, Euler David de.; SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Corpo, mito e imaginário nos postais das praias cariocas. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 34, n. 1, p. 169-187, jan./jun. 2011.

SOARES, Eduardo Oliveira. Narrativas fotográficas de Pelotas e satolep no Instagram. **Revista Pixo**, n. 12, v. 4, p. 201 – 214. 2020.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Companhia das Letras, 1977

SOUSA, Dayana Silveira de; SCHICCHI, Maria Cristina da Silva. O Centro Histórico de Tiradentes: turismo, urbanismo e patrimônio. [Apresentação de Trabalho]. *I Congresso Nacional para Salvaguarda do Patrimônio Cultural, fronteiras do patrimônio, preservação como fortalecimento das identidades e da democracia*, Cuiabá - MT. 2017.

THOMAZ, Guilherme Mendes; BIZ, Augusto Augusto; BETTONI, Eduardo Michelotti; MENDES FILHO, Luiz. Mineração de Conteúdo em Mídias Sociais: análise de conteúdos publicados por usuários sobre atrativos turísticos de Curitiba – PR. **Marketing & Tourism Review**, Belo Horizonte, 1(2). 2016. DOI: <https://doi.org/10.29149/mtr.v1i2.3846>.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente (trad). São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN, Yi-Fu. Images and mental maps. **Annals of the association of american**, 65(2). 1975. Disponível em: < <https://doi.org/10.1111/j.1467-8306.1975.tb01031.x>>.

TRIPADVISOR. (2020). Igrejas em Tiradentes. [https://www.tripadvisor.com.br/Attractions-g737098-Activities-c47-t175-Tiradentes\\_State\\_of\\_Minas\\_Gerais.html](https://www.tripadvisor.com.br/Attractions-g737098-Activities-c47-t175-Tiradentes_State_of_Minas_Gerais.html)

URRY, John. (2001). **O olhar do turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel: SESC.

VAINER, Carlos. Pátria, empresa e mercadoria. In. ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

VAZ, Nelson Popini.; CAMARGO, Felipe Côrte Real. Da construção da ideia de patrimônio aos seus usos na formação de uma política de preservação patrimonial no Brasil. **Cultura Histórica & Patrimônio**, v. 3, n. 2, 2016.

YÁZIGI, Eduardo. Funções culturais da metrópole: metodologia sobre a requalificação urbana do centro de São Paulo. In: CARLOS e CARRERAS (Org.). **Urbanização e mundialização**: estudos sobre a metrópole. São Paulo: Contexto, 2005

ZAFARANI, R.; ABBASI, Mohammad Ali; LIU, Huan. (2014). **Social Media Mining**: An Introduction. Cambridge University Press. <http://dmml.asu.edu/smm/chapters/SMM-ch1.pdf>

ZOLINI, Gustavo Pimenta de Pádua. A inflexão do conceito gentrificação em conjuntos urbanos patrimoniais em cidades de pequeno porte: os casos mineiros de São Thomé das Letras e Tiradentes. 2007. 181 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

## APÊNDICE A

Setores	Bairros	Caracterização (observações em campo)	Problemas	Potenciais
URBANA OESTE	Mococa, Pacu e Santíssima Trindade	<p><b>Santíssima Trindade</b> Ocupação antiga, consolidada, com usos que mesclam entre pousadas, residências e residências de fim de semana e/ou temporada, caracterizadas por alto padrão.</p>	<p>Procedimentos muito burocráticos e falta de clareza nas informações relativas a construções tanto do IPHAN como da prefeitura Grande irregularidade na ocupação e posse de terrenos prejudicando processo de expansão da cidade Investimentos insuficientes na infraestrutura municipal no que se refere a questões como saneamento, mobilidade, espaços públicos de lazer Falta articulação entre as obras de manutenção de saneamento e calçamento Artesanato e aquisição de produtos fora do município Eventos turísticos sem participação local Falta capacitação para mão de obra Parcelamento e ocupação do Mococa e Pacu em áreas mineradas e antigos depósitos de lixo – risco Residências abaixo da rede coletora de esgotos. Lançamento em cavas e grutas A cidade não tem cemitério municipal Falta de tratamento de esgotos que poluem os cursos d'água da cidade. Tarifa é cobrada. Falta integração da comunidade em alguns eventos e espaços culturais Falta área de lazer e manutenção na existente (PACU). Falta programa de esportes Falta maior organização e segurança durante os eventos Acessibilidade: calçamento, ônibus urbano, PNES, apropriação de espaço público, trânsito, estacionamento Infraestrutura: - Saneamento: Corr. Santo Antônio/ Chafariz, gestão do lixo; - Iluminação: Trevo de Tiradentes e Ruas; - Sinalização: Rodoviária, turística interpretativa Falta capacitação de consultores de turismo e agentes de turismo Necessidade de maior atuação do poder público de forma regionalizada no caso do turismo</p>	<p>Valor do conjunto do patrimônio cultural da cidade e da Serra São José, que trazem dinamismo para o desenvolvimento do município direta e indiretamente A realização de eventos que contribui para o desenvolvimento do município Cidade relativamente tranquila quanto à criminalidade Indústria de turismo e artesanato Eventos Culturais A Serra de São José como valor ambiental Distribuição de água satisfatória e de boa qualidade Valorização do patrimônio histórico e natural pela comunidade Existência das festas culturais e religiosas nos bairros Valorização do turismo na cidade Presença de atrativos culturais e naturais no município Localização privilegiada do município com relação a outras capitais (RJ,SP), e de Belo Horizonte Atrativos potenciais, PACU, S.S. Trindade e Mococa. Ex: Pocinho, Igreja, Chafariz, Trilhas, pouco visitado Orgão da matriz de Santo Antônio e sua programação - divulgação</p>
		<p><b>Mococa</b> Loteamentos lançados nos anos de 1980 e 1990 pela prefeitura municipal. As áreas foram ocupadas principalmente por edificações residenciais pela população tiradentina de baixa renda. O bairro se encontra em processo de adensamento e com predomínio do uso residencial, mas ainda assim, apresenta algumas atividades comerciais, depósito de gás e oficinas de ferro e madeira. O padrão de ocupação é misto e as construções são feitas no alinhamento dos lotes, sem recuo. No acesso principal nota-se um sistema viário regular, com calçadas estreitas. A localidade dispõe ainda de torres de rádio e telefonia e de uma caixa d'água da Copasa.</p>		
		<p><b>Pacu</b> Começou a ser adensada a partir da década de 1960, posterior à abertura da estrada para São João Del Rei. Uso em sua maioria residencial, com padrão médio de ocupação, mas já se nota a presença de algumas hospedagens (pousadas). Se apresenta como um eixo de expansão do núcleo central, dotado com atividades comerciais e equipamentos institucionais (creche, Vila Vicentina, posto de saúde, AMOBAPA), artesanato, oficinas de ferro e madeira, pousadas.</p>		
URBANA CENTRO	Região central do distrito-sede	<p>Ocupação formada principalmente por edificações tombadas, com a presença de poucos moradores locais ocupando as residências. A grande maioria das edificações são utilizadas para fins comerciais e turísticos, tais como restaurantes, pousadas, ateliês, cafeterias, <i>delicatessen</i>. Possui sinalização com indicação de bairros adjacentes e o calçamento é composto por pedras, que remetem ao estilo colonial.</p>	<p>Conflitos usos: residências x outros usos; Processos irregulares de parcelamento; processos desordenados de ocupação; lotes vagos e abandonados IPHAN - É burocrático, tem processos demorados de alto custo e falta clareza nas normas Localização da rodoviária não atende a demanda atual, compromete o pavimento das ruas e os imóveis; calçadas irregulares e sem acessibilidade Falta planejamento e implantação de transporte coletivo com horários adequados à demanda atual Falta limpeza e manutenção na ferrovia São João/Tiradentes Desorganização e desordem da produção moveleira e serralheira Elevada informalidade do setor de comércio, serviços e artesanato. Falta de qualificação de mão de obra Poucas áreas verdes e de lazer, considerando que a cidade é turística Poluição do Ribeiro Santo Antônio Horário inadequado da coleta de lixo, com lixo ficando exposto nas ruas Áreas inundáveis (enchentes) na região da Várzea de Baixo Falta sintonia entre a programação cultural ofertada e a disponibilidade da população Existência de conflito entre a população local e empresários e administração da cultura Problemas e Serviços: Segurança; Saúde; Lixo; Bancos; Banheiro público; Mão de obra (guias); Vigilância Sanitária Problemas de infraestrutura: Transito; Estacionamento; Acessibilidade; Sinalização e Saneamento</p>	<p>Valor do Patrimônio Cultural e a distribuição de usos que traz movimentação e dinamismo à cidade Cuidado do IPHAN com o patrimônio da cidade Cidade relativamente segura Movelaria e serralheria; geração de emprego e renda Comércio, serviços e artesanato voltados para o turismo Principais valores ambientais: Serra de São José; Bosque da mãe d'água e aqueduto; Matas às margens do Rio das Mortes A cidade ainda é tranquila e segura para se viver Existência de espaços e entidades culturais, naturais e imateriais. Patrimônio arquitetônico Existência de associações da população e dos empresários que são facilitadores de ações Fluxo turístico significativo e alta temporada extensa Boa oferta de atrativos, hospedagem e alimentação, eventos Presença de atores institucionais: BNDES, IER, FIEMG, COMTJR, UFMG</p>

			Problemas Sociais: Inflação dos preços; Não valoriza eventos locais; Sem compromisso dos empresários Falta material de divulgação turística, pesquisas e planejamento Falta centro de atendimento ao turista e profissionalização da atividade turística	
ÁGUAS SANTAS	Região de Águas Santas	As ocupações apresentam uso predominantemente residencial, normalmente com um padrão mais elevado em Águas Santas. O processo de ocupação ocorre por meio de parcelamentos irregulares, em sua grande maioria.	<p>Faltam segurança e treinamento aos guias</p> <p>Problema de articulação com Tiradentes não é de falta de acesso, mas de falta de transporte, não tem linha de ônibus, tem que ir a São João Del Rei para depois pegar ônibus para Tiradentes; não se sabe onde o novo acesso do DER, contorno rodoviário de São João Del Rei, passará</p> <p>Transporte, somente para São João Del Rei! Falta articulação com Tiradentes, tudo se resolve em São João Del Rei, comércio e serviços, inclusive saúde; paga-se interurbano para se comunicar com Tiradentes</p> <p>Falta esgoto, não tem tratamento; coleta de lixo tem, mas tem muitos terrenos baldios com lixo jogado</p> <p>Não tem saneamento, usam as fossas, e onde existe rede coletora de esgoto o mesmo é lançado no rio; lixo jogado em terrenos baldios;</p> <p>Ruas esburacadas e mal cuidadas; deveriam receber calçamento e não asfalto; tem pontos de alagamento;</p> <p>Existem pontos de alagamento, as ruas não têm calha (Rua José Vicente Almeida);</p> <p>Faltam lazer e atividades culturais, não tem nada para as crianças;</p> <p>Turismo de „dormitório“, muita gente vem somente para um final de semana, uma vez que os atrativos, Casa das Águas e Balneário, artesanato (doces e bordados), festas religiosas não divulgadas, falta informação</p> <p>O turista não vai a Águas Santas; o balneário não é divulgado, não oferece serviços adequados, e é caro (terceirizado pela CODEMIG)</p> <p>Proteção da Serra de São José – não tem combate a incêndio e erosão;</p> <p>Melt Metais e Ligas S.A. (siderúrgica em César de Pina), poluição atmosférica durante a noite.</p> <p>O balneário é separado do restante da cidade pela Serra de São José, o que dificulta o acesso dos habitantes da sede e dos turistas ali instalados. Exploração terceirizada. Pouco frequentado pela população local em razão dos altos preços.</p> <p>Devido a maior proximidade, a comunidade adquire bens e serviços em São João Del Rei</p> <p>Pavimentação mal feita e sem drenagem, o que causa inundações</p> <p>O balneário fica ocioso porque ninguém se dispõe a pagar o valor do ingresso</p> <p>Faltam atividades culturais e ou esportivas;</p> <p>O bairro é distante do centro histórico de Tiradentes</p> <p>As pessoas se identificam com São João Del Rei (comércio, serviços e lazer)</p> <p>Faltam informações turísticas no local; - O turista não vem para Águas Santas, mais as pessoas da região;</p> <p>O eventual turista só dorme em Águas Santas e vai passear em Tiradentes (turismo dormitório);</p> <p>As agências de Tiradentes não incluem Águas Santas nos seus roteiros;</p> <p>As igrejas (de Tiradentes?) ficam fechadas, tem que chamar a pessoa que toma conta;</p> <p>Baixa ligação com Tiradentes;</p> <p>Maior ligação e identidade com São João Del Rei; - Pouco interesse dos moradores em trabalhar no turismo de Tiradentes;</p> <p>Problemas com pessoas que alugam casas.</p>	<p>Atrativos como a Casa das Águas, Balneário e Serra de São José oferecem potencial para turismo ecológico</p> <p>Festa religiosa: duas igrejas</p> <p>Estação ferroviária César de Pina, tem recursos do BNDS para restaurar</p> <p>Há abastecimento de água</p> <p>Não têm problemas com erosão</p> <p>A presença do balneário</p> <p>A coleta de resíduos é regular (duas vezes por semana). Há uma iniciativa da associação dos moradores de separação do lixo;</p> <p>A distribuição de água tratada está satisfatória</p> <p>Festas Religiosas</p> <p>Praça com equipamentos de ginástica</p> <p>Cine das Águas (espaço cedido pela associação para projeção de filmes, em implantação);</p> <p>Situa-se à beira da BR-383, é um balneário, possui estrutura de aproveitamento da água mineral arrendada;</p> <p>Possui a “Casa das Águas”;</p> <p>Possui uma igreja;</p> <p>Possui quatro pousadas muito boas; - Algumas poucas casas de aluguel.</p>
		As ocupações apresentam uso predominantemente residencial, normalmente com um padrão mais elevado em Águas Santas. O processo de ocupação ocorre por meio de parcelamentos irregulares, em sua grande maioria.	Falta interligação com a sede municipal, falta de transporte coletivo direto para a sede. Necessita-se dirigir-se à São João Del Rei para se deslocar até ao distrito-sede de Tiradentes	Existência da Estação Ferroviária, que inclusive foi oferecida à Associação Comunitária para gerenciamento, mas que foi recusada por falta de condições financeiras;

<b>CÉSAR DE PINA</b>	Região de César de Pina		<p>É cobrado o valor de uma ligação interurbana para ligações para a sede de Tiradentes</p> <p>Não se chega a bom termo em relação ao local para a ETE. O local que a comunidade aceita torna a rede um pouco mais extensa;</p> <p>Não há espaço público para lazer e convivência. Há apenas um campo de futebol, que está abandonado e precisa de outras opções de equipamentos e ambiência para que a comunidade possa aproveitar o local;</p> <p>A população esta sendo expulsa para a periferia</p> <p>Participação nas festas religiosas</p> <p>As festas organizadas no centro histórico são voltadas para o turista</p> <p>Falta espaço nas feiras do centro histórico para exposição de produtos do bairro</p> <p>O caminho da serra precisa de conservação;</p> <p>Proposta de conservação de nascentes;</p> <p>Necessidade de controle da velocidade dos veículos que trafegam na estrada (BR393);</p> <p>A quadra disponível é particular. A quadra da prefeitura está abandonada;</p> <p>Não tem nenhuma atividade de esportes e lazer;</p> <p>Baixa ligação com Tiradentes. Por isso, pessoas de fora tomam o espaço (de empregos) dos tiradentinos;</p> <p>Têm mais afinidade com Coronel Xavier Chaves, que consideram uma cidade ótima, organizada e com melhores serviços públicos;</p> <p>Pouco interesse em trabalhar no turismo em Tiradentes. É muito longe, paga pouco. Somente para garçom de festas e eventos, alguns vão;</p> <p>Todo o comércio é em São João Del Rei;</p> <p>Situação de uma granja localizada a menos de 50 metros da escola, que é zona urbana, pois tem telefone e Copasa. O cheiro ruim provoca dor de cabeça;</p> <p>A Melt solta um gás à noite do qual todos reclamam; Descrédito da população com relação a esta obra. Será preciso um empregado fixo para tomar conta, não sabem como será resolvido;</p> <p>Os compradores são do Rio, de Santa Catarina e de fora do Brasil;</p> <p>No primeiro ano foi fraco. Vendem as frutas para a Ceasa do Rio e da Bahia;</p> <p>São poucos produtores no local.</p>	<p>A única área de lazer local é particular, sendo que o proprietário permite o uso pela comunidade</p> <p>A COPASA se faz presente para implantar a ETE.</p> <p>Biblioteca itinerante do SESI;</p> <p>Participação nas festas religiosas (Santíssima Trindade).</p> <p>A festa do Santíssimo é a que mais atrai os moradores de César de Pina, que vão para Tiradentes em romaria pelo caminho que atravessa a Serra de São José;</p> <p>Possibilidade de realização da Festa da Mexerica;</p> <p>A antiga Estação da Estada de Ferro será restaurada para abrigar as atividades de artesanato local, especialmente os bordados;</p> <p>O artesanato de bordado: Existem dois grupos de bordadeiras. Houve a participação de almofadas locais em novelas da Rede Globo;</p> <p>Oferta de trabalho no setor turístico de Tiradentes;</p> <p>Povoação às margens da estrada BR 393;</p> <p>Tem infraestrutura para a prática de esportes;</p> <p>Presença de indústrias;</p>
<b>URBANA LESTE</b>	Bairros da Canjica, Cascalho, Cuiabá e Parque das Abelhas	<p><b>Canjica</b> Ocupação consolidada, tradicional, densa, com uso misto, caracterizado por atividades comerciais e pousadas e com características de um centro de atendimento local. Apresenta um bom padrão de ocupação, com construções novas entremeadas às mais antigas.</p> <p><b>Cascalho</b> Ocupação consolidada, tradicional, densa, com predomínio do uso residencial e pousadas. Apresenta um bom padrão de ocupação, com construções novas entremeadas às mais antigas. Primeiro bairro de expansão da cidade. É vizinho ao centro histórico e a Serra de São José. Bairro mais populoso.</p> <p><b>Cuiabá de cima (ao longo do acesso a Bichinho – Prados)<sup>89</sup></b> Apresenta ocupação densa, de uso misto, se apresentando como um eixo de expansão do núcleo central, marcado por oficinas, pousadas, atividades comerciais, artesanato. Por ali tem-se acesso ao condomínio Terra dos Cuiabás, em processo de ocupação, caracterizado por alto padrão de construção e de uso somente residencial. Do lado oposto a</p>	<p>Parcelamentos irregulares, sem registro, com invasão de áreas de preservação e pressão imobiliária</p> <p>Omissão do poder público, descumprimento de leis e falta de fiscalização</p> <p>Trânsito conturbado, falta sinalização, falta acessibilidade para pedestres, áreas de estacionamento e hiararquia viária</p> <p>Atuação inadequada da Copasa quanto ao esgoto e presença de lixo próximo a área urbana</p> <p>Conflito de uso entre oficinas e residências/ conflitos de uso diversos a serem trabalhados</p> <p>Exploração do turista, preços caros</p> <p>Economia pouco diversificada com elevada informalidade e sonegação de tributos - aquisição em outros municípios</p> <p>Baixa qualidade dos postos de trabalho e má remuneração para a população local.</p> <p>Danos na rede de distribuição de água e coleta de esgotos por tráfego de veículos pesados.</p> <p>Lançamento de esgotos in natura nas valas, córregos e ribeirões do município.</p> <p>Degradação dispersa na serra de São José, com ameaça às unidades de conservação</p> <p>Os eventos usam a cidade, mas não são para a cidade</p>	<p>Patrimônio histórico e área tombadas protegidos pelo IPHAN</p> <p>Atuação do centro cultural Yves Alves e outras instituições junto a jovens no combate as drogas e a criminalidade</p> <p>Indústria do turismo e artesanato</p> <p>Potencial de crescimento devido a visibilidade</p> <p>Serra de São José, patrimônio ambiental e paisagístico</p> <p>Prefeitura e sociedade civil tentando resolver os problemas. Ex: perspectiva para solução do lixo.</p> <p>Existência do patrimônio histórico, instituições de apoio a cultura, orquestra Banda Ramalho, teatro entrevista, coro de música</p> <p>Eventos: festa do carro de boi, congado folia de reis, jubileu, festivais artes das vertentes, festival Tiradentes em cena, carnaval</p> <p>Orgão da matriz, a gastronomia, Semana Santa.</p> <p>Emprego e Renda</p> <p>O turismo contribui para a preservação do mobiliário urbano</p> <p>O turismo contribui para melhorar a infraestrutura</p>

<sup>89</sup> O bairro Cuiabá é dividido em Cuiabá de Cima e Cuiabá de Baixo, mas essa divisão é totalmente informal, usada apenas como uma forma de localização espacial. Seu nome é oficial é apenas Cuiabá.

		este condomínio, tem-se o loteamento Capote, em processo de ocupação, caracterizado por ruas sem calçamento, sem calçada, bom padrão de ocupação. Na região do Cuiabá tem-se a implantação de um conjunto habitacional (COHAB)	Não tem área de lazer (praças, etc). A cidade não tem acessibilidade para idosos e cadeirantes Quadra poliesportiva sub-utilizada. Faltam atividades de esportes e lazer para a população em geral	
		<b>Cuiabá de baixo (paralelo ao rio das Mortes)</b> Ocupação de densidade média, padrão médio/baixo, muitas obras, presença de pousadas e algumas grandes propriedades. Abriga o loteamento Maria Barbosa, com características de um condomínio fechado, de alto padrão construtivo, pouco ocupado.	Impactos ambientais: lixo, trânsito e poluição sonora. Impactos sociais, dependência e exclusão, subemprego, exploração do turista e do morador Gestão municipal muito focada nos eventos, estes excluem os moradores e não dão contrapartida Balneário de santas sem conservação e utilização inadequada. Projeto de prevenção e combate a incêndio nos eventos e para o patrimônio histórico e para a cidade como um todo	
<b>URBANA SUL</b>	Alto da Torre, do Parque dos Bandeirantes e da Várzea de Baixo	<b>Alto da Torre</b> Loteamentos lançados nos anos de 1980 e 1990 pela prefeitura municipal. As áreas foram ocupadas principalmente por edificações residenciais pela população tiradentina de baixa renda. O bairro Alto da Torre trata-se de um bairro com infraestrutura deficitária e situado internamente, fora do raio de visão dos turistas. É marcada por uma ocupação densa e consolidada, com acesso asfaltado, trechos com pavimentação em poliédrico, calçadas irregulares ou inexistentes, construções no alinhamento. O uso predominante é o residencial, mas também tem-se a presença de pousadas – a citar o Pousa do Bartolomeu com heliponto - , o Serra Clube – Associação dos Sargentos, algum comércio, marcenaria. Possui um padrão construtivo médio. Tem-se também a presença de torres de televisão e rádio. <b>Parque dos Bandeirantes</b> Loteamento de alto padrão, ainda em processo de ocupação e de uso residencial. <b>Várzea de Baixo</b> Densamente ocupada, com padrão médio/baixo, presença de muitas obras com indicativo de mudanças no padrão de uso e ocupação, predomínio do uso residencial, com algumas atividades comerciais, pousadas, oficinas de madeira e ferro. O sistema viário se mostra estreito e irregular, com calçadas irregulares ou inexistentes. O padrão de ocupação tende a cair caminhando em direção ao final da área ocupada. Presença de áreas inundáveis nas partes baixas, próxima ao rio das Mortes. Há relatos que evidenciam a ocupação desde o final do século XIX, possivelmente devido a implantação da linha férrea naquela região, no entanto, até a década esta ocupação ficou praticamente estagnada até a década de 1970, quando o seu adensamento começa a ser notado. A região é ocupada por predominantemente por edificações residenciais para a população de baixa renda. Implantação de loteamentos, tais como Loteamento Rainha da Paz (1996), Loteamento Recanto das Pedras (1999-2000)	Falta sinalização para os bairros, espaço público mal cuidado, animais soltos, ausência de calçadas, falta calçamento nas ruas Abastecimento de água inadequado, com falta de água nas partes altas (Torre), problemas com manutenção da bomba, falta de tratamento de esgoto, falta de drenagem pluvial, coleta de lixo inadequada Ruas estreitas, dificuldade de circulação, eventos no centro dificultam o transporte coletivo, ônibus turísticos e caminhões pesados danificam o calçamento no centro, falta de estacionamento no centro Ausência da polícia nas questões da comunidade Falta uma linha circular entre todos os bairros da cidade - transporte municipal, além do intermunicipal / expansão (micro-ônibus) Falta de espaço e atividade esportivas e de lazer frente ao grande interesse da população local Crescente perda da identidade local observada em vários aspectos Falta de planejamento turístico e ações estruturantes. Gestão, marketing, conservação do patrimônio, sinalização, material impresso, lixo, informação Problemas de mão de obra: Condições de trabalho ruins, pouco incentivo à capacitação, concorrência de pessoas de fora, sazonalidade Conflitos em relação a: Desvalorização da cultura local, exclusão dos benefícios do turismo, representatividade na gestão	Importância do patrimônio histórico e o cuidado do IPHAN - única lei que existe em Tiradentes Cidade relativamente tranquila Atividade do turismo que movimenta a cidade, bom convívio entre oficinas/ pousadas/ residenciais Atividades voltadas para o resgate da cultura local - gastronomia típica do lugar, artesanato e artesãos, projeto uma história para contar, experiências de criação coletiva, creches, bordados, ferro, etc Orquestra e banda ramalho e maria fumaça - exemplos de valores para experiências culturais na cidade Espírito empreendedor em todos os setores da cidade Turismo trouxe desenvolvimento econômico e infraestrutura Vários atrativos para muitos tipos de turistas. Potencial: Artesanato - Varzea Baixo; Paisagem - Alto da Torre
<b>CAIXA D'ÁGUA DA ESPERANÇA</b>	Distrito de Caixa-d'água da Esperança	Não apresentam conformações urbanas consolidadas, se mostrando dispersa a sua ocupação, com características rurais. No distrito de Elvas encontra-se a ocupação do Banquinho, com uso predominantemente residencial e processo irregular de expansão. A atividade turística se mostra mais proeminente em Caixa d'Água da Esperança,	Lotes sem registro – compromisso de compra e venda; área de mais 200m2 ; Falta ônibus para Tiradentes, o que tem vem do Elvas e muitas vezes já passa cheio; Não existe coleta de lixo, o mesmo é queimado	A proposta da Prefeitura de trazer a gastronomia e os turistas é boa Acham bom que as pousadas comecem a se instalar ali; Festa de São João Crochê Produção de doces Feira na Praça da Estação

		com a presença de restaurantes e pousadas (mais próximas da sede municipal). Nas áreas rurais há o predomínio de atividades agropecuárias e de pequeno porte. É possível notar vetores de expansão urbana no Elvas, em especial no Banquinho e no acesso à Caixa d'Água da Esperança, mediante sítios de recreio.	Há extração de areia no rio das Mortes, que tem destruído as margens e seu leito, não se sabe se tem licença; Falta transporte para chegar aos equipamentos culturais no centro histórico	Habilidades locais: crochê e bordados, leite, queijos, mel, biscoitos; A maioria da população local trabalha em Tiradentes, e mais pessoas gostariam de ir; As pessoas estão satisfeitas com os seus empregos; Proposta de calçamento da "Estrada do Sabor" e criação do "Museu da Culinária Mineira"; Opções: estrada do Sabor e turismo rural.
<b>ELVAS</b>	Distrito de Elvas	Não apresentam conformações urbanas consolidadas, se mostrando dispersa a sua ocupação, com características rurais. No distrito de Elvas encontra-se a ocupação do Banquinho, com uso predominantemente residencial e processo irregular de expansão. A atividade turística se mostra mais proeminente em Caixa d'Água da Esperança, com a presença de restaurantes e pousadas (mais próximas da sede municipal). Nas áreas rurais há o predomínio de atividades agropecuárias e de pequeno porte. É possível notar vetores de expansão urbana no Elvas, em especial no Banquinho e no acesso à Caixa d'Água da Esperança, mediante sítios de recreio.		